This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 868,764

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

VII

BOCAGE

II

PARIS, — IMP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

MANOEL MARIA

DU BOCAGE

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA CUJAS, 9

1867

Ficão reservados todos os direitos de propriedade.

869.8
T645
C.3
V.1

63-275388

INDICE DAS POESIAS

ADIVINHAÇÕES.

Amão-me tanto nas sombras. I. 330
Bem que pareço a verdade. I. 328
De meu nome no começo. I. 328
Haver em mim luzimento. I. 329
Que é de mim tudo coberto. I. 329
Quem me observa, e quem me escuta. I. 329
Sendo insensivel, de um bruto. I. 329

CANÇÕES.

Alma ferida e céga. I. 12
Inda não bastão, minha voz cansada. I. 32

CANÇONETA.

Amor é fonte. I. 20

CANTATAS.

De horrenda cerração c'roada a noite. I. 189
Já de Colchos a féra, ardente maga. I. 184
Longe do caro esposo Ignez formosa. I. 95
Que espectaculo, oh! céos! Eu vélo! Eu sonho! I. 72

CANTICO.

Mon Dieu, quelle guerre cruelle. II. 175

DECIMAS.

Agora vemos capinhas. III. 53
Ao Parnaso quer subir. III. 124
Calções, polainas, sapatos. II. 231
Eu por mulheres do campo. II. 251
Malgré deux succès dramatiques. III. 30
Quiz erguer soberbo altar. II. 262
Se isto vai de foz em fóra. III. 44
Tal mote a mim? é bom dar! III. 74
Tenho visto até agora. III. 44

ELEGIAS.

A Freire bemfeitor, ao caro amigo. II. 292
O sabio não vai todo á sepultura. I. 181
Seculo horrendo dos seculos vindouros. II. 181

ELOGIO.

Honra, patria, virtude! Oh! leis! Oh! throno! I. 270

EPICEDIOS.

Ah-nos susto o morrer, do sol radioso. II. 136
Quem póde, ousado, liquidas torrentes. III. 118

EPIGRAMMAS.

A cara da estanqueira. II. 236
A estanqueira tem marido. II. 237
A morte era uma idiota. I. 300
A morte foi sensual. I. 296
A morte, perdendo a fouce. I. 290
A morte se enfastiou. I. 110
A morte um dia enjoou-se. I. 300
« Ante mim não vales nada. I. 300
Antonio, o meu caro irmão. II. 258
Aqui jaz um escrivão. I. 212
Aqui jaz um homem rico. I. 290
Arrimado ás duas portas. I. 286
Barbeiro demorador. III. 153
Bojudo pharmacopóla. I. 293
Cara, cara, cara, cara. II. 235
Cara, cara, cara, cara. II. 256

Ce fameux conquérant; ce fameux Sésostris. III. 67
Certo Averróes quiz no prelo. I. 299
Certo enfermo, homem sisudo. I. 285
Chiron foi medico insigne. I. 291
Compôz para leve andaço. I. . . . . 2[illegible]
Com tão má gambia andas tanto. I. 285
Concluio pintor famoso. I. 210
Conferes nas senhorias. I. 210
Conheces um certo Albano. I. 109
Consta que um medico fôra. I. 296
Custa a ver qualquer planeta. II. 236
Da feia mulher Andronio. I. 212
Das escumas do Madeira. II. 268
De que é só de seu marido. I. 211
De todos sempre diz mal. III. 41
Deu a estanqueira um espirro. II. 237
D'ignorante me notou. III. 47
Dinheiro, invicto dinheiro. II. 269
Disse a morte ao ver entrar. I. 288
Disse em ar de novidade. I. 299
Disse-lhe certo estrangeiro. II. 237
Disse-lhe um serio taful. II. 237
Disse um Avicena ao ver. I. 286
Disse um dia o fado á morte. I. 290
Dizem os da Encarnação. II. 237
Dizem que Flavio glotão. I. 109
Dizem que o Caldas glotão. III. 41
Dizes que Phileno é tosco. I. 111
Do Meirel formas querela. I. 336
Domingo, dous do corrente. II. 236
Dos obitos o volume. I. 288
Doutor, até do hospital. I. 111
Elmano, lê-me os teus versos. I. 211
Empobreceu todo o bairro. I. 285
Emquanto o meu zoilo. III. 46
Entre um frade e entre um burro. II. 220
Envolto em pardo limiste. III. 57
Erão tres juntas de bois. II. 271
Estando enfermo um poeta. I. 111
« Fabio, o meu dilecto amigo. I. 297
Faço a paz, sustento a guerra. I. 212
Gratis pespega o verdugo. I. 283
Homem de genio impaciente. I. 294
Il a rendu son âme à Dieu. III. 152
Inda novel demandista. I. 290
Infelix *Dido, nulli bene* nupta marito. III. 154

In fide parochi attesto. I. 284
Lambin, mon barbier et le vôtre. III. 154
Lá na loja do Nicola. II. . . . . .
Laura divertio-se muito. I. 283
Lavrou chibante receita. I. 301
Les amis de l'heure présente. II. 110
Lê-se n'uma sepultura. I. 290
Levando um velho avarento. I. 209
Longe estás de ser pateta. I. 208
Mordeu uma serpe Aurelia. III. 156
« Morte! (clamava um doente). I. 296
Não, ninguem em ser cortez. II. 258
Não se observa o tal planeta. II. 236
Nariz, nariz e nariz. II. 238
No mundo ha gloria suprema. I. 285
O fogo de teus versos me exageras. III. 48
O morte! Para que venças. I. 336
O poeta e o traductor. III. 266
Para curar febres podres. I. 293
Passei tres dias em fazer dez versos! III. 47
Pedio pelo amor de Deos. I. 109
Pelo que em Lavater li. III. 47
Perdôa, tu tens, Elmano. I. 110
Persécuteurs du genre humain. II. 23
Podre victima de Venus. I. 292
P. O que é mais leve do que o ar? — R. O fumo. I. 292
Pôz-se medico eminente. I. 297
Quanto és, Dido, desgraçada. III. 154
Quer vinhos? Não tem que [illegible]. II. 237
Que vem do chefe dos Matas. I. 297
Quiz ainda fresca viuva. I. 287
Rechonchudo franciscano. I. 301
« Salve-se! diz o diabo. II. 236
« Salvo-te, » diz Deos ao demo. II. 236
São nadegas, ou bochechas!! II. 237
Se máos e bons atassalhas. III. 48
Se me lembro, Elia, tiveste. III. 155
Sempre é teima de viver. I. 295
Se o padre santo tivesse. II. 271
Si memini, fuerant tibi quatuor, Ælia, dentes. III. 156
Tinha uma dôr muito aguda. I. 298
Tirsis fait cent vers en une heure. III. 48
Trouxe-se a pobre doente. I. 284
Uma d'estas que adoecem. I. 295
Uma terra dizem que ha. I. 211
Um chapado, um retumbante. I. 289

Um doutor acommettido. I. 289
Um é original, outro versão. III. 205
Um escrivão fez um roubo. I. 285
Um geometra zombou. I. 294
Um homem que toda a vida. I. 209
Um homem rico, outro pobre. I. 293
Um medico, minha peste. I. 291
Um medico r[illegible]tou. I. 298
Um medico, resentido. I. 296
Um philosop[illegible]enfermo. I. 287
Um procur[illegible] de causas. I. 284
Um tempo breve, urgente. I. 212
Um velho cahio [illegible]ama. I. 291
Un décrotteur à la royale. III. 135
Un gros serpent mordit Aurèle. III. 136
Un harpagon, en courant par la ville. III. 152
Un jour, loin du sacré vallon. III. 156
Veux-tu savoir à quelle fin. III. 152
Zoilo mordaz me insulta impaciente. III. 48

EPISTOLAS.

Ao grão vate Salicio o vate Elmano. I. 275
A ti, (que ás outras leis da humanidade). I. 202
Besta e mais besta! O positivo é nada. III. 40
Cá do pé das angeticas ribeiras. I. 46
Depois que derramaste em meus delirios. I. 278
Desgostosa de um mundo espedaçado. 287
Entrava n'este tempo pela sala. III. 64
Eu, aggregado ao numero funesto. II. 112
Frio horror de cabellos me arripia. II. 76
Lendo os teus versos, numeroso Elmano. II. 289
Os amores ha muito, ha muito as graças. II. 256
Se aos miseros, senhor, não é vedado. II. 105
Se o transcendente espirito, que aceso. II. 68
Só conheço de [illegible]grandeza e nome. I. 197
Troou no centro da abalada terra. III. 108
Tu, de antigos heróes progenie excelsa. II. 108
Tu, que á lusa nação, que á patria nossa. II. 277

EPITAPHIOS.

De Elmano eis sobre o marmore sagrado. II. 230
Este, com quem se ufana a pedra erguida. II. 230

FABULAS.

A cigarra e a formiga. I. 45
A macaca. I. 229
A mona e o filho. I. 226
A montanha que pare. I. 53
A raposa e as uvas. I. 11
O cão de fralda e a raposa. I. 119
O cão e a cadella. I. 118
O corvo e a raposa. I. 31
O corvo e o pavão. I. 119
O elephante e o burro. I. 224
O leão caçando com o burro. I. 55
O leão e o porco. I. 230
O leão velho. I. 54
O leão vencido pelo homem. I. 14
O lobo, a raposa e a ovelha. I. 217
O lobo e a ovelha. I. 75
O macaco declamando. I. 213
O papagaio e a gallinha. I. 227
O passarinho preso. I. 60
Os cães domesticos e o cão montanhez. I. 215
Os dous burros e o moço. I. 214
Os dous cães. I. 223
Os dous gatos. I. 231
O tigre e a doninha. I. 220

IDYLLIOS.

A foz do Mandovi, sereno e brando. II. 49
Que scena tão suave aos amadores. I. 305

MADRIGAL.

Eu tinha promettido á minha amada. I. 19

ODES.

Euro, batendo as azas procellosas. I. 7
Inspirado outra vez, Quintella egregio. II. 294
Já meu estro, Moniz, apenas solta. II. 302
Jazem desfeitos meus penosos ferros. I. 169
O Deos, a quem se deve a nossa crença. I. 80
Se a pobreza importuna me persegue. II. 20
Se não somos heróes, se em nós, ó Ponte. II. 80

ODES ANACREONTICAS.

Brando leito de verdura. I. 106
Do vasto abysmo. I. 104
Formosa Marilia. 107
Poupando voto. 105
Se os deoses me conferissem. I. 108

ODES.

Emquanto féra chusma de rebeldes. I. 112
Profana lyra, a molles sons afeita. I. 63

POESIAS DIVERSAS.

A cantora immortal, deosa da lyra. II. 287
A deosa que esmalta. I. 36
Agora, que a seu lobrego retiro. III. 55
Alterosas fructiferas palmeiras. II. 47
A lyra milagrosa. III. 76
Anarda, Anarda perfida, teus olhos. 47
Antes do mar, da terra, e céo que os cobre. I. 128
Apenas vi do dia a luz brilhante. II. 26
Assaz temos cantado, assaz carpido. I. 172
As torres de estranhissima grandeza. I. 121
Cercada pelo exercito romano. I. 233
Clama com sem igual desembaraço. III. 58
Da tua morte, ó Cesar, teve o mundo. I. 251
De rutilantes vestes adornado. I. 246
De serenos favonios bafejada. I. 178
De vigilias mirrado o sabio morre. II. 205
É a estancia da inveja em gruta enorme. I. 159
Emquanto os gados. I. 205
Estro de Ovidio, seguirei teus vôos. I. 252
Fonte antiga dos mundos e dos entes. III. 105
Grão principe, á virtude, á gloria dado. I. 309
Ha um cerrado bosque. I. 84
J'ai le sujet d'un poëme héroïque. III. 182
Já tinha a noite estendido. I. 318
Lá junto de Marselha havia um bosque. I. 302
Não contente Liêo de ter vingado. I. 101
Não saber se ri, se chora. III. 5
Na solidão d'alta noite. I. 26
O nova irmã de Phebo! Alcippe! Alcippe! II. 280
Os poetas que pintão as bocas. III. 40

Ouvio do rei dos reis a voz sagrada. 535
O vós, emanação da divindade. I. 87
Pesado grilhão me opprime. II. 104
Pesavão sobre a terra os ferreos tempos. I. 330
Pico, de Ausonia rei, Saturnia prole. I. 240
Paz, finalmente, os pés onde murmura. II. 46
Que brilhante espectaculo pomposo. I. 313
Se em verso cantava d'antes. II. 84
Sobre o campo feliz da antiga Idalia. I. 115
Tem de um vate a licença infinda [illegible]dade. II. 37
Tu, flôr de Venus. I. 23
Tu te plains, ami, grandement. II. 206
Varão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia. I. 273
Venus, ao parto vizinha. I. 312
Vive na margem. I. 101
Zoilos, estremecei, rugí, mordei-vos. II. 200

QUADRAS.

Á meia noite. III. 8
Das escumas do Madeira. II. 268
Faço a paz, sustento a guerra. II. 269
Fugio do incendio de Troya. II. 260
Fui ver a procissão a S. Francisco. II. 25
Inda antes [illegible]xistir mundo. II. 261
Lá que [illegible]ou o mundo. II. 261
Pastoras sinceras. III. 7
Quando a velha eternidade. II. 261
Trocarão amargas horas. II. 141

SATYRAS.

A' meia noite. III. 8
Satyras prestão, satyras se estimão. III. 95
Sempre, ó Bocage, as satyras servírão. III. 84

SONETOS.

A certo genealogico de tretas. I. 330
[illegible]eso no almo ardor, que a mente inflamma. II. 91
[illegible]mastor cruel! De teus furores. II. 178
Adeja, coração, vai ter aos lares. I. 59
A fama derramou lugubre agouro. III. 16
A formosura d'esta fresca serra. III. 275
A frente que de louro ergui cingida. II. 49

A frouxidão no amor é uma offensa. I. 155
Ah! meu Gastão! o Pindo senhoreia. II. 284
Ah! que fazes, Elmano! Ah! não te ausentes. II. 37
Além da natureza, além do fado. II. 310
Altas filhas do genio, irmãs formosas. II. 167
Amigo frei João; cuidas que é barro. II. 232
Ao crebro som do lugubre instrumento. I. 156
Ao sacrosanto templo fui um dia. II. 223
Ao som da lyra o thracio, egregio vate. III. 51
Apertando de Nise a mão ne[illegible]. II. 227
A prole de Antenor degenerada. II. 101
Aquelle que domina os céos brilhantes. I. . . . . 1[illegible]
Aqui onde arquejando estou curvado. I. 157
Ás rigidas lições de fer[illegible] Zeno. II. 301
Assim como a serêa sonorosa. II. 312
A ti, vate sem par, cujo estro inflamma. II. 246
Ave da morte, que, piando agouros. I. 332
Belmiro, que entre os pampanos farfalha. III. 52
Blasphema Rumecão, jura vingança. II. 177
Cala a boca, satyrico poeta. I. 42
Camões, grande Camões, quão semelhante. I. 30
Cantêmos todos lugubres endechas. II. 265
Cantor, que a fronte erguia engrinaldada. II. 316
Cara de réo com fumos de juiz. I. 57
Caro a Phebo, a Filinto, a Lysia, á Fama. II. 146
Cedei, profanos, da razão ao brado. II. 304
Cesarões, Viriatos, Apimanos. I. 16
Chalaça minha, que chibavas tanto. II. 142
Chorosos versos meus desentoados. I. 2
Christo morreu ha mil e tantos annos. II. 222
Com habito de fóra, e de capote. II. 264
Com rosto o guarda-mór mesto e medonho. II. 264
Comtigo, alma suave, alma formosa. II. 151
Conhecem um vigario de chorina. III. 67
Contra Elmano Sadino, urrando, avança. III. 39
Contra o drama *O Recife restaurado*. III. 72
Corre furioso o episcopal [illegible]olho. II. 298
Co'um diadema de luz [illegible] Elysio entrava. II. 149
Cysne gentil, que modu[illegible] implume. II. 313
Da miseranda Ignez o caso triste. I. . . . . [illegible]
Das petas o almocreve é cousa tua. III. . . . . [illegible]
Das terras a peior tu és, ó Gôa. II. 54
De ceru[illegible] gabão, não bem coberto. II. 165
De ciume, Anfriso envenenado. I. 18
De Elmano a musa, que entre imagens vela. II. 178
De Elmano antes da morte é morto o canto. II. 154

De Elmano aura vital ameaçada. II. 247
De Elmano, excelso vate que assombrára. III. 79
De encarnada doença trabalhado. III. 74
De excelsos, dignos vates cópia ingente. II. 313
De ferreo julgador não vem comtigo. II. 80
De insipida sessão no inutil dia. III. 58
Deixar, amado bem, teu rosto lindo. II. 36
Demanda-me usurario senhorio. II. 234
De nocturno, horroroso pesadelo. I. 158
De Ontanio choras, e de Ontanio cantas. II. 299
De peito impenetravel sempre ao susto. II. 149
Depois de haver cruzado o pantanoso. III. 78
De radiosas visões escoltada. II 16
De um numeroso ais de Elmano, oh! dom [illegible]. II. 151
De Zargo o heroico ardor que luz na fama. II. 247
Do côro arguto de phebêos cantores. II. 310
Do Mandovi na margem reclinado. II. 61
Dôr, que afiada o coração golpeia. II. 283
Dos estragos crueis que o tempo faz. II. 281
Dos torridos sertões, pejados de ouro. II. 255
Do tempo sobre as azas volve o dia. II. 85
Do throno excelso nos degráos sagrados. II. 225
Elmano! Elmano! Os que te ouvirão rindo. II. 314
Em bando esparso, em numero infinito. II. 176
É mentira, [illegible] vil coveiro. III. 57
Em ermo ce[illegible] hora escura. III. 57
Em sordida [illegible] enferrolhado. I. 4
Em vão, padre José, padre ou sacrista. II. 229
Em vão, para fazer-me um ledo engano. I. 334
Em veneno [illegible] nadando. I. 26
Encantador Garção, tu me arrebatas. III. 31
Encontrei certo leigo franciscano. II. 221
Entre as tartareas forjas, sempre acesas. I. 42
Era n'este celeste augusto dia. II. 174
Escalgado bucephalo montava. II. 241
Esqueleto animal, cara de fome. II. 164
Esquentado frisão, brutal masmarro. II. 219
Esse cabra ou cabrão, que anda na berra. II. 244
Esse cantor de chá, manteiga e queijo. III. 63
Eu[illegible], é de Elmano a voz que sôa! II. 309
Eu me ausento de ti, meu patrio Sado. II. 53
Exilado, caro ás musas e aos amores. III. 61
Eu sempre presumi, quando subias. III. 77
Eu vim c'roar em ti minhas desgraças. II. 54
Excedo lustros seis por mais tres annos. I. 168
Fados de Elmano, que em severas côres. II. 317

Famosa geração de falladores. I. 268
Filho, [illegible] e pai, tres e um somente. II. 41
Fizestes [illegible]m, madamas de Lisboa. III. 68
Formosa Analia! e mais formosa e pura. II. 281
Genio mordaz, que o merito golpeia. II. 282
Gritava mestre Braz: « Filha traidora! II. 259
Ha, junto do Parnaso, um turvo lago. III. 35
Ha um medonho abysmo, onde baquêa. I. 152
Igual ingratidão e igual vileza. I. 151
Incultas producções da mocidade. I. 1
Indigena immortal do Pindo ingente. II. 315
Intruso no Apollineo sanctuario. III. 54
Já Bocage não sou!... A [illegible]va escura. II. 155
[illegible] que grita a barriga [illegible] tarda. II. 266
Já sobre o coche de ebano estrellado. I. 2
Jonio meu, inda meu (porque o jazigo. II. 307
José, sangue d'heróes, principe amado. II. 65
Josino amavel, que zeloso engrossas. II. 145
Junto ao Tejo, entre os tenros amorinhos. III. 53
Lá quando a tua voz deu ser ao nada. I. 333
Lá quando em mim perder a humanidade. II. 239
Lembrou-se no Brasil bruxa insolente. III. 43
Li as quatorze regras aos *pennachos*. III. 68
Liberdade, onde estás? quem te demora? II. 78
Liberdade [illegible]erida e suspirada. II. 78
Longo tempo, chorando, memorárão. III. 78
Louca, cega, illudida humanidade. II. 64
Lusos heróes, cadaveres sediços. II. 54
Maga lyra de amor que ao thracio vate. III. 55
Magro; de olhos azues; carão moreno. II. 162
Mãi de chefes heróes, de heróes soldados. II. 149
Mal forão nados os virentes louros. II. 311
Marilia, se em teus olhos attentára. I. 17
Mavorte, porque em perfida cilada. I. 3
Melibêo me cantou, cantou-me Oleno. II. 146
Melisêo, o menor entre os nascidos. III. 61
Mercenario pregão de cego andante. II. 230
Meu padre prégador, largue o capêlo. II. 19
Meu principe e senhor! Se Vossa Alteza. II. 231
Meus dias, que já forão tão luzentes. II. 93
Meu ser evaporei na lida insana. II. 159
Mil poetas emphaticos e ufanos. II. . . . . [illegible]
Mimo das [illegible] te florece o canto. II. 279
Miseranda [illegible]ocencia, és nome abstracto. II. 90
Morreu Bocage! e fez a despedida. II. 155
Morreu Bocage! Sepultou-se [em Gôa! III. 45

Morreu pobre o Camões, pobre o Garção. II. 191
Não deves consentir, principe augusto. II. 225
Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando. II. 138
« Não presta Coridon, não presta Elpino. III. 2
Não sou vil delator, vil assassino. I. 151
Não tendo que fazer Apollo um dia. III. 37
Nascemos para amar : a humanidade. I. 155
Na scena, em quadra tragico-invernosa. III. 82
Nas horas de Morpheo vi a meu lado. I. 165
Nem só commove o tom de *altos cantores*. II. 40
Nescia, vil ignorancia, injuriada. II. 91
N'esta cuja memoria esquece á fama. II. 220
N'esta do feio opprobrio estancia feia. II. 82
N'este horrendo lugar, onde comigo. III. 13
N'este horrivel sepulcro da existencia. I. 58
Nestoreos dias, que sonhava Elmano. II. 138
Nize mimosa como as graças pura. I. 164
No abysmo tragador da humanidade. II. 141
Nojenta prole da rainha Ginga. III. 42
Nos elysios de amor endeosada. II. 312
Nos torpes laços de belleza impura. I. 157
Nymphas do Douro, ao vosso uni meu pranto. II. 307
O ceo, de opacas sombras abafado. I. 183
O chimico infernal drogas malditas. III. 126
O [illegible], ó mar, ó céo, do mar, da terra. II. 40
O [illegible]alhado [illegible]e ardendo empr'ende. III. 71
O guarda-mór da calva para baxo. II. 264
Oh! vós, que lamentais de Elmano a sorte. I. 166
O instrumento brutal da acção mais crua. II. 148
O lacaio d'Ovidio é tal que emprehende. III. 71
O ledo passarinho que gorgêa. I. 56
Olha, Marilia, as flautas dos pastores. I. 18
Olhos suaves, que em suaves dias. I. 4
Ó lyra festival, por mim votada. I. 312
O mundo a porfiar que o Franco é tolo. III. 66
Onde a fresca Fayal, erguendo a frente. III. 63
O nympha, que das graças melindrosas. I. 331
O pesado rigor, de dia em dia. II. 81
Ó rei dos reis, ó arbitro do mundo. II. 171
Ó retrato da morte! Ó noite amiga. I. 29
Os milhões de aureos lustres coruscantes. I. 20
Ó tu, que tens no seio a eternidade. I. 164
Para as sombras da morte aqui me ensaio. I. 167
Pariste um bando de c...s ladinos. II. 29
Passava já de um mez que o bom Luceno. III. 60
Pela voz de trovão corisco intenso. I. 335

Perverso estragador da formosura. I. 6
Phebo no ethereo plaustro omni-fulgente. II. 308
Póde o meu pincel, que mal sustento. III. 80
Por casa Phebo entrou co'um vil bugio. III. 42
Por terra jaz o emporio do Oriente. I. 16
Pouco a pouco lethifera doença. II. 135
Precavendo os vaivens da instavel sorte. II. 148
Preside o neto da rainha Ginga. III. 32
Qual novo Orestes, entre as furias brada. I. 5
Qual o italico heróe, o audaz Tancredo. II. 113
Qual tropa regular, a fradaria. II. 226
Qual volatil implume, á terra junto 306
Quando na rosea nuvem sobe o dia. II. 92
Quantas vezes, amor, me tens ferido? II. 190
Quarta-feira, quatorze do corrente. III. 52
Que idéa horrenda te possue, Elmano! II. 205
Queimando o véo dos seculos futuros. I. 153
Quem é este boneco empertigado. II. 267
Quer ver uma perdiz chocar um rato. I. 44
Rapada amarellenta cabelleira. III. 60
Resurge vesgo e torto o tal Fred'rico. I. 333
Sanhudo, inexoravel despotismo. II. 180
Sa a morte afoga de Bocage o canto. II. 154
Se as arduas leis da sã philosophia. II. 301
Se é doce ao recente, ameno estio. I. 289
Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado. II. 96
Se eu pudera ir de tralha, ir á surdina. II. 193
Se na que, morna e lugubre, murmura. II. 140
Senhor, que estás no céo, que vês na terra. I. 57
Se o grande, o que nos orbes diamantinos. II. 130
Se quereis, bom monarcha, ter soldados. II. 224
Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte. I. 79
Sobre as ondas do tumido oceano. II. 150
Sobre estas duras, cavernosas fragas. I. 78
Sobre o degráo terrivel assomava. II. 187
Sobre os contrarios o terror e a morte. II. 67
Sonho cruel o espirito inquieto. II 90
Tão negro como a turba que vaguêa. I. 163
Tendo o terrivel Bonaparte á vista. II. 90
Terno Paz, bom Maneschi, Aurelio caro. II. 147
Toldado o foco á luz da fantasia, III. 17
Tomo segundo á luz sahio das *Rimas*. III. 4
Tragedia de Tancrèo, rei de Dinuria. I. 331
Trastes sediços, moveis de outra idade. II. 70
Tributo em ais, no coração gerados. II. 258
Tu, *França, que na* ode és mar em calma. III. 38

Tu, Gôa, in illo tempore cidade. I. 45
Tu, por Deos entre todas escolhida. II. 172
Tu que, antes de nascer, morres forçado. II. 249
Tu, que do gran cantor da natureza. II. 317
Tu, que na fouce de sanguineo gume. I. 79
Tu, que tão cedo aventurando as pennas. II. 311
Um ente dos mais entes soberano. II. 75
Vendo o Grande, o que os orbes senhorcia. II. 282
Versos de Elmiro os tempos avassallão. III. 107
Victima do rigor e da tristeza. II. 95
Voaste, alma innocente, alma querida. I. 154
Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa. III. 69
Vós, credulos mortaes, hallucinados. I. 150
Vós, ó Franças, Semmedos, Quintanilhas. III. 59

FIM DO INDICE DAS POESIAS.

INDICE DOS CAPITULOS

TOMO SEGUNDO.

ADVERTENCIA GERAL. . . . . .

ADVERTENCIAS ESPECIAES SOBRE BOCAGE. . . . . .

CAPITULO I. — Naturalidade e familia de Bocage. — Setubal [illegible] — A região *du Bocage* em Normandia. — Os Bocagés de Cher[illegible] — Madama du Bocage. — Gil le Doux du Bocage e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro. — Casamentos e prole do vice-almirante du Bocage. — Casamento de sua filha D. Marianna com o Dr. José Luiz Soares de Barbosa. — Filhos d'este matrimonio. — José Luiz, jurisconsulto e poeta. 7

CAP. II. — Nascimento de Bocage. — Sua educação. — Suas poesias infantis. — Praça de cadete. — Transferencia para Lisboa. — Guarda-marinha. — Motivos da sua resolução de ir para a India. — Parte de Lisboa como guarda-marinha para Gôa. 21

CAP. III. — Viagem de Bocage. — Saudades. — Temporal. — Se o poeta naufragou? — Sua estada no Rio de Janeiro. — Chegada a Gôa. — Perde as illusões. — Memorias da patria. — Poesias feitas em Gôa. — Imprudencias do poeta. — Odios que aos de Gôa inspirão varias producções injuriosas. — Esperas. — Conjuração contra os Portuguezes abortada. — Não foi D. Frederico Guilherme de Souza o causador da expulsão de Bocage, por causa do poema *Manteigui*. — Não podendo o poeta continuar em Gôa, obtem ser despachado tenente para Damão. — Parte, e chegado a *Damão*, deserta, no dia immediato. — Foge para Macáo.

— Poesias ahi compostas. — Regressa para Lisboa. — Bocage e Camões. 39

Cap. IV. — Chegada de Bocage a Lisboa. — Tornada a Setubal. — Nova roda de admiradores. — Publicação de suas primeiras obras. — Paga recebida do editor. — Estende-se a reputação de Bocage. — Versos irreligiosos. — Denuncia d'elles ás autoridades, e bem assim de varios outros, já indecentes, já liberaes. — Ordena-se a prisão do poeta. . 70

Cap. V. — É Bocage levado ao Limoeiro, e posto em duro segredo. — Prendem igualmente o seu companheiro André da Ponte. — Poesias feitas na prisão. — Relaxa-se o segredo. — O juiz Brito. — Protecção de José de Seabra. — É transferido para os carceres da inquisição. . . . 79

Cap. VI. — Producções pelas quaes lhe fizerão crime. — Versos irreligiosos, e contrarios ao papa Pio VI. — Disposições da inquisição. — É Bocage transferido para o convento das Necessidades. — A congregação do Oratorio. — Poesias compostas durante essa detenção. — Supplica a todos liberdade. — Bocage e Ovidio. — Epistolas aos tres marquezes. — Os poetas amigos nada alcançárão. — Foi José de Seabra o seu libertador. — Versos que a este dirigio jaculatorios e depois gratulatorios. — Boato da sua morte. — É posto em plena liberdade. 99

Cap. VII. — Volta Bocage para a sociedade. — Turba que o rodeia. — [illegible]e o Panard do *Caveau* lisbonense. — Indigencia e suas consequencias. — O que n'esse sentido vai lá por fóra. — Injustiça da sociedade para os grandes engenhos. 115

Cap. VIII. — A officina chalcographica e a imprensa regia. — O Brasileiro padre-mestre frei José Mariano da Conceição Velloso. — Emprego de Bocage n'aquelle estabelecimento. — Principaes obras que Bocage então compôz. — É denunciado, em 1803, á inquisição, como pedreiro-livre. 122

Cap. IX. — Constituição e máos habitos de Bocage. — Sua ultima residencia. — Desenvolve-se-lhe o aneurisma. — Sensação geral no publico. — Poesias que então compôz. — Adeos. — Anecdotas reveladoras do estado da sua alma. — José Pedro da Silva mendigando para Bocage. — José Agostinho de Macedo classificando José Pedro. — O Agulheiro dos sabios. — Publicação dos *Improvisos*. — Versos a amigos. — A Nelson. — Os seus ultimos amores. — O curandeiro. — Sentença de um medico. — Bocage fulminado. — Morte de terror. — Retrato do poeta, feito nos seus ultimos instantes. — Suffragios. — Sepultura. — Versos recitados por Torresão ao baixar o feretro á cova. — Os despojos mortaes de tão grande homem confundidos e perdidos para sempre. — Ultimo soneto de Bocage. — Soneto composto por um amigo durante a agonia de Elmano. — Epicedio por Filinto. — Lapida assente

em Setubal na casa do nascimento do nosso poeta. — Projecta-se-lhe uma estatua de bronze. 133

Cap. X. — Bocage considerado physicamente. — Retrato do poeta por elle mesmo. — Outro do mesmo autor. — Quinão em Montaigne. — Outro retrato do poeta feito por um seu inimigo. — O verdadeiro e authentico retrato de Bocage. — Quem o descobrio. — Historia d'essa preciosidade; sua descripção. — Elenco dos retratos que do nosso poeta se têm publicado. 162

Cap. XI. — Qualidades moraes de Bocage. — Alma contradictoria. — Seus sentimentos em materia de religião. — Devoção a Nossa Senhora. — Amor de patria. — Politica. — Suas idéas sobre a liberdade. — Poesia por occasião da morte da rainha de França. 170

Cap. XII. — Continuação das qualidades moraes. — Caridade, sensibilidade. — Anecdotas. — Gratidão. — Melancolia. — Independencia. — Mendicidade litteraria. — Analogos exemplos, portuguezes. — Excessos bacchicos. — Bocage e Ovidio. — Effeito dos vapores alcoolicos no espirito dos poetas. 184

Cap. XIII. — Continuação das qualidades moraes de Bocage. — Amor. Inconstancia. — Tropas de namoradas. — O sentimento nos dous sexos. — Brutalidade da paixão em Bocage. — O seu amor considerado graphicamente. — Delirios a que elle o arrastava. — Imprudencias. — Amor notarial, em publico e raso. — Ciume. — Anecdotas. — Zelos tambem na amizade. 195

Cap. XIV. — Conclusão das qualidades moraes. — Orgulho. Sêde de applausos. — Estas chanças de poetas nem são raras, nem modernas. — Tristes consequencias de tal orgulho. — Bocage e Ducis. — Quiz applausos por todo o preço e infelicitou-se. — Cantos de anjo e de sereia. — Tendencias actuaes da mocidade em Portugal. — Deve o fructo amadurecer antes de ser colhido. 204

Cap. XV. — Bocagiana. — Se a gravidade tolera narração de anecdotas. — Blair e as biographias. — Cabe a estas descrever successos familiares e da vida privada. — A quadra de Bocage foi de transição. — Viver engrinaldado de rosas. — Escolhêmos algumas de entre muitas anecdotas de Bocage. — Idéas d'elle sobre os frades. — O padre-mestre e o leite, ou os copos de vinho e agua. — Improvisos de Bocage e de outros, contra frades. — A procissão de Terceiros, ou o frade á pancada com a tocha. — A declaração e o bofetão, consoantes. — O mote sem rima. — O drama roubado. — O pregão do cego. — O habito do Serra. — Motes tolos. — O duque de Lafões. — Frei João de Pousafolles. — Bocage e a patrulha. — O poeta esfaimado e pedinte. — A estanqueira do Lorete. — O nariz de Antão Broega. — Epitaphios a si mesmo. —

O homem florete. — A offerta do baptisado. — Sinos e porcas. — O boléo da Panasqueira. — A vespera do corpo de Deos.— Formosa, bella e honrada. — O mulato da viola. — Operação obstetricia feita a um improviso difficil. — A Zargueida. — João Soyé. — A historia de Malta. — Aborto forçado. — Bocage e Maynard, ou a memoria milagrosa. — Bocage e a camponeza; impossibilidade vencida. 214

Cap. XVI. — Relações de Bocage com varios dos seus contemporaneos avulsamente. — Thomé Barbosa. — Os irmãos Bersanes. — O canapé do preguinho. — O guarda-mór Verona. — Galina. — Nicoláo Tolentino. — Antonio Ribeiro dos Santos. 252

Cap. XVII — Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Morgado d'Assentiz. — Auxilio que esta obra lhe deve. — O segredo de Bocage. — Theatrinho da rua de S. José. — Ericia. — Epistola d'Assentiz. — O Morgado e o Sr. Castilho (Antonio). — D. Gastão. — Sua contribuição a esta obra. — Os sete sonetos de D. Gastão. — O soneto : Ah! meu Gastão, o Pindo senhoreia. — Padre Joaquim de Foyos. — Condessa d'Oyenhausen. — Filinto. 272

Cap. XVIII. — Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Gregorio Freire Carneiro. — Ignacio da Costa Quintella. — João Vicente Pimentel Maldonado. — Sebastião Xavier Botelho. — Francisco Pedro de Carvalho. — D. Antonio da Visitação. — Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. — Antonio Mendes Bordalo. — Agostinho Gomes da Silveira. — Antonio Xavier Ferreira. — Bento Henriques Soares. — Henrique Pedro da Costa. — José Nicoláo de Massuellos Pinto. — José Rodrigues Pimentel e Maia. — Pedro José Constancio. — Pedro Ignacio Ribeiro Soares. — Thomaz Antonio dos Santos e Silva. — Vicente Pedro Nolasco da Cunha. 292

TOMO TERCEIRO.

Cap. XIX. — Continuação das relações de Bocage com varios contemporaneos. — José Daniel. — Saunier. — Antonio José Alvares. — Soyé. — Soares de Carvalho. — Torresão. — Padre Fernandes. — Laborim. — Costa e Silva. — Ribeiro Soares. — Cardoso. — Henrique P. da Costa. — Gama. — Figueiredo. — Gomes. — Moura Leitão. — Almeida Manecshi. — Paz. — Rodrigues. — Ramos. — Coutinho. — [illegible] — Mendonça Arraes. — Blancheville. — Cordeiro. — Vianna. — J. P. Gomes. — I. G. M. de S. Mascarenhas. — M. A. Rodrigues. . . 1

Cap. XX. — A campanha dos Titães. — Sua historia. — Alcacer-Quibir foi tambem tumulo das lettras portuguezas. — Quanto ellas havião antes primado. — O jugo castelhano e o gongorismo. — Independencia e seus

milagres. — Esforços dos Portuguezes para fazerem resurgir o gosto e aperfeiçoar o idioma.— Trabalhos collectivos emprehendidos com esse intuito.— Apenas Portugal se solta da Hespanha, creação de sociedades litterarias. — Academia dos Generosos. — Dita dos Singulares. — Associações dos Solitarios, dos Illustrados, dos Occultos, dos Insignes. — Academia Instantanea.— Conferencias discretas dos Scientes de Lisboa.— Academia dos Anonymos. — Academia Real de Historia Portugueza. — Arcadia de Lisboa. — Academia Real das Sciencias. — Academia das Bellas-Lettras (Nova Arcadia).— O Sr. D. João V e a Arcadia.— Exercicios academicos da Velha Arcadia. — Sua dissolução. — Que a creação de todas estas sociedades teve sempre um impulso aristocratico. — Trabalhos da Nova Arcadia. — Bocage denominando-se Elmano Sadino. — Guerra entre elle e muitos dos consocios. — Causas. — Luta é o estado natural dos espiritos. — Está lançada e levantada a luva. 21

Cap. XXI. — Manifesto da guerra civil da Arcadia. — Quem compôz o soneto *Preside o neto?*— Bocage impaciente de censura.— Soneto contra Bocage. — Este, ignorando o autor, desencadêa-se contra muitos companheiros. — Bocage é despedido. — Poesias que dispara contra todos os Arcades collectivamente, que suppõe inimigos. — Domingos Caldas Barbosa. — Belchior Manoel Curvo Semmedo. 32

Cap. XXII. — Continuação das relações com os Arcades. — Manoel Bernardes de Souza e Mello. — Luiz Corrêa da França Amaral. — José Thomaz da Silva Quintanilha. — Joaquim Franco de Araujo. — Os sonetos aos pennachos. — Miguel Antonio de Barros. — Anecdota. — Domingos Maximiano Torres. — Joaquim Severino Ferraz de Campos. — João de Souza Pacheco. — Francisco Joaquim Bingre. — Francisco da Silveira Malhão. 56

Cap. XXIII. — José Agostinho de Macedo. — Seus louvores primeiros a Bocage. — Guerra da Arcadia. — Descomposturas de Bocage. — As duas famosas satyras. — Pazes á beira do tumulo. — Ode encomiastica de Macedo, a que Bocage responde com sonetos. — Epistola e epicedio de Macedo a Bocage. — Máo comportamento posterior d'aquelle contra a memoria d'este. 81

Cap. XXIV. — O improvisador. — Condições e circumstancias do improviso. — Perigos d'elle. — Os improvisadores em Portugal. — Bocage, seu — Peculiaridades materiaes do improviso de Bocage. — Anecdotas. — gloria de Elmano, por esta rara qualidade. — Opinião dos que o ouvírão. — Juizo da razão fria da posteridade. 126

Cap. XXV. — Prosa de Bocage. — Comparação entre a prosa e o verso. — Obras em prosa que o poeta deixou. — Seu merito relativo. . . . 138

Cap. XXVI. — Que é poesia? — Bellezas da de Bocage. — Condições do

sublime, segundo Longino. — Calor. — Imagens. — Variedade. — Altiloquia. — Poeta christão. — Singeleza. — Descripções. — Melodia. — Perfeição metrica. — Seu excesso a ponto de monotonia. — Pausar natural. — Termos auxiliares. — Intraductibilidade. — Clareza. — Onomatopeia. 140

Cap. XXVII. — Generos poeticos em que Bocage se exercitou. — Satyra. — Epigramma. — Apologo e fabula. — Cantatas. — Bucolicas e idyllios. 149

Cap. XXVIII. — Generos de poesia. — Dithyrambo. — Ode. — Poesia didactica. — Theatro. — Tragedia. — Traducções de dramas. — Elogios dramaticos. — Ambição de compôr peças originaes. — Vasco da Gama. — Eulalia. — Affonso Henriques. — Viriato. — Epopéa. — Soneto. — Suas difficuldades. — É genero em que Bocage primou. — A accusação das *poesias fugitivas*. — Perfeição não é attributo humano. 167

Cap. XXIX. — Manchas d'este autor. — O dever de imparcialidade. — Deficiencia de invenção. — Algumas mais ou menos raras vezes má escolha de assumpto. — E grandiloquia sobre objectos que a não comportavão. — E ponto de admiração frequente. — E de interrogação. — E palavras substituindo idéas. — E vocabulos improprios. — E locuções peregrinas. — E versificação deleixada. — E cacophonias. — E bordões. — E epithetos mal cabidos. — E toantes e consoantes em versos soltos. — E consoantes errados. — E rimas pobres. — E lhe por lhes. — E o pallido lhe. — E imagens falsas. — E metaphoras mancas. — E hyperboles hespanholadas. — E má combinação metrica das alcaicas. — E variedade do accento nas mesmas palavras. — E antitheses e geminações. — De como não procede a arguição sobre desordem de pensamento. — Analyse severa de uma poesia, como exemplo. — Conclusão. 184

Cap. XXX. — Traducções. — É o mais firme titulo da gloria de Bocage. — Difficuldade das boas versões. — Opinião de varios sobre as de Bocage. — Como este se ufanava de tal perfeição. — Linguas de que elle verteu. — Hespanhol. — Gil Braz. — Italiano. — Imitações de Metastasio e Tasso. — Inglez. — Fragmento de Fingal. — Francez. — São admiraveis essas traducções. — Exemplo. — Obras francezas que traduzio. — Musa greco-latina. — Grego. — Latim. — Se Bocage o sabia bem ou não. — A metrificação latina confrontada com a portugueza. — Quantidades e syllabas. — As versões de latim podem ser dadas como modelo. — Confrontações. — Obras gregas e latinas que traduzio. — Conclusão. 203

Cap. XXXI. — Influencia de Bocage na lingua e poesia portugueza. — Os *progressos d'este seculo*: — Não assim na poesia. — O tempo de Bocage

foi de transição. — O. Elmanismo. — Os imitadores. — Bocage e Filinto. — Opiniões dos Srs. Garrett, Alexandre Herculano e Castilho Antonio. 231

Cap. XXXII. — Juizo de autores sobre Bocage. — Como os estrangeiros nos costumão julgar. — Opinião de Sané, — de Vogel, — de Ferdinand Denis, — de Balbi, — de Link, — de Backford, — de Dazobry e Bacholet, — de A. Timoni, — de Fresse Monval, — de Freire de Carvalho, — de Couto, — de Costa e Silva, — de Ignacio José de Macedo, — de Constancio, — de Rebello da Silva. 265

Cap. XXXIII. — Motivos da omissão, na edição presente, tanto de muitos excerptos como do capitulo bibliographico. — Publicações posthumas. — Considerações sobre publicações taes. — É Bocage classico ou não? — Seu timbre de vernaculidade. — Escreveu com pureza, mas não enriqueceu o vocabulario. — Bocage e Malherbe. — Se Bocage não é classico, é pelo menos escriptor de boa nota. — Apreciação geral do poeta. — Conclusão. 299

FIN DO INDICE DOS CAPITULOS.

INDICE DOS AUTORES

CITADOS N'ESTA MEMORIA

Abbade de Almoster. — Vide *Joaquim Franco de Araujo.*
A. Cardoso de Figueiredo, III, 286.
Agostinho Gomes da Silveira, II, 305.
Albano. — Vide *Mattos.*
Albivano, III, 170.
Alcino. — Vide *Quita.*
Alcino Lisbonense. — Vide *Joaquim Severino Ferraz de Campos.*
Alcippe. — Vide *condessa d'Oyenhausen.*
Alexandre Herculano, III, 235, 242.
Alexandre José de Mello Moraes (Dr.), II, 43, 123; III, 205.
Alfeno Cynthio. — Vide *Domingos Maximiano Torres.*
Alfredo de Musset, II, 170, 187.
Almeida Garrett, III, 235, 286.
Almeno, II, 286.
Alvarenga, II, 223.
Amadis Jasmin, II, 120; III, 188.
A. M. Sané, III, 267.
André Chénier, III, 173.
André da Ponte Quental da Camara, II, 80.
Anna Marecos (D.), II, 163.
Antonio Alvares, II, 103.
Antonio Bersane Leite, II, 255, 259, 260, 261, 262, 263; III, 7.
Antonio Chrispiniano Saunier, III, 6.
Antonio Dias de Azevedo (Dr.), II, 226.
Antonio José Alvares, III, 12.
Antonio José Bernardo da Gama, III, 18.
Antonio Lobo de Carvalho, II, 221, 241.

Antonio Maria do Couto, II, 24, 29, [illegible]259, 260; III, 3, 124, 176, 177, 207, 209, 227, 277.
Antonio Mendes Bordalo, II, 304.
Antonio das Neves, III, 306.
Antonio Pereira de Souza Caldas, III, 39.
Antonio dos Reis, II, 103.
Antonio Ribeiro dos Santos, II, 271, 286; III, 155, 205.
Antonio da Visitação Freire de Carvalho (D.), II, 298.
Antonio Xavier Ferreira, II, 306.
A. P. de Figueiredo, II, 103.
Aretino, III, 41.
Aristoteles, II, 206.
Armania. — Vide *Marianna Antonia Pimentel Maldonado.*
Arnault, II, 75; III, 171, 218.
A. Timoni, III, 276.
Aulo Gellio, II, 215.
Ausonio, III, 154.
Backford, III, 274.
Balbi, II, 253; III, 272.
Balthazar Estaço, III, 22.
Barros, III, 241.
Beaugeard, III, 152.
Belchior Manoel Curvo Semmedo, II, 173; III, 2, 28, 32, 34, [illegible]7, 45, 58, 104, 157, 167.
Belmiro. — Vide *Belchior Manoel Curvo Semmedo.*
Bermuino. — Vide *Bento Henriques Soares.*
Bento Henriques Soares, II, 307.
Béranger, III, 181.
Bernard (Mme), III, 218.
Bernardes, II, 103; III, 162, 266.
Bernardim Ribeiro, III, 235, 266.
Bion, III, 230.
Blair, II, 2[illegible]III, 253.
B. La Mart[illegible]; III, 156.
Boccacio, II, 229.
Boileau, II, 72; III, 151, 157, 212, 261, 304.
Bouhours (padre), III, 154.
Bouillet, III, 276.
Braz Garcia de Mascarenhas, III, 22.
Brueys e Palaprat, III, 139, 171, 218.
Bruno Seabra, III, 155.
Buffon, III, 138, 145.
Byron, III, 28[illegible]7, 288, 289.
Camões, II, [illegible], 161, 240; III, 22, 119, 147, 162, 179, 180, 194, 235, 239, 241, 244, 266, 267, 269, 275, 288, 292.
Cardoso, III, 205, 223, 273.

Carl Vogel, III. 268.
Castel, III, 218, 239, 267.
Castilho (Antonio), II, 279; III, 219, 235, 246, 286.
Castro, III, 266.
Chapelle, II, 193.
Charles Nodier, III, 145.
Châteaubriand, III, 138, 241.
Chatterton, III, 282, 288, 289.
Cicero, III, 187, 188, 196.
Clément Marot, III, 152.
Colletet, III, 139.
Conde da Ericeira, III, 212.
Condessa d'Oyenhausen, II, 286.
Condillac, III, 138.
Constancio, III, 277.
Corneille, II, 170; III, 154.
Côrte-Real, III, 266.
Corydon Neptunino. — Vide *Joaquim Franco de Araujo.*
D'Alembert, III, 213.
Danchet, III, 218.
Dante, [illegible], 285.
Darwin, III, 267.
Dazobry e Bachelet, III, 276.
Delille, III, 218, 239, 267, 307.
Delio, III, 145.
Diniz, III, 28, 167, 236, 266.
Diogenes de Laercio, II, 215.
Diogo do Couto, II, 66.
Diogo José Blancheville, II, 137; III, 20, 112.
Domingos Caldas Barbosa, III, 28, 32, 36, 39, 50, 51, 62, 69.
Domingos Maximiano Torres, III, 36, 74, 167, 248.
Dryden, II, 216.
Ducis, II, 210.
Dufremy, III, 218.
Dumoustier, II, 12.
Duque d'Alba, II, 38.
Durão, III, 266.
Edgard Poë, II, 194.
Elmiro Tagidio. — Vide *José Agostinho de Macedo.*
Elpino. — Vide *Diniz.*
Elpino Duriense.— Vide *Antonio Ribeiro dos Santos.*
Eurindo. — Vide *José Thomaz da Silva Quintanilha.*
Falmeno. — Vide *F. I. J. Cordeiro.*
Felippe Nery Xavier, II, 58, 59, 63.
Fernando Diniz, II, 13; III, 179, 268, 286.
Fernão Alvares do Oriente, II, 258; III, 162, 303.

Ferreira, III, 162, 173, 203, 235, 241, 266.
Fichte, III, 287.
Fidelis Antonio Lopes Cordeiro, III, 124.
F. I. J. Cordeiro, III, 20.
Filinto Elysio. — Vide *Francisco Manoel do Nascimento.*
Florian, III, 139, 218.
Fontenelle, II, 11; III, 138.
Francelio Vouguense. — Vide *Francisco Joaquim Bingre.*
Francisco Bouça, II, 184.
Francisco Dias, III, 7.
Francisco Freire de Carvalho, II, 298; III, 276.
Francisco Joaquim Bingre. II, 95, 111, 137, 174, 185, 188, 191, 199, 202; III, 34, 37, 71, 76, 133.
Francisco José de Almeida, III, 18.
Francisco José Freire, II, 103.
Francisco José da Paz, III, 19.
Francisco Manoel de Mello (D.), III, 22.
Francisco Manoel do Nascimento, II, 156, 222, 286, 289; III, 40, 119, 123, 155, 204, 212, 235, 236, 240, 241, 245, 252, 268, 277, 288, 289, 305.
Francisco de Mendonça Arraes e Mello, III, 20.
Francisco de Paula Cardoso de Almeida, II, 117, 137, 155, 270, 272, 291, 316; III, 7, 10, 45, 66, 90, 91, 92, 94, 95, 124, 206, 220, 222.
Francisco da Silveira Malhão, II, 190, 225; III, 79.
Francisco Villon, II, 120.
Fréron, III, 156.
Fresse Montval, III, 276.
Gabriel Pereira de Castro, III, 119, 188, 194.
Galina, II, 266.
Gama, III, 266.
Garção, III, 28, 31, 167, 204, 236, 240, 242, 266.
Garcia de Rezende, III, 53.
Gastão Fausto da Camara Coutinho (D.), II, 137, 164, 185, 270, 272, 280, 316; III, 7, 10, 32, 34, 35, 45, 172, 223, 266.
Gessner, III, 162, 218, 246, 263.
Gil Vicente, III, 234, 266.
Gomes R. Vianna, III, 20.
Gœthe, III, 170.
Gombaud, III, 47.
Gonzaga, III, 28, 266.
G. Pereira de Castro, III, 22.
Gregorio Freire Carneiro, II, 292.
Gresset, III, 213.
Guarini, III, 182.
Hénault, II, 249.
Henrique Pedro da Costa, II, 308; III, 17.

Hoffmann, II, 194.
Homero, II, 232.
Horacio, II, 77, 206, 210, 211, 280; III, 164, 166, 169, 181, 192, 202, 203, 232, 236, 240, 292.
I. G. M. de S. Mascarenhas, III, 20.
Ignacio da Costa Quintella, II, 294.
Ignacio José de Macedo (padre), III, 124, 277.
Innocencio Francisco da Silva, II, 20, 21, 30, 31, 96, 100, 117, 128, 168, 180, 244, 248, 255, 263, 279, 285; III, 16, 62, 68, 70, 71, 94, 299.
Insauro. — Vide *Antonio Chrispiniano Saunier.*
Ismeno. — Vide *João Vicente Pimentel Maldonado.*
Jacindo Ulyssiponense. — Vide *Ignacio da Costa Quintella.*
Jacintho Freire de Andrade, III, 22.
Jannario da Cunha Barbosa, III, 40.
J. B. Rousseau, III, 189, 218, 288.
J. Chénier, III, 158.
J. Freire (frei), III, 23.
J. M. de Oliveira, III, 49.
J. M. de Souza, III, 180.
João Baptista Gomes, III, 20.
João Pedro Maneschi, III, 19.
João Sabino dos Santos Ramos, III. 19.
João de Sousa Pacheco, III, 76.
João de Soyé Waffer e O'Connor, II, 246, 247; III, 14.
João Vicente Pimentel Maldonado, II, 296.
Joaquim Antonio Soares de Carvalho, III, 15.
Joaquim Barreto de Castilho, II, 241.
Joaquim de Foyos (padre), II, 103, 286; III, 162.
Joaquim Franco de Araujo, II, 291; III, 36, 64.
Joaquim Manoel, II, 244.
Joaquim Manoel de Macedo (Dr.), II, 249.
Joaquim Manoel de Moura Leitão, III, 18.
Joaquim Pinto de Campos, III, 14, 73.
Joaquim Rodrigues Chaves, III, 20.
Joaquim Severino Ferraz de Campos, III, 28, 75.
Jonio. — Vide *João Baptista Gomes.*
Jorge de Montemaior, III, 247.
José (D.), III, 219.
José Agostinho de Macedo (padre), II, 48, 70, 137, 143, 165, 193, 283, 300, 315; III, 9, 32, 37, 54, 58, 61, 67, 71, 75, 77, 81, 133, 151, 178, 194, 195, 191, 223, 302.
José Anastacio da Cunha, III, 49, 289.
José Anastacio de Figueiredo, II, 248.
José Barreto Gomes, III, 18.
José Basilio, III, 125.
José Bersane Leite, II, 255, 258, 260, 266, 271; III, 5, 10, 75.

José Botelho Torresão, II, 153, 218, 225; III, 15.
José Caetano de Figueiredo, II, 221.
José da Cruz Varona, II, 263.
José Daniel Rodrigues da Costa, III, 1, 292.
José Delorme, III, 179.
José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa (padre), III, 15.
José Joaquim Gerardo de Sampaio, II, 137, 140; III, 15.
José Luiz Soares de Barbosa, II, 18, 19, 25.
José Manoel de Abreu e Lima (padre), II, 229; III, 133, 176.
José Maria da Costa e Silva, II, 42, 137, 169, 184, 221, 285, 304; III, 16, 67, 135, 205, 208, 227, 277.
José Maria de Mello (D.), II, 103.
José Mariano da Conceição Velloso, II, 123.
José Mariano Velloso, III, 84.
José Nicoláo de Massuellos Pinto, II, 309.
José Rodrigues Pimentel e Maia, II, 310.
José Thomaz da Silva Quintanilha, III, 36, 49, 51, 61, 69.
José de Torres, II, 71, 111, 137.
Josino. — Vide *José Nicoláo de Massuellos Pinto*.
Jules Janin, III, 232.
Junqueira (conselheiro), II, 250.
J. V. Cardoso, III, 230.
J. V. Pinto de Carvalho, II, 169.
Kant, III, 287.
Klopstock, III, 239.
Labenski, II, 188.
Lacerda, III, 219.
La Condamine, II, 10.
Lacroix, III, 230.
Lafontaine, II, 170, 190; III, 157, 180, 218, 232, 262.
La Harpe, III, 199, 204.
Lamartine, II, 188; III, 140, 232, 280, 281, 284, 287.
Lambert, III, 267.
Lamothe, III, 138.
Lamotte-Houdard, III, 197.
Lara, III, 77.
Lebrun, III, 30, 154.
Legouvé, III, 218.
Leibnitz, III, 154.
Lemierre, II, 36; III, 139, 166.
Leonel da Costa, III, 303.
Lereno Celynuntino. — Vide *Domingos Caldas Barbosa*.
Leucacio Fido. — Vide *João de Souza Pacheco*.
Link, III, 206, 273.
Lobo, III, 162, 266.
Longepierre, III, 67.

Longino, III, 141, 183.
Lopes de Mendonça, III, 282, 297.
Lucano, II, 209; III, 230.
Lucena, III, 241, 303.
Luiz Augusto Rebello da Silva, II, 30, 56.
Luiz Caetano de Campos, III, 139.
Luiz Corrêa França Amaral, III, 36, 58, 66.
Luiz Pinto de Souza Coutinho, III, 19, 191.
Lycidas Cynthio. — Vide *Manoel de Figueiredo.*
Machado de Assis, II, 35.
Malherbe, II, 305; III, 304.
Manilio, III, 170.
Manoel Antonio Alvares de Azevedo, III, 286.
Manoel Bernardes de Souza e Mello (Dr.), III, 56.
Manoel de Figueiredo, III, 18.
Manoel Pedro de Araujo Ribeiro, II, 155.
Manoel da Veiga, III, 162.
Marcial, III, 153, 156, 230.
[illegible]rcos Aurelio Rodrigues, III, 19, 20[illegible]
Marianna Antonia Pimentel Maldonado, II, 296.
Marianna Lepage du Bocage, II, 10; III, 218.
Marques Leão, II, 285.
Mattos, III, 31.
Maximiano Torres, III, 267.
Medina, II, 246.
Melibêo. — Vide *Miguel Antonio de Barros.*
Mellin de Saint-Gelais, II, 206.
Melysêo Cylenio. — Vide *Luiz Corrêa França Amaral.*
Menalca. — Vide *José Rodrigues Pimentel e Maia.*
Mendes Leal, II, 34, 35, 169.
Méry, III, 190.
Metastasio, II, 286; III, 146, 171, 207.
Miguel Alvarenga, III, 56.
Miguel Antonio de Barros, II, 259; III, 36, 70.
Milton, II, 72; III, 179, 259.
Molière, II, 170, 193; III, 157, 180, 309.
Montaigne, II, 164; III, 183.
Monteiro, III, 275.
Montesquieu, III, 138, 151.
Morgado d'Assentiz. — Vide *Francisco de Paula Cardoso de Almeida.*
Moscho, III, 230.
Nasão, III, 196.
Nicoláo Tolentino de Almeida, II, 72, 190, 268; III, 254, 266.
Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, II, 137, 184, 209, 300; III, 10, 125, 135, 173, 174, 175, 177, 218.
Ontanio. — Vide *Antonio da Visitação Freire de Carvalho*

Ovidio. II. 57, 104. 195. 209. 281; III. 196, 219, 225, 227, 250, 239, 264.
Pastoral. III. 44.
Parini. II. 72.
Parny. II. 76. 114; III. 218.
Pedro Ignacio Ribeiro Soares, II, 315; III, 16.
Pedro José Constancio, II. 311.
Peiletan. III. 158.
Perrault. III. 218.
Persio. III. 150.
Petrarcha. III. 178.
Philoxène Boyer. III. 184. 288.
Pina e Mello, III. 248.
Pindaro. III. 169. 236. 240.
Piron. II, 76. 272.
Plutarcho. II. 215.
Pommier. II. 196.
Propercio. III, 264.
Quita. III. 28. 162, 266.
Quintiliano. III. 148, 202.
Rabutin. III. 218.
Racine. II. 72. 170, 175; III, 67, 215, 218, 262.
Rebello da Silva, III, 279.
Robert. III, 218.
Rodrigues Lobo, III, 302.
Rosset. III. 218.
Rutébeuf, II, 120.
Sabrim, III, 140.
Salicio. — Vide *Sebastião Xavier Botelho.*
Sá Menezes, III. 266.
Sá de Miranda. III, 162, 175, 235, 2[illegible]
Sannazaro, III, 166.
Scudéry (Mlle), III, 218.
Sebastião José Ferreira Barroso, II, 45.
Sebastião Xavier Botelho, II, 152, 208, 297; III, 242, 304.
Seneca, III, 196.
Shakspeare, II, 170; III. 185, 192.
Shelley, III, 288, 289.
Sheridan. III, 55.
Silio Italico, III. 241.
Sismondi, III. 266.
Stacio, II, 210.
Stael. III. 158.
Tabourot. II, 195.
Tacito. III, 219.

Tasso, III, 162, 179, 239.
Theocrito, III, 161, 166.
Theodoro de Almeida, II, 103, 137.
Theophilo Gautier, II, 194.
Theotonio Xavier de Oliveira Banha, II, 60, 223, 231, 232, 271.
Thomaz Antonio dos Santos e Silva, II, 9, 18, 137, 236, 314; III, 72.
Thomé Barbosa de Figueiredo Almeida Cardoso, II, 253.
Thomino Sadino. — Vide *Thomaz Antonio dos Santos e Silva.*
Trigoso, III, 25.
Valentim de Bulhões, II, 103.
Valmore (Mme), II, 186, 196.
Varnhagen, II, 119.
Vasco Mausinho de Quevedo, II, 9; III, 266.
Velloso, II, 137.
Verney, III, 23.
Vianna, II. 137.
Vicente José Ferreira Cardoso, II, 137; III, 16.
Vicente Pedro Nolasco da Cunha, II, 317; III, 226, 268.
Victor Hugo, II, 72, 170; III, 141, 281, 284.
Vieira, III, 267.
Virgilio, II, 72; III, 146, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 230, 239, 249.
Visconde de Balsemão. — Vide *Luiz Pinto de Souza Coutinho.*
Visconde de Laborim. — Vide *José Joaquim Gerardo de Sampaio.*
Visconde da Pedra Branca, III, 218.
Viscondessa de Balsemão, II, 249.
Voltaire, II, 11, 23; III, 124, 138, 151, 152, 153, 156, 234, 287.
Werner, III. 290.
Wielland, III, 241.
Xenophonte, II, 215.
Yart (padre), II, 11.
Young, III, 196.

FIM DO INDICE DOS AUTORES.

ADVERTENCIA GERAL

N'esta collecção, corre por conta do autor de cada Memoria a responsabilidade litteraria e moral, tanto em relação ás opiniões e redacção da mesma Memoria, como á selecção dos Excerptos.

ADVERTENCIAS ESPECIAES

SOBRE BOCAGE

1ª Sahio em 1847 a 1ª edição d'esta Memoria, que ora tivemos de refundir e ampliar. N'este intervallo de dezoito annos muitas vicissitudes de vida, mudanças de terras e casas, e confusões de papeis, forão parte para que não achassemos agora os assentos que outr'ora tomámos. Nos pontos de facto a lembrança nem sempre nos falleceu; mas asseguramos que nada demos então por averiguado que nos não [illegible] como tal por pessoa fidedigna.

2ª Eis-aqui o que escreviamos em 1847 : « Aproveitemos esta occasião para dar publico testemunho da nossa gratidão, pelas benevolas e importantes communicações com que enriquecemos esta obra, a quasi todos esses raros amigos de Bocage ainda existentes. Cumpre mencionar á frente d'elles o Sr. D. Gastão Fausto da Camara Coutinho, cavalheiro em quem o saber corre parelhas com a delicadeza. — Ao Morgado d'Assentiz, pouco ha fallecido, tambem muito devemos. — Somos por igual motivo não menos devedores aos Srs. Francisco Joaquim

Bingre, visconde de Laborim, José Maria da Costa e Silva, Gonçalo José Vaz de Carvalho, Francisco Joaquim Pereira e Souza, D. Anna Gertrudes Pereira Marecos, Theotonio Xavier de Oliveira Freitas, sem esquecermos tambem os Srs. José Pedro da Silva, João Nunes Esteves, e outros, de quem, nos competentes lugares, fallamos no texto. » Já d'aquella brilhante sociedade nem um unico deixou de ir juntar-se ao seu preclaro amigo.

3ª Ao tempo em que escolhêmos Bocage para figurar na *Livraria classica*, foi, entre outros motivos, porque não existia collecção alguma das suas obras, as quaes andavão disseminadas por innumeraveis edições. Hoje esta razão desappareceria, pois aos grandes serviços que as lettras devem ao incansavel bibliophilo Sr. I. F. da Silva, se juntou o de uma *Collecção completa* das poesias de Bocage, impressa no anno de 1853, em 6 volumes (a que alguem juntou um 7º, de versos fesceninos), obra de que nenhuma livraria de gosto póde prescindir. Esta circumstancia nos fez reduzir mui consideravelmente os excerptos da primeira parte, em attenção tambem ás grandes dimensões da Memoria que vai ler-se, afim de não darmos demasiado numero de volumes só a um autor.

4ª Nos excerptos que antecedem a nossa Memoria seguimos o methodo que nos pareceu tornar mais agradavel a leitura, substituindo as antigas centurias de producções similares, pela variedade, que faz seguir ao soneto a ode, depois o drama, depois a epistola, depois o epigramma, voltando ao soneto, etc. O modo porém como foi redigido o indice geral da nossa collecção, reunindo ahi os respectivos generos sob a mesma rubrica, torna faceis as pesquizas, segundo o systema antigo.

5ª N'esta edição, pois que excerptos dos autores erão da indole do trabalho, preferiamos intercalar nos lugares competentes da Memoria todas as poesias que prendessem com successos da vida do nosso heróe; já porém se achava reimpressa grande

parte d'aquelles excerptos quando chegárão a Paris as nossas providencias, de maneira que não pôde aquelle plano ser seguido á risca.

6ª Deixámos de reimprimir muitas producções de Bocage, como os *Jardins* e outras, de grande merito, por serem de consideraveis dimensões. Dissemos mais na 1ª edição o seguinte :

« Ha nas producções de Bocage incorporadas n'esta collecção muitas de pouco ou nenhum valor, parecendo mentirmos assim ao nosso programma de preferirmos só os melhores excerptos dos principaes autores de boa nota. Duas razões nos movêrão. Certas composições, reconhecidamente inferiores, forão escolhidas como amostras de algum genero particular de poesia. Por outro lado, demos mais liberdade á escolha, por ser Bocage autor popularissimo, não existirem as suas obras em collecção, e ser rara e dispendiosa a totalidade das suas producções poeticas. Diz Lafontaine que « a melhor arte poetica é uma « escolha de excellentes versos em todos os generos; escolha pro- « pria para formar o gosto, porque todos esses excerptos são lidos « com utilidade e prazer. » É uma arte poetica, pois, que principalmente tivemos em vista compilar, mas deveremos ás vezes sacrificar essa consideração á da tambem necessaria vulgarisação dos bons livros raros. »

[illegible] citar [illegible] versos de Bocage, deshonrados aliás [illegible] lavras improprias. Comquanto muitas appareção, d'esta natureza, em autores de grande nota, e em obras tidas por classicas (por exemplo Camões, Jorge F. de Vasconcellos, Abbade de Jacente, Hyssope de Cruz, Macedo, etc.), puzemos reticencias n'esses lugares, mas não entendêmos dever privar os leitores de producções que completão o retrato moral do autor, sempre que nos foi mister narrar acontecimento ligado com versos d'essa qualidade.

8ª Escrevêmos na 1ª edição (I, p. 22) : « Seja dito que,

dando nós cabimento n'esta Memoria a um avultado numero de *ineditos*, os reputamos taes, sem ousarmos asseverar que um ou outro a que applicamos a denominação não haja sido publicado anteriormente, sem que o saibamos. »

9ª Tendo sido confiadas de nós muitas dezenas de poesias, dadas como de Bocage, nem a quarta parte reproduzimos, por serem manifestamente as restantes de outras pennas, ou tão estragadas que se não podião aproveitar; mesmo das que demos, nem sempre podemos positivamente affirmar ser a auctoria de Bocage.

NOTICIA

DA VIDA E OBRAS

DE M. M. BARBOSA DU BOCAGE

Eis que dó seu regaço os bons autores
Vos emborca a impressão. Lêde e relêde;
Que os moldes engraçados da facundia
Castelhana e nobre e rica n'elles jazem.
FILINTO ELYSIO, *Arte poet.*, § XX.

CAPITULO PRIMEIRO

Naturalidade e familia de Bocage — Setubal e Troya. — A região *du Bocage* na Normandia. — Os Bocages de Cherburgo. — Madama du Bocage. — Gil le Doux du Bocage e Duguay-Trouin no Rio de Janeiro. — Casamentos e prole do pae do poeta. — Casamento de sua filha D. Marianna com o Dr. José Luiz Soares de Barbosa.— Filhos d'este matrimonio. — José Luiz, jurisconsulto e poeta.

A seis leguas S. E. de Lisboa, nas faldas do Barbarico Promontorio, onde o Sádão, ou Sado, de amenas margens, vai desembocar no Atlantico, demora uma povoação antiga, nobre, industriosa, de frequentado porto, excellentes pescarias, preciosos vinhos, marinhas afamadas; povoação tão fidalga, que outr'ora o Sr. D. Affonso IV,

desentranhando riquezas da serra da Arrabida e outros lugares, a cercou de muros de jaspe.

Fundação de Tubal a querem crendeiros; o que porém é certo é que a noite dos tempos lhe escondeu a origem, sabendo-se comtudo ter sido a velha Cetobriga assente n'uma lingua de terra, fronteira á Setubal de hoje.

Sobredourão-se os fastos d'esta povoação com vestigios de nobreza duas vezes milenaria. Ha já seculos, que um templo, com suas columnas e capiteis, havia sido desenterrado da area, e bem assim muitos jazigos com ossadas humanas, urnas com cinzas, vasos em vasos de barro, ornamentos de vidros de cores, candeeiros de argila, medalhas; e pelo espaço de quasi uma legua forão encontradas renques de alicerces de magestosas casarias... ruinas tudo!

Inventando Lucano que Cesar, após a batalha de Pharsalia, visitára Troya, descreve os campos onde ella fôra, e conclue a descripção pela magnifica phrase: *et etiam periere ruinæ!* Quanto ás ruinas da opulenta Cetobriga, não navião *perecido* ainda, e a ellas se julga dever attribuir-se o proprio nome de Troya, que tambem a este lugar, na embocadura do Sado, foi desde seculos applicado.

Poucos annos ha, se fundou uma sociedade archeologica para promover excavações, adquirindo a propriedade da maior parte do terreno de Cetobriga. D'alli se extrahirão moedas anteriores cerca de trezentos annos á fundação do imperio romano, curiosissimos mosaicos, vasos, amphoras, lacrimatorios, estatuas, fustes, capiteis, bases de columnas, e outras reliquias inapreciaveis. A creação e os alentos d'aquella sociedade

principalmente devidos ao zelo de um distincto archeologo, o reverendo padre Manoel da Gama Xaro. Constanos que, depois da sua transferencia para conego da Sé de Lisboa, os trabalhos esfriárão, chegando o terreno a ser cedido por alguns dos socios para plantações de alfáces e couves! Profanação, que, segundo ouvímos, vai ser desaggravada pelo principe illustrado, o rei artista, a quem Portugal deve tão formosos serviços prestados ás artes. Ser verdade que o Sr. D. Fernando se vai tornar dono de Troya, cabe esperar que mais valiosos trabalhos e estudos trarão á luz do sol um novo Herculano, uma nova Pompeia.

Esta Setubal, por tantos titulos celebrada, é não menos gloriosa por haver sido berço a primorosos engenhos. Só ao côro dos nossos poetas deu ella, entre outros, o elegante epico Vasco Mausinho de Quevedo, Thomaz Antonio dos Santos e Silva, inculta montanha de talento, e o incomparavel Manoel Maria Barbosa du Bocage, cada um dos quaes bastaria para illustrar a sua patria.

É da biographia d'este ultimo que ora vamos tratar, e começaremos por dar noticia do tronco dos Bocages em Portugal, e dos membros mais proximos de tão distincta familia.

Existe em Normandia uma região rica e extensa, ensombrada de apraziveis arvoredos, d'onde em francez colheu o nome *Bocage*, e pertencente hoje aos departamentos da Mancha, do Orne e Calvados.

N'esses lugares possuião os antepassados do nosso poeta consideraveis propriedades, e, ao uso de França, tomárão o appellido das suas terras *du Bocage*. Em Normandia (na cidade de Cherburgo) viveu, pelos fins do decimo-setimo, um d'esses cavalheiros, abastado e

distincto proprietario, por nome Antonio Le Doux (outros escrevem L'Hédois) du Bocage, casado com a dama Catharina Cosma. Logo adiante veremos como d'este consorcio provierão os Bocages de Portugal; mas é razão não passarmos em silencio por uma illustre poetiza d'esta mesma linhagem, que floreceu na propria França, e foi uma como precursora d'esta grande gloria portugueza.

Era, por affinidade, segunda tia materna do nosso poeta a celebre Marianna Lepage, que, muito moça, casou do recebedor de Dieppe, Fiquet du Bocage.

Marianna, cujo nascimento antecedêra cincoenta e cinco annos ao do sobrinho, falleceu antes d'elle apenas tres, de idade de noventa e dous annos, em 1802.

Esta dama, que tanto deveu ás Musas como ás Graças, deu-se a lettras com fervor cada vez maior, e soube grangear alta fama entre os seus pares.

Propondo a academia de Roão premio ao melhor poema sobre *Sciencias e Lettras*, ousou concorrer com os vates a formosa Marianna du Bocage; laureados os seus versos e nobilitado o seu nome, celebrão-a á porfia as lyras mais illustres, e os vencidos lhe juncão de palmas e flôres o caminho triumphal. Lembra-nos aqui, por exemplo, o delicado madrigal com que La Condamine a festejou, recordando em sós seis versos a vencedora e a circumstancia de que fôra a hedionda Mlle de Scudéry quem em 1671 colhêra o prémio que pela academia franceza fôra outorgado. Eis o madrigal:

D'Apollon, de Vénus, réunissant les armes,
Vous subjuguez l'esprit, vous captivez le cœur,
Et Scudéry jalouse en verserait des larmes.
Mais sous un autre aspect son talent est vainqueur :
Elle eut celui de faire oublier sa laideur...
Tout votre esprit n'a pu faire oublier vos charmes.

Mme du Bocage, entre outras obras, traduzio a *Morte de Abel*, de Gessner; imitou o *Paraiso perdido*, de Milton, etc. Sobre essas traducções e imitações corrêrão varios os votos; ao *Paraiso perdido* fez o padre Yart um espirituoso epigramma, elogiado por La Harpe:

Sur cet écrit, charmante Du Bocage,
Veux-tu savoir quel est mon sentiment?
Je compte pour perdus, en lisant ton ouvrage,
Le *paradis*, mon temps, ta peine et mon argent.

Porém o que á poetiza grangeou os enthusiasticos elogios de Fontenelle, e os louros com que Voltaire em Ferney por suas mãos a engrinaldou, foi o poema original da *Columbiada*, cujo primeiro canto seu sobrinho verteu em portuguez.

Hoje, que o volver dos tempos permitte mais fria analyse, devemos confessar que o pensamento geral do poema sobreleva á execução. Havia muito, sem duvida, para um quadro vasto e profundo na achada de um mundo novo; e innumeraveis incidentes, de magestosa poesia, podião a cada passo, sem prejuizo da acção, ir matizando a narração. Um mundo maior que o mundo novo tinha a poetisar ante si, na contraposição entre a cansada natureza da Europa e a opulencia do scenario intertropical; na differença entre os animaes, o reino vegetal, montanhas, mares e rios; tinha a confrontar com a sociedade civilisada as tribus e nações silvestres. Aquella com os seus peculiares vicios e vantagens, superstições, talentos e ambição; estas com as suas qualidades naturaes, ignorancia, singeleza, confiança, valor, independencia. Prestando isto, em mãos de poeta de ordem superior, a grandes bellezas. Com effeito, apezar de carecer de

energia o estro de Mme du Bocage, este seu poema exhibe mais de uma vez, em linguagem que entrelembra a sobrinho, altas idéas, expressas por magnificos versos. Taes são estes, por exemplo, em que a autora passa em revista varios povos :

Ces Ottomans jaloux peuplent de vastes champs,
Où brillèrent jadis des empires puissants :
Le berceau des beaux-arts, l'Égypte, utile au monde ;
L'opulente Assyrie, en voluptés féconde ;
La Phénicie, où l'homme osa braver les mers ;
Et tant d'autres États, dont l'éclat, les revers,
Dans l'abîme des temps se perdent comme une ombre,
La renommée oublie et leurs faits et leur nombre.
Tout périt ; tout varie ; et la course des ans
Change le lit des eaux et la face des champs.

Estes seguros penhores para a admiração dos contemporaneos fizerão que a denominassem *decima musa*, e *franceza Sapho*, e que inscrevessem sob o seu retrato este distico : *Formâ Venus, arte Minerva*. As academias de Roão, Bolonha, Lyão, Padua e Roma inscrevêrão o nome d'ella entre os dos seus alumnos, e estas honrias a acompanhárão até o tumulo, pois pouco antes do seu passamento Dumoustier lhe dirigiu uns versos que acabavão assim :

Lorsque vers l'horizon décline le soleil nous éclaire,
L'éclat de ses rayons n'en est point affaibli.
On est vieux à vingt ans, si l'on cesse de plaire,
Et qui plait à cent ans, meurt sans avoir vieilli.

Venhamos porém já á familia portugueza. Atrás fallámos de Antonio L[illegible] du Bocage, de Cherburgo, de cujo matrimonio com Catharina Cosma nasceu, entre outros, Gil Le Doux du Bocage, [illegible] n'aquella ci-

de, e freguezia de S. Maria Maior. Gil contrahio primeiras nupcias em França, e d'esse matrimonio teve uma filha, que já era casada com Julião Gelain, de Nantes, ao tempo em que elle, tendo abraçado a vida do mar, se passou, já viuvo, a Portugal, entrando em 1704 para o serviço da marinha portugueza, no posto de capitão de mar e guerra.

E é aqui lugar de noticiarmos uma curiosa circumstancia, ligada com a aventurosa vida d'este valente avô do nosso poeta.

Narrou-nos um cavalheiro, que servio na mesa da consciencia e ordens, que um dia, percorrendo certo maço de requerimentos, vio com estranheza um d'este official, sollicitando lhe fosse concedido proceder ás provanças pelo habito de Christo em Lisboa, por não as poder fazer na França, em razão do odio que n'aquelle reino havia contra elle. A razão d'este odio era o comportamento de Gil, segundo a opinião d'aquelle amigo, por occasião da injusta aggressão de Duguay-Trouin á capitania do Rio de Janeiro, em 1711 (e não em 1771, como por engano escreveu o Sr. Fernando Diniz). Transcreveremos o trecho em que este escriptor, no seu livro *Le Brésil*, t. II, p. 73, trata d'este assumpto. Depois de descrever o perfido comportamento de Duclair, e o modo como Duguay-Trouin o procurou vingar, narra como os Portuguezes diligenciárão em vão, por estratagema de guerra, chamar os Francezes ao ponto onde os homens de Duclair havião sido destroçados, e continúa assim :

« Não dando os Francezes na cilada, os proprios Portuguezes incendiárão varios armazens, e fizerão alguns prisioneiros, dos quaes tentárão debalde sacar esclarecimentos sobre a real força do aggressor. Estes porém cahi-

rão n'um laço armado por um sujeito da Normandia, por nome du Bocage, naturalisado Portuguez, o qual, por zelo a favor da sua nova patria, muitos prejuizos havia já occasionado á expedição franceza. Disfarçou-se de marujo, e foi levado, por soldados, como prisioneiro, para o carcere dos Franczezes. Colheu logo das suas praticas o que desejava, e pela exposição que fez incitou para logo o conselho a atacar e exterminar tão fraca gente. »

Eis-aqui o modo como Duguay-Trouin falla d'este estratagema em suas memorias :

« Arrebatou-nos o inimigo de noite algumas sentinellas; isto deu origem a um ardil extraordinario : um sujeito chamado du Bocage, nascido na Normandia, e que nas precedentes guerras tinha capitaneado um ou dous corsarios francezes, achava-se por aquelle tempo ao serviço do rei de Portugal, e tendo-se feito naturalisar Portuguez, havião-lhe dado o commando de navios de guerra nacionaes, e por esta occasião lhe estava confiado um dos que nós achámos no Rio de Janeiro. Começou por fazel-o rebentar com uma explosão, e foi depois dirigir as baterias dos Benedictinos, sendo tão certeira a pontaria dos seus canhões, que nos fez um mal incrivel. Este Bocage desejava muito distinguir-se e attrahir a confiança dos Portuguezes, aos quaes, por ser Francez, se tinha tornado suspeito; lembrou-se por isso de se disfarçar em marinheiro, com barrete, jaleco e calças manchadas de alcatrão. N'esta bella figura, ordenou a quatro soldados portuguezes que o levassem para a prisão onde estavão encerradas as nossas sentinellas; fez com que lhe deitassem algemas, [illegible] um pobre marujo de uma das fragatas de São-Ma[illegible] que se tinha afastado do acampamento, sendo assim sorprendido por uns emboscа-

dos. Representou tanto ao natural, que sacou aos prisioneiros francezes todos os esclarecimentos precisos para ter conhecimento do forte e do fraco das nossas tropas; e este conhecimento fez com que os inimigos resolvessem atacar o nosso campo. »

Assim continuou Gil du Bocage a assignalar-se, a ponto que, no anno de 1717, foi promovido ao posto de coronel de mar e guerra (vice-almirante). Official de vasto saber, exemplar denodo, e summa pericia militar, foi tido por um dos mais habeis da armada. Por sua distincção nas guerras do Brasil contra os Francezes, e do Mediterraneo contra os Barbarescos, alcançou dez mil réis de tença e o habito de Christo (ácerca de cujas provanças atrás fallámos); e por novos, relevantes serviços, lhe fez el-rei mercê da tença annual de 400$000 réis por três vidas, como consta de certidão passada na secretaria do despacho das mercês e expediente, assignada por Jeronymo Godinho de Niza, aos 4 de Novembro de 1827.

O viuvo vice-almirante du Bocage recebeu-se com D. Clara Francisca Lestof, aos 13 de Junho de 1720, na freguezia da Encarnação em Lisboa, levando a procuração da noiva seu padrasto, o coronel de artilharia da praça de Setubal João Thomaz Corrêa de Brito: era esta senhora filha de Leonardo Lestof, consul de Hollanda, rico proprietario, e de sua segunda mulher, Luiza Vanzeller. Nascêrão d'este matrimonio duas filhas:

1ª D. Antonia Ignacia Xavier Lestof du Bocage. Deixou cinco filhos, de que não ha razão para tratarmos mais miudamente.

2ª D. Mariannna Joaquina Xavier Lestof du Bocage. Casou com o bacharel José Luiz Soares de Barbosa, que foi juiz de fóra da Castanheira e Povos, e ouvidor na

comarca de Beja; verificando-se a ceremonia na freguezia de S. Sebastião de Setubal, aos 6 de Junho de 1758. Tiverão seis filhos, a saber :

1º Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em Setubal, a 3 de Outubro de 1762, casado com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Essa, filha de um marechal de campo, governador da torre de Outão da barra de Setubal. Agradavel poeta, distincto jurisconsulto, e de facil e aprazivel convivencia, falleceu aos 13 de Maio de 1834, e só teve uma filha.

2º Manoel Maria Barbosa du Bocage, o nosso poeta, baptisado na freguezia de S. Sebastião, de Setubal, sendo seus padrinhos Heitor Mendes Botelho de Moraes Sarmento, e soror D. Luiza Mathilde, sua tia.

3º D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage. Nasceu em 14 de Julho de 1759; foi baptisada na freguezia de S. Sebastião, em 28 de Agosto; casou com Vicente de Paula Figueiredo de Góes Souto-maior, tenente de infantaria 7, e teve dous filhos.

4º D. Anna das Mercês Barbosa du Bocage. Nasceu em 23 de Setembro de 1760; baptisou-se na freguezia de S. Sebastião, em 31 de Outubro; casou com João do Prado Homem da Cunha d'Essa, cunhado de seu irmão Gil, matrimonio que produzio tres filhos.

5º D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage. Nasceu em B[illegible]os 8 de Setembro de 1768; foi baptisada na freguezia de S. Maria, em 13 de Outubro; falleceu na flôr da idade, sendo a ella que o poeta endereçou o soneto :

De radiosas [illegible]des escoltada,
Déste immaturo adeos ao mun[illegible]riste,
Co'a mente no almo polo ao[illegible]iste
Bem que sempre se goza e [illegible] enfada.

Á fouce a cegar vidas destinada
Mansissima cordeira o collo uniste.
O que é do céo ao céo restituiste;
Restituiste ao nada o que é do nada.

E inda gemo, inda chôro, alma querida,
Teu fado amigo, tua dita immensa,
Que em vez de pranto o jubilo convida.

Ah! pio accordo minha magoa vença.
É captiveiro para o justo a vida;
A morte para o justo é recompensa.

6° D. Maria Francisca Barbosa du Bocage, nascida em Setubal, em 13 de Abril de 1771, baptisada na freguezia de S. Maria da Graça, em 2 de Junho, fallecida no primeiro estado em Setubal, aos 18 de Maio de 1841, tendo vivido muitos annos em casa da marqueza d'Alorna; foi tambem poetiza, e a irmã predilecta do nosso autor. Viveu em sua companhia até se elle finar, e toda se desentranhou em affecto, pagando-lhe em saudosas lagrimas, té que o foi procurar em melhor mundo, o seu tributo de fraterna gratidão.

Por morte de Manoel Maria ficou pois esta sua querida irmã na posse de numerosos autographos, que bastantes annos recatou, como adoradas reliquias de quem tanto amára.

O editor das *Verdadeiras ineditas*, t. IV, e I° das *Posthumas*, assim se exprime, no prefacio, fallando d'essas obras de Bocage : « Encerradas quasi todas no poder de uma senhora, estimavel por muitos titulos, e irmã do autor, a qual as prezava como preciosa prenda, com que unicamente a deixára rica seu caro irmão, com difficuldade se pôde resolver a consentir em não ser só ella

quem com sua lição se recreasse n'estas producções d'aquelle culto engenho.

«Cedeu finalmente o amor á voz da razão.»

Existem ainda muitos parentes do poeta, e entre elles um que, em diversa carreira intellectual, abrilhanta ainda a corôa que adorna este illustre familia. Fallamos do distincto naturalista o Sr. José Vicente Barbosa du Bocage.

Não progrediremos n'estas indicações, porque nos não acoimem de convertermos este capitulo n'uma arvore genealogica. Concluiremos sómente com algumas palavras acerca dos immediatos progenitores do poeta.

Sua mãi, verdadeira Bocage, era senhora de muitas prendas e instrucção: modelo de mãis.

Seu pai, o bacharel em canones pela universidade de Coimbra José Luiz Soares de Barbosa, nascido aos 29 de Setembro de 1728, juiz de fóra da Castanheira e de Povos, ouvidor em Beja, acabou advogando em Setubal. Foi jurisperito, distincto poeta, e Bocage lhe chama sabio n'uma saphica ao governador de Macáo:

> Se as cans honradas vou molhar de pranto
> Do *sabio velho*, que me deu cô'a vida
> Os seus desastres.....

Diz Antonio Maria do Couto ter visto poesias satyricas de José Luiz no gosto das do filho; mas que elle não consentira em que se lhe publicassem, sendo aliás homem de grande engenho, saber e gosto.

Um soneto do illustre poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva principia assim, dirigindo-se a Manoel Maria:

> Esse, que, infante, a sorvos [illegible]
> Sã doutrina, que, joven, requinta,

Bebeu do sabio pai, luz hoje extincta,
Caudal então de metricos fulgores;

Que em jogos pueris, brotantes flôres,
Junto ás ternas irmãs, traçou a tinta
Com que, adulto depois, esmalta e pinta
[illegible]s ufanos, [illegible]reiros amores.....

Em duas notas dizia o [illegible] que as irmãs de Bocage erão todas de um lindissimo espirito — e que o Dr. José Luiz Soares de Barbosa juntava á qualidade de gravissimo jurista a de excellente poeta, [illegible]indo em provecta idade, á imitação de Young, fogo extraordinario a erudição prodigiosa.

De José Luiz só tivemos a fortuna de alcançar um soneto, que o nosso distincto poeta o Sr. José Maria da Costa e Silva [illegible]ou, por tel-o ouvido a Santos e Silva, a quem Bocage filho o repetira, como prova do talento de seu pai. Muito notavel é esta poesia pelo ar de familia que tem com as satyricas do nosso improvisador. Tendo fallecido em Setubal João Thomaz Farinha, José Luiz zombou muito do sermão das exequias, porque o guardião Franciscano, voltando-se para a eça, exclamára : « Oh! meus amados irmãos [illegible] os olhos, fitai-os n'aquelle *funebre* [illegible] *da saudade* » Escreveu então José Luiz o seguinte soneto :

Meu padre prégador, [illegible]gue o [illegible]lo;
Feche a corôa; ajouje-se dos [illegible]tos;
Tempere ou lave na cozinha os pratos,
Que em pulpitos não ha quem possa vêl-o.

Vá na horta plantar alface e grão;
Tome o bastão e vá pedir chibatos;
Prégue lá aos pastores insensatos,
Que entre todos é sabio inda um camelo.

Nas exequias do Bicho da Cozinha,
Ou d'outros figurões d'esta entidade,
Póde prégar, que tem licença minha.

Alli, meu padre, espoje-se á vontade!
E se houver urna ao João Thomaz Farinha,
Empurre-lhe o *armazem da saudade!*

O Sr. I. F. da Silva, no seu *Diccionario bibliographico*, attribue a José Luiz um *Epicedio que na morte do reverendo padre José de Faria e Souza fez um seu amigo, explicando a sua dor n'esta elegia*, dizendo que esta indicação, e a de ser in-folio, sem designação do lugar da impressão nem do nome do impressor, é extrahida do tomo IV da *Bibl. Lus.*, mas que o illustre bibliophilo não víra exemplar algum de tal folheto. Ignoramos pois qual o fundamento com que se attribue esse epicedio ao pai de Bocage.

Portanto, dos dous appellidos de que todos os irmãos usavão, o de Barbosa pertencia ao pai; e do ramo materno lhes veio o de Bocage; nomes e familias que já de si legavão talento.

Tinha Bocage jactancia do seu nascimento, e honrava-se com o fulgor dos seus passados. N'um idyllio exclama elle á sua Lenia, de Gôa:

Pergunta a quantos vêm do Tejo e Sado,
Se alli me condemnou vil nascimento
A este, em que mourejo, humilde estado.

Sempre entre os mais honrados tive assento:
Venho dos principaes da minha aldêa...
Nem cuides que vãs fabulas in[illegible]

E n'outro idyllio:

E eu, posto que leal, que verdadeiro,
De clara geração, de sangue honrado,
Caducos, frageis bens não devo ao fado.

Basta. Supprimimos muitos outros pormenores relativos á familia de Bocage, para sem detença nos occuparmos do nosso poeta.

CAPITULO II

Nascimento de Bocage. — Sua educação. — Suas poesias infantis. — Praça de cadete. — Transferencia para Lisboa. — Guarda-marinha. — Motivos da sua resolução de ir para a India. — Parte de Lisboa como guarda-marinha para Gôa.

Filio Manoel Maria Barbosa du Bocage a luz do dia em Setubal, aos 15 de Setembro de 1765[1], na casa numeros 17 e 18 da rua de S. Domingos (freguezia de S. Sebas-

[1] Desde o anno de 1817 que demos esta data com exactidão. Todos os que depois se disserão autores de biographias de Bocage continuárão a commetter o erro dos nossos predecessores. Exceptua-se sómente o sabio academico Sr. I. F. da Silva, o qual, no monumento que ás lettras patrias erigio sob o titulo de *Diccionario bibliographico*, se exprime assim:

« A data do seu nascimento corria até agora como ponto problematico entre os biographos, collocando-a quasi todos em 17 de Setembro de 1766, e só um d'elles (o Sr. J. F. de Castilho), melhor informado, em 15 de igual mez de 1765. Até no modernissimo *Dictionnaire gén. de biogr. et d'hist.* dos Srs. Dezobry e Bachelet, obra geralmente mais exacta que as anteriores do seu genero, apparece, no tomo I, com manifesto engano, indicado aquelle nascimento em 1771. Para deixar de uma vez assentado este ponto de modo definitivo e irrecusavel, recorri ao meu obsequioso amigo e patricio do poeta o Sr. João Carlos de Almeida Carvalho, que teve a bondade de enviar-me cópia authentica, extrahida do livro 8° dos baptismos da freguezia de S. Sebastião de Setubal, a folhas 176 verso, pela qual fica indubitavelmente provado que Manoel Maria nascêra com effeito a 15 de Setembro de 1765 e fôra baptisado a 29 do dito mez e anno. Esta data deverá pois prevalecer d'ora em diante sobre qualquer outra, como a unica verdadeira.

tião). Ainda existe de pé o memoravel edificio. Ahi soltou os primeiros vagidos quem depois havia de desferir tantas canções immortaes[1]. Ainda hoje, um seculo depois, vão em peregrinação devota a este genuino de templozinho obscuro os romeiros scismadores da poesia. Aquellas paredes, aquella casinhola de aspecto vetusto, singelo, mas nobre, aquella sacada alta, onde tanta vez encostado scismou por ventura a sublime criança que é hoje o assombro de todos nós, tudo isso, no seu mesmo desalinho e pobreza, conversa com elles e os inspira. Aos viandantes commemora ella mesma este facto importantissimo; graças á illustrada camara de Setubal uma inscripção attesta que ali vio a luz o poeta Bocage.

Fadado para os versos, desde os mais tenros annos, o crereis, e ao contemplar o como desde tão menino entrou o poeta giganteo a revelar-se, vêm tentações de crer que nos labios do recem-nado pousassem as abelhas de Platão.

A mãi de Bocage, que toda se estremecia n'aquelle dilecto filho, mais não fazia que espreital-o anciosamente, amimal-o e animal-o. Aos cinco annos de idade era ella mesma quem lhe ensinava as primeiras lettras, e toda se ufanava com os progressos do discipulo querido.

Na 1ª edição d'esta Memoria dissemos o seguinte:

« Suppomos ter ha pouco fallecido um tal Antonio Pereira, marcador n'um bilhar da rua Augusta, e conhecido versejador. Era fama que fôra tambem seu mestre de primeiras lettras e latim, em Setubal. Perguntando D. Gastão a Bocage se com effeito Pereira fôra seu mestre, res-

[1] No nº 46 do vol. III do *Archivo pittoresco* podem os leitores encontrar o desenho da fachada d'esta casa

pondeu-lhe: « É verdade que alguns me[illegible] o foi, e se « continúa mais tempo, aleija-me. »

Pai e mãi erão familiares com as musas; e já nas litterarias palestras, delicias d'elles, já no trato domestico, [illegible]pois a criancinha colhendo inspirações, desenvolvendo a intelligencia precoce, alimentando o fogo que desde os mais tenros annos o devorava, e supprindo com o natural ardor o que para uma educação escassseava em terra onde os meios de instrucção erão defeituosos e parcos. Mas não prescindem tanta vez as naturezas privilegiadas dos andaimes indispensaveis ao vulgo?

Portentosas se manifestárão em Bocage, desde a infancia, duas faculdades, germen de sua fama: — *Memoria* e *Imaginação*. Balbuciava apenas, e já se revelava poeta: com que deleite não repetia sua extremosa mãi os seus versinhos infantis, ricos de harmonia e [illegible]! é a quadra, feita [illegible] annos de idade, tendo ido a Lisboa ver a procissão da Cinza:

Fui ver a procissão a S. Francisco,
A quem o vulgo chama da cidade;
E, supposto o apertão, foi raridade
Que, indo eu em carne, não viesse em cisco!

Dissemos haver n'esses versos já o mesmo talento e humor satyrico que distinguia Voltaire, quando n'aquella mesma idade zurzia os tocadores de sinos com o epigramma:

Persécuteurs du genre humain,
Qui sonnez sans miséricorde,
Que n'avez-vous au cou la corde
Que vous tenez dans votre main!

E nos confirma esta matutina revelação por Bocage, no soneto que principia:

Das [illegible]s infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente.
Meu terno coração, inda innocente,
Ião ganhando as placidas Camenas.

bem como no prologo das *Plantas* :

Versos balbuciei c'a voz da infancia!
Vate nasci; fui vate, ainda na quadra
Em que o rosto viril, macio e tenro,
Semelha o mimo de virginea face.

e na Satyra a José Agostinho de Macedo :

. . . . . : aquelle
Que já na infancia consultava Phebo.

Com effeito, bem razão tinha Bocage em se ensoberbecer do terreno fecundo onde centuplicava a semente do saber :

Eu, esse, cujos dons medrarão tanto,
De cultura gentil no brando esteio.

Diz Couto que Manoel Maria, aos oito annos de idade, lia e escrevia com pasmosa pureza, dando ao ler a inflexão de voz propria de quem a fundo entende e saboreia o pensamento do autor.

Consagrava sua mãi os mais doces instantes á cultura de tão esperançosa planta; e mãi, e amiga, e mestra, lhe fecundava a instinctiva cobiça de nome, ajudando-lhe a romper a senda, apontando á sua infantil ambição para o alvo, e animando-o com o brado : *Pódes, e has de alli chegar!*

Mas esses [illegible]los de mãi, que [illegible] vez lhe arrancá-

rão expressões de saudade e gratidão; que, ainda infante, o fazião exclamar:

No afago maternal nutro meu canto;

desvelos que nenhuns desvelos e nenhuma sciencia supprem, findárão-lhe aos dez annos de idade; irreparavel perda, que nunca se apagou da memoria do menino nem do homem, do expatriado nem do moribundo.

José Luiz era vate, e dos vates é partilha o dom prophetico. Instinctivo terror lhe fazia antever os dissabores que o estro causaria a seu filho. Pelos annos da morte de Bocage, outro grande poeta, Lamartine, fazia a seu pai derramar lagrimas de commoção e prazer, ao ler-lhe os versos (*Le Vallon*), com que inaugurava a sua entrada nos dominios em que tamanhos triumphos o aguardavão. O pai de Bocage, pelo contrario, não encarava sem terror o espontaneo crescer e vicejar d'aquelle portentoso talento; pesava os contras á profissão de poeta, e procurava sopear no filho tendencias fataes, que antevia deverem conduzir o incauto moço ao Capitolio talvez, á Tarpeia de certo. Acontecia-lhe porém o mesmo que ao pai de Ovidio; tambem aquelle que o fado condemnára a succumbir no exilio, victima dos versos, queria, infante, obedecer a um pai, que lhe ordenava repudiar a musa; debalde contrariava a natureza, e a despeito das ordens paternas, elle nol-o diz, e em verso:

Quidquid tentabam scribere, versus erat.

Narre-nos esta sua entrada na vida

O pescador [illegible], o malfadado,
Que, em azia[illegible] instante, faz primeira
Vio lá nas [illegible] onde morre o [illegible],

pois elle o fará elegantemente nos seguintes versos, escriptos no seu voluntario desterro :

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Tubal no [illegible] celebrado,
Com sanguinea [illegible] foi marcado
Pelos destinos [illegible] primeiro instante.

Nos dous lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãi, teu doce agrado;
Seguio-te depois, e emfim meu fado
Dos irmãos e do pai me pôz distante.

Se é de Bocage, em sua mocidade, a ode á *Fortuna*, publicada no 4º tomo das Rimas — *Verdadeiras inéditas*, — em que se queixa de pobreza, molestia e prematura perda de seus pais :

Se a pobreza importuna me persegue,
Desde o berço talvez á sepultura;
Se a feia enfermidade estende as azas,
E em mim o golpe acerta:

Se a morte, a negra morte, vem roubar-me
A minha protecção e o meu asylo;
Ou arranca da terra os pais mais ternos,
Primor da natureza:

A fome, a orphandade, os mais trabalhos
Reconheço por dons da divindade.
Beijo a sagrada mão que assim me fere;
Respeito seus decretos.

Na idade de quatorze annos, tendo aprendido o francez com seu pai, e o latim com o ecclesiastico hespanhol D. João de Medina, e assentado praça de cadete no regimento nº 7 de infantaria de Setubal, passou-se a Lisboa, deixando lá todavia o coração.

Desejando seguir a honrosa vida em que seu avô tanto primára, diligenciou ser transferido para a arma da marinha, embora tivesse de ir residir no ultramar.

N'aquelle periodo do reinado da Sra. D. Maria I grandes forão as diligencias feitas para estender a instrucção publica. Por esses tempos se substituio a mesa censoria pela mesa sobre o exame dos livros, até que se creou em Coimbra a junta de directoria geral, tendo por principal intuito a instrucção primaria; se creou a academia de marinha, destinada ao ensino de um curso completo de mathematicas, igualmente adaptado para servir de fundamento commum á navegação e ás architecturas naval, militar, hydraulica e civil, á sciencia das minas e á artilharia; a escola de pintura e desenho de architectura civil; a academia real de fortificação, artilharia e desenho; a academia real dos guardas da marinha; instituições que, pouco depois, e no mesmo reinado, forão ampliadas com a creação da academia real das sciencias, com a fundação da academia de marinha do Porto, etc.

Não podemos affirmar que Bocage fizesse muito regulares estudos, durante os sete annos que decorrêrão entre a sua chegada a Lisboa e partida para a India; antes para nós temos que pouco o deleitárão sonhos e fructos da arvore da sciencia, pois de seus conhecimentos mathematicos e nauticos nem reza a tradição, nem (senão de longe e a furto) os memorão os seus escriptos.

Por exemplo: n'aquella saudosa canção, quasi elegia, a que o poeta pôz por titulo *A Nereida*, e que adiante vai transcripta, gracioso idyllio tão cheiroso a maresia, tão rico de sua desenvoltura, e onde sob o véo da allegoria arcadica e mythologica, rebuça por ventura muitas ver-

dades o misero Alicuto, occorreu-nos se acaso os versos em que o amante, amesquinhando os seus dotes physicos, exalta o seu saber e as suas prendas, não serão copiados do natural e fidelissimo retrato dos conhecimentos nauticos do nosso Bocage, então por longes terras peregrino. E se não, cotejai-me os quatro tercetos, que discorrem desde o verso :

Na manobra quem é mais diligente.....

até ao verso :

E Orion tão fatal ao navegante.

Comparai-os com a sciencia presumivel no aventureiro e juvenil guarda-marinha, glorioso neto do vice-almirante du Bocage, e dizei-nos, se no seu conteudo (correctas as illusões da perspectiva poetica) desdizem esses versos e chanças de nauta, dos estudos, aliás grosseiros e rapidos, com que Urania devia de andar a esse tempo adestrando e apparelhando o seu novel discipulo filho de Apollo.

Foi n'esse tempo que Bocage realisou a sua grande viagem; já então querido, festejado, alvo de admiração, era Lisboa o grão theatro apropriado á sua indole; que razões o induzirião a projectar quasi repentinamente uma emigração até o berço da aurora?

Na primeira edição que d'esta Memoria sahio em 1847, fomos écho da seguinte explicação :

Dizia-se que tendo o almirante conde de S. Vicente particular affeição a uma formosa esteireira, que se agradára do mestre de campo Leonardo Teixeira Homem, este, ao dirigir-se uma noite para casa d'ella, fôra traspassado por um florete na travessa da Espera; que a indignação geral tomára grande corpo, obrigando o

conde a evadir-se precipitadamente para Hespanha; e que todas as noites apparecião pasquins, clamando vingança, taes como este, attribuido a Bocage, que da columna do Pelourinho se arrancou, uma madrugada:

Está bello e excellente
P'ra o conde de S. Vicente.

Foi mister satisfazer a opinião; e correm impressos o processo e a sentença de absolvição ao conde. Por esta occasião, se refere, compôz Bocage cinco escandalosos sonetos, que andarão por todas as mãos, excitando iras aristocraticas e omnipotentes, a ser verdade, como se julgava, que o proprio conde tinha licença ampla para degradar vassallos; que finalmente foi para evitar as consequencias, que o poeta decidio evadir-se, a toda a pressa, para climas remotos [1].

[1] Accrescentamos que possuiamos tres dos incriminados sonetos, dous dos quaes improprios para o prelo; que davamos porém, com as indispensaveis reticencias, mas exacto, um que fôra publicado, ininteligivel, na *Collecção das Satyricas de Bocage*, feita por Couto; e era o seguinte:

Pariste umbando de c...s ladinos,
O' São Vicente, sem gemer co'as dôres;
E n'esta p....l corja de tambores
Tens um s....o de c....s indinos,

Reges dos vastos mares os destinos,
Por sábias leis, decretos sup'riores!
Devendo ser menino entre os doutores,
Ficas sendo doutor entre os meninos.

Mil esteireiras tens. Está a manha
Em conserval-as, sem com mão impía
Dar ao mestre de campo morte estranha.

Se fazes outra, temos romaria:
Tu partes de Lisboa para Hespanha,
Elles do Arsenal p'ra a Casa Pia.

Para entender estes versos, cumpre saber que este almirante foi o insti-

Fez-nos o respeitavel sr. Luiz Augusto Rebello da Silva a honra de vestir esta minha Memoria com as galas do seu primoroso estylo, publicando-a em tres edições: no *Panorama*, na *Collecção geral das obras de Bocage*, e em volume avulso, com os typos da academia. Rarissimas são as alterações que o distincto escriptor fez ao nosso opusculo; porém é este um dos lugares em que se dá uma mudança. Diz-nos que, em 1785, na idade de dezenove para vinte annos, estava Bocage com o posto de tenente de infantaria, e em vesperas de partir para a India; item, que o Sr. Innocencio Fez ponderar que o [illegible] de S. Vicente era do anno de 1776; e que Bocage [illegible] viera para Lisboa em 1782, tendo antes dito que Bocage nascêra em 1766.

Com a devida venia, observaremos que não é exacto ter ido Bocage para a India em 1785, pois foi em 1786; que tambem o não é, ter ido no posto de tenente de infantaria, pois foi como simples guarda-marinha; que Bocage não veio para Lisboa em 1782, e sim em 1779, se chegou de quatorze annos; e, finalmente, que não nasceu em 1766, mas em 1765.

Feitas estas rectificações, só fica de pé a observação do Sr. Innocencio. Impossibilitado, no Rio de Janeiro, de verificar se não haverá alguma circumstancia que deva levar-se em conta, e costumado a prestar veneração á

tuidor da academia dos guardas da marinha, a qual dirigio muito tempo, desfavorecendo-o a opinião publica com imputações que devemos calar.

O que d'elle sabemos é que, homem illustrado e laboriosissimo, deixou, do seu proprio punho, 16 volumes in-folio, escriptos um cada anno, sobre materias relativas á marinha e á academia; manuscripto, que foi comprado ao conde filho por Joaquim Francisco Monteiro de Campos, que o deu a Manuel José Maria da Costa e Sá.

profundidade e consciencia dos trabalhos do Sr. Innocencio, diremos que o seu argumento das datas nos parece victorioso: se o facto da esteireira é de 1776, a esse tempo tinha Bocage onze annos, estava em Setubal, e não podia ser isso causal de uma resolução só verificada dez annos depois.

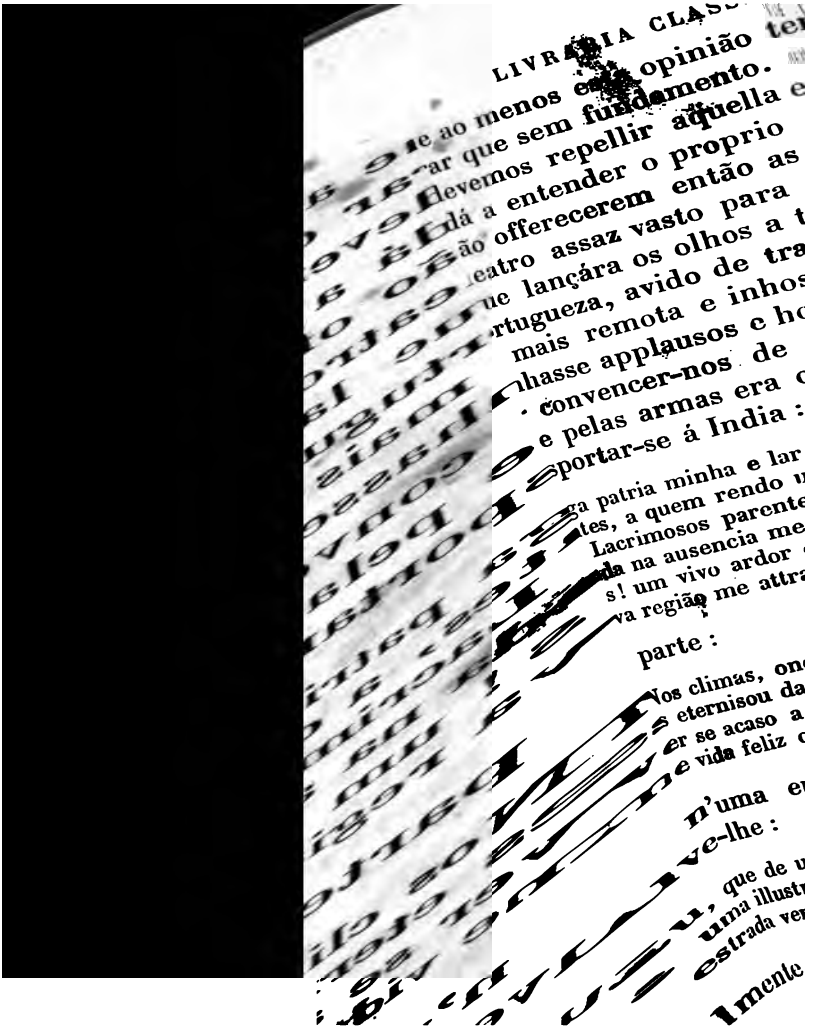
Assim lealmente confessado este ponto, só nos resta exprimir sorpresa de tal anachronismo! São graves as seguintes circumstancias.

Dezoito annos decorrêrão já sobre a publicação da nossa [illegible]; desapparecêrão-nos com viagens e mudanças [illegible]rosas todos os nossos antigos apontamentos, [illegible] memoria nem sempre nos obedece com firmeza. O certo porém é que nós não houveramos affirmado o facto tão peremptoriamente, se elle nos não tivesse sido attestado por algum amigo intimo do poeta.

Accresce que A. M. do Couto, que cultivou relações com Bocage, e apenas este falleceu foi autor da sua primeira biographia, que depois reimprimio, seguida de varias poesias satyricas ineditas, deu, á pagina 24, o soneto *Pariste um bando*, e accrescenta todos estes dados: que este soneto era de Bocage; que foi por elle composto, na idade de dezesete annos, sendo guarda-marinha; que o caso (do filho) da esteireira é comprido; que ha [illegible] soneto (de Bocage) do mesmo jaez, que a decencia [illegible]ca manda calar.

Lê-se igualmente o seguinte, na *Nouvelle Biographie Universelle*: « L'inimitié du comte de Saint-Vincent lui ferma bientôt cette carrière (celle de la marine), et ce ministre lui fit expier par l'exil une saillie que le jeune poëte s'était permise à son égard. »

Não iremos mais longe, pois só temos aqui em vista



a *Historia de*

ido a Bocage.
Isamão. Em
oda a appa-
o de um de
rs, pag. 95,
feito a um

o, um dos
ra, ouvímos
s tem sido
, onde ella

levada po-
itado para
natural, e

mostra que ao menos esta opinião tem grassado, sendo para admirar que sem fundamento.

Se pois devemos repellir aquella explicação, acceitemos a que nos dá a entender o proprio Bocage, dizendo que fôra por não offerecerem então as armas no continente europêo theatro assaz vasto para o seu insaciavel ardor de fama, que lançára os olhos a todos os pontos da monarchia portugueza, avido de transportar-se a qualquer região, por mais remota e inhospita, onde, em bellicas fadigas, ganhasse applausos e honra. Esforça-se, em seus versos, por convencer-nos de que o desejo ardente de distinguir-se pelas armas era o unico impulso que o movêra a transportar-se á India:

Amiga patria minha e lar paterno!
Penates, a quem rendo um culto interno!
Lacrimosos parentes,
[illegible] na ausencia me estareis presentes!
Adeos! um vivo ardor de nome e fama
A nova região me attrahe, me chama!

E n'outra parte:

Nos climas, onde a guerra
Heróes eternisou da lysia terra,
Vou ver se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada.

Tambem n'uma epistola, figurando que Adamastor lhe falla, ouve-lhe:

Ó tu, que de uma vã caduca fama,
De uma illustre chimera ambicioso,
A estrada vens saber do afouto Gama!

É igualmente para aqui transcrever um mimoso soneto:

Eu me ausento de ti, meu rio Sado,
Lusa corrente, deleitosa margem,
Em cuja praia o nome de Philena
Mil vezes tenho escripto e mil beijado.

Nunca mais me verás, entre meu gado,
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado.

Devo emfim manejar, por lei da sorte,
Cajados não, mortiferos alfanges,
Nos campos do colerico Mavorte;

Talvez, entre impavidas phalanges,
Trofeumunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

Sempre a gloria militar conservou grandes encantos para Bocage, o qual mais tarde ainda fallava d'ella apaixonadamente, e até de suas bellicas aspirações. Assim, concluia com estes versos um soneto á memoria do guarda-marinha Palhares, morto no combate d'Argel:

Na dura, marcial, honrosa lida,
Entre os braços da gloria heroico e forte,
Recebeste a cruel, mortal ferida.

Ah! que inveja me faz a tua sorte!
É viver como eu vivo infausta vida,
É morrer como tu ditosa morte.

Tambem é curioso notar que todas as suas poesias de indole patriotica têm o fito constantemente na India, comquanto muitos brilhantes successos da nossa historia pudessem chamar-lhe a attenção para outras direcções; o que prova que, em todo o sentido, aquellas regiões orientaes forão sempre a sua idéa fixa.

Supponhamos pois que a resolução de Bocage nascesse da natural volubilidade do seu caracter, e do desejo ardente de contemplar o esplendido theatro de nossas mais romanas glorias. É verdade que, n'uma epistola dirigida, no Rio de Janeiro, ao vice-rei do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Souza, parece indicar que, por algum outro movel, ia, arrancado dos braços paternos, e quasi forçado:

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia de soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos lugares,
Onde talvez que me apparelhe a sorte,
Depois de infausta vida, infausta morte.

. . . . . .

Surdo o fado a meus ais e a minhas magoas,
Que o ameno paiz *me quer distante*;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o valido gigante.

É completa ficção theatral e poetica o motivo que o insigne dramaturgo e nosso bom amigo Mendes Leal aventou para esta partida do poeta, no drama com que ha poucos mezes alvoroçou o mundo litterario, enriquecendo a scena portugueza, e que, por se referir muito de perto ao assumpto da presente Memoria, não podemos deixar de mencionar.

Os primeiros amores de Bocage é o titulo do ultimo drama do Sr. Mendes Leal, drama que, hoje impresso, os Portuguezes de além e de áquem mar conhecem e admirão; não discursaremos pois sobre um livro de cujo merito já a critica litteraria publicou verdades.

Para a partida de Bocage se finge no enredo d'esta

peça uma causa inteiramente alheia á historia, mas tão galante e com tanta arte motivada, que o espectador perplexo não atina com as raias da verdade para a verosimilhança.

Á obra do Sr. Mendes Leal remettemos o leitor curioso. N'ella achará á farta com que debuxar e colorir em esboço o grande vulto, ainda juvenil e quasi imberbe, d'esse monstruoso talento, evocado pelo não menos arrojado estro do nosso dramaturgo.

Não haverião por certo de perdoar-nos os manes de Bocage, se não commemorassemos em lettras de bronze, na face d'este pobre obelisco erigido á sua memoria, aquella apotheose com que o poeta Mendes Leal celebrou o poeta Bocage, seu confrade nas lettras, seu irmão na gloria [1].

E fosse qual fosse o motivo, o indubitavel é que Bocage tomou esta resolução com apparencia de muita espontaneidade. N'aquellas quadras, a propria expatria-

[1] N'uma carta que sobre o drama do Sr. Mendes Leal, e sua representação no Rio de Janeiro, nos dirigio o esperançoso escriptor fluminense Machado de Assis, se lê ácerca d'este ponto do drama o seguinte bem pensado e elegante paragrapho:

« Veja V. como se houve Mendes Leal no desenlace da comedia. Eu leio na biographia de Bocage escripta por V. que a causa de ausentar-se de Lisboa o poeta foi o receio de que o conde de S. Vicente se vingasse d'elle, por motivo de pasquins que se lhe attribuião, e que lizião respeito a uma morte praticada na travessa da Espera. Nada d'isto se refere na comedia; ahi o motivo da partida para a India é um generoso sacrificio de amor. Pois bem! é com ambas as mãos que eu applaudo este desenlace, tão logico e tão digno da comedia e de Bocage me parece elle! Bocage amava estremecidamente na occasião de deixar Portugal; os versos que então escreveu dão prova d'isso; era elle capaz de um sacrificio? era. E demais, retirando as suas pretenções á filha de D. Felicia, conservava elle a sua cara independencia, e abria diante de si horizontes novos e campo desconhecido. Ahi está Bocage. »

Esta bella carta eu a inserta no nº 196 do *Diario do Rio de Janeiro* de 15 de Agosto de 1865

ção é um brinco, e tudo se faz alegremente, porque o inverno da vida nem se julga possivel; e razão tem o poeta Le Mierre, definindo

La jeunesse au front gai, pour qui tout est printemps.

Na idade dos vinte e um annos requereu pois, e alcançou o decreto de 31 de Janeiro de 1786, pelo qual despachado em guarda-marinha para o Estado da India. O decreto é do teor seguinte:

« Hei por bem fazer mercê a Manoel Maria Barbosa Du Bocage de o nomear guarda-marinha da armada do Estado da India. O conselho ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Samora Corrêa, em trinta e um de Janeiro de mil setecentos e oitenta e seis. — Com a rubrica de Sua Magestade. »

Partio Bocage, com effeito, no mez seguinte, com escala pelo Rio de Janeiro, a bordo da náo de viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena*, sob o commando de José Rodrigues de Magalhães.

Foi-nos communicado o seguinte *inedito*, feito por occasião d'esta partida, e conservado pela familia da senhora a quem foi dirigido:

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,
Teus afagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vêm cahindo.

Eu parto; e vou teu nome repetindo,
Que dê desafogo á magoa dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura,
Áquem dos mares ficarão sentindo.

Mas se me cercão, no cruel transporte,
Quantas furias o barathro vomita,
Se meu mal é peior que a mesma morte,

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder não póde a sorte
Tua imagem riscar d'esta alma afflicta.

Quantos não serião então os poeticos bilhetes de des-[illegible] que elle deixasse ao côro das suas nymphas! [illegible]s um, como exemplo:

Ah! que fazes, Elmano? Ah! não te ausentes
Dos braços de Gertruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?

Um tigre te gerou, se dó não sentes
[illegible]ndo tão consternada e tão saudosa
A Tagide mais linda e mais mimosa;
Ah! que fazes, Elmano? Ah! não te ausentes.

Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias e os monstros do Oceano:

Olha nos labios de Gertruria bella
Como suspira Amor!... Vê, vê, tyranno,
As Graças a chorar nos olhos d'ella!

Parece porém que esta Gertruria era, [illegible]se tempo, a sultana favorita, pois a ella forão não menos dirigidas outras producções que revelão affecto mais profundo. Deverá, em taes assumptos, depositar-se grande fé nas apaixonadas affirmativas de poetas? O alcorão d'elles nol-o revela Ovidio, quando tão ingenuo declara que as suas palavras não são artigos de fé:

Tem de um vate a licença infinda liberdade,
Não se prende em grilhões de historica verdade.

Vós que sabieis,
Crédula gente,
O quanto mente
Qualquer cantor,
E o quanto eu mesmo
Vos fabulei;
Vós me devieis
Ter por suspeito
Quando, co'o peito
Ebrio de amor,
Tão graciosa
Vil-a pintei.

Suppondo que, em tão solemne momento como o da partida para remotissimos climas, não estivesse mentindo cá *este cantor*, nem se puzesse a *fabular*, seria acreditar que a causa da sua peregrinação fosse o nar-se, por façanhas, digno da tal D. Dulcinéa Ger- es. Arregimentando-se no errante esquadrão dos Amadis, quiz merecer a sua dama, *endireitando tortos* por esses mundos, e quixoteando em honra e gloria da namorada. Pelo menos elle assim o affirmou a bella quando lhe bradou:

Por entre a chuva de mortaes pelouros
A nua fronte enriquecer de louros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos desfructar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece.

Faz lembrar o duque d'Alba, dedicando a tencionada conquista de Portugal a uma juvenil formosura, a quem pretendia convencer de que as suas heroicidades devião, no coração d'ella, compensar a sua velhice. Ora, se um duque d'Alba, idoso, grave e severo, fazia d'estas, que admira o imitasse Bocage, mancebo, leve e poeta?! Portanto, se este nos sahiu serio, eis-ahi outro motivo da resolução do vate do Sado; accrescendo que a sua natural e proverbial inconstancia em amores e amizades, em crenças e gostos, bem pode operar no seu animo esse

vivo desejo de [illegible]gens, de locomoção, attrahindo-o em tal caso ás regiões da India, o[illegible], sem prejudicar a sua carr[illegible]a, ia admirar o theatro esplendido dos feitos de nossos avós.

Já muitos erão tam[illegible]m, em tão curta idade, os intimos amigos que Bocage deixava com vivissimas saudades:

Ó vós, que nos altares da amizade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Lis bemfeitor, Andrade prazenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouví um terno adeos de um terno amigo.

E[illegible]is sahido de Lisboa, mas não sem que o coração se lh[illegible]agasse, ao deixar: a patria que tanto amava, parentes de quem era adorado, amores em larga cópia, e um tropel de admiradores do seu talento, já em tão verdes annos patenteado por numerosas producções.

CAPITULO III

Viagem de Bocage. — Saud[illegible]. — Temporal. — Se o poeta naufragou? — Sua estada no Rio de [illegible]. — Chegada a Gôa. — Perde as illusões. — Memorias da patria. — Poesias feitas em Gôa. — [illegible]udencias do poeta. — Odios que aos de Gôa inspirão varias producções injuriosas. — Esperas. — Conjuração contra os Portuguezes abortada. — Não foi D. Frederico Guilherme de Souza o causador da expulsão de Bocage, por causa do poema *Manteigui*. — Não p[illegible]ndo o poeta continuar em Gôa, obtem ser despachado tenente para [illegible]. — Parte, e chegado a Damão, deserta, no dia immediato. — Foge para Macáo. — Poesias ahi compostas. — Regressa para Lisboa. — Bocage e Camões.

Lá vai o poeta sulcando as ondas. Fita os olhos da fantasia no Oriente, nas regiões da aurora, e para lá

corre pressuroso, que é ahi onde os raios do sol dão harmonias a Memnon. Porém as illusões começão logo a desvanecer-se, e a realidade a desmentir ostentações da imaginação. Ainda bem não perdêra dos olhos as margens do Tejo, e já se lhe ião envenenando as pungentes saudades que tinhão de o devorar durante a sua pesada emigração. Conservão-se varias das poesias que a bordo escreveu, por exemplo o soneto em que declara ir-lhe cortando o coração voraz tristeza, e fartando-se n'elle a colera da sorte:

Emquanto os bravos, formidaveis Notos,
Por entre os cabos tremulos zunindo,
O fendente baixel vão sacudindo
A climas, do meu clima tão remotos:

Emquanto de Nereo continuos motos
Nu vacillante pôpa estou sentindo, etc.

Adiante observaremos como Bocage havia por costume, em seus trabalhos, enfermidades ou perigos, invocar contrito o auxilio do Creador de todas as cousas. Assim acontece por occasião de um grande temporal que n'esta viagem lhe ameaçou a existencia, e que motivou dous bellos sonetos.

Ó Deos, ó rei do céo, do mar, da terra,
Pois só me restão lagrimas, clamores,
Suspende os teus horrisonos furores,
O corisco, o trovão que tudo aterra!

Nos subterraneos carceres encerra
Os procellosos monstros berradores,
Que, enchendo os ares d'infernaes vapores,
Parece que entre si travárão guerra.

Para nós, compassivo, os [illegible] lança!

Perdôa ao frouxo lenho! attende ao pranto
Dos tristes, que em ti poem sua esperança!

As densas trevas despedaça o manto!
Faze, em signal de proxima mudança,
Brilhar no ethereo tope o lume santo!

Fôra o seguinte admiravel hymno uma das mais formosas cousas escriptas em portuguez, se, melhorado o final, se houvesse attendido á regra horaciana: *Primo ne medium, medio ne discrepet imum.*

Filho, espirito e pai, tres e um sómente,
Que extrahiste do cahos, do pó, do nada,
O sol dourado, a lua prateada,
O racional e irracional vivente;

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada;
Grão ser, de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente;

Tu que, se queres, furacão violento,
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas e subjugas n'um momento;

Creador, que remiste a creatura,
Quebra o furor do tumido elemento,
Que nos abre no inferno a sepultura!

É da mesma viagem o soneto que principia:

Por fôfos escarcéos arremessado,
Ora aos abysmos, ora ao firmamento,
Escutando o furor e o som violento
Do rispido Aquilão, de Noto irado, etc.

Tambem na epistola dirigida de Gôa a Gertruria ha uma rapida e formosa descripção d'esse temporal.

E por esta occasião diremos que alguns, provavelmente para augmentarem as parecenças de Bocage com Camões, pretendem que tambem aquelle naufragára, salvando a nado os versos, e accrescentão ignorar-se se este naufragio foi á ida ou á volta, suspeitando outros que o de Camões fosse lá mesmo na India.

Costa e Silva, depois de asseverar inexactamente ter Bocage sido promovido ao posto de tenente de infantaria de Gôa, accrescenta: « Fez a viagem de Macáo, em que naufragou como o grande Camões, e salvou a nado parte das poesias que compoem o seu primeiro tomo, como o antigo poeta salvára a sua *Lusiada*. » Não temos base para confirmar tal asserção, antes romance, com que ao autor do *Ensaio* prouve adornar o seu livro. Nem por outra qualquer via a ouvímos boquejar sequer; sendo certissimo que para Bocage, de si blasonador e avesado a memorar-se, aqui, alli, não passaria assim despercebida uma circumstancia que do seu ponto de vista mais o achegasse, pelo parentesco das coincidencias, ao grande e tão seu Luiz de Camões. O que é verdade é que nem um só verso de Bocage póde servir de prova a tal balela.

O navio que conduzia Bocage tocou por escala no Rio de Janeiro, onde, avaliando-o por uma epistola de que abaixo fallaremos, obteve tambem promptamente largo circulo de relações, e até de conquistas. Era a esse tempo o nunca esquecido Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa de Castello-Melhor, vice-rei do Brasil, onde Bocage travou com elle amizade que depois de annos se arraigou em Lisboa. N'uma epistola, dirigida a este fidalgo, diz o poeta:

Vasconcellos, que ainda,
Na dilatada America opulenta,

Pela intacta justiça,
Pela terna saudade é suspirado;
Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, ó musa! honrou teu canto
Lá na tepida margem
Do tepido Janeiro, que a cerulea
Gottejante cabeça
Tantas vezes alçou da vitrea gruta
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das madidas Nereidas.

D'onde se conclue que Bocage poetou muito emquanto se conservou no Rio; mas não se sabe de poesia alguma d'esse periodo. Fomos informados por um sabio brasileiro, o Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes, o qual das cousas portuguezas conhece mais e melhor do que a maioria dos nossos conterraneos, ter Bocage, no breve tempo que se demorou no Rio, pousado na rua das Violas, no quarteirão que fica entre esta rua e a de S. Joaquim, no lugar denominado *Ilha secca*. Minucia que aos curiosos muito póde interessar.

Chegado a Gôa, a 29 de Outubro de 1786, recusou madrasta sorte proporcionar a Bocage ensejo de colher os louros com que sonhára, e que de tão longes terras o havião, segundo affirmava, arrastado até o berço do sol. Se o fado lhe destinava uma corôa, n'outros campos a tinha de conquistar.

Onde pois esperára a fortuna, vio peiorar-se-lhe o fado. Valor marcial, não tinha em que empregal-o. Laureis poeticos, não havia mãos que lh'os tecessem, em terra de getas, onde bradava, como o outro expatriado: *Barbarus hîc ego sum, quia non intelligor ulli!*

Sejão prova estes versos:

Já por barbaros climas entranhado,

Já por mares inhospitos vagante,
Victima triste da fortuna errante,
Té dos mais despreziveis desprezado:

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pallido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante,
A magoa de morrer expatriado!

E est'outros:

Aqui sinto crescer minha amargura:
Aqui, pela saudade envenenado,
Como espectro acompanha a noite escura:

Aqui ninguem me attende, ó negro fado!
Nem Deoses, nem mortaes, ninguem me attende...
Tão molesto se faz um desgraçado!

Sou qual febricitante, que, sedento,
Em libar fresca taça allivio goza,
Afagando com ella o soffrimento.

Em menor gráo, mas ainda com vivas côres, pintára, sempre que lá poetou, a insoffrida saudade da patria:

Musa chorosa, que por terra estranha,
Tão longe de teu patrio ninho amado,
Andas errante, suspirando ao lado
Da saudade fiel que te acompanha,
Do chão, onde a lançaste, a lyra apanha!

e n'outra elegia:

Por isso agora, afflicto e vagabundo,
Estranho tanto o mal; por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo.

Todavia é certo que nem todos os contemporaneos de *Bocage* em Gôa parecião getas. Era desembargador d'essa

relação Sebastião José Ferreira Barroso, distincto cultor da sciencia e das lettras, traductor das *Metamorphoses*, autor de um poema epico de que era heróe *Affonso d'Albuquerque*, e de outras obras, e amigo de Filinto e Alfeno. O caso que Bocage fazia d'este sabio poeta manifesta-se no seguinte soneto, que em Gôa lhe dirigio, dedicando-lhe o idyllio piscatorio intitulado *As Tagides:*

Nem só commove o tom de *altos cantores*,
Enternece tambem, tambem recreia,
Ao som de crystallina e tarda veia,
A rude e baixa voz dos pescadores.

Tu pois, cujo pincel produz mil flôres
Dos campos que Hippocrene aformoseia,
Queixumes contra Armia e Dinopêa
Ouve a seus desgraçados amadores.

Ais que derão no Tejo aqui voárão,
Depois de serem lá desattendidos
Das Tagides crueis que os motivárão;

Agora vão parar nos teus ouvidos;
E n'elles com razão, Sebastio, parão,
Que não te enojas de escutar gemidos.

Pungia-o a constante saudade da patria; adivinhamol-o; e mas que o não adivinhassemos, os seus versos nol-o revelarião:

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da patria, longe da ventura,
Minhas faces com lagrimas inundo!

E d'estes espinhos da alma nenhuns se lhe cravavão mais fundo que as reminiscencias dos amores deixados na Europa, e d'esses dias placidos então trocados pelos

de borrascosas viagens e saudades cruciantes, como se collige do soneto que principia :

Olhos suaves, que em suaves dias...

impresso á pag. 4 do 1° tomo dos excellentes.

Não penseis todavia que os *sanctuarios de amor* fossem privilegio das Lisbonenses, e que o foragido em mais parte nenhuma além do Tejo encontrasse *olhos suaves*.

Pobre Gertrudes, de Portugal! A sua imagem era atacada violentamente em todas as terras onde o cavalleiro andante punha pés. Parecia uma conjuração. Chegando ao Rio de Janeiro, em viagem para Gôa, foi-o acommettido por uma ninhada de amores novos. De todos blasona ter logrado completa victoria, fortalecido das recordações da sua Lisbonense. Elle que vol-o diga; escutai-o :

Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura;

Alli, como nas margens de Ulyssêa,
Prendendo corações brincavão, rião
Os filhinhos gentis de Cytherêa.

Mil graças, que a vangloria trocarião
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumião!

Eis olhão como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá com que resista.

Este combate a gloria me accrescenta.
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa horrisona tormenta.

Se porém as Fluminenses forão todas repellidas com

perda, ou não, e até mesmo se as iniciativas provinhão d'ellas, é ponto escabroso de decidir, e *adhuc sub judice lis est.* Difficuldade da conquista! fidelidade e constancia de Bocage! *pictoribus atque poetis quidlibet audendi.* Em troca damos pleno credito ás suas relações com as taes *mil graças.*

Muito mais ditosas forão as formosas filhas de Gôa; essas virão o Bocage inteiramente Bocage, inteiramente borboleta, convicto e indefesso Anacreonte volitando de flor em flôr.

Quereis sorprendêl-o com Anarda? ouví :

Alterosas fructiferas palmeiras,
Vós que na gloria equivaleis aos louros...
Escutai meus tormentos, meus queixumes,
Meus venenosos, infernaes ciumes...
Alli de uns labios onde as Graças brincão
Ouvi suspiros, grangeei favores,
Alli me disse Anarda o que eu não digo...
Novas campinas testemunhas forão
De nova gloria, de maior ventura,
Tal que julguei, logrando-a, que sonhava.

Mas a conquista nova, gloriosa e celeste, não parece ter sido trabalho de Hercules, pois que os taes labios brincavão para quem queria, e quem queria lhes ouvia suspiros e grangeava favores, e até em muito mais larga escala que a do desditoso Manoel Maria :

Anarda, Anarda perfida, teus olhos,
Onde amor traz escripta a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gozados!
Tu não foges de mim, tu não te esquivas
D'estes olhos que em ti captivos andão.
Mas ah! não é só minha esta ventura;
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento

Teus olhos inconstantes
Acarinhão sem pejo a dous amantes.

Á mesma, e no mesmo sentido, foi dirigida ainda a canção *O Delirio amoroso*.

É tambem feito em Gôa o idyllio piscatorio, dedicado a Lenia, no qual se lê :

. . . . . o infeliz que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira
. . . . . .

e aqui, falando Elmano de si mesmo, reconhece que em Portugal era elle outra qualidade de poeta :

Lá, sobre lindas flôres que meneia
Sadia viração, cantei mil versos,
Mil versos de que tinha a mente cheia.
Trabalhos, afflicções, fados adversos,
A melodia, a graça me apoucárão
Em climas do meu clima tão diversos.

opinião esta com que de nenhum modo se conforma J. Agostinho de Macedo, pois na virulenta satyra que fulminou contra Bocage, declara que as poesias compostas por este na India são preferiveis a tudo mais que depois produzio :

Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons : é doce, é terno,
Delicado é tambem quanto cantaste
Aonde o berço tem nascido o dia.

Foi ainda em Gôa que Bocage escreveu o idyllio maritimo *A Nereida*, que parece ser uma formosa allegoria. Essa poesia mimosa, e perfeitamente versificada, tem um particular sabor bucolico, e imita em varios trechos o

original que sem duvida tinha o poeta ante os olhos : Virgilio, se é que não Theocrito. Segundo as tradições do genero, Alicuto deve ser, como acima bosquejámos, o proprio Bocage, e Glaura alguma das menos Anarda e menos Lucina que as outras. Eis o idyllio :

A foz do Mandovi, sereno e brando,
Alicuto infeliz estava um dia,
Amorosos queixumes espalhando :

Alicuto, o maritimo, que ardia
Por Glaura, das Nereidas a mais bella,
Que em vitrea lapa sem pezar o ouvia.

Doudo pela não ver, doudo por vêl-a,
E nas algosas pedras debruçado,
Bradava d'esta sorte alli por ella :

« Tanto, ó Glaura cruel, te desagrado,
« Que não deixas por mim, nem um momento,
« As crespas ondas, o licor salgado!

« Olha que em ais e em lagrimas o alento
« Me vai fugindo, que a mordaz saudade
« Me róe continuamente o soffrimento :

« Olha que lá me tens a liberdade,
« E que mais te não peço em recompensa,
« Que um ar benigno, uns longes de piedade.

« É digno tanto amor de tanta offensa?
« Ah! Que me faz odioso? A má figura?
« O pé gretado, a pallida presença?

« Queres só quem te iguale em formosura :
« Pois sabe, que jámais verás objecto,
« Que possa merecer tua ternura.

« Não devo á natureza um grato aspecto,
« É verdade : o meu merito consiste
« N'um claro entendimento, e puro affecto.

« Se a compasso da lyra o verso triste
« Entôo alguma vez, ao som canoro
« Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste :

« Que provas mais fieis de que te adoro,
« Que este incansavel pranto? E finalmente,
« Do meu mister que requisito ignoro?

« Na manobra quem é mais diligente
« Que eu? Quem sabe deitar melhor o prumo?
« Quem no leme e n'agulha é mais sciente?

« A carga no porão com regra arrumo,
« Sei pôr á capa, sei mandar á via,
« Como qualquer piloto, e dar o rumo :

« Sei como hei de correr com travessia,
« E pela balestilha, ou pelo outante
« Achar a latitude ao meio-dia :

« Sei qual estrella é fixa, e qual errante;
« A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Náo conheço,
« E Orion, tão fatal ao navegante.

« Talvez muito vaidoso te pareço;
« Mas devo assim fallar, para que vejas
« Que teus desdens, ó nympha, não mereço;

« E se o que digo é pouco, e mais desejas,
« Irei, pois, outros meritos ganhando,
« Até que tu de mim contente estejas :

« Tentarei, por fazer teu genio brando,
« Nunca tentados, nunca vistos mares,
« Os meus antepassados imitando;

« E agora, se teus olhos singulares
« Fazeres á flôr d'agua um só minuto,
« Dando-me allivio, serenando os ares :

« Quero fazer-te um mimo... Ai! Já te escuto,
« Ouço-te já dizer, que não cobiças
« Donativos do misero Alicuto;

« Mas apezar de tantas injustiças,
« Hei de cada vez mais mostrar-te o fogo
« Que tu com teu rigor n'esta alma atiças.

« Ah! Vem, Nereida, amanse-te o meu rogo:
« Se te enoja o fallar, e estar comigo,
« Não falles, apparece, e vai-te logo.

« Topámos ha tres dias o inimigo
« N'altura de Chaúl; travámos guerra,
« Sentio do Portuguez o esforço antigo;

« Foi-me uma presa, repartio-se em terra
« Inda agora: o quinhão, que lá me derão,
« Este pintado cofrezinho encerra.

« Nas mãos um collar de ouro me puzerão
« Sobre aljofares mil: vi que, por bello,
« Do teu collo e teus pulsos dignos erão.

« O mesmo foi pegar-lhes, que trazêl-os
« Para offertar-t'os: vem (não é desdouro),
« Vem aceital-os, ou, sequer, vem vêl-os;

« Mas que precisas tu, se és um thesouro,
« Se tens mais lindas perolas na boca,
« Se tens ouro melhor nas tranças de ouro!

« Loucas idéas! Esperança louca!
« Louco amor! E off'reci com voz ousada
« A filha de Nerêo cousa tão pouca!

« Mas se nem alma tão fiel te agrada,
« Um pobre, ó Glaura, um triste marinheiro
« Que mais te ha de off'recer? Não tem mais nada.

« Já te entendo (ai de mim!) Bem sei, prin
« Qual Glauco irei vagar no pégo vasto
« Sobre as espaldas de delphim ligeiro;

« Pelo embate das ondas será gasto
« Do soberbo Neptuno o gran tridente,
« *E os palmares* ás phocas darão pasto;

« Lá no opposto horizonte do occidente
« O dia apontará, primeiro (ah! dura!)
« Que tu me attendas uma vez sómente.

« Eu que fiz, miseravel! Por ventura
« Amor é crime? Para ser querida
« Não creou Jove eterno a formosura?

« A que foi, como eu fui, no mar nascida,
« Por vencer Juno e Pallas na belleza,
« Mais que Pallas e Juno é applaudida.

« Porém se ainda assim suppões vileza
« Soffreres que um mortal se afoute a amar-te,
« Sendo tu de mais alta natureza;

« E se leve a mal o importunar-te
« Com ais do coração desesperado,
« Tyranna, porque tardas em vingar-te?

« Pune, pune o meu amor desatinado;
« Eu não fujo, aqui estou; das ondas saia
« Tragador jacaré, por ti mandado.

« Sobre mim de repente o monstro caia:
« Folgarás, vendo o sangue de meu peito
« Ás golfadas saltar, tingindo a praia;

« E eu morrerei contente e satisfeito
« Por escapar de estado tão penoso,
« E inda mais por morrer por teu respeito.

« Só têmo que o meu caso lastimoso,
« O deploravel fim de meus amores,
« Faça teu nome a todos horroroso. »

Proseguiria o triste em vãos clamores,
Mas vio que para alli vinhão remando
Nos lyricos sadós os pescadores,

E ficou mudo, para o mar olhando.

Porém outras muitas damas de Gôa forão ainda victi-

mas da paixão hydrophobica de Manoel Maria, que, apenas a mais leve suspeita o agitava, derribava instantaneamente o idolo do altar, arrastando-o á *cloaca maxima*.

Quando o ciume, com razão ou sem ella, o aguilhoava, não havia respeito humano que o detivesse.

Não sabemos quem foi uma pobre Alcina, que lhe cahio a talho de fouce, mas á pag. 151 do 1° tomo dos excerptos demos, no soneto que começa :

Igual ingratidão e igual vileza.....

uma amostra do modo como erão tratadas, terna e delicadamente, as formosas sobre quem as suas suspeitas tivessem a desgraça de recahir.

E todavia logo, acto continuo, se punha a escrever á Gertruria, de Lisboa, a epistola :

Cá do pé das gangeticas ribeiras.....

que se lê á pag. 46 do 1° tomo dos excerptos de Bocage, curiosa pelos protestos de inalteravel constancia.

Não contente com a irregularidade do procedimento para com as senhoras de Gôa, já cortejando-as sem distincção de estado, já desamparando-as, já tornando-as alvo de satyras ferinas, duplicou ainda imprudencias.

Tinha já por insupportavel a sua permanencia na India : penuria cada dia crescente, solidão intellectual, saudades da patria, tudo lhe azedava o espirito, e o fazia disparar ás cegas contra os preconceitos e a philaucia de uma terra enfatuada, o que lhe accrescentou cada vez mais o exercito dos inimigos. O nosso atrabiliario militar não perdia o costume de atiçar o fogo com a ponta da espada. D'essas satyras alguns sonetos se salvárão, como por exemplo os seguintes :

En vim c'rosar em ti minhas desgraças,
Bem cômo Ovidio misero entre os getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estupórada mãi de gentes baças!

Tens filhos, antes cães, de muitas raças
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vêm, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças[1].

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, môrdachins[2] em demasia,
De que escapamos a poder de tratos;

Mas a tua peior epidemia,
O mal que em todos dá, que produz flatos,
É a vã, negregada senhoria!

Lusos heróes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,
Surgi! vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas...
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
Que ellas culpa não têm; têm mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens tremulo respeite.

Vão para as varzeas! leve-os o diabo!
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diametro do.....

Das terras a peior tu és, ó Gôa;
Tu pareces mais ermo que cidade;

[1] Na India usava-se de ostras nas janellas, em vez de vidros.
[2] *Indigestão* que se cura apertando muito o corpo com uma precinta.

Mas alojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

A chusma de teus incolas pregôa
Que excede o Grão Senhor na qualidade;
Tudo quer senhoria: o proprio frade
Allega, [illegible] tel-a, o jus da c'rôa.

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata
Em cruzes, com que d'antes te benzias,
Foge a teus infanções de bolsa chata.

Oh! que feliz e esplendida serias
Se algum fusco Merlin, que faz bagata[1],
Te alborçasse a pardaos[2] as senhorias!

Não menos podem ler-se os tres sonetos que demos no tomo 1°, pag. 42 a 44, e que principião

Cala a boca, satyrico poeta.....
Tu, Gôa, *in illo tempore* cidade.....
Quer ver uma perdiz chocar um rato.....

Facil se comprehende pois que o odio inspirado por Bocage era já chegado em Gôa a extremos de exaltação: e por tão graves imprudencias teve elle de evadir-se a esperas, destinadas a pôr-lhe termo á existencia, como se vê de varios trechos, por exemplo:

Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico occidente,
Viver com tigres, habitar palmares;

Aqui vago em perpetuo labyrintho,
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto.

[1] Feitiços, ou petas, attribuidas aos gentios da India.
[2] Dinheiro, cujo valor é quasi 200 réis.

A estas inclemencias se juntou o caso da conjuração, de que elle, como todos os Portuguezes, devia ser victima, e que foi descoberta após uma sua molestia longa, relatada n'uma epistola a Sebastião Xavier Botelho, onde se lê o seguinte :

Lethal doença
Do barathro surgio; veio intimar-me
A antiga, universal, crua sentença;

Podres fauces abrio para tragar-me,
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pesar, me quer servir-me.

Eis que perfida mão cabal ruina,
Sepultando o dever no esquecimento,
A todos nos prepara e nos destina.

Rasgado o peito com um punhal cruento,
Ia bater o teu ditoso amigo,
Qual victima innocente, ao movimento.

Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Credor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente brachmane inquieta,
Que amaldiçôa o jugo lusitano,

Contra nós apontava a mortal setta!
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa e recta!

Desenvolveu-se o crime! Inda respiro,
E já déstes, ó réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.

Já dissemos que a primeira edição d'esta nossa Memoria logrou a boa fortuna de induzir o elegante escriptor Sr. L. A. Rebello da Silva a aproveitar todos os documentos e factos n'ella exhibidos, para, revestindo tudo da

sua linguagem, enriquecer a litteratura com um estudo biographico-critico. Comquanto sejão frequentes e brilhantes as ampliações do respeitavel academico, não podemos divergir nas bases, pois que elle adoptou quasi sempre as que tinhamos dado ao publico.

Aqui porém, recorrendo o Sr. Rebello a outra fonte, reproduzio uma tradição, que nós haviamos, após exame, repellido. Exprimio-se assim, depois de variar o que dissemos no tomo XXII da *Livraria classica*, pag. 32, 35, 37, 38, 40:

« Dando baixa do serviço militar, por motivos pouco averiguados, sahio de Gôa, e emprehendeu uma viagem, em que alguns biographos virão só a inclinação de visitar os sitios mais famosos da conquista; e outros a obediencia ás ordens do governo, e uma deportação forçada. A ultima conjectura é a que se figura mais provavel, attentas as circumstancias em que se tinha collocado. Não contente com o rancor dos habitantes, suppliciados nos seus versos, a indole irascivel e as propensões satyricas de Elmano levárão-o a pôr o alvo dos seus tiros na pessoa do capitão-general D. Frederico Guilherme de Souza, ferindo-o no lado mais sensivel com o poema obsceno *A Manteigui*. Esta injuria atroz contra a amante do governador, conhecido o genio vingativo d'este, não parece possivel que ficasse impune; por isso não será nada temerario attribuir a sahida de Gôa a uma causa tão natural. »

Nunca havia sido indicada boa fonte onde esta tradição fosse bebida, e antes muitas circumstancias tornavão a affirmação inverosimil. Hoje porém basta confrontar as datas para reconhecer que tal versão carece de fundamento. No *Archivo universal*, 4° vol., n° 20, apparecem alguns assentos, extrahidos de livros da India pelo Sr. Fi-

lippe Nery Xavier, e sirvão as suas proprias palavras de refutação do antigo boato :

« D. Frederico Guilherme de Souza, nomeado governador e capitão-general d'este Estado em 18 de Março de 1778, tomou posse em 26 de Maio de 1779, e largou o governo em 3 de Novembro de 1786, ao seu successor Francisco da Cunha e Menezes, chegado no dia 28 de Outubro antecedente, e em seguida foi visitar as praças do norte e Surrate, d'onde voltando se embarcou para Portugal em Fevereiro de 1787. Bocage chegou a Gôa no dia 29 do referido mez de Outubro, e encontrou a D. Frederico no governo do Estado apenas quatro dias; esse tempo não era de certo bastante para adquirir conhecimento necessario da paixão do governador, e de suas particularidades, e fazer o poema satyrico *A Manteigui*, e d'est'arte provocar as iras do amante; tendo elle, durante os referidos dias, de tratar do seu desembarque e alojamento em terra estranha, e falta de hospedarias, e no meio de festejo geral, e costumado, pela chegada das náos de viagem, e n'essa occasião ainda maior com a vinda do novo governador. Além d'isso a residencia do poeta em Gôa, e a sua promoção para Damão, deixa ver que D. Frederico não concorreu para a sua sahida d'este Estado. »

Do poema torpe a que se allude, é heroina uma mulher formosissima, nascida em Damão, mas casada em Gôa, e não obstante pouco morigerada. Em todo o poema, só se falla da mulher, do marido e do amante; apenas um verso allude a outrem :

Nunca mais! Nunca mais!... Ah! D. Fulano.....

Ainda que este *Fulano* seja um pseudonymo com que se *substituisse* o nome do governador, nunca poderia este

ar Frederico, pois estas quatro syllabas não caberião no verso, e antes poderia ser o nome do seu successor *D. Francisco*.

É pois da primeira evidencia que Bocage não foi expulso por D. Frederico, e que é um romance quanto se tem devaneado sobre o desprezivel poema, como causador d'esse desterro.

Affirma Couto que « o clima era opposto ao seu temperamento, e que, por temer novas molestias, voltára com licença a Lisboa, negando-se depois ás armas, cuja vida o desgostava, e lhe era então summamente fastidiosa. »

Nada d'isto affirmamos, e cremos ao contrario que os dissabores e perigos bastárão para arraigar em Bocage contra a gente de Gôa um teiró que lhe era com usura retribuido. A permanencia em semelhante cidade tornára-se-lhe portanto intoleravel, e resolveu sahir d'alli, fosse para onde fosse, e de preferencia para lugar d'onde mais facilmente pudesse realisar o projecto que desde logo concebeu.

Constando-lhe que na praça de Damão vagára um lugar, aproveitou avido o ensejo para exprimir ao governo a sua anciedade de sahir de Gôa, embora para sitio não mais attractivo. O certo é que, em portaria do governador e capitão-general da India, datada aos 25 de Fevereiro de 1789, foi despachado tenente de infantaria da 5ª companhia do regimento de Damão[1].

Depois d'este seu despacho, partio o nosso tenente para

[1] No *Archivo universal*, 4º vol., nº 20, foi publicada essa patente, cuja cópia remettêra, de Gôa, o Sr. Filippe Nery Xavier; n'ella se lê que a nomeação é feita, *attendendo aos serviços e merecimentos do guarda-marinha N.* Os esclarecimentos que damos aqui sobre essas datas da India, etc., são colhidos d'esse curto apontamento do Sr. Xavier, util para o estudo da vida de Bocage, no prazo a que ora nos referimos.

Damão, aos 8 de Março de 1789, na fragata *Sant'Anna*, commandada por Felix José Tinoco da Gama, chegando ao seu destino em 6 de Abril subsequente; e n'esse mesmo dia o governador Antonio Leite de Souza mandou cumprir a sua patente e dar-lhe posse do posto.

Immediatamente depois, isto é, logo no dia 8 de Abril, Bocage, acompanhado do alferes Manoel José Dionysio, que, por crivado de dividas, não podia conservar-se mais em Damão, desertou, fugindo pela *Porta do Campo*, para nunca mais apparecer. Isto tudo consta de uma conta do governador de Damão, datada a 21 de Abril de 1789, e do livro de Damão, dos annos 1786 a 1790.

Fica-se provado que Bocage, exasperado com tantos desgostos, e aterrado com tantos riscos como em Gôa supportou, vio-se acommettido de um accesso de nostalgia e de um ardentissimo desejo de regressar a Portugal. O Sr. Theotonio Xavier de Oliveira Banha, de Setubal, parente de Bocage (e a quem devemos valiosas informações) assevera que a deliberação de Bocage proviera da indignação que lhe causára o haver sido injustamente preterido; mas com a devida venia diremos que nem de tal cousa existe vestigio algum nas suas obras, nem póde ter fundamento, pois até Bocage sahio do serviço exactamente quando acabava de ser promovido, a seu pedido e contento, tendo tirado e feito registrar a sua patente, e jurado, um mez antes.

E porquanto Bocage desappareceu de Damão, poucas horas depois de ahi chegar, sem haver tempo para ser arrastado a esse passo por considerações locaes, provado está que a sua deliberação era já caso pensado em Gôa, onde aceitou a remoção para Damão como um expediente que lhe favoreceria a projectada evasão, facil n'uma praça

de terceira ordem, e de exito perigoso em Gôa, importante residencia do governador e capitão-general da India.

Só se conservou pois em Damão o tempo necessario para aggregar á sua aventurosa expedição um companheiro, mais conhecedor das paragens, e cuja cooperação pudesse tornar a audaz deliberação menos arriscada. O tal alferes endividado preenchia perfeitamente as suas vistas; desertárão juntos.

Vem aqui a proposito reproduzir um soneto, onde Bocage nos relata os motivos que, tornando tão penosa a sua posição em Gôa, o resolvêrão a tamanho extremo:

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde minha negra sina,
Qual o misero vate de Corina,
Nas Poncitanas praias desterrado.

Mais duro fez ao meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina,
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arremessado.

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil; perseguio-me o gran gigante
Que no terrivel promontorio mora.

Por barbaros sertões gemi, vagante...
Falta-me inda peior; falta-me agora
Ver Gertruria nos braços de outro amante.

N'uma nota a este soneto, diz Bocage que alludia n'elle a uma especie de peregrinação que fizera por terras barbaras, onde supportára os horrores da penuria, e esta poesia confirma a nossa versão: foi na margem do Mondovi (rio de Gôa) que elle chorou a sua sina; forão as *calumnias* (?) com que alli o victimárão, causa da sua partida para a China. Já se vê ter a escala por Damão

sido apenas uma facilidade procurada. A peregrinação por terras barbaras e sertões, supportando penuria, e gemendo vagante, allude á sua jornada até Bombaim ou Surrate, d'onde se embarcaria para Macáo.

Confirma-se esta interpretação com outros analogos dizeres de Bocage, por exemplo n'este trecho:

Musa de Elmano, que gyraste afflicta
Por inhospitos mares;
Se a loquaz ignorancia,
Sobre as margens auriferas do Ganges,
Co' um sorriso affrontoso
As vis espaldas te voltou mil vezes;
Se a vasta, a fertil China,
Fôfa d'imaginaria antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te vio com lasso pé vagar mendiga;
Se a mirrada avareza,
Aferrolhando os cofres prenhes de ouro,
Lá onde o sol o gera,
Foi mais dura que o marmore a teus versos...

e ainda n'este lugar:

Miserrimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte feia!

Eil-o finalmente, após tantas fadigas, chegado á velha possessão portugueza na China. Ahi o recolheu em casa o negociante de Gôa Joaquim Pereira d'Almeida, que o apresentou á primeira sociedade de Macáo, onde permanecceu alguns mezes, sendo este Almeida aquelle que, por occasião da morte de seu pai, inspirou a Bocage a delicada elegia:

É todo o mundo um carcere, em que a morte.....

e finda assim :

O' tu, meu bemfeitor, meu caro amigo,
Que, contra o desprazer, no affavel seio
D'alta philosophia achaste abrigo,
De um grato coração, de magoa cheio,
Acolhe o terno, o candido tributo,
Que a musa, gloria minha e meu recreio,
Te offrece, envolta no funereo luto.

Affirma o Sr. Xavier que Bocage, não podendo resistir á indole, compuzera alli varias poesias satyricas, taes como o *Canto da Bêba*, os sonetos da descripção de Macáo, contra os fidalgos macaístas, etc. Tudo isso porém é ainda inedito, e bom serviço prestaria quem désse ao prelo essas producções, sobre acuradas cópias.

N'aquella cidade compôz o soneto a D. Maria de Saldanha de Noronha e Menezes, que principia :

Musa chorosa, que por terra estranha.....

E bem assim a ode, que começa :

Musa, não gemas! Ergue, ó desgraçada.....

ode dirigida áquella fidalga, com o intuito de obter que ella concorresse para facilitar o seu regresso á patria, pois assim falla á musa :

Roga, roga-lhe emfim que te destrua
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua.
Ah! Já te diz que sim! Não mais clamores.
Musa, musa, descansa.
Cantemos o triumpho, ó esperança!

Tambem se achava em Macáo quando alli chegou a

noticia do fallecimento do principe real, o Sr. D. José (irmão mais velho do Sr. D. João VI), que a 20 de Setembro de 1788 succumbio, na idade de vinte e sete annos, a um ataque de bexigas; o que inspirou a Bocage uma sentida elegia, cujo primeiro verso:

Eu vos saudo, ó tumulos annosos.....

allude a um cemiterio de Chins que existe proximo de Macáo, e no qual o poeta se foi pôr a escrever esses versos, lamentando-se por não ter podido em Lisboa acompanhar a dôr geral:

Miserrimo de mim, que em terra alheia,
Cá onde muge o vasto mar da China,
Vagabundo praguejo a morte feia.

Tambem forão então por Bocage dedicados á morte do principe os dous seguintes sonetos:

Louca, cega, illudida humanidade,
Miseravel de ti! Não consideras
Que o barro te gerou? Como que esperas
Evadir-te á geral fatalidade?

Pó, que levanta o sopro da vaidade,
Homem caduco e fragil, não ponderas
Que teus bens, teus brazões, tuas chimeras,
Nenhum valor terão na eternidade?

Ah! volta, volta os olhos mais sisudo;
Alli na magestade aniquilada
Te faz o desengano aviso mudo:

Attenta de José na cinza amada:
Que serás, se elle é já, se ha de ser tudo
Pasto da morte, victima do nada?

José, sangue d'heróes, principe amado,
Nosso bem, nosso pai, nossa alegria,
Tu pela negra mão da morte fria,
Da truculenta morte em flôr cortado!

Tu de nós para sempre desterrado!
Nós sem ti para sempre! Horrivel dia!
Misero povo! Infausta monarchia!
Rigida lei do inexoravel fado!

Aureas, vãs esperanças concebemos...
Eil-as, eil-as em cinzas no jazigo
Com teu rostó adoravel, que perdemos.

Ah! Que é do nosso generoso abrigo?
Que fazemos no mundo, ah! que fazemos,
Que nos não vamos sepultar comtigo?

Era então governador interino de Macáo o desembargador da relação de Gôa, e ouvidor geral do civel, Lazaro da Silva Ferreira, a cujo favor generoso deveu principalmente Bocage a sua restituição á patria; por isso, na viagem (antes que lhe esfriasse a gratidão) lhe dedicou a saphica:

Ao som confuso da celeuma os nautas.....

onde transluz a immensa satisfação de regressar a Portugal:

Eu torno; eu torno, por amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares,
Eu torno; eu torno para vós; ouvio-me
Jupiter alto!
Tudo a ti devo; a gratidão não soffre, etc.

E ao pormos aqui termo á parte da biographia de Bocage, no tocante á sua residencia nas regiões regadas pelo Ganges, *assalta* o espirito a confrontação com outro

grande vulto, em mil sentidos tão parente d'este : Camões!

Ambos Portuguezes, nascidos apenas a seis leguas de distancia; poetas : magniloquos, bucolicos, elegiacos, primorosos na composição de sonetos; soldados; idolatras da patria; perseguidos; pobres; ambiciosos de gloria; amantes; indo militar para a India; lá compondo perigosas satyras; transportando-se a Macáo; correndo grandes riscos; regressando com difficuldade;... e ambos expirando em leito indigente, e ambos dormindo sem lápida, e confundidos perdidos seus restos!

Quanto porém ás satyras a que acabamos de alludir, cumpre apresentar uma reflexão, em honra dos dous poetas : nenhuma d'essas satyras é *pessoal*. Nas satyras indianas de Bocage a censura dos vicios não parece sobrescriptada a individuo algum em particular; nova paridade com Camões, o qual, nos *Disparates na India*, não apontou um só nome. O *Soldado pratico* de Diogo do Couto, e o que este autor contemporaneo delata, na decada V, liv. 1°, cap. 3°, mostra a que estado de corrupção tinhão chegado os Portuguezes na India, e que o poeta era ainda brando censor; os fidalgos de então já não erão mais que os manes dos seus antepassados. Igual justificação tem Bocage a seu favor.

Esta confrontação occorreu ao espirito do poeta do Sádão, como se collige do soneto que principia :

Camões, grande Camões, quão semelhante.....

que demos no tomo I, pagina 30

E é aqui lugar de dizer que Bocage professou maior veneração ao autor dos *Lusiadas*, asseverando que muito

antes lhe aprouvera ser Camões do que Alexandre ou Achilles, como o repetio n'este soneto :

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensanguentado
Leve a rastos sem vida o Teucro forte.

Embora o bravo Macedonio corte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu, de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte.

Invejo-te, Camões, o nome [illegible]so;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyeo raivoso,

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céo de amor, o inferno do ciume.

N'uma ode a José Bersane, indicando-lhe os meios de inspiração para varios generos litterarios, diz :

Para cantar de heróes, que á patria derão
Não cuidadas victorias,
De sangue, de suor, de pó manchados,
Forçando o mar e a terra,
Lê Camões! lê Camões! com elle a mente
Fertilisa, afervora,
Povôa, fortalece, apura, eleva!

Já ao partir para a India elle fallava de Camões d'est'arte :

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gran cantor, por quem de amores
Inda as musas suspirão;
Aquelles mares onde os Gamas virão
Do rebelde horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

A epistola ao vice-rei do Estado do Brasil, Luiz de Vasconcellos e Souza, termina assim:

> Não escapas do assumpto que proclamas,
> Só pertence aos Camões fallar dos Gamas.

N'outra a Cardoso:

> Se o transcendente espirito, que aceso,
> Que absorto em turbilhões de etherea flamma,
> Deu tanto a Lysia e lhe deveu tão pouco;
> Se Camões o immortal não fosse aquelle
> Que aos seus em vão carpio; se achasse o triste
> Risos na sorte, [illegible] na patria;
> Se não curvasse a [illegible]te ao ferreo peso
> De mil tribulações, de mil desastres;
> Se infestos, se crueis, se carrancudos
> O misero, quaes vio, não víra os fados;
> Além da humanidade o vôo alçára.
> Precedendo e seguindo assombro a assombro,
> Em numens convertido o pensamento,
> Feliz qual fôra [illegible]feliz foi tanto
> Da gloria no [illegible]nte os olhos fitos.
> Ufano, sobranceiro á desventura,
> A' baixeza, ao desar com que nas almas
> A servil dependencia engenhos mirra,
> Meneando o pincel, que portentoso
> No véo da eternidade imprime os quadros,
> [illegible]caracter, dá luz, dá vida a tudo,
> Ligára a perfeição co'a fantasia.
> [illegible] féro Adamastor, mais espantoso
> Excedêra o trovão na voz medonha,
> Os membros giganteos occuparião
> [illegible]or espaço do ar, maior da terra;
> Inda mais dilatára a boca enorme,
> Retorcêra inda mais os negros olhos,
> Das procellas horrisonas toldado.
> Nas columnas de neve encantos novos
> E no raro cendal tu, Cypria deosa,
> [illegible] *amorosas* [illegible]es esquiváras,

Sem tolher invasões ao pensamento.
Mais pathetica Ignez, Ignez mais bella,
Entre os penhores seus, entre os filhinhos,
Ou cópia d'ella, ou cópia dos amores,
O despiedado Affonso embrandecêra.

No poema sobre a *Agricultura*, c. 11, diz de Camões:

. . . . . alta musa,
Das Camenas do Tejo honra e saudade.

Paremos aqui. Vemos Bocage regressando á patria, depois de haver consumido vinte e cinco annos da sua idade, percorrido climas remotos, largamente padecido e gozado. Têl-o-ha acaso amestrado a pesada experiencia da vida? Terá elle aprendido a domar tão incorrigiveis tendencias, ou subjugar tão exaltado genio? Ah! mocidade, mocidade! que fada não és tu! Como douras a existencia! Como esqueces e promettes, enganadora! É a mocidade tão formosa e abençoada cousa, que até das recordações estilla deliciosas saudades, para o sufogo da velhice! A experiencia de Bocage para nada lhe valeu, que a leviandade do mancebo, passando esponja sobre os dissabores, fallaz lhe purpureava de prazeres e esperanças o horizonte.

Que pagina lhe reservava o livro do destino? Em seguida o veremos.

CAPITULO IV

Chegada de Bocage a Lisboa. — Jornada a Setubal. — Nova roda de admiradores. — Publicação de suas primeiras obras. — Paga recebida do editor. — Estende-se a reputação de Bocage. — Versos irreligiosos. — Denuncia d'elles ás autoridades, e bem assim de varios outros, já indecentes, já liberaes. — Ordena-se a prisão do poeta.

Em Agosto de 1790[1] pisava de novo Bocage o idolatrado chão da patria; alvoroçado abraçava os amigos de outr'ora; com enthusiasmo repartia o coração por mil novos corações; e não lhe fartavão os olhos de contemplar os sitios testemunhas da sua primeira mocidade.

Tudo então lhe desafiava a musa, ora sentida, ora faceta. Daremos como exemplo o soneto por elle improvisado, quando, ao transportar-se a Setubal, apenas desembarcára, para matar saudades, alli vio n'uma casa varios trastes, que tinhão pertencido á de seus paes, e que o dono liberalmente lhe offereceu; soneto inedito, que de Setubal mesmo nos enviárão, e que nós pela primeira vez publicamos na primeira edição d'este livro.

Trastes sediços, moveis de outra idade,
Dos meus primeiro avô mimo e ventura,
Eu vos saudo, já que a desventura
Tanto respeita a vossa dignidade.

Nem tu me esquecerás, oh! raridade!
Leito, que cerca horrivel bordadura;

[1] Por lapso de memoria, J. Agostinho de Macedo, nas *Considerações mansas*, á pag. 35, diz ter Bocage chegado de Macáo a Lisboa no principio de Agosto de 1791, indo morar para casa d'elle Macedo. Regressou um *anno* antes d'esta data.

Tu, que jaziste, pela Estyge escura,
M..... na cova á mesma eternidade.

Ah! não se atreva braço aventureiro
De incansavel algoz, que o mundo arrasa,
Quebrar dos tempos o brazão primeiro!

Lodge, incendio voraz, que tudo abrasa!
Tenhão meus descendentes, sem dinheiro,
A historia natural sempre de casa.

Reservamos para o lugar competente a narração de varias anecdotas d'esse tempo, assim como trataremos sobre si da renhida guerra da *Nova Arcadia*, a qual principiou logo depois da volta de Bocage á Europa, assumpto este que, bem como o de suas relações com José Agostinho, merece capitulo particular.

Apenas cruzou o Tejo, considerou-se Bocage livre e longe dos seus getas, e esplendidamente rodeado dos seus Romanos. Engrossado o peculio poetico, e tentadas já primeiras armas em algumas pagas pela imprensa, sahio á luz com um volume das suas *Rimas*, impresso na officina de Simão Thadeo Ferreira, e taxado a 7 de Novembro de 1791.

Note-se, porém, que a esse tempo a musa só servia para guiar o genio gloriosamente ao hospital. Simão Thadeo pagou-lhe esta edição por dez moedas! Podia-se chrismar de Simão em Judas, e fazer-se-lhe do appellido *Thadeo, t' a furtou*. Perdão pelo pobre joguete de palavras, foi para abafar uma execração vehemente intempestiva. D'esses Simões Thadeos andão hoje por ahi a rodo; tanto o andassem os Bocages!

Na importante memoria biographica e critica do Sr. José de Torres sobre Nicoláo Tolentino, diz aquelle cavalheiro

que o Sr. Amaral Frazão lhe asseverára ter Tolentino vendido a edição de suas obras, quando ainda na imprensa, por doze mil cruzados, a um collega do poeta, Manoel José Sarmento! Será isto possivel? Se tal succedeu, não actuaria no animo de Sarmento a simples boa vontade de fazer ao seu amigo um mimo delicado? Se porém Tolentino vendia por doze mil cruzados o que a Bocage rendia apenas dez moedas, ha explicação intelligivel para semelhantes differenças?

Mas, em todo o caso, não venhão os estrangeiros lançar em rosto aos Portuguezes este baixo preço dado ao livro de Bocage. A 27 de Abril de 1667 assignou Milton um contracto, vendendo ao impressor Samuel Simmons (pelo primeiro nome e pelos feitos devia ser judêo) por metade das taes dez moedas cinco libras esterlinas) o poema do *Paraiso perdido*: e igual somma após a segunda e terceira edição. Mas não se accuse o bom Samuel de mesquinhez, pois levou sete annos a vender as tres edições, e isso com a pia fraude de alterar o titulo. As segundas cinco libras, ainda Milton recebeu, e depois a familia vendeu por oito a propriedade da obra! Affirma-se que Boileau vendeu, em 1674, o manuscripto do *Lutrin*, por seiscentos francos, ao livreiro Thierry: e Racine, pouco antes, cedêra o seu manuscripto da *Andromaca*, pela terça parte d'esta somma. Parini mostrava hyperbolica exigencia quando pedia a um livreiro veneziano cento e cincoenta sequins pelos tres poemas *Il Mattino*, *Il Mezzogiorno*, *La Sera*. Ahi tendes fórmas para o mesmo pé, na Inglaterra, na França, na Italia; cá e lá más fadas ha. Em tempos modernos, pergunte-se a V. Hugo quanto rendêrão os *Miseraveis*; em tempos antigos, pergunte-se a Virgilio quanto lhe rendeu o episodio *Tu Marcellus*

eris; mas estas cousas varião com as circumstancias e os dias.

Voltemos ao nosso poeta.

Se os versos não rendião metal ao já então Elmano, coroavão-lhe a fronte de louros. A sua reputação de dia a dia se ia exaltando; já o renome do assombroso improvisador subira da extatica admiração das turbas ao attento apreço dos entendidos; já a provação do *scripta manent* lhe fixava cadeira curul no parnaso portuguez. Numerosas *Poesias*, *Elogios poeticos*, a *Eufemia*, e varias composições em verso e prosa, augmentavão quotidianamente o seu thesouro, com applauso dos amigos e inveja dos emulos.

D'est'arte lhe decorrêrão sete annos de vida nomada, gloriosa, independente e dependente, dissipada e de completa incuria quanto ao amanhã.

Avultava entre os defeitos de Bocage o da volubilidade, applicada a todos os gostos e sentimentos. O homem que não passava dia sem render culto a amores novos; que hontem erguêra ás nuvens o que hoje satyrisava; que epigrammava desalmado os medicos, cujo auxilio em suas enfermidades supplicava; que despiedadamente sacrificaria a um bom dito o amigo mais do seu peito; que n'um dia odiava o genero de vida que na vespera ambicionára; que ora incensava os poderosos, ora entoava canções á liberdade; homem assim organisado não podia (por seu mal!) resistir sempre aos ruins impulsos do interior e dos circumstantes. Logo veremos como applausos o fascinarão.

Sem razão se crê geralmente que Bocage era impio. Impio! elle era tão profundamente religioso, que levava a sua fé [illegible] ao fanatismo! Elle, que [illegible]

crença com todo o ardor da sua imaginação! Elle, que se desavinha com o melhor amigo, por este zombar... de uma pratica pueril! Impio! Bocage!...

Verdade é que varias poesias suas irreligiosas, algumas das quaes correm impressas ou manuscriptas, arrancárão applauso de impios, e contristárão aos seus admiradores sinceros. Desejosos de apresentarmos imparcialmente, n'este processo biographico, tanto os documentos favoraveis como os aggravantes; havendo um que na carreira de Bocage exerceu terrivel influxo; tivemos tentações de transcrever aqui uma famosa producção, merecedora do mais severo estigma. Não lhe accrescentaremos porém a publicidade, comquanto em nosso tempo se pense a estes respeitos mui diversamente do que no principio do seculo.

Milheiros de copias da

Favorosa illusão da eternidade...

d'esse poema assassino da innocencia, e vergonhosa aberração do espirito humano, gyrárão de mãos em mãos.

Affirma Couto haver o poeta escripto aquelles versos com o intuito de precaver uma namorada sua, a quem um frade requestava. Nem sombra de plausivel tem esta opinião. Vê-se que o poeta diligenciou perverter em seu favor a uma senhorita boçal, [illegible]osa, e de bons costumes.

Obra a todos os respeitos moralmente pessima, indigna do talento de Elmano! Lancemos sobre ella o véo.

Attribuirão-se-lhe diversos outros ligeiros, mas reprehensiveis opusculos anti-religiosos, comquanto estejamos convencidos de que esta accusação tomou maior corpo

do que a verdade devia consentir; e talvez nenhuma d'essas imputadas poesias seja de Bocage, exceptuando apenas o seguinte soneto, provavelmente composto com projecto culpavel, igual ao que dictou a *Pavorosa*:

Um ente dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céos, a eternidade,
Que diffunde annual fertilidade,
E aplana as altas serras do Oceano;

Um nume só, terrivel ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade,
Eis o Deos que consola a humanidade,
Eis o Deos da razão, o Deos de Elmano.

Um despota da enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza;

Um creador funesto á creatura.
Eis o Deos que horrorisa a natureza,
O Deos do fanatismo, ou da impostura.

Cópias da *Pavorosa*, que tão pavorosa se tornou para seu autor, cahírão nas mãos das autoridades ecclesiasticas e civis, que julgárão necessario proceder immediatamente contra o audacioso poeta. Se esse poema lhe grangeou ainda mais clara fama, não menos lhe acarretou os maiores desastres que em sua vida o victimárão, podendo bem applicar-se-lhe a moralidade da fabula de Arnault, *O Papagaio*:

La cause de notre grandeur
Peut l'être aussi de notre perte.

Comquanto fosse aquella a causa proximal da perseguição de Bocage, cumpre confessar que muitas outras

imputações graves se conglobárão em torno da accusação principal, como passamos a ver.

Abusando da celebridade, que o tornava idolo geral, nenhuns respeitos coarctavão suas audacias: solteiras, viuvas ou casadas, erão indistinctamente objecto de suas aspirações, não raro lançando assim a perturbação em lares domesticos. Sirva de exemplo uma epistola a Urselina:

Frio horror os cabellos me arripia,
Quando a imaginação me representa
Meigo esposo que ao thalamo te guia.

Como que o vejo co'a paixão sedenta
Manchar-te a leda boca purpurina,
De seu nectar dulcissimo avarenta.

Como que o vejo... oh! raiva! E não fulmina
A mão do Jove um barbaro, um tyranno,
Que me roube o meu bem, que me assassina!

. . . . . .

Tu, vago habitador de estranhos lares,
Que em vão buscaste o riso da ventura
Por longes terras, por immensos mares...

A isto se segue uma ephemera velleidade de respeito ao thoro conjugal, que até lhe suscita idéas de suicidio, mas conclue assim:

Ella chama por mim, vou dar-lhe a vida!
Feliz eu, no fim misero a que aspiro,
Se, co'a boca amorosa á tua unida,
Desentranhasse meu final suspiro!

Quakers da poesia derão igualmente á autoridade noticia de centenares de escriptos, inspirados pelas musas descompostas e ebrias de Parny e de Piron. Esses, sim, são de Bocage: corre impressa gran parte das suas fescenninas; e alguns versos que se ostentão nas varias collec-

ções, continhão primitivamente phrases ou palavras inadmissiveis, que os editores substituirão. Ahi, não se procure arte de poesia, mas de toxicologia moral. Além dos cantos desgrenhados, outros ha, mui leves, que (em publico) insurgirião hoje o leitor, n'estas éras em que, a par de menos virtude, se alardeia mais pudicicia. Muitos d'esses versos, de repugnante nudez, encerrão quadros indignos do caracter e do talento de Bocage; mas não será licito encarar a questão á luz da arte? Sendo-o, reconheceremos que, se as poesias licenciosas de Horacio são os seus unicos versos sem espirito, as de Bocage, aviltando-lhe a moralidade, honrar-lhe-hião talvez o talento, se tal genio pudesse aspirar jámais a credito ou consideração.

Comquanto já ao longe retumbassem ecos de trovão, precursor da tremebunda tempestade que vinha a carranquear no horizonte, era cedo para Portugal; forçoso lhe era esperar mais um quarto de seculo. Não soára ainda a hora, em que, na phrase de Cicero, cumpria a cada cidadão trazer inscripto na fronte o que pensasse das cousas publicas: *scriptum in fronte uniuscujusque civis, quid de republica sentiat.*

Varios dos versos liberaes de Bocage forão denunciados como primeiras tentativas perigosas; e em verdade que, a despeito de todas as cautelas da censura, muitos relampagos de alma livre fulgurão nas suas obras. Principalmente nas versões de peças dramaticas, o poeta, escudando-se com a responsabilidade de um texto supposto, dava expansão aos seus sentimentos, intercalando versos proprios e traduzindo com independencia. Restão porém algumas producções *originaes*, escriptas muito se o houvessem dado em 1820. Citaremos dous sone-

O que passamos a transcrever, segundo nos informou pessoa competente, já duas vezes houvera sido rejeitado pela censura; mas havendo desejo de o publicar, o editor do tomo V declarou, em nota, ter sido escripto na prisão: mediante este artificio, obteve o passe da censura. É obvio o sentido em que o poeta ahi toma a palavra *liberdade*:

Liberdade querida e suspirada,
Que o despotismo acerrimo condemna!
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
Por ver-te, e por gozar-te a face amena!
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada.

Vem, ó deosa immortal, vem, maravilha!
Vem, ó consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha.

Vem! solta-me o grilhão da adversidade!
Dos céos descende, pois dos céos és filha,
Mãi dos prazeres, doce liberdade!

Se porém ainda n'este soneto pudessem ficar duvidas sobre o seu verdadeiro sentido, não assim sobre o do seguinte:

Liberdade, onde estás? quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque, triste de mim! porque não raia
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia.
Oh! venha! oh! venha! e tremulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia, acode ao mortal, que, frio e mudo,
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movão nossos grilhões tua piedade!
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãi do genio e prazer, ó liberdade!

Eis-ahi o perigoso cortejo da *Pavorosa*: as accusações tremendas de immoral, irreligioso e liberal, repercutião-se com estrondo sempre crescente, ao passarem pela boca dos encarniçados inimigos que o poeta se comprouvera em crear; aquelle que não hesitava em apregoar-se:

Inimigo de hypocritas e frades,

certo estava de adquirir adversarios terriveis e numerosos.

Foi preso.

Ahi se abre a phase mais negra da vida do nosso heróe; o triumphador baqueava; a Rocha Tarpeia denunciava ao Capitolio a sua proximidade.

CAPITULO V

É Bocage levado ao Limoeiro, e posto em duro segredo. — Prendem igualmente o seu companheiro André da Ponte. — Poesias feitas na prisão. — Relaxa-se o segredo. — O juiz Brito. — Protecção de José de Seabra. — É transferido para os carceres da inquisição.

No dia 10 de Agosto de 1797 foi Bocage arrastado ás cadeias da cidade, onde penetrou em duro segredo.

O intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina

Manique, ordenou ao juiz do crime do bairro de Andaluz que abrisse devassa a respeito de M. M. Barbosa du Bocage, denunciado autor de *papeis impios, sediciosos e criticos;* devassa que progredio activamente contra o inculpado, e até contra os seus amigos.

Parece ter sido escripto quando começárão as ameaças de perseguição, e ainda antes de ser levado á cadêa, o soneto que reproduzimos no tomo I, pag. 151.

Não sou vil delator, vil assassino.....

Ao tempo da prisão, vivia Bocage em grande intimidade com André da Ponte Quental da Camara, ao qual, por causa d'estas relações, tambem apprehendêrão, e que algum tempo jazeu em ferros.

Era este André da Ponte cavalheiro muito distincto, chefe de uma familia illustre da ilha de S. Miguel, em quem o amor ás lettras é hereditario, já lá desde os tempos do grande Bartholomeu do Quental, cuja virtude e sabedoria são proverbiaes. Não admira pois que em Lisboa se estreitassem relações intimas entre Quental e Bocage, ambos moços, ardentes, apaixonados, e poetas ambos. Essa conformidade de sorte, genios, estudos e aspirações, fez com que ambos sentissem como propria a dôr do amigo. N'esta occasião, dirigio Bocage ao seu commensal uma epistola, onde lhe diz:

Se não somos heróes, se em nós, ó Ponte,
Afouteza não [illegible] ha constancia,
Para com fe[illegible]uster da patria
A nu[illegible]

Nossos nomes, amigo, alçados vemos
Acima dos communs: ama-nos Phebo;

As musas nos enlourão; cultos nossos
Mansa virtude acolhe;

Em tenebrosos carceres [illegible];
Fallaz accusação nos [illegible]da;
De oppressões, de ameaças nos carrega
O rigor carrancudo;

Mas puro dom dos céos, alva innocencia,
Esta affronta, este horror nos atavia.
Huma candidez compensa as manchas
Da superficie escura.

. . . . . .

Deixemos a perversos delatores
Os filhos do terror, fantasmas negros,
Que o medonho clarão da lux interna
Assoprão sobre os crimes.

Se verdade entre sombras esmorece,
Se das éras tardias pendo, e pendes,
Para o são tribunal, que ao longe assoma,
Eia, amigo, appellemos.

Tambem ha para nós posteridade!
Quando lá no sepulcro em cinzas soltos
Não puderemos cevar faminta inveja,
Calumnia devorante,

Os vindouros mortaes irão piedosos
Ler-nos na triste campa a historia triste;
Darão flôres, ó Ponte, ás lyras nossas,
Pranto a nossos desastres.

Tambem lhe endereçou o seguinte soneto:

O pesado rigor, de dia em di[illegible]
Se apure contra nós, oppres[illegible]
Tolere, arraste vis grilhões[illegible]
Quem comtigo altos bens [illegible]

Da nossa amarga sorte, escura, impia,
Colha triumphos tacito inimigo.

Sombra como a do lugubre jazigo
Nos cubra de mortal melancolia.

Custão fadigas a virtude, a gloria;
Por entre abrolhos se caminha ao monte,
Ao templo da honorifica memoria.

Isto que hoje a calumnia nos affronte,
Nada serão talvez na longa historia
Dous nomes immortaes: *Bocage* e *Ponte*.

Durante o segredo a imaginação de Bocage o cruciava, já pelo horror do carcere, já pela ignorancia da sua sorte, já emfim pelos punhaes do ciume. Ahi compôz então este soneto:

N'esta do feio opprobrio estancia feia
Que abafas, mãi das trevas, com teu manto,
Muda tristeza, carrancudo espanto,
O amotinado espirito me anceia.

Das sombras abrigada, a fragil teia
Urde Arachne sagaz de canto em canto;
Minha imaginação faz outro tanto;
Mil tristes pensamentos forma, enleia.

Minha imaginação de algoz me serve,
Forçando-me a que os gostos de algum dia
Submersos d'este horror no abysmo observe.

De encontradas visões na fantasia
Baralhado tropel me cahe, me ferve,
E n'esta confusão reluz Armia.

Foi ainda no segredo do Limoeiro que Bocage compôz provavelmente os tres sonetos, que demos no tomo I, pag. 4, 58 e 157, e que principião:

Em sordida masmorra aferrolhado...
N'este horrivel sepulcro da existencia...
Ali onde arquejando estou curvado...

Cerca de um mez havia já que o desventurado jazia no segredo, quando completou entre ferros e amarguras os seus mal logrados trinta e dous annos. Raiou-lhe ennevoado e tristonho o dia 15 de Setembro de 1797 (data que subsequentemente havia de representar outro grande anniversario); no seu futuro melancolico e cerrado nem quer uma luz; tudo são trevas, desamparo e solidão. Quereis ouvir como a pallida musa de Elmano dedilha o alaúde? ouvi; desabafe ao menos pelos versos essa tristura incomportavel:

Do tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento.
Vedado á luz do sol este momento,
Trevas, com vossos fachos se alumia.

Nascido apenas, pavorosa harpia
Ao berço me voou, do immundo alento
Empestando o miserrimo aposento,
E eis me roga esta praga, horrenda, impia:

« Esteja sempre o bem de ti remoto!
« Vivas sempre choroso, amargurado!
« Damne teus dias o destino immoto! »

Cahio-me a imprecação do monstro alado.
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros, com que me espera ao longe o fado.

Dias depois, a 22 de Setembro, torna Bocage a cantar; mas d'esta vez a musa não logra remontar-se á costumada eloquencia; não modula elegias ao som do plectro nobilissimo; rasteja canção plebêa ao som da viola popular e portugueza. *Je suis forcé de m'abaisser pour me faire entendre*, diz elle por desculpa na hypographe com que remata esta curiosa e deleixada peça; canta para o

povo, para a plebe, esqueceu a altiloquia, os arrojos do estro, as ousadias sublimes do immortal; eis os versos:

Se em verso cantava d'antes
O poder da formosura,
Hoje vou chorar em verso
Inconstancias da ventura.

Vou pintar os dissabores
Que soffre meu coração,
Desde que lei a perfidia
Me pôz em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro
Já toco os trinta degráos,
Por onde sobem e descem
Igualmente os bons e os máos.

Correm-se das ruas portas
Os ferrolhos ás viventes:
Feroz conducta me enterra
No sepulcro dos viventes.

Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados,
Alli meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manoel Maria —
E logo á margem — segredo. —

Eis que sou examinado
Da cabeça até os pés,
E vinte dedos me apalpão;
Quando de mais erão dez.

Tirão-me chapéo, gravata,
Fivelas; e d'esta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicilio [illegible]

Estufa de treze palmos
C'uma fresta, que dizia
Para o lugar asqueroso,
Denominado enxovia.

F[illegible]me, fico assombrado
Na medonha solidão,
E sem cama a que me encoste,
Descanso os membros no chão.

Mil terriveis pensamentos
Na minha alma se apoderão:
Gostos, e bens d'este mundo
Então conheci o que erão.

Nos olhos o pranto ferve,
No coração cresce a dôr,
E com males da fortuna
Se mistura o mal de amor.

Q[illegible] mais me lamento,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta, e me conforta.

Era Ignacio, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios,
Por heróe da humanidade.

Do amavel carcereiro
Me patentêa o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util enco[illegible]

Junta a este beneficio
A necessaria comida,

[illegible] que sustentasse o fio
[illegible]esta lastimosa vida.

Garnier terno, [illegible]
Tu foste um nu[illegible]mo,
Que veio tornar [illegible]is doce
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes
Me tinhão desamparado,
E nas garras [illegible]digencia
Eu gemia atti[illegible]ado;

Quando Aonio, o caro Aonio,
Da natureza thesouro,
Á [illegible]iste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.

Emquanto existir Elmano,
Sempre [illegible]ger[illegible] singular,
Na sua alma [illegible]os seus ver[illegible]
Terás honroso lugar.

Passados [illegible] dous dias,
Soffren[illegible]s juntas,
Emfim [illegible] meus guar[illegible]
Fui conc[illegible]a perguntas.

O ministro destinado
Era o respeitavel Brito,
Que logo vio no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.

Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda, amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel Ponte.

Portei-me [illegible]o quem tinha
[illegible] a ver[illegible]e tendencia:
[illegible]eso da opinião,
[illegible]eirei a innocencia.

Puni pelo meu amigo
Ferido de interna dor.
Singular sou na amizade,
Como singular [illegible] amor.

Posto fim ao ac[illegible]
O meu guia me con[illegible]z
Para segredo mais largo,
De que não tem medo a luz.

Fic[illegible]i mais desafogado!
[illegible]bem fiquei
E de amargur[illegible]sentia
Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,
P[illegible]nde á presa matulla
[illegible]ta de quando em quando
[illegible]to vil em phrase chula.

Lem[illegible]a gritari[illegible]
Que faz a roda, a quem [illegible]a,
Loucamente misturando
O prazer com a desgra[illegible]

Lem[illegible]va-me este[illegible]
Pi[illegible]que de alvo l[illegible]
Aqu[illegible]a chuchar gostoso
Cigarro, que ou compra, ou pilha.

Um por baldas, que lhe sabe,
Ao outro dando matraca;
Estes cantando fol[illegible],
Aquelles jogando a faca.

Cousas taes, que n'outro tempo
Me farião anciedade,
Erão então para mim
Estimulo de saudade.

Servindo-me de tormento
A minha imaginação,

[illegible] passava a noite,
[illegible]os dias em vão.

O meu extremoso
Benigno me vi[illegible]
[illegible]m suaves c[illegible]
A minha pena adoçava.

Qual foi comigo ao principio,
Comigo a ser continúa:
Os desgraçados encontrão
Poucas almas como a sua.

Céo! que todas as venturas,
Todos os bens tens comtigo,
Faze que ser grato eu possa
Ao meu benefico amigo.

Ou tantas felicidades
Te di[illegible] Céo de lhe dar,
Quan[illegible]rações que eu t[illegible]
De t[illegible]lhe desejar.

Emfim, depois de soffrer
Tardas [illegible]e tormento,
Fui cost[illegible]nha alma
Ao solita[illegible]nto.

O Deos creador do mundo,
Pai, amigo universal,
Com saudavel, brando somno
Foi-me interrompendo o mal.

D'este centro da tristeza,
Morada das afflicções,
Fiz ao lugar das perguntas
Inda mais tres digressões.

Amo, professo a verdade:
Nas tres digressões que fiz,
Sempre achei o amavel Brito,
Mais bemfeitor, que jus.

Tal tem sido a minha sorte
N'esta dolorosa estancia,
Aonde a philosophia
Ás vezes desterra a ancia.

Ha já quarenta e tres mezes
Que choro n'este degredo:
Hei de ser muito calado,
Costumárão-me ao segredo.

Escreveu tambem na prisão a elegia á *Instabilidade da Fortuna*, que principia:

De serenos favonios bafejada....

onde a si mesmo se consóla, pelos exemplos de elevações e quedas; quasi no fim, diz:

Nada tem permanencia:
Caprichos da fortuna alterão tudo.
. . . . . .
Da famosa Ulyssêa
Os corvos aterrei, fui grato aos Nereus.
Hoje sumido á gente
Á luz vedada em carcere medonho,
Nem parece que existo.
Réo me publica opinião potente;
Triste labéo me afeia.

O segredo breve se relaxou, pois tendo sido encarregado do interrogatorio do accusado o juiz Ignacio José de Moraes e Brito, este se mostrou tão brando para com Bocage, que o poeta chegou a temer não fosse tamanha lenidade mal vista por seus oppressores, e na effusão do reconhecimento lhe dirigio o seguinte soneto:

De ferreo julgador não vem comtigo
Rugosa catadura, acções austeras;

Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo.

O amargor, a tristeza do castigo
Que impoem ao curvo [illegible] as leis severas;
Cela benigna clemencia tu temperas,
Dos réos, que gemem, bemfeitor e amigo:

Se ardua rocha imitando, ou rijo muro,
Reprovar, detrahir tua piedade
Tyranno coração, caracter duro;

D'elle te vingue a doce humanidade,
Que de aggravos do tempo estás seguro;
Meus versos te darão a eternidade.

Durante a mesma prisão compôz est'outros:

Sonho cruel o espirito inquieto
Me arrebatou a incognita morada;
Era de bronze a temerosa entrada,
De bronze o pavimento, o muro, o tecto.

Ente disforme, de rugoso aspecto,
D'alto assento me diz, com voz pesada:
« Té que do meu furor te abrigue o nada
« Fulminei contra ti este decreto:

« Os fóros perderás da humanidade;
« Teus flagellos serão teus semelhantes;
« Hão de extorquir-te a gloria e a liberdade! »

N'isto acordo co' os membros titubantes.
Assim tremeste, ouvindo, ó ferrea idade,
A queda horrenda que esmagou gigantes.

Miseranda innocencia, és nome abstracto,
És um titulo vão da humanidade,
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro trato.

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade,
Que em cumprir tuas leis, ó probidade,
Fosse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calumnia m'o desmente?
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

Nescia, vil ignorancia, injuriada
Dos vivas, que meu estro me grangeia,
Desce aos infernos; e a calumnia feia,
Bramindo, extrahe da lobrega morada.

Do monstro de cem côres escoltada,
Por aqui, por ali corre, vagueia;
Em meu nome de lar em lar semeia
Agro dicterio, satyra damnada;

Em cynico furor me finge aceso;
Venenoso, atrabiliario me infama;
Diz que o riso de um rei, de um Deos desprezo...

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,
Das patrias justas leis me é doce o peso,
Amo a religião, e aspiro á fama.

Aceso no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de amor, de amor suspiro e canto.
Na face agora o riso, agora o pranto,
De arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama.

Prezo a doce moral, na voz da fama
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto,
Mas turba vil que abato, anceio, espanto,
Urde em meu damno abominavel trama.

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envolto na lethea escuridade!
Que falsa idéa, ó zoilos, vos illude!
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a gloria; fica-me a virtude.

Quando na rosea nuvem sobe o dia
De risos esmaltando a natureza,
Bem que me achoe as sombras da tristeza,
Um tempo semsabor me principia:

Quando por entre os véos da noite fria
A machina celeste observo acesa,
De angustia, de terror a imagem presa,
Começa a devorar-me a fantasia.

Por mais ardentes preces que lhe faço
Meus ais não ouve o nume somnolento,
Nem prende a minha dôr com tenue laço.

No inferno se me troca o pensamento.
Céos! porque hei de existir, porque se passo
Dias de enjôo e noites de tormento?

Vejão-se não menos os sonetos que demos no tomo I, pag. 163 e 167, e começão:

Tão negro como a turba que vagueia.....
Para as sombras da morte aqui me ensaio.....

O remorso que alli diz não lhe vergar a consciencia, descreve o poeta em soberbos versos como roendo a alma dos seus accusadores, no outro soneto que publicámos no mesmo tomo, pag. 166, e rompe assim:

Aquelle que domina os céos brilhantes.....

Meus dias, que já forão tão luzentes,
Hoje da noite opaca irmãos parecem.
Meus dias miseraveis emmurchecem
Longe do gosto e longe dos viventes.

Horror das trevas, peso das correntes,
Olhos, forças me abatem, me entorpecem,
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intrataveis entes.

Pagão-se da rugosa austeridade:
Antolha-se-lhe um crime, um attentado
Soffrer nos corações a humanidade.

Voai, voai do céo para meu lado,
Ah! vinde, doce amor, doce amizade!
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

Victima do rigor e da tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O mundo habito sem saber do mundo;
Como que não pertenço á natureza.

Emquanto [illegible] vasta redondeza
Vai solto o [illegible]e infesto, o vicio immundo,
Eu (não [illegible]verso) em pranto a face inundo,
Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,
Monstro por cujas fauces fui tragado,
Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa; só do fado)
N'aquelles corações em que ha ternura,
É mais interessante, é mais amado.

E, ainda de dentro das grades, não se lhe diminuia o sestro amatorio, a que devêra tão deliciosos instantes, mas tambem tão horriveis amarguras. Da prisão mandou a uma Nize o soneto:

Nize mimosa, como as graças pura...

que se lê á pag. 164 do tomo I.

Continuou assim da prisão a deplorar sua mofina sorte, não sendo os ciumes o minimo dos seus padecimentos :

Não sinto me arrojasse o duro fado
N'esta abobada feia, horrenda e escura,
N'esta dos vivos negra sepultura,
Onde a luz nunca 'entrou do sol dourado;

Não choro a liberdade, que enleada
Tenho em ferreas prisões, e a pas ditosa,
Que voou da minha alma attribulada;
Só sinto que Marilia, etc.

Compense porém aquellas leviandades a fé sincera e profunda com que o misero se refugiava, em tão grave conjunctura, das velleidades mundanas no seio da religião. Sirva de prova o magnifico soneto :

Ó tu, que tens no seio a eternidade,

que trasladámos no tomo I, pag. 164.

É ainda animado por iguaes sentimentos, que o poeta traçou estas linhas :

A frente que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor e da innocencia,
Jaz (por effeito de horrida apparencia)
Curvada pelo opprobrio e denegrida.

De mil gratos objectos guarnecida,
Rutilava a meus olhos a existencia.
Hoje, amavel prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o fado!

Nem sempre o homem ri, nem sempre chora;
Mal com bem, bem com mal é temperado.

Os estados varião de hora em hora.
Sabio o mortal que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

Nem sempre achava allivio o misero n'estas sublimes orações, e então o desanimo o arrastava a não esperar melhoramento, senão na morte. Haja vista um soneto, que por si só vale um poema, que demos no tomo I, pag. 165, e começa:

Nas horas de Morphêo vi a meu lado.....

Comquanto houvessem relaxado um tanto o segredo de Bocage, considerou-se um beneficio q ser elle transferido, após tres mezes de cadêa, para os carceres da inquisição, tribunal que já havia perdido a anterior deshumanidade.

Aqui citaremos um trecho da carta que aos 5 de Julho de 1847 nos dirigio o intimo amigo de Bocage, o já hoje finado Francisco Joaquim Bingre, que do seu querido companheiro nos fallava sempre com o calor da amizade pura, e uma elegancia de estylo e linguagem, que raro acompanha a idade mais que octogenaria que Bingre tinha a esse tempo. Eis como elle se nos expressou:

« Todos sabem quanto José de Seabra foi apaixonado de Bocage. Ninguem (... o *ninguem* do meu tempo) ignora que, para o livrar das garras do intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, que o retinha preso nas cadêas do Limoeiro, pela composição da *Pavorosa illusão da eternidade*, fez com que a inquisição o requisitasse, ficando ahi pouco tempo, e sendo bem tratado, pois releva con-

lessar que já n'esses dias era morno o antigo rigor do fanatismo inquisitorial. »

O erudito Sr. I. F. da Silva, alludindo aos dous versos:

> Cuja fama, senhor, purificaste
> Das nodoas torpes da mordaz calumnia,

julga que essa poesia foi dirigida a José de Seabra, depois que, pela protecção d'este, fôra solto.

Cremos, sim, que Seabra fosse o principal libertador, o que lhe era facilimo, sendo elle então ministro do reino; mas afigura-se-nos que esta elegia referida pelo respeitavel critico, e que começa: *Costume de chorar*, foi escripta no Limoeiro, a 31 de Outubro de 1797, dia em que José de Seabra completou sessenta e cinco annos, e que exactamente antecedeu uma semana aquelle em que transferirão Bocage para a inquisição, com vantagem para o plano da sua liberdade. Não podia, estando livre, dizer:

> N'estas [illegible]bras se apaga o sacro fogo.

Além d'isso os dous versos citados admittem outra interpretação, ligando-se com os immediatos:

> E a quem já vezes mil n'um teu sorriso
> Déste amavel penhor de bens vindouros.

O que porém definitivamente nos persuade são os outros versos, em que Bocage mostra que a graça então supplicada não é de dinheiro, mas de mais alta natureza, e dependente do governo; ora, se é sabido que Bocage até recusou empregos offerecidos por Seabra, parece concluir-se que esta mercê é a liberdade. Ouçamol-o:

> Tens o jus e o poder, ambos augustos,

De tornar venturoso o desgraçado.
És orgão da suprema autoridade,
Puro e vasto canal por onde as graças
Manão do throno excelso ao curvo rogo.
Doce, tenue porção dos dons immensos
Que o céo te conferio, confere ao triste!

O certo é que Bocage foi transportado, a 7 de Novembro de 1797, e entregue ao inquisidor geral, D. José Maria de Mello. Já ião longe os dias dos autos-da-fé; já o tribunal da inquisição era um refugio contra os tribunaes civis, um degrão para a liberdade.

Concluindo, transcreveremos, por interessante e pouco conhecido, o officio de 7 de Novembro de 1797 que o intendente da policia Diogo Ignacio de Pina Manique dirigio ao bispo inquisidor geral. Extractamol-o fielmente da Torre do Tombo, secretarias, livro V da intendencia geral da policia:

« Exmo e Rev^mo Senhor. — Constando-me que n'esta côrte e reino gravão alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem serião os autores d'elles, e encontrei que uma parte d'estes era o seu autor Manoel Maria Barbosa de Bocage, o qual vivia em casa de um cadete do regimento da primeira armada, André da Ponte, que é natural da ilha Terceira; mandei proceder contra um e outro, e á apprehensão dos seus papeis; e não achando ao sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi preso, e apprehendidos os papeis, e entre elles se achou um infame papel impio e sedicioso, que se intitula *Verdades duras*, e principia *Pavorosa illusão da eternidade*, e acaba *De opprimir seus iguaes com o ferro e o jugo*, como consta do auto da achada, que

acompanha a conta que me deu o juiz do crime do bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia. No mesmo auto verá V. Ex. os mais papeis e livros impios e sediciosos que se apprehendêrão ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade, e as perguntas que se fizerão aos ditos Manoel Maria Barbosa de Bocage, que passados alguns dias tambem foi preso a bordo de uma embarcação, que ia fugido no comboio para a Bahia, e André da Ponte Quental da Camara; remetto tambem a delatação que me fez da cadêa o dito Manoel Maria Barbosa de Bocage, para que esse santo tribunal lhe dê o peso que mereça. V. Ex. me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dous réos, os quaes conservo na prisão, esperando a restituição d'estes papeis logo que fôrem examinados por esse santo tribunal pela parte que lhe toca, etc. — 3 de Novembro de 1797.

Os restantes papeis e documentos pertencentes a este processo não existem no real archivo; queimou-os lord Beresford com os mais papeis e negocios findos da intendencia da policia da côrte; acto de barbara imprevidencia, que hoje lamentamos debalde.

CAPITULO VI

Producções pelas quaes lhe fizerão crime. — Versos irreligiosos, e contrarios ao papa Pio VI. — Disposições da inquisição. — É Bocage transferido para o convento das Necessidades. — A congregação do Oratorio.— Poesias compostas durante essa detenção. — Supplica a todos liberdade. — Bocage e Ovidio. — Epistolas aos tres marquezes. — Os poetas amigos nada alcançárão. — Foi José de Seabra o seu libertador. — Versos que a este dirigio jaculatorios e depois gratulatorios. — Boato da sua morte. — É posto em plena liberdade.

Na inquisição, de duas producções lhe fizerão crime: a *Pavorosa*, de que já fallámos, e um soneto, então composto, e a que deu origem este successo: sendo em 1797 batido pelos Francezes o exercito pontifical, assignou o pontifice a paz de Tolentino; mas no mesmo anno houve em Roma uma sedição, em consequencia da qual foi a cidade tomada por um exercito francez, sendo Pio VI transportado prisioneiro para França, onde falleceu em 1799. Chegando a Lisboa a noticia da primeira derrota dos soldados do papa, Bocage compôz este soneto:

Tendo o terrivel Bonaparte á vista,
Novo Annibal, que esfalfa a voz da Fama:
« Ó c.... Heróes! » aos seus exclama
Purpurado fanfarrão, papal sacrista.

« O progresso estorvai da atroz conquista,
« Que da philosophia o mal derrama! »
Diz. E em fervido tom sauda e chama
Santos surdos varões por sacra lista.

D'elles em vão rogando um pio arrojo,
Convulso o corpo, as faces amarellas,
Cede triste victoria, que faz nojo.

O rapido Francez vai-lhe ás canellas;
Dá; fere; mata. — Ficão-lhe em despojo
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas[1].

O Sr. I. F. da Silva attribue a Bocage o seguinte soneto, feito ao mesmo assumpto; talvez duvidassemos um tanto da autoria, se não fosse a firmeza com que o digno collector a assegura:

[1] Será sempre com o sincero respeito devido ao benemerito das lettras, Sr. Innocencio Francisco da Silva, que alguma vez submetteremos duvidas a asserções, que, sahidas da sua penna, trazem já por isso a autorisação de um grande nome. Sabemos de antemão que relevará nossa franqueza, se alguma vez divergirmos de uma opinião, que estamos sempre dispostos a acatar.

No tomo VI da *Collecção das obras de Bocage*, pag. 410, diz S. S. que nós mutilámos n'umas partes, e em outras remendámos este soneto. Abrindo-se o tomo VII que alguem annexou á mesma *Collecção*, acha-se exactamente este soneto, como aqui o damos, pondo por extenso a palavra impropria, que suppriminos no 5° verso, e só com uma differença no ultimo, que alli se lê: *Reliquias, bullas, m..., bagatellas*. A nossa lição parece-nos mui preferivel: 1° porque est'outro verso é, na harmonia, menos bocagiano; 2° porque Bocage, frequentemente obsceno, raras vezes era immundo, e aquella penultima palavra, nunca nos consta que a empregasse; 3° porque as suas idéas religiosas ainda poderião, quando em certo gráo de excitação, induzil-o a zombar do papa bellicoso, mas nunca elle escarneceria de reliquias, nas quaes acreditava; 4° porque se não collocaria em ultimo lugar a palavra bagatellas, se a tal mais expressiva a tivesse precedido: *Tiaras, mitras e bullas* podem epigrammar-se, resumindo-se tudo no termo *bagatellas*; mas se o resumo epigrammatico já estava feito no immundo termo anterior, seria inadmissivel diminuir por tal guisa a qualificação; 5° porque, como o governo era todo ecclesiastico, e o sacro collegio composto de santos cardiaes velhos, finge o poeta serem elles chamados para um acto de valor, e corresponderem com um de ignominia; mas d'esses cardiaes, muitos tinhão as (aliás inferiores) honras episcopaes: com propriedade allude pois Bocage á *tiara*, insignia do papa; ás *mitras*, insignia episcopal; ás *bullas*, documentos com que Pio VI fulminára as resoluções da republica franceza; e é assim que, denominando tudo isso *bagatellas*, fecha com chave de ouro; emquanto, nem o termo *reliquias* teria, n'este caso, sentido; nem a palavra *m...* serviria senão para estragar o epiphonema.

Pedimos portanto licença para suppôr que, longe de havermos mutilado ou remendado o soneto, o demos na sua pureza.

A prole de Antenor degenerada,
O debil resto dos heróes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos
Tinha a curva cerviz já calejada.

Era triste synonymo do nada
A morta liberdade envolta em damnos.
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, ó Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza.
Trocão-se as agras leis em leis suaves;

Restaura-se a razão, cahe a grandeza,
E o feroz despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza.

Baldámos esforços por adquirir conhecimento exacto d'este periodo importante da vida de Bocage. Nas suas obras não deixou d'elle o minimo vestigio. Os que forão amigos de Bocage dizião que era objecto em que evitava fallar, pois é sabido com que rigor os inquisidores recommendavão o mais absoluto sigillo sobre quanto alli se passava: só um d'aquelles amigos nos contou o seguinte:

« Encontrei Bocage ao Espirito Santo, dias depois da sua sahida da inquisição, e, abraçando-o, perguntei-lhe d'onde vinha, depois de tão longa ausencia?

« — Venho... venho da Hespanha.

« — Então que viste por lá?

« — Não vi homem que me não parecesse ladrão, nem mulher que me não parecesse...

« Por mais diligencias que fiz, tive de mudar de conversa. »

No, para as lettras, sciencias e historia patria, sempre

calamitoso modo como forão desbaratados tantos monumentos e riquezas, na suppressão das ordens religiosas e de antigas repartições do Estado, varios documentos se salvárão entre os milhões de preciosissimos; e alguns lá jazem, sem classificação nem catalogos, no real archivo da Torre do Tombo. Alli existem, em grande cópia, processos, livros e papeis pertencentes ás tres inquisições do continente, Lisboa, Coimbra e Evora: porém debalde procurámos ahi qualquer documento relativo a Bocage, comquanto pareça que posteriormente houve quem fosse mais feliz do que nós, achando um, relativo a periodo ulterior, de 1802, como abaixo diremos.

O certo é que a inquisição se limitou então a dar ao poeta uma aspera reprehensão; a obrigal-o a prometter que mais não consagraria a penna a objectos irreligiosos, e a ir, como cathecumeno, passar uns tempos de instrucção moral e religiosa junto a varões sabios e tementes a Deus.

Servio novamente de instrumento o intendente geral da policia, o qual recebendo da inquisição o preso, ordenou a 22 de Março de 1798, isto é, mais de quatro mezes depois da sua detenção nos carceres inquisitoriaes, que Bocage fosse levado do mosteiro de S. Bento da Saude para o de Nossa Senhora das Necessidades, onde devia viver em contacto com os padres, mas incommunicavel para quaesquer estranhos.

Essa casa, com ser propria para purificação de costumes, não menos o era para litterarias palestras; na sala da sua esplendida livraria se havião dado sessões publicas da velha Arcadia.

A congregação do Oratorio, de S. Felippe Nery, foi sempre respeitada como associação tão veneranda por

sua piedade e religião, quanto pela sua superior cultura de sciencias e lettras. A ella pertencêrão luminares da nossa litteratura : Bernardes, o ascetico e portentoso escriptor da mais pura linguagem classica; Antonio dos Reis, cultor da poesia latina; Francisco José Freire, traductor de Horacio; o erudito D. José Maria de Mello; o sabio Theodoro de Almeida; o douto Valentim de Bulhões; o celebre e incansavel polygrapho A. P. de Figueiredo; o subtil Antonio Alvares; o estudioso Joaquim de Foios.

Abençoada porém seja esta detenção, que enriqueceu a nossa litteratura com uma das mais admiraveis tentativas que em lingua portugueza se hão feito. Por esse tempo deu Bocage o maior impulso ao monumento que não chegou a poder completar, a versão das *Metamorphoses* de Ovidio, como se deduz da epigraphe :

> Entre ferros cantei, desfeito em pranto.
> Valha a desculpa, se não vale o canto!

Muitas poesias, geralmente inspiradas pela dependência e pelo soffrimento, nos legou o periodo da sua prisão: versos a poderosos, sollicitando liberdade; a amigos, pedindo auxilios; a Deos, invocando forças; a todos, requerendo justiça. O certo é que, em centos de epistolas, protestou sempre a sua fidelidade ao rei, o seu respeito aos costumes, a sua veneração á fé de nossos pais, desculpando-se de erros de mocidade, queixando-se da guerra tenaz que lhe movia a inveja e a calumnia, e despindo-se da responsabilidade de producções que lhe imputavão.

A privação da liberdade era-lhe um peso incomportavel, e por mais que lh'o alliviassem, a imaginação lh'o

representava como supplicio infernal. Não houve pois pessoa influente, conhecida ou não conhecida sua, a quem, durante o periodo da sua detenção, Bocage não endereçasse sentidos versos, supplicando liberdade.

Por esses tempos, manuseava elle muito os versos do exilado do Ponto, com o qual tambem não erão poucas as suas parecenças; e talvez ao espirito lhe surgisse a confrontação, visto que Ovidio, perseguido igualmente, implorou a Roma inteira, com menos fortuna, protecção e acolhimento. Ao Sulmonense têm increpado criticos os versos do Ponto, em que o poeta exora a dous imperadores um termo ao seu desterro barbaro. A mesma falta de firmeza quizerão tambem assacar ao vate Sadino. Pois assaquem nas boas horas. Aquelles dous amantissimos corações erão assim: debulhavão-se em pranto e supplicas. Que muito! se pará ambos se tratava de implorar patria e liberdade!

É este o lugar de transcrevermos varias poesias, dirigidas por Bocage a poderosos, escriptas nos diversos periodos da sua reclusão.

Á Sra. D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho, valida da Sra. rainha D. Maria I, e dama insigne por nobreza e piedade, escreveu uma epistola, interessando-a pela sua libertação, e eis-aqui algumas d'essas quintilhas:

Pesado grilhão me opprime;
Duro carcere me fecha;
Tecem-me de um erro um crime;
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Eu, desvalido mortal,
Ludibrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao mal,

As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.

Se casuaes erros fiz,
Socios da idade imprudente,
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.

Da vaidade o [illegible] ardor,
Que o peito inexperto inflamma;
Das musas suave amor;
Sêde implacavel de fama
Me sumirão n'este horror.

Ao seu amigo Joaquim Rodrigues Chaves, quando tinha dous mezes de cadêa, pedio protecção na epistola improvisada:

A ti, que ás outras leis da humanidade.....

já impressa no tomo I, pag. 202 d'esta collecção:

São mui citadas as epistolas aos três marquezes, igualmente destinadas a supplicar liberdade, e d'ellas aqui daremos noticia.

Era o marquez de Ponte de Lima fidalgo muito illustrado e influente. Quando, em tempo da Sra. D. Maria I, em 1798, foi creada a bibliotheca publica de Lisboa, sendo primeiro bibliothecario-mór o sabio desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, foi aquelle illustrado marquez nomeado primeiro inspector de tão importante estabelecimento; dirige-lhe Bocage a seguinte epistola:

Se aos miseros, senhor, não é vedado,
No abysmo, em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado,

Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asylo,
Acolheita efficaz em ti procura.

Têm as angustias enfadoso estylo;
Mas tu, attento ás leis da humanidade,
Tu não te has de enojar, senhor, de ouvil-o.

Outros querem louvor, eu só piedade;
Piedade... que a perder o gosto á fama
Até já me ensinou a adversidade.

De ethereo dom, que espiritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos louros, que cingi, não cuido agora:
É meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo,
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dôr me diz que vivo;

Na idéa, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua grandeza,
Tua alma gene[illegible] affabil, pia;

D'entre as so[illegible]s da noite, e da tristeza,
Vendo luzir mil dons, em que a ventura
Se unio, por gloria tua, á natureza;

A sorte se me antolha menos dura:
Pondero o teu favor saudavel porto
Contra os horrores de procella escura:

Por vil calumnia moralmente morto,
Á physica extincção darei o alento,
Se imaginario fôr este conforto:

O rumor, que me ultraja, é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não olho ao damno
Com ferreo desamor, com rosto enxuto.

Vejo a cópia de um Deos no soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano.

Sim, erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante caracter de virtude,
Arma contra os asperrimos destinos,
Tem cultos meus: o imparcial me estude.

Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir, fiel e exacto,
Preceitos veneraveis, sãos, divinos:

Não sou para com Deos só eu o ingrato;
Muitos, que me ennegrecem, que me afeião,
São talvez meu modelo, ou meu retrato.

Remorsos devorantes não me anceião:
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As forças da razão me não sopeão.

Eis, senhor, porque espero aos teus propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.

De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenão, vão lançando
Sobre o caracter meu labéos infames.

Embebe o coração flexibil, brando,
Na maviosa dôr, que em mim suspira,
Que em mim por teu soccorro está chamando.

O Deos, a que um só ai remove a ira,
O Eterno, o Bemfeitor, o Omnipotente,
Doce clemencia na tua alma inspira

Se apraz aos céos um animo innocente,
Tambem é grato aos céos o arrependido :
Uma lagrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, senhor, no attento ouvido
A queixosa tristissima linguagem,
As supplicas e os ais de um perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage,
Solta, restaura com piedade intensa,
Os agros dias do infeliz Bocage :

Teu braço, teu poder, meus fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno
Rebate o sol co'a fulgida presença.

Ganha-me a compaixão do heróe benigno,
Do principe immortal, que em nós impera,
Não só de um throno, de mil thronos digno :

Tolhe-me ás furias da calumnia féra,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o mundo não dá, nos céos te espera :

Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes commettido;
O erro exige perdão, castigo o crime.

Inda que da verdade és tão querido,
Inda que o céo te erguêu a excelso estado,
Mais é valer, senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

Ao marquez de Abrantes escreveu o autor a seguinte epistola :

Tu, de antigos heróes progenie excelsa,
Ramo de regia planta derivado,
D'acudir ao pequeno, ao desvalido,
Tens, benigno marquez, dever sagrado.

Depois de conferir-te um gráo sublime,
Ainda não contente a divindade,

Une-te á posse de inclita grandeza
O santo ministerio da piedade :

Occasião te dá para exerceres
Affabil, paternal beneficencia
Na estancia da oppressão, cá onde o crime
Caminha par a par com a innocencia.

Aferrolhada miseravel turba,
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Já cuida que te vê na mão prestante
Dadiva pia e provido resgate.

Qual per ermos incognitos perdido
O lasso caminhante o dia anhela,
Deseja d'entre sombras triste chusma
Ver luzir teu favor nos males d'ella.

Do numero infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a sorte,
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte? solidão; silencio; trevas!
Tudo isto occupa o lugubre aposento :
Silencio, trevas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfidia as nodoas não me infamão ;
Remorsos me não fervem na tristeza ;
Em barbaras acções, em negros crimes
Não tenho profanado a natureza :

Com ferro abominabil entre as furias
Impio golpe não dei no patrio seio :
Sempre a cauta razão me tem sustido
Reluctantes paixões com util freio.

Desventurado sou, não sou perverso ;
Ao jugo de altas leis o collo inclino ;
E no humano poder contemplo, adoro
Augusta imagem do poder divino.

Torpe, invejosa, perfida calumnia,
Monstro devorador da honra alheia,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vêl-a tão cruel, com ser tão feia.

Os damnos, que me urdio, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;
Tu, grande, tu, benefico, tu, forte,
Emprende a gloria de vencer meu fado:

Protege a causa do infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade;
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao throno, onde reluz a humanidade.

Á grandeza e virtude asylo imploro;
Tu gozas da virtude e da grandeza:
Estes brilhantes dons comigo apura,
Terá mais um triumpho a natureza.

Ao marquez de Pombal endereçou Bocage a epistola:

Só conheço de ti grandeza e nome.....

que se encontra no tomo I, pag. 197 d'esta collecção.

Suspeitamos porém que nenhum d'aquelles, nem de outros poderosos a quem Bocage implorou, obteve a sua soltura; e até nem existe tradição de que, durante esse periodo de provações, lhe dirigissem ao menos producções do estro ou consolações os poetas, seus amigos, sectarios ou admiradores. Bem podia ser elle o autor d'aquelle epigramma:

Les amis de l'heure présente
Ont le naturel du melon:
Il faut en essayer cinquante,
Avant que d'en trouver un bon.

Temos por indubitavel que o seu salvador foi José de

Seabra. Era homem de vasta intelligencia, de idéas mais adiantadas que as do seu seculo, e mui parentas das que devião triumphar um quarto de seculo depois. Era por indole protector dos homens talentosos; o Sr. José de Torres, no seu importante *Ensaio sobre Nicoláo Tolentino*, affirma, por exemplo, que Seabra estendèra ás irmãs d'este o valimento que ao poeta concedia, despachando-as com tenças nas commendas vagas. Além d'isso, era ministro do reino, e como tal poderosissimo. Já atrás vimos, n'uma carta que nos dirigio o poeta Bingre, quanto Seabra começou a obra da sua protecção, que elle não podia deixar em meio. N'aquella mesma carta, dizia-nos Bingre, em seguida:

« Ia Bocage muitas vezes jantar com José de Seabra, o qual sempre, no fim, presenteava com algumas peças, a titulo de obras que lhe dava para traduzir. »

E logo após nos narrou uma anecdota, de que adiante, em mais apropriado lugar, daremos conhecimento, comprobativa do grande apreço em que Seabra tinha o seu protegido e amigo; e estamos convencidos de que á voz do illustrado ministro se descerrárão as grades ao eminente versificador.

Regulando pela epigraphe, a primeira poesia dirigida por Bocage, antes de ser preso, a José de Seabra, foi a ode que principia:

A seria, imparcial philosophia.....

Já da prisão, levou á presença do ministro, no seu anniversario natalicio, uma epistola, a que por signal antepôz erradamente, talvez de memoria, esta epigraphe:

In te spes omnis... nobis sita est.
Te solum habemus; tu es patronus, tu parens;

que diz extrahida da scena 5ª do acto 3º dos *Adelphos*, o que é inexacto. N'esta epistola, de que já fallámos, continua o preso a impetrar a sua soltura, v. gr.:

Eu, aggregado ao numero funesto
Das victimas chorosas do infortunio,
Que trago na cerviz, na frente, e n'alma
Seu peso esmagador, seu nome acerbo,
Em vão com teu formoso, egregio dia,
Em vão quero illudir, chorar meus males.
Por entre os turbilhões de altas idéas,
Que abala o teu natal e a gloria tua,
Na mente alvoroçada imagem triste,
Negras, medonhas, como d'antes surgem
Para gemer, senhor, para chorar-me
Tenho, além da razão, tenho o costume.
Tu, que em summa virtude és mais que humano,
Converte a guerra em paz, e em riso o luto
Que do vate infeliz envolve a sorte.
Arranca-me ao penoso, ao ferreo jugo
Da sorte avessa, da tenaz desgraça
. . . . . .
São raros os Camões; o dom divino
Em raros póde mais que a desventura.
N'estas sombras se apaga o sacro fogo;
Nas garras da indigencia as musas morrem.

Ainda lhe endereçou a ode que principia:

Do Lacio portentoso e d'alta Grecia.....

onde ha estes versos:

A mim, desventurado,
D'um carcere cruel envolto em sombras,
A mim, curvo, abatido
Ao peso do grilhão, da injuria ao peso,
Ente vulgar, inutil,
De mil tribulações — que recompensa,
Que futuro me resta?
. . . . . .

Mas dignas-te de vir ao triste seio
Da medrosa masmorra?
Habitante do céo brilhar no abysmo?
Attrahio por ventura,
Encaminhou talvez aqui teu vôo
O não raro accidente
De estar sem crime habitação de crimes?
Tu vês, ente celeste,
Tu vês meu coração: não é perjuro,
Não cruel, não ingrato;
Ama o dever, a probidade, a honra;
Dá hymnos á virtude,
Aos altares incenso, aos solios culto.
. . . . . .
No lugar que te aponto,
Conheces, deosa, de Seabra os lares,
Seu louvor, no seu nome;
Na gloria que descrevo a gloria sua.
Ao penetral brilhante
Onde os influxos teus dos astros descem,
Leva o quadro funesto
Das minhas oppressões, dos meus desastres, etc.

Suspeitamos que ainda a Seabra fosse dirigido este soneto:

Qual o italico heróe, o audaz Tancredo,
Pondo o apostata infame em vil fugida,
Cahio no laço da fallaz Armida,
Na confusa prisão, de mago enredo,

Tal eu, depois que enchi'de opprobrio e medo
Os zoilos, a caterva embravecida,
Fui abysmado por calumnia infida
Nas ermas sombras de horrido segredo.

Nem só n'isto ao heróe sou semelhante.
Nize e o voado tempo na memoria
São a minha Clorinda, o meu Argante.

Ah! tu, que inda has de honrar a lusa historia,

O meu Reinaldo sê, varão prestante!
Torna-me a liberdade, o mundo, a gloria!

Fosse porém aquelle soneto dedicado ou não a José de Seabra, o certo é que a este dirigio Bocage fervorosos agradecimentos, após a sua soltura, na ode que principia:

Fantasmas do terror, socios funestos
Do queixoso infortunio,
Tristes combinações, verdugos d'alma,
Já não sois meus tyrannos.
. . . . . .
D'alma rebentão versos,
Versos que vão luzir, votiva off'renda,
Da gratidão nas aras.
Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,
Como os ais me acolhes.

almente dirigio por esta occasião uma ode, que é pouco valiosa imitação de Parny, e começa:

Jazem desfeitos meus penosos ferros.
Socios fieis, eis volto,
Liberto de afflicções, aos vossos braços!

Antes de passar d'esta phase da vida do nosso biographado, diremos que, durante o tempo da detenção, e não havendo mais noticias d[illegible], se espalhou o boato de ser elle fallecido, o que d[illegible] lugar a varias poesias de admiradores seus; Bocage respondeu com outras, entre as quaes figura o soneto:

Ó vós, que lamentais de Elmano a sorte...

impresso no tomo I, pag. 166 d'esta collecção.

Finalmente, meado o anno de 1798, foi Bocage restituido á sua plena liberdade.

CAPITULO VII

Volta Bocage para a sociedade. — Turba que o rodeia. — Torna-se o Panard do *Caveau* lisbonense. — Indigencia e suas consequencias. — O que n'esse sentido vai lá por fóra. — Injustiça da sociedade para com os grandes engenhos.

Eis-ahi pois Bocage regressado ao seio da sociedade; eil-o temporariamente curvado ante as recordações de seus padecimentos; eil-o cordialmente disposto a uma reforma de costumes; eil-o encanecido com tamanhos trabalhos, e tendo exhaurido em taça de fel, segundo cria, as fezes de attribulada existencia.

No mesmo anno de 1798, logo depois de lhe ser restituida a liberdade, compôz Bocage o soneto:

Excedo lustros seis por mais tres annos.....

que já produzimos no tomo I, pag. 168.

Voltou pois para o mundo com as intenções mais puras; mas aquelle grande homem era fraco ante o imperio dos sentidos, as propensões do habito, e os dictames da sua vangloria. Para logo se vio rodeado de immensa turba, composta de alguns illustrados amigos, innumeraveis admiradores, e poucos atrabiliarios inimigos. Não era entre nós esse ainda o tempo (confessamol-o) em que o espirito, devorando-se, se esterilisava em mortiferas disputas sobre ambições mesquinhas, embuçadas sob pomposo manto de *amores de patria* e *direitos do homem*: a mais uteis e nobres occupações que a uma

cousa oca, chamada politica, se consagrava então o genio: e essa geração, tão outra da sua actual representante, resplandecia com a muita instrucção, intelligencia e merito que a opulentavão; contava pois Bocage, entre os seus contemporaneos e amigos, numero avultado, cujo nome hão de os tempos respeitar. Porém (confessemol-o tambem) a maioria dos commensaes e intimos, dos satellites e apregoadores das praças e dos lupanares, dos enthusiastas estrepitosos e delirantes, erão gente sem educação, de máo gosto e espirito máo, impotente para corromper tão alta intelligencia, mas não comtudo para momentaneamente a desvairar. Não podia resistir ás tentações de tribuno da plebe litterario. Digno successor de Panard, empunhava o sceptro do *Caveau* lisbonense, e, por mais que a razão lhe segredasse, não tinha forças para abdical-o.

Diarias excitações de toda essa desmoralisadora roda — carencia de bens patrimoniaes — grande dissipação de vida e costumes — e independencia tal de genio que não tolerava sujeição a encargo algum, o conservárão em constante penuria, devendo ora á sua industria, ora á sua penna, ora aos seus amigos, uma subsistencia sempre parca, e em que o dia de hoje interrogava sempre o de amanhã.

Demoremo-nos um momento ante o quadro d'essa penuria, visto como foi tambem ella que exerceu influencia no viver de Bocage, arrancando-lhe parte da independencia, que era o seu mais natural caracteristico, e rebaixando algumas vezes seus actos e sua penna.

A tal auge chegárão as tribulações da indigencia, que se vio obrigado a converter a arte divina em officio vil, a *sevandijar* e prostituir a musa. Foi para comprar pão que

no entrudo de 1802 escreveu as *Espantosas acções de Antão Broega*, producção de genero desprezivel[1].

[1] O Sr. I. F. da Silva, na sua *Collecção das obras de Bocage* (VI, pag. 409), duvida de que estas quadrinhas fossem obra de Bocage, dando como razão: 1° ter-lh'o assim affirmado o Morgado d'Assentiz, 2° ter sido em 1802 o periodo mais bonançoso da vida do poeta, por ser então que elle esteve estipendiado pelo padre Velloso.

Se é licito romper silencio respeitoso, pedimos licença para ponderar que se o assumpto é miseravel, a execução (considerada, já se sabe, á luz das respectivas condições) nos não parece merecer tamanha austeridade de julgamento, pois não é inferior á das glozas á *Minha lilia morreu*, ou *Instantes afortunados*, ou os *Trabalhos da vida humana*, ou outros ridiculos sonhos do Homero dormitando.

Quanto ao Morgado de Assentiz, só diremos que, se acaso algum de nós se não engana, procedeu mal o nosso informador. Teve o Morgado conhecimento prévio de todas as poesias de que fizemos selecção; e certamente houveramos por nossa parte eliminado esta, se elle a tivesse refugado como não bocagiana. Permitta-se-nos porém ponderar que ainda assim o não saber Assentiz se o seu amigo compuzera ou não uma obra (que é o mais que elle poderia affirmar, sob pena de o termos pelo seu inseparavel anjo da guarda), não é razão para estribarmos um juizo. Não nos concede hoje a reminiscencia asseverar firmemente a qual dos amigos de Bocage ouvímos o que no texto affirmamos; mas não seria ao proprio Assentiz?

Quanto ás farturas de Bocage em 1802, por ser então que elle estava estipendiado por Velloso (com trabalho constante e insano, e salario de cinco moedas mensaes), suppomos ser engano, pois esse emprego de Bocage cremos que só durou de 1799 a 1801. Foi em 1800 e 1801 que elle publicou: *Jardim*, *Tripoli*, *Elegia a D. Rodrigo*, *Elogio ao Principe Regente*, *Plantas*, *Consorcio das Flôres*, na chalcographica. Em 1802 apenas lá sahio uma elegia e um elogio, comprehendendo tudo dezoito paginas, e até mesmo o elogio é já dedicado por Simão Thadeo Ferreira, primitivo editor de Bocage, e que novamente o é já em 1802, pois na sua typographia n'esse anno se imprimio a *Bucolica*, e editor não era esse que salvasse pessoa alguma da indigencia, pois se não pejou de dar ao poeta dez moedas pela primeira edição do seu 1° tomo de poesias.

Note-se mais que n'essa officina de Thadeo sahio tambem en 1802 uma edição do 2° tomo, na qual não apparecem as epistolas de e a Seb. X. Botelho. Ora, tendo estas visto a luz no 3° tomo, edição de 1804, é de crer que fossem escriptas em 1802 ou 1803. N'uma d'ellas diz Bocage:

Presa a tantos martyrios, a indigencia
Os apura, os irrita, os desespera.
É ella, caro amigo, é mais que Phebo
Quem me arranca do espirito enlutado

Tambem não hesitou em compôr, por dinheiro, insulsos elogios dramaticos, traducções de pobres originaes, e outras insignificantes obras avulsas. Promoveu beneficios em theatros, para seu proveito. N'essas occasiões fazia recitar ou recitava ás vezes um elogio á platéa, ou ao :

> Congresso bemfeitor, por quem mil vezes
> Agros destinos meus se tornão doces.....

> O metro carpidor em que a deploro
> Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Está no mesmo volume a epistola ao desembargador Cardoso, onde se queixa do mesmo mal :

> Mas ah! Vincenio! se os haveres, o ouro,
> Puxando-nos á terra, origem sua,
> O adejo á fantasia, ao genio prendem,
> Obstaculo mais duro é a indigência.
> . . . . . .
> Mas novos para ti não são meus males.
> Já tens mais de uma vez amaciado
> Meus agros, espinhosos dissabores;
> Já tens mais de uma vez salvado Elmano.
> . . . . . .
> Já beneficencia em ti costume.
> Mulher oppressa, infeliz, se acolhe a ella.
> Quem seus ais enfreou, seus ais enfreie.

Como Bocage avaliasse essas riquezas, vê-se n'uma epistola ao conde de S. Lourenço, escripta em 1801, exactamente no zenith da tal opulencia :

> Se a beber novo brilho, idéas novas,
> Nas azas da saudade a ti não vôo,
> É que ferreo dever, grilhão sagrado,
> No pobre, tosco alvergue me acantoão.
> Lucro mesquinho de vigilias duras,
> Patrimonio dos vates (e não sempre)
> Sentem meus dias, que parecem noites,
> E esteio aos dias são de irmã que torna
> Curte comigo tormentosos fados *.

Eis-ahi os motivos que no animo nos actuão para continuarmos a não negar a Bocage a paternidade de uma producção que já anteriormente a nós lhe foi attribuida.

* Este verso vem repetido n'outra parte.

e accrescentava :

Ó patria, que hoje em mim teus dons semeias,
Acolhe, escuta com silencio honroso
Os esforços de autor submisso e grato,
A quem renovão descahido alento
Louvor e amparo, de prodigios fonte.
Do publico favor medrando á sombra
O pio sentimento em mim se arraiga.
Immutavel comvosco, eterna, immensa,
A minha gratidão será meu fado.

Chegou a vender, ás vezes, os seus livros, havendo entretanto outros, seus mais caros companheiros, de que dizia que só com a vida poderia separar-se. O Sr. Varnhagen, nas eruditas notas á ultima edição do *Caramurú*, diz que Bocage, ainda pouco antes de fallecer, contava o poema de Durão com um dos livros mais queridos da sua mingoada livraria.

Esta falta de recursos fazia com que o nosso poeta não só frequentemente mendigasse o sustento (como o prova quantidade de versos impressos, e de bilhetes e cartas autographas, que por mão de curiosos se conservão), mas consentisse em aceitar a hospitalidade de amigos, que entre si disputavão o prazer de o receberem.

O autor do poema *Portugal vingado*, impresso no Rio em 1811, exprime-se assim, na dedicatoria a frei José Mariano :

Ao vate desvalido a sorte escuda,
Qual já fizeste de Ulyssêa ao cysne,
Que até na morte, no sepulcro mesmo,
Foste anjo tutelar, ou foste um nume.
. . . . . .
Qual és, qual foste, Europa, o globo o sabe.
Sinta Corino o que sentia Bocage;
O que Europa escutou, Brasil escute.

Pertenceu pois, não ha negal-o, á raça aristocratico-mendiga dos vates famelicos!

Mas nem por isso venhão os estrangeiros apedrejar-nos pela miseria dos nossos Camões e Bocages.

Não nascêrão em Portugal os Gilbertos, os Chattertons, os Malfilâtres, e tantos outros, que litteralmente succumbírão á fome. Diz um Francez que isto nos desaira. Olhe lá pela sua terra.

Fancisco Villon, fundador, no seculo decimo-quinto, da poesia moderna, foi em tudo irmão da mesma confraria, e ainda com circumstancias aggravantes. Dizia este, no seu testamento :

Mais triste cueur, ventre affamé
Qui n'est rassasié au tiers,
Me oste des amoureux sentiers.
Au fort, quelqu'un s'en récompense,
Qui est remply sur les chantiers,
Car de la panse vient la danse.

Amadis Jasmin, pedindo esmola a Carlos IX, com certa hombridade, como a do mendigo castelhano, que, por ser fidalgo, a pede de chapéo na cabeça, acabava assim um soneto :

Les poëtes sont des grands rois neveux,
Et si souvent ils vivent souffreteux,
Ayant de l'eau pour unique héritage!

Faites connaître au moins à cette fois,
En me donnant quelque bien en partage,
Que vous pensez qu'ils sont parents des rois.

Rutébeuf compôz muitas producções analogas a um passo onde diz :

« Nem uma côdea para os dentes; nem uma acha pa

fogo. Tusso de frio; bocejo de fome. Toda a minha mobilia empenhada... Desde a ruina de Troya, nunca houve outra mais completa do que a minha! »

Deixemos os estrangeiros, e reconheçamos que, de máos habitos dos tempos que lá vão, era este um.

Outr'ora timbrava-se na ignorancia, como hoje na sciencia.

« *N... que por ser fidalgo não sabe escrever.* » Então o talento era mercenario, e condemnava-se aos misteres mais vis. Entre nós verdadeiramente a dignidade do homem de lettras é idéa pratica do presente seculo. Já se não comprehendem as farças em que o poeta era representado por uma figura transparente, esfaimada, de tabardo roto, e bolsos cheios de sonetos.

Deploravel disposição do espirito humano! Volvem os seculos; e nos mais distantes lugares e tempos, e nas mais desproporcionadas idades da civilisação, apparecem genio e sciencia quasi constante apanagio ou das inferiores classes da sociedade, ou da penuria! Por alguns raros, que incita sêde de fama e ardor estreme de gloria, innumeraveis deixarião nome obscuro, se precisões todas terrenas os não arrancassem ao ocio.

Contemplai o proprio Bocage, com a sua insaciavel cobiça de nome, com a sua espantosa facilidade, e achareis terem sido escriptas entre ferros, ou destinadas a produzir-lhe alguns cruzados, as producções em que mais se esmerou! achareis que assim se lhe devolvêrão oito lustros, assaz longos para lhe perpetuarem a memoria, mas que, aproveitados, o poderião ter levantado a altura inaccessivel!

Mas tem a sociedade direito de exprobrar ao genio o não voar quando ella lhe cortou as azas? Quem deixa mor-

rer n'um hospital Camões e Santos e Silva, mendigar Tolentino e Bocage, perde todo o direito de censura, porque nem soube ser a sociedade christã, á qual o *Levitico* ordena que alguns restos se deixem *para os pobres* nos campos, nas arvores e nas vinhas. Pobres são estes, que opulentão de gloria as nações!

Tente o vate converter em metal os sublimes productos do seu estro e laboriosas vigilias para deleitação do mundo, verá regatearem-se-lhe os seitís! Tal foi a sorte de Bocage. Se os seus conterraneos lhe houvessem pago, ainda escassamente, a grande divida; se lhe houvessem proporcionado sequer o dia farto e a noite descansada; se o não tivessem reduzido a procurar o pão quotidiano para si e sua irmã; oh! então haverião apparecido, numerosas e esplendidas, essas [illegible] *correctas e de vulto*, cuja falta hoje se lhe imputa.

CAPITULO VIII

A officina chalcographica e a imprensa regia. — O Brasileiro padre-mestre frei José Mariano da Conceição Velloso. — Emprego de Bocage n'aquelle estabelecimento. — Principaes obras que Bocage então compôz. — É denunciado, em 1803, á inquisição, como pedreiro-livre.

Cumpre agora dizer qual foi a occupação a que Bocage mais se entregou por esses tempos, e de que maiores e mais bem grangeados creditos lhe advierão.

Entre os estabelecimentos que por fins do passado seculo, e após o impulso dado por Pombal ás sciencias e lettras, rapidamente se engrandecêrão e aperfeiçoárão, sobresahe a famosa *Typographia*, conhecida pela *Officina*

do Arco do Cego, ou *Chalcographica*, ou *Typoplastica e Litteraria*, a qual depois veio a confundir-se na *Imprensa Regia*, sua herdeira. Hoje, esta repartição, com os admiraveis melhoramentos introduzidos de um quarto de seculo a esta parte pelos infatigaveis irmãos, o finado poeta José Frederico Pereira Marecos, e o benemerito conselheiro Firmo Pereira Marecos, occupa, na arte, um lugar que faz honra a Portugal. Se nos referirmos ao tempo em que funccionou a *Officina Chalcographica*, veremos tambem muitos de seus productos equiparaveis aos analogos em nações mais adiantadas.

Dirigia esta officina chalcographica o padre-mestre brasileiro frei José Mariano da Conceição Velloso, religioso Arrabido, da provincia do Rio de Janeiro.

Este incansavel monge, pensionado pelo principe regente, distinguia-se por superior illustração. Dos annos de 1798 a 1806 (regressou ao Rio em 1807), são innumeraveis as obras, principalmente traduzidas, mas tambem originaes, que este litterato levou ao prelo em Lisboa, na maxima parte sobre agricultura, artes e sciencias naturaes.

D'entre as obras do padre Velloso merece mais particular menção uma *Flora Fluminense*, que o *Jornal de Coimbra*, de Fevereiro de 1812, annunciou estar no prelo e dever deitar onze volumes in-folio, com a analyse de mais de tres mil plantas, classificadas pelo systema de Linneo. Sobre esta obra gigantea, devemos ao Sr. Dr. A. J. de Mello Moraes informações que se fundem no seguinte.

Velloso, nascido em 1742 em S. José do Rio das Mortes, provincia de Minas, e fallecido no Rio a 11 ou 14 de Julho de 1811, acabou em 179[illegible] sua *Flora Fluminense*,

na qual teve por collaboradores F. M. da Silva Mello, J. Corrêa Rangel, J. Aniceto Rangel, J. F. Xavier, J. de Souza Marrecos, Firmino J. do Amaral, J. Gonçalves, e Antonio Alvares. Foi Velloso mui coadjuvado na sua empreza pelo illustrado Luiz de Vasconcellos e Souza, que tanto se empenhava pelo engrandecimento do Rio de Janeiro.

Como o padre Velloso superintendia o primeiro estabelecimento typographico de Lisboa, começou n'esta cidade a abrir as chapas necessarias para a obra, chegando a adiantar 554, que em 1808, no tempo dos Francezes, forão levadas por Geoffroy Saint-Hilaire.

Conservava-se porém na bibliotheca publica do Rio o manuscripto, que foi achado por frei Antonio da Arrabida. Examinado por este e pelo Dr. João da Silveira Caldeira, conheceu-se estar completo, quanto ás estampas, faltando algumas descripções; mas empenhou-se com o governo imperial, o qual mandou a obra para Paris, afim de se fazerem as lithographias na conceituada officina de Lasteyrie.

Era encarregado de negocios do Brasil em Paris o conhecido poeta Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca. Ordenou o governo do Sr. D. Pedro I a frei Antonio que se entendesse com o visconde, o que elle logo fez, recommendando-lhe que sobre esta publicação se guardasse o maior segredo, e que ninguem, além dos confidentes, leigos na materia, visse as estampas do padre Velloso. Era Borges de Barros tambem botanico, achou dura e intempestiva a recommendação, e desobedeceu-lhe, pedindo a um amigo muito competente que examinasse os desenhos e sobre elles emittisse parecer. O consultado respondeu que a obra estava em geral boa,

mas tinha muita cousa superflua, que podia supprimir-se; que a vegetação se achava reproduzida sem necessidade, o que fazia parecer aquelle livro antes collecção de estudos do padre Velloso do que obra expurgada, limada, e prompta para impressão; e finalmente que se o padre vivesse, por modo nenhum consentiria que os seus estudos fossem publicados antes de definitivamente corrigidos. Borges de Barros passou então pelos olhos as estampas, e convencido da exacção do informe communicou a frei Antonio da Arrabida a sua opinião franca e leal. Em premio das suas diligencias, recebeu uma reprehensão formal, e novas ordens intimando o maior segredo, e apressando a publicação da *Flora* tal qual se achasse. Nomeou-se logo, entre outros empregados, a José Marcellino Gonçalves para thesoureiro e director da empreza.

Ajustou-se a obra, alugárão-se armazens, pôz-se tudo em movimento. Emquanto se apromptavão em Paris as estampas, frei Antonio mandava imprimir o texto na typographia nacional do Rio, em 1825. Despendêrão-se em Paris mais de dous milhões de francos, e vierão para o Rio 500 exemplares, ficando lá 1,500. Os 500 forão na sua maioria vendidos ao Dr. Capanema para papel de embrulho: outros apodrecêrão no saguão da secretaria da justiça; alguns derão-se a quem [illegible] que os pedia; pouquissimos se archivárão na biblio[illegible]ca publica. Os 1,500 que ficárão em Paris vendêrão-se para forro de barretinas ao chapelleiro do exercito francez.

Espantou-se pois o Sr. Dr. Mello Moraes, de ler no *Relatorio do ministerio da agricultura*, em 1864, o seguinte ácerca d'esta *Flora* : « Esta obra, de incontestavel merito, acha-se em grande parte por imprimir, e a parte impressa é hoje tão rara, [illegible] não permitte aos homens

da sciencia obterem facilmente um exemplar. Ponderando estas e outras considerações, dei as providencias para que se faça uma impressão de toda a obra, por conta do governo imperial. »

Eis o que era o padre Velloso. Comprehende-se que quem assim cultivava as lettras, sentisse vivas sympathias para com os homens do officio, e se tornasse protector e amigo dos engenhos desvalidos. Se o principe regente o havia pensionado, suppunha elle ter obrigação de pensionar os outros.

Constando a Velloso a indigencia e o talento de Bocage, e com especialidade a sua singular distincção na arte difficil de transpôr as riquezas litterarias de um para outro idioma, propôz-lhe um contracto, que o nosso poeta aceitou, não obstante a insignificancia da remuneração de tão valiosos trabalhos. Devia ser o seu emprego rever acuradamente as provas de obras importantes, applicando as sobras do tempo a versões de bons autores ou composições originaes.

Foi João Nunes Esteves, a esse tempo conhecido de Velloso e Bocage, e guarda-livros da officina chalcographica, o que nos communicou estes pormenores. O salario de Bocage era de réis 24$000 mensaes; e a primeira edição das suas obras ou traducções, ricamente feita á custa da casa, e por ordem do principe, ficava propriedade da mesma casa.

Se estas sómente forão as relações entre ambos, mais nos parece Velloso o favorecido que o bemfeitor; e todavia a exaltada dedicatoria do drama *A virtude laureada*, impresso no anno da morte de Bocage, induz a crer que o seu amigo lhe era credor de muito maiores obsequios, como se deprehende dos seguintes versos :

Em ti, constante, desvelado amigo,
Demando contra a sorte asylo e sombra,
Ó das musas fautor, de Flora alumno!
(Rasgado o véo da allegoria) estende
Ao metro, que desvale, a mão, que presta.
Se azas lhe deres, em suave adejo,
De Lysia ao seio, que a virtude amima,
D'ella cultores voarão meus versos,
E o patrio, doce amor, ser-lhe-ha piedoso.

E entretanto, n'uma epistola ao conde de S. Lourenço, a que já atrás alludimos, deplora Bocage ver-se obrigado a consagrar o tempo aos misteres a que assim se ligára.

Áquelles ajustes litterarios com o padre Velloso somos devedores das obras de maior dimensão, que parece haverem sido limadas por Bocage com improbo trabalho.

Impressas na officina do Arco do Cego, muitas em virtude d'aquelle contracto, ou sob a direcção de Velloso, ou por esses periodos, forão as traducções dos *Jardins*, das *Plantas*, do *Consorcio das Flôres*, do *Canto de Tripoli*, do *Gil Braz;* e bem asssim o tomo II das *Rimas*, a *Elegia a D. Rodrigo*, o *Elogio aos annos do principe*, o drama *Virtude laureada*.

Em meio pois de seus trabalhos se achava então Manoel Maria, quando sob os pés lhe rebentárão inesperadas as minas surdas que lhe urdio o fanatismo.

Um dia entrou na inquisição de Lisboa uma denuncia contra Bocage; era formula escripta do que a opinião publica já de muito murmurava por portas travessas, sem ousar declarar-se; a mão que descerrou ao poeta os carceres do Rocio, foi a de uma mulher!

Tivemos occasião de examinar no real archivo da Torre do Tombo o asqueroso, mas importante documento, que bastou ao tribunal do santo officio para instauração de

processo contra um tal cidadão[1]; e ainda hoje não podemos dar conta do que nos assaltou ao contemplarmos aquellas regras miseraveis, rachiticas e foscas, com que uma beata obscura, ignorante e malevola, atassalhava a um tempo a orthographia, a calligraphia, a grammatica, o juizo publico, a igreja catholica, atassalhando ao mais assombroso genio poetico do seu tempo. O nome d'esta fanatica enredadora solapada, d'esta incorrigivel calumniadora da nossa augusta religião, conservou-se, para sua gloria, até nós; era Maria Theodora Severiana Lobo. Que terião (perguntamos) um com o outro o dia e a noite? a aguia e o verme? o genio, que tudo descortina, e a estupidez, que nada enxerga? o sublime autor da *Nereida*, e a sua bastarda denunciadora? quem ensinára á venenosa tarantula fiandeira a urdir a teia informe onde havia de enlear-se a formosa borboleta arcadica? Não o sabemos. O que nos cumpre é registar n'este cartorio bocagiano a façanhuda pagina com que a estrige pretendeu conspurcar o rouxinol. Entre pois em scena a Sra. Maria Theodora. A sua denuncia diz assim[2]:

« Eu Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo morador na rua da era fr. de Sta Catarina da sidade de Lisboa, atendendo ao preceito e obrigação que impoem o Tribunal do S. Officio aos que souberem alguma das coisas conteudas nos interrogatorios do Edital do dito S. Tribunal; declara que ouviu diser a Manuel

[1] Todos os documentos relativos a isto forão pelo Sr. Innocencio F. da Silva descobertos na Torre do Tombo entre os papeis da inquisição para alli mandados em 1821.

[2] A orthographia vai intacta; ha quasi asco em pôr mão em tão immundo documento.

Maria de Barboza do Bocage, que elle, e Jozé Maria de Ouliveira e hum fulano do qual não sei o nome, mas sei que he filho de Matias Jozé de Castro, o qual cuso diser que hé Cristão novo, que todos os tres referidos, Bocage, Oliveira e Castro, do qual não sei nome proprio erão pedreiros livres; e ainda que o dito sugeito o dice debaixo de segredo, ella o denuncia ao S. Tribunal, obedecendo a seus preceitos. — MARIA THEODORA SEVERIANA LOBO. »

« *P. S.* — Declaro que sou Filha do Admenistrador do Correio do Reino, e que os sobreditos morão M.el M.a nhum beco que esta na rua fermosa, Jozé M.a dentro do Correio, do qual he escriturario, não sei bem a freguesia, mas pareceme que he das merces, e o dito Capitão Castro na traveça da Condeça do rio, e tão-bem não sei de serto de que fr. he, mas pareceme que he S.ta Catarina tãobem declaro que o dito M.el M.a não sei que tenha ocupação, e creio que vive das suas obras em verço, e não sei se tão-bem em prosa. »

Agora, o proprio santo officio que responda por boca dos seus ministros. Dá-se seguimento ao processo; a Sra. Maria Theodora exulta no fundo do seu mestiço coração, e entrevê para gloria de Deos acender-se de longe o auto-da-fé.

O officio que em seguida estampamos é a recommendação estreita que ao padre José dos Reis Marques dirigem tres inquisidores. Eil-o :

« Tendo Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira dirigido á mesa do santo officio d'esta inquisição a representação inclusa, se faz preciso, para bem de causa que corre

n'este tribunal, e da justiça do mesmo, attendendo ao estado da declarante e o ser filha familia, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm., vendo que a mesma expõe a sobredita denuncia na primeira occasião que ella se fôr confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denuncia que deu ao santo officio, segurando-a que póde livremente expressar e declarar tudo que souber a respeito dos particulares da tal denuncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da santa religião e da mais pura christandade, antes que este é meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia. E logo no confessionario, ou em outro lugar, com toda a cautela, disfarce e segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e autoridade se informará da dita Maria Theodora sobre as circumstancias seguintes. Quanto tempo ha que ella ouvio dizer o que tem declarado, por que occasião e motivos entrárão os tres sujeitos mencionados na dita denuncia, a tratar na presença d'ella declarante sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo, e á profissão dos mesmos sujeitos; se estes lhe persuadião alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se dizião socios, ou se disputavão entre si approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas, e sustentando ser ella licita e boa; se sabe que elles se ajuntem e formem assembléas particulares para tratarem dos negocios da tal sociedade, onde as façáo, se são em dias certos, e quaes sejão estes; se mostrárão algumas insignias ou cousas que sejão privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar

as prerogativas d'ella. E ultimamente a advertirá que póde, e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm. proseguido n'esta averiguação, com toda a prudencia e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escripto no reverso d'esta, e a fará entregar n'esta mesa com a mesma denuncia. Confiamos que tudo execute na fórma recommendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deos Nosso Senhor, mas tambem pelo que interessa a justiça do santo officio e o serviço do principe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deos Nosso Senhor guarde a Vm. — Lisboa, no santo officio em mesa, 23 de Novembro de 1802. — Manoel Estanislao Fragoso. — Francisco Xavier de Oliveira de Mattos. — Antonio Velho da Costa. »

Entra de novo a Sra. Maria Theodora. Eis a consulta que ao tribunal faz subir o padre interrogador sobre os depoimentos da fanatica :

« Em observancia d'esta ordem do santo tribunal, declaro que tive licença da sobredita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia á sua denuncia, e para dar parte ao santo tribunal do que fosse preciso a este respeito, e sem que eu lhe désse parte de que sabia de antes da sua denuncia, declarou em tudo conforme como n'ella se contém; demais, disse que não estava certa no tempo em que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802 em casa de uns vizinhos da sua escada d'ella denunciante, e onde elle e o tal José Maria tambem algumas vezes ião de visita; e disse

mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavão o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhára em cima de uma banca um triangulo, e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua, algumas estrellas, e duas mãos dadas, e que dissera se havia céo n'este mundo era aquelle, e chamando o tal Bocage para ver, elle se escusou, que não gostava de desenhos, mas instando o dito José Maria veio com effeito ver, e disse que d'aquelle que gostava, e apagou-o logo porque não viesse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á dita denunciante se um sujeito da dita casa escrivão do crime da côrte, e casa, chamado Joaquim Manoel [1], seria tambem da mesma sociedade, visto que não escondêrão isto d'elle, e que se tratavão por manos, que, segundo lhe tinhão dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa no dia em que isto succedeu, mas que fôra depois do meado d'este Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as cousas não lhe declarou o lugar nem o tempo das suas assembléas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios, tanto n'este reino como em outros, e que se communicavão, e que tinhão muitas vantagens, que se ajudavão uns aos outros, e que tinhão varios signaes com que se entendião, mas que ella os não sabia, e que nunca a persuadirão a cousa alguma pertencente á dita sociedade; e que além d'isto que tem declarado, nunca lhe observou cousa que conhecesse ser opposta á religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sujeito ao santo tribunal. — Lisboa, 28 de Abril de 1803. — O padre José dos Reis Marques. »

[1] Este Joaquim Manoel era Joaquim Manoel de Moura Leitão, morador na rua da Atalaia. (Almanak de 1803, pag. 220.)

Veio Deos em auxilio a quem, acoimado de impio, ardêra sempre na mais verdadeira e santa piedade. O processo não foi avante: ou porque os motivos allegados pela intrigante não parecessem bastantes ao santo officio; ou porque amigos do poeta lograssem intervir na decisão do tribunal; ou porque o tribunal antevisse longe que as éras da summa libertação (e, por desventura, da licença tambem) se approximavão.

Em mais de dous annos que Bocage ainda viveu, nunca mais se lhe bulio; deixárão-o poetar á vontade, tanger a lyra de ouro e immortalisar-se; nem parece que as Marias Theodoras se atrevessem mais a levantar a voz contra o descomprehendido e indomito cantor.

CAPITULO IX

Constituição e máos habitos de Bocage. — Sua ultima residencia. — Desenvolve-se-lhe o aneurisma. — Sensação geral do publico. — [illegible] que então compôz. — Adeos. — Anecdotas reveladoras do estado de sua alma. — José Pedro da Silva mendigando [illegible] Bocage. — José Agostinho de Macedo classificando José Pedro. — O Agulheiro dos sabios. — Publicação dos *Improvisos*. — Versos a amigos. — A Nelson. — Os seus ultimos amores. — O curandeiro. — Sentença de um medico. — Bocage fulminado. — Morre de terror. — Retrato do poeta, feito nos seus ultimos instantes. — Suffragios. — Sepultura. — Versos recitados por Torresão ao baixar o feretro á cova. — Os despojos mortaes de tão grande homem confundidos e perdidos para sempre. — Ultimo soneto de Bocage. — Soneto composto por um amigo durante a agonia de Elmano. — Epicedio por Filinto. — Lapida assente em Setubal na casa do nascimento do nosso poeta. — Projecta-se-lhe uma estatua de bronze.

> Et mon hiver s'est approché,
> Quand mon printemps s'écoule à peine.
> MILLEVOYE.

Somos chegados ao cume da vida d'este homem tão notavel, cuja fama no seu tempo igualou a dos mais fa-

vorecidos. Temol-o idolatrado de uma sociedade numerosa, e avida de versos, ouvida e festejada a sua voz, acatado em todo o reino o dom divino com que, a exemplo de Orpheo, maravilhava e concitava as turbas, e vai, não obstante, e na curta idade dos seus quarenta annos, truncar-se-nos entre as mãos o estame de uma tal existencia.

Corria o anno de 1805. Da casa do conselheiro José de Andrade de Carvalho mudára-se Bocage para uma casinhola na travessa de André Valente nº 11, terceiro andar (hoje nº 25). A irmã fiel, a sua Antigone, ainda o não desamparou, nem desampara; caminha com elle até o fim; admirou-o nos dias da gloria, estremece-o nos dias do infortunio.

Na pobre habitação do poeta solução cada dia tristezas muito amargas; allucinada a irmã percebe a passo e passo o caminhar da doença que tem de arrebatar-lhe o companheiro; Bocage de dia a dia se vai definhando; os amigos, os admiradores, encarão [illegible] esta desgraça tremenda, e nem puderão crer ainda!

Era debil e doentia a compleição do poeta; fraco de membros, pallido e mortiço de côr, dir-se-hia que o estro que o devorava lhe sugava toda a seiva da amargurada existencia. Alanceavão-o habitualmente dôres incomportaveis; diz-nol-o elle proprio:

Ferem-me os cem punhaes do rheumatismo;

e frequentes vezes esteve nas ultimas. Da grave enfermidade, em que perigou na India, já fallámos. Não raro acerta de queixar-se Bocage de pessima saude: e, cousa digna de attenção! aquelle, a quem alcunhão de impio, nunca vio acercar-se-lhe a morte, sem que, cheio de con-

trição, invocasse o auxilio divino. Na enfermidade que o acommetteu, pouco depois da sua chegada da India, compôz elle o seguinte soneto :

Pouco a pouco lethifera doença
Dirige para mim tremulos passos.
Eis seus cahidos, vacillentos braços;
Eis a sua terrifica presença.

Virá pronunciar fatal sentença,
Em meu rosto cravando os olhos baços?
Virá romper-me á vida os tenues laços
A fouce, contra quem não ha defensa?

Oh! vem, deidade horrenda, irmã da morte!
Vem, que esta alma, avezada a mil conflictos,
Não se assombra do teu, bem que mais forte.

Mas ah! mandando ao céo meus ais contritos,
Espero que, primeiro que o teu córte,
Me acabe viva dôr dos meus delictos.

De Bocage, como já de Anacreonte, de Horacio, de Béranger, se refere que nunca jámais, a despeito do que rosnão praguejadores, se deixou cahir semi-morto nos braços da desregrada embriaguez; mas o que é certo, e nos affirmárão testemunhas, é que damnificava usualmente o estomago pelo continuo e quasi exclusivo uso de certas bebidas espirituosas e estimulantes, como ponche e genebra, e o peito pelo abuso incalculado do fumo. Esse desregramento, a sua constituição invalida, as privações, fadigas e peregrinações por climas inhospitos, mas sobretudo abalos moraes de todo o genero, forão minando e alluindo tão estafada saude, e precipitando-lhe o termo.

N'esta casa da travessa de André Valente, para onde vos apontamos, exacerbou-se-lhe a molestia; baqueou a grande arvore, exhausta do succo da vida, e o pobre can-

tor nem suspeita sequer que já o está abraçando o anjo da morte. Aos incommodos habituaes do doente accresceu um mal horrivel, de que não ha esperança: uma dilatação da carotida interna, proxima ao ponto da primeira bifurcação da carotida primitiva, do lado direito, convertida rapido em aneurisma. Assim lamenta Bocage a sua triste sorte na ode a Pato Moniz:

Elmano, do que ha sido
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente.
Diastole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O liquor circulante.

Chorão os amigos; esgotão-se os recursos e posses da sciencia; [illegible] debalde; ahi se fina a olhos visto o homem que [illegible] semanas antes ainda era um luzeiro.

Passou a primavera, com a sua arregaçada de flôres e esperanças! passou todo o verão, com os seus dias calmosos e creadores! sahio o pallido outomno, com a sua physionomia suave e melancolica! entrou o inverno emfim; o inverno carrancudo, desconsolado e aspero, como um adeos de lagrimas!

Durando toda essa longa e penosa quadra [illegible] houvera principe mundano sabido inspirar sympathias profundas como este principe de poetas. Á mesquinha porta do quasi mendigo batião de minuto a minuto, inquirindo, com lagrimas na voz, os progressos da enfermidade, admiradores, amigos, desconhecidos, adversarios. Lá em cima, junto ao leito da dôr velava sempre não só a inconsolavel irmã, dentro em pouco orphanada de segundo pai n'este irmão querido, mas a cohorte sagrada e constante *dos amigos*. Vêde, vêde quem se apega n'essa

pobre camara nua e desconchegada; são : Cardoso, Morgado de Assentiz; Macedo; o illustre Bingre; D. Gastão da Camara; Paz; Maneschi; Almeida; o insigne e melodioso Pato Moniz; o laborioso Costa e Silva; Vianna; o sabio Velloso; Blancheville; Santos e Silva, patricio do poeta moribundo; Torres; Soares; Sampaio, depois visconde de Laborim; e outros mais, de renome litterario, não menor; os amigos de infancia, os companheiros dos trabalhos, os irmãos na gloria, os discipulos, os enthusiastas, todos alli concorrêrão espontaneos, a prestar digno preito ao genio, a orar em côro unisono junto áquelle grabato illustre, como n'um templo.

Passão os dias; passão as noites; a sombria casinhola nunca se vio tão perfumada e assoleada de bemquerenças; uns após outros os devotos amigos, como vestais aguçosas, por que se lhes não apague nem [illegible] o sacro, que os desvela [illegible]esatina, se alternão junto ao enfermo. Passão os longos dias, e nem um raio de melhora; passão as tristes das noites cortadas de dôr, e nem um suspiro, nem um [illegible] irreligioso se escuta ao moribundo. Como foi em vida, assim é nas portas da morte : poeta sempre.

Pobre poeta! No meio das suas angustias, procura pagar desvelos e retribuir em verso os versos que inspira; improvisa; devaneia com a lyra cheia de uncção e tristeza resignada, já porém desornada d'aquelles esplendentes e fulgidos movimentos em que outr'ora consistia o seu triumpho; é o sol no occaso : grande, immenso ainda. Bocage é sempre Bocage.

Chegado aos marcos da eternidade, não tremeu; antes soube, com olhos já não mortaes, devassar as regiões sem [illegible], alimentar-se poetica e profundamente do mais sublime assumpto, e em hymnos de inesgotavel formosura,

proximo a subir á morada dos anjos, decantar em lingua de anjo.

São admiraveis paginas, que por si sós tornarião immarcescivel a gloria de um poeta, alguns dos sonetos que então compôz; por exemplo:

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
Á margem, fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulysséa um dos cantores,
Suspiros no aureo metro modulando.

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as nymphas, e por entre as flôres,
O côro divinal dos nús amores,
Nos zephyros azues o affavel bando.

Co'a fronte já sem myrto, e já sem louro,
O arrebata de rojo a mão da sorte
Ao clima salutar, e á margem de ouro.

Ei-lo em fragas de horror, sem luz, sem norte;
Sôa d'aqui, d'alli, piado agouro:
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Nestoreos dias, que sonhava Elmano,
Brilhantes de almos gostos, de aurea sorte,
Pomposa fantasia, audaz transporte,
As azas cerceai do orgulho insano.

Plano de um nume contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça, e quer que aborte:
Eis, eis palpita, precursor da morte,
No tumido aneurisma o desengano.

Adeos, ó genios que Ulysséa admira:
(Cantor que honrastes, honrareis, cantores)
Versos, prantos lhe dai, que Elmano expira.

Deixai-lhe a cinza em paz, fataes amores

E vós, do extincto vate a campa e lyra,
Virtudes, que exaltou, cobrí de flôres.

Se o Grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der ver animados
De modesta ventura os meus destinos;

Se acordarem na lyra os sons divinos,
Que dormem (já da gloria não lembrados)
Ao côro ethereo, candidos e alados,
Honrar com elle um Deos ireis, meus hymnos.

Mas, da humana carreira inda no meio,
Se a debil flôr vital sentir murchada
Por lei que envolta na existencia veio;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, de eternidade ufano e cheio:
« Adeos, ó mundo! ó natureza! ó nada!

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim, quasi immortal, a essencia humana:

De que innumeros soes a mente ufana
A existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava,
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiô dos desenganos.

Deos... ó Deos! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perdêrão annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Se na que, morna e lugubre, murmura,
Corrente averna, como as sombras densa,
Der quéda enorme a sofrega doença
Que á vida quer sorver-me a fonte impura!

De eleitos vegetaes sagaz mistura
Não foi rigido estorvo á morte infensa:
Só póde aos olhos meus virtude immensa
A do horror ferrolhar morada escura.

Arde, ó estro! Fulmina o monstro humano,
Que origem vil a si chamar presume,
E á causa divinal repugna, insano.

Salve, principio d'alma, ethereo lume!...
Se um Deos não fôra, que seria Elmano!
Existe o vate porque existe o nume.

Não multiplicaremos transcripções. Ao admirardes essas linhas, não estais vós lendo n'aquella alma? Não é para estes hymnos, para estas palavras de uncção, que foi traçado o *Sursum corda?*

Arranquemo-nos porém ás reflexões que na mente nos tumultuão, e continuemos a historia de Bocage, n'esta funebre quadra.

Exacerbára-se-lhe o genio irascivel, como uma anecdota o mostrará. Contou-nos o visconde de Laborim, que tendo-o visitado poucos dias antes da sua morte, só dialogárão palavras de religião e fé. Alumiavão apenas o escuro quarto as velas de um oratorio, armado aos pés do leito. Querendo o amigo ler-lhe a conhecida ode, que em seu louvor compuzera:

Se póde um mocho piador nas selvas.....

lançou mão de uma das velas do oratorio. Ao ver aquelle movimento, Bocage, que até alli parecêra prostrado, *ergue-se* a subitas, tenta debalde ajoelhar, e tendo bra-

dado, com voz de Stentor, contra *o impio*, *o perverso*, *o athêo*, *que assim vilipendiava os symbolos da crença*, dirige-se fervorosamente a Deos, como despindo-se da responsabilidade de um attentado nefando!

Tudo, n'aquella ardente imaginação, produzia impressão medonha. Aos 28 de Março de 1805 falleceu, no mesmo predio onde Bocage agonisava, uma sua sobrinha, de cinco annos; celebrou elle essa morte em duas quadras, que improvisou:

Trocando amargas horas
Por doce eternidade,
Gemeu co'a natureza,
Folga co'a Divindade.

O que é nos céos contemplo,
Contemplo o que era aqui.
Gemi... porque gemia!
Rio... porque ella ri!

Parecião annuncios que lhe mandava o céo. Com pouco intervallo se finou tambem na mesma propriedade um homem de sessenta annos, e uma menina de dezoito; como estes golpes repetidos o impressionárão, manifesta-o o espavorido soneto que por então escreveu:

No abysmo tragador da humanidade
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste
Sumir-se a florecente e a murcha idade!

Olha em muros, que veste a escuridade,
Olha a côr de teu fado, a côr mais triste!
Talvez (e agora, agora!) elle te aliste
No volume em que lê a eternidade!

Ó tochas funeraes! Clarão medonho!
De morte, ó mudas, solitarias scenas!
Em vós atterrado os olhos ponho!...

Ah! porque tremes, louco? Ah! porque penas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas de ouro, em regiões amenas.

Quão religiosa e contrita se ia esvaindo aquella alma purissima! Escutai-o murmurar:

Já debil, tibio já, meu estro adeja,
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A morte, que no peito me rouqueja.

Esta melancolia amarga que ás vezes o pungia, disfarçava-a outras vezes o genio galhofeiro, que nem a defecada mão da enfermidade conseguira demudar-lhe. Eis-aqui uma d'essas raras estrellas que sorriem no tenebroso céo d'aquella vida erma:

Chalaça minha, que chibavas tanto
Na sucia dos tafues! és uma feia.
Deixas-me andar talvez por lingua alheia,
Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

Vem para casa, vem, que me ataranto
Sem te ver ao jantar, sem ver-te á ceia.
Da minha historia minha urdindo a teia
Dê-se a folguedo o que se deve ao pranto.

Contem-se o *vai melhor* e o *não é nada*;
Seccos *bons dias* da hyperborea mana,
E a roda viva da vivaz criada.

Amolleça-se o fel da vida humana,
Até que a morte, de broquel e espada,
Nos leve á cortezia até Pantana.

Muitos o soccorrêrão; mas era a molestia dispendiosa, e cahíra o poeta na pobre barra sem possuir com que *mercar o* medicamento d'aquelle dia. Cumpre aqui dar

algum relevo ao nobre procedimento de um homem do povo, tanto mais merecedor de ver seu nome exaltado, quanto mais singelos e desinteressados forão seus actos.

José Pedro da Silva, homem sem instrucção, mas de coração angelico, timbrava em proteger muitos homens illustres do seu tempo, para os quaes tinha sempre bolsa franca. Desde os fins do seculo passado, teve a honra de ver, durante vinte annos, a sua casa o quasi domicilio de todos os talentos, e ponto de reunião de uma sociedade escolhida, sanctuario de espirito e de gosto. A loja de bebidas de José Pedro, ao Rocio, tinha uma casita, ao rez da rua, onde nem um só dia deixava de ir Bocage, a qual era geralmente designada pela honrosa alcunha de *Agulheiro dos Sabios*. E como qualificava esta reunião a viperina lingua de José Agostinho de Macedo? O prologo do *Poema dos Burros* nol-o dirá:

« O espirito da Asneira preparou, no centro de Lisboa, um domicilio, onde quiz levantar o throno e dilatar o imperio dos sandeos. Uma fatal força centripeta para alli puxa os mais asneirões de todas as classes; e d'alli, assim como do club dos jacobinos de Paris se preparárão e dirigírão todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios, se dirigírão todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da razão, do gosto, da critica, da poesia e da prosa, em que reluzisse um vislumbre do siso commum. Fallo de um botequim, ou café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, *sanctuario* conhecido, não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves provincianos, que se persuadem figurar no mundo, quando, entre calotes, apparecem seis mezes no immundo e sebento theatro de uma estalagem, onde, entrárão com reposteiro á porta, e

sahem embrulhados na manta que d'ella furtão. Uma necessidade fatal, que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este botequim, foi alli presidir a Asneira, desde que o orate Bocage, levantado de motu proprio e poder absoluto em sultão do Parnaso portuguez, alli começou a beber e a gritar. Alguma cousa se susteve ainda a razão, nos dias d'este mentecapto; mas erão já muito debeis os effeitos da sua resistencia, etc., etc. »

O mesmo J. A. de Macedo pôz ao pobre homem a alcunha, pela qual até a morte foi conhecido, de José Pedro *das Luminarias*. Eis o que deu lugar a esta graça.

No dia 16 de Abril de 1811, celebrando-se em Lisboa a expulsão dos exercitos francezes, José Pedro mandou armar na frente do seu botequim no Rocio uma brilhante illuminação, com innumeraveis luzes, quadros allegoricos, arcos, flôres, etc. N'um quadro, por exemplo, estava Wellington coroado pela fama, levado á immortalidade, e este verso:

Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma

e uma porção de quartetos.

Tendo nós, em 1847, consultado este bom José Pedro, a tempo em que era chefe de continuos na camara dos deputados, narrou-nos, com a modesta singeleza, apanagio da verdadeira beneficencia, o modo como occorreu ás necessidades do seu pobre invalido. É elle quem dicta o que em seguida transcrevemos:

« Desde o dia em que Bocage adoeceu, não lhe desamparei o leito, visitando-o todas as tardes, e a final permanecendo ao seu lado quasi sempre. No progresso da

molestia, incommodado de observar tamanha indigencia, e notando que todos os amigos lhe dirigião producções, a que geralmente respondia com bons sonetos, disse-lhe eu:

« — Ó senhor Bocage, dá-me estes versos dos ultimos dias?

« Não m'os recusou, e sahi logo de sua casa para a imprensa regia, a dar ao prelo a collecção que corre com o titulo: *Improvisos de Bocage, na sua mui perigosa enfermidade, dedicados a seus bons amigos*. Passados tres dias, andava eu por toda Lisboa pedindo a quantos encontrava um cruzado novo, por cada folheto, para Bocage. No primeiro dia passei 112, no segundo 64, e assim seguidamente; o que de dia chegava a colher, na mesma noite lhe entregava. Depois obriguei-o a incluir exemplares a muitas pessoas ricas, em cartas do seu proprio punho, que tinhão geralmente em resposta, dez, vinte mil réis e mais; de fórma que, não só até á morte subsistio d'esses recursos, mas ainda durante annos viveu d'elles sua irmã; e declarava Bocage que nunca em sua vida víra tanto dinheiro junto. »

No dia em que Bocage recebeu a primeira remessa, mandou a José Pedro o seguinte soneto:

Josino amavel, que zeloso engrossas
Bens que mesquinho Apollo aos seus permitte:
Que os, não longe talvez do ermo limite,
Agros meus dias compridos adoças;

Do honroso plectro meu com jus te apossas:
Folga! Os fados me dão que a sombra evite
Em que altas famas some o negro Dite,
E, aque ás torres fatal é como ás choças.

Plebéa prepotencia os tempos doma..

Com teu nome, por mim, que cinjo o louro,
Alvo padrão na eternidade assoma.

D'esta arte, abrindo o genio o seu thesouro,
Outr'ora n'alta Grecia e n'alta Roma,
Pagava em metro o que devia em ouro.

Com effeito, todos os poetas e versejadores do seu tempo lhe dirigirão então poesias, e encarniçados inimigos com elle se reconciliarão. Doeu-lhe porém na alma não receber iguaes provas de sympathia de Pimentel Maldonado, e de Ferraz de Campos, como o revelou n'este soneto:

Melibêo me cantou, cantou-me Oleno,
Nomes que vai dourando á fama o gyro.
Gloria Amphriso me deu, me deu Belmiro,
Olivo me cantou com metro ameno.

Solto do vil, miserrimo terreno,
Aos astros fui nos extases de Elmiro.
Por mim de Tempe o florido retiro
Teus sons ouvio, Pierio; os teus, Almeno.

Junto a Phebo, ou a si, me pôz Tomino
E outros... Mas entre o numero inspirado
Não tive Ismeno (oh dôr), não tive Alcino!

Jaz mudo aquelle (e não me ignoro, ó fado);
Este, absorto em seu prospero destino,
Se esquece de que Elmano é desgraçado.

Parece porém que Maldonado se lhe chegou depois, e ainda a todos fez Bocage esta despedida:

Caro a Phebo, a Philinto, a Lysia, á Fama,
Na lacia fonte e argiva immerso Alfeno;
Pelas deosas irmãs fadado Ismeno,
Em que é numen razão, verdade é flamma;

Canoro Melibeo, por quem derrama
Inveja e gloria o nectar e o veneno;
Philosopho cantor, meu doce Oleno,
Doce ao socio infeliz, que em ais te chama!

Elmiro, que de Sophia o gran thesouro
Revolves, possessor, com mão suprema,
E outros, que o Tejo honrais, o Vouga e o Douro!

Dai-me que o Lethes sorvedor não tema;
Por vós comprado ao tempo em versos d'ouro,
Cysne talvez que sôe a hora extrema.

Entre as poesias que então exclusivamente dirigio aos seus mais particulares amigos, figura este sonêto:

Terno Paz, bom Maneschi, Aurelio caro,
Alvares extremoso, Almeida humano,
Ferrão prestante, valedor Montano,
Moniz, que extrahes teu nome ao tempo avaro:

Freire, Vianna, Blancheville, ó raro,
Moral thesouro, que possue Elmano;
Socio de Flora; e tu de som thebano
Ó cysne! E tu, Cardoso, em lettras claro.

Monumento honrador da humanidade,
(Se o fado me sumir da morte no ermo)
Grata vos deixa cordial saudade.

Ireis nos versos meus do globo ao termo,
Por serdes, com benefica piedade,
Nuncios, nuncios de um deos ao vate enfermo.

De vez em quanto compunha Bocage, por distracção, poesias a objectos estranhos. Pouco mais de um mez antes de sua morte, pagou Nelson com a existencia a esplendida batalha de Trafalgar, ganha sobre as esquadras hespanhola e franceza unidas, o que inspirou ao cysne moribundo este soneto:

Precavendo os vaivens da instavel sorte,
E do britanno heróe zelando a [illegible],
Sem mancha, sem desar dal-o á memoria
Pelas ondas fataes jurou Mavorte.

Nelson! raio do sul! raio do norte!
Crentes na lide ao Gallo a avante historia.
Do horror a par de ti surge a victoria,
E louros immortaes te cinge a morte.

Não com dôr, não com ais, o Thracio numе
No thoro funeral te vê lançado,
Em teus olhos extincto o marcio lume.

[illegible] (disse) foi [illegible] Olympo, alumno amado!
O [illegible] qui foi teu costume:
Do [illegible] era teu costume eu fiz teu fado.

Tendo-se então espalhado que Nelson havia sido assassinado por um prisioneiro francez, eis como Bocage qualificou este acto:

O instrumento brutal da acção mais crua,
Que em sangue [illegible] o louro a Nelson purpureia:
« Ç'ro[illegible], ó gloria, ó gloria » (audaz vozeia
Desfeito a golpes mil, já sombra nua).

Primeiro a deosa attonita recua,
Assim depois o espectro sentenceia:
« Em caracter sanguineo ao mundo leia
« Do mundo nos annaes a historia tua:

« Em ti um monstro mais o Averno alcança,
« De heroes, ó fero algoz » (diz co'um gemido),
E o lemure [illegible]to ás furias lança!

Cahe nos infernos com feroz bramido.
Eis sobre elle sacode Alecto a trança
E de aspides sem conto eil-o mordido.

Este momentoso assumpto lhe inspirou ainda os seguintes sonetos:

De peito impenetravel sempre ao susto,
Ledo entre [illegible] no p'rigo,
Ó França, teu [illegible] inimigo,
Por timbre teve não triumphou sem custo.

Ardendo em gloria o coração robusto
Onde teve o trophéo teve o jazigo.
Nelson venceu... venceu por uso antigo,
Mas da victoria foi desconto injusto.

Bem que [illegible]nte a Gallia em rubro lago
(Domando a morte quem seus brios doma)
Crê reparar com isto immenso estrago!

Ah! d'onde um Nelson cahe, [illegible]ro assoma,
Assim, de heróes privando-te [illegible]
Heróes fervião no teu seio, ó Roma.

Mãi de cheíes heróes, de heróes coll[illegible]dos,
A Gallia herdou de Roma o genio[illegible]a sorte;
Seus filhos no igneo jogo [illegible]e Marte
Virão marcios leões tremer curvados.

Mas alta lei dos penetraes sagrados
Baixou, que o fatal impeto reporte
Fervendo em raios no oceano a morte,
Te obedece, ó Britannia, ao mando, aos fados.

No continente o Gallo é[illegible]deos da guerra;
O inglo audaz sobre o pelago iracundo,
Da victoria os pendões, troando, aferra...

Ah! nutrão sempre assim rancor profundo.
Um triumpha no mar, outro na terra:
Se as mãos se derem, que será [illegible]undo

Co'um diadema de luz no Elysio entr[illegible]a
Envolto Nelson em sanguineo manto:
Lavrou nos manes desusado espanto,
E a turba dos heróes o rodeava.

Grita Alexandre (e a elle os olhos crava):
« Quem és, que entre immortaes [illegible] tanto? »
« Sou (lhe diz) quem remio de [illegible] quebranto
« Europa curva, oppressa, e quasi escrava.

« Deixei de sangue o pégo rubicundo;
« Trophéos em meu sepulcro a patria arvora;
« Raio ardi sobre o Gallo furibundo... »

N'isto de novo o Macedonio chora:
O que immensa extensão venceu do mundo,
Quem vencêra um só povo inveja agora.

Sobre as ondas do tumido oceano
Impavido guerreiro, nauta ousado,
De valor e fortuna sempre armado
Panturoso se ostenta o heróe britanno.

Sem da morte temer a furia, o damno,
Entre as aguas do Nilo celebrado,
Depois de o estreito Sunda ter passado,
Foi terror do Francez, do Castelhano.

Quilhas vinte rendendo ousado e forte,
Seus dias acabou, mas combatendo
No marcio jogo, que preside á morte.

Louros ganhando, a patria defendendo,
Cedeu da parca horrenda no féro córte.
Triumphando viveu; morreu vencendo.

Dir-se-hia, pelos sonetos que precedem, e por outros lugares, que Bocage, esquecendo a sua estirpe, renegava as glorias da França, apenas exaltando a Inglaterra. Não era assim, como o mostrão um d'esses mesmos sonetos: *Mãi de chefes heróes*, e outras poesias.

Os ultimos amores que lhe encantárão a existencia forão os de uma dama, que julgamos termos ainda co-

nhecido, e a quem, já quasi nos últimos paroxysmos, endereçou o seguinte soneto :

De um nume aos ais de Elmano, oh! dom mimoso!
Thesouros meus! Aljofares de amores!
Ao ver-vos deslisar, cahir nas flôres,
De um gesto como os deoses milagroso,

Orvalho pareceis do céo piedoso,
Que meigo allivio influe em agras dôres,
Que humedece estes aridos vapores,
Este halito da morte, infesto, ancioso.

Sentindo o coração por ti regado,
Comtigo, ó nectar, a existencia exhalo,
E brando para mim se ri meu fado.

Arfada! Jove e tu só podem tanto!
Meu mal dorme... repousa embriagado
Das mil delicias que me dá teu pranto.

Desde que reconheceu ser-lhe a morte inevitavel, e que a querida utopia de se unirem em vida já lhe não afagava a esperança, como talvez tivesse em mente, dirigio á mesma o seguinte soneto :

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céo me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva,
Lei (sendo ethérea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constancia aviva;
É por artes de amor, de amor, ó Diva,
Do não gozado amante os manes goza.

Mais doce orvalho de teus olhos desça
Á (linda como tu) melhor das flôres,
Que em torno á campa se abotôe, e cresça :

Passêa entre os meninos voadores,

Une a mãi aos filhinhos; e pareca
Da morte a soidão jardim de amores.

Note-se porém que erradamente se attribuem ao periodo da ultima enfermidade algumas poesias, e até das que alludem ao boato da sua morte. A saude de Bocage era naturalmente precaria, e empeiorada ainda pelo viver desregrado. No tomo III, dado á luz sob suas vistas, em 1804, estão duas bonitas epistolas, uma de Sebastião Xavier Botelho a elle :

Sobre erguidas montanhas que rodeia...

e a resposta :

Se lugubre existencia amargurada...

Taes só assentão na gravissima doença que o poz ás portas da morte, e na noticia que grassou de haver fallecido, o que por conseguinte foi em prazo algum annos anterior ao passamento, como já atrás dissemos.

A noite de 20 para 21 de Dezembro de 1805 foi de tormenta no pobre quarto da travessa de André Valente; reconheceu-se o doente nas ultimas agonias, mas nem por isso deixou de admirar e edificar, por sua piedade e resignação.

« Será chegada a hora? » murmuravão entre si aterrados e a chorar pelos cantos os consternados amigos, que lhe erão todos familia, e da mais intima. « Será chegada a sua hora? »

O que iria lá por dentro no grande espirito, durando taes momentos amargos de pranto! Se vissemos o que lá ia por dentro! Que suave contraposição de ideas! que antevisões! que antegostos da bemaventurança!.....

Junto ao leito de Elmano, e emquanto um sopro vital animava ainda aquelle rosto sublime, se via, debuxando-lhe as feições, entre as lagrimas dos circumstantes, um pintor cheio de coração, um amigo do poeta, o seu Henrino. Era para ver o sofrego enthusiasmo com que o artista se esforçava por exceder-se, resuscitando, com a magia do lapis, o poeta moribundo!

O sol da terra, o pallido sol de Dezembro entrava tambem cada dia, mas a medo, e solemne, na estancia lacrimosa do poeta moribundo, e trazia para o ultimo acto d'aquelle drama singelo da penitencia uns como reflexos benignos e melancolicos da despedida do anno!

Ás dez horas e um quarto da manhã de 21, recebida a absolvição final da boca do veneravel Dr. José Maria, depois bispo do Funchal, e de Bragança, passou o poeta... não já só o poeta, o christão fervoroso e sublime, os humbraes da vida eterna, contando apenas quarenta annos e tres mezes.

. . . . . .

. . . . . .

Comparecêrão, no dia immediato, espontaneamente, na igreja de N. Sra. das Mercês, muitos ecclesiasticos, para celebrarem missas e suffragios pelo repouso eterno da alma do defunto.

Sepultárão-o, pela direcção e á custa do mesmo José Pedro (outro e melhor Jáo), no cemiterio das Mercês. Um poeta, que poucos mezes tinha de sobreviver-lhe, Frei José Botelho Torrezão, recitou, no momento de baixar o corpo á cova, o soneto que principia :

No denso véo da noite o pranto escorre...

vem inserto na *Collecção de poesias á morte de Bocage.*

Ilaviáõ sido fallazes ás esperanças que o mesmo amigo expressára, pouco antes, n'est'outro soneto :

Se a morte afoga de Bocage o canto,
Se as forças promptas do Immortal não descem,
Se os céos á voz da dôr não se enternecem,
Perdes, ó Lysia, teu melhor encanto.

Ah! Vê que um vate assim merece tanto
Como os heróes que as éras ennobrecem!
Faze votos; as supplicas não cessem :
Impede o luto emfim, a mágoa, o pranto.

Eu vejo Lysia aos pés do altar sagrado,
O halito de um Deos sorvo e respiro,
Bocage á morte, á campa está salvado.

Parabens, Portugal, mundo! Eu deliro!
Não deliro : nos céos está mandado
Que de Ulysséa o sol não finde o gyro.

a que Bocage respondeu pelos mesmos consoantes :

De Elmano antes da morte é morto o canto.
Do Pindo inspirações já lhe não descem;
Mas inda aos que em seus males se enternecem
O que sómente é dôr, parece encanto.

Ah! ditoso o que devé á patria tanto,
Ditoso o que altas musas ennobrecem :
Bem que afincadas oppressões não cessem
De abrir-lhe mais e mais a fonte ao pranto!

Da mente, em que fervia o gaz sagrado,
Um Deos, que respirei, já não respiro,
Um Deos, por quem do nada estou salvado :

Nos versos, que te dou, talvez deliro;
Da sorte aos meus pousar foi já mandado,
E aos teus impõe seguir da fama o gyro.

Eis-aqui a ultima poesia composta por Bocage; possuimol-a do proprio punho do Morgado de Assentiz :

Já Bocage não sou!... Á cova escura
Meu estro vai parar, desfeito em vento...
Eu aos céos ultrajei! o meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura!

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento...
Musa... tivera algum merecimento,
Se um raio de razão seguisse pura!

Eu me arrependo : a lingua quasi fria,
Brade, em alto pregão, á mocidade,
Que atrás do som fantastico corria :

Outro Aretino fui! A santidade
Manchei... Oh! se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos! crê na eternidade!

Aqui daremos outro soneto, que tambem possuimos por lettra de Assentiz, e cujo valor consiste em têl-o composto quem acabava de ser amanuense do moribundo para o que se leu, e haver sido começado emquanto Bocage era ainda vivo, e terminado já depois da sua morte. Eis os versos de Manoel Pedro de Araujo Ribeiro :

Morreu Bocage! e fez a despedida
Como cysne christão! Ah! na passage
Mais em quatorze versos fez Bocage
Para a gloria immortal, que em toda a vida.

Reconheceu, no orbe diffundida,
Da eterna mão a sacro-santa image:
E quem, em vida, ao céo fez duro ultrage
Chora na morte a pena merecida.

Do Pindo as musas, lugubres, descendo,
De louro o final verso coroando,
Vão sobre a pedra este lettreiro erguendo :

« Cantou, chorou Bocage. E assim chorando,
« Como christão morreu, de dôr gemendo;
« Como cysne acabou, em paz cantando. »

Tivera aqui talvez cabimento transcrever centenares de producções que este desastroso successo inspirou aos vates; mas para fecharmos o capitulo com chave de ouro, escolhemos entre ellas o epicedio de Philinto Elysio :

Dá-nos susto o morrer, do sol radioso
Perder a amada luz, passar d'um féretro
Á Styx e ondas do olvido,
Deixar honras e bens, deixar o alcáçar
De prazer summo, o posto que acarêa
Acatamento e mando,
Que inveja induz nos Grandes... Descuidoso
O alado povo cahe no mortal laço;
Cahe, cada dia, a turba
Que habita o bosque, o rio, em nada subdita
As cruas mágoas, aos tão mil sossobros
Que nós soffremos, miseros!
N'estas almas humanas acurvadas
De infortunios. Desfructão melhor vida!
Tyranno de annos verdes
Nos apunhala amor. A sêde avara
D'esse ouro insultuoso nos subverte,
Por lucros, a virtude.
Vai-se após honras vãs, ensanguentado
De abrolhos, o ambicioso. Outro, que a taça
Esgotára da inveja,
(Paixão infame!) as veias se empeçonha.
Quem não sentio, no seio, os crús verdugos
Da tristeza, ou despeito?
De odios? de iras? ou de rancor que ultraja
O terno dó do fraco, a quem opprimem,
O coração nos fende.
Na terra, no ar, no fraudulento oceano,
Não ha animal que igual tormento sinta,
Qual dá Natura aos homens.
Da essencia divinal o raio eterno,

Que nasce e anda commosco, os dias turvos
Da vida nos espinha,
Com paixões [illegible] Nem farto de alancear-nos
Vivos, na morte ensopa a lança inteira.
Mais agra, alli a morte,
No espelho da lembrança, nos ameaça.
Labora o juizo. E a morte é mais medonha
Pensada, que sentida.
Veste-a a mente de espantos. Mais affavel
Foi co'as féras Natura, não lhes dando,
Na imprevidente idéa,
O antegosto da dôr, que os homens bebem,
Trago a trago, na taça que lhe emborca,
A cada instante, Erynnis.
E a nossa vida é assim. Mesquinhos homens!
Nascemos para lanço de ruins fados,
Emquanto a alma em nós mora.
Quando o céo põe seus dons, suas virtudes
N'um lindo peito, a morte (essa invejosa)
Nol-a rouba, apressada.
O verde, o esmalte d'um risonho prado,
A purpurina tez da fresca rosa,
Assim os come Syrio,
Assim do anno se acanha a juventude,
Quando gelado o inverno, o aceso estio,
Mais que enfadosos, durão.
Sim refloresce a airosa primavera,
Se outr'ora se murchou. Mas não remoça
As cãs verdor da idade;
Que nos ferra a velhice enferma e triste
(Tetra hospeda da morte) e ás sombras ôcas
Da campa nos despenha,
[illegible] de enojo infindo. — Tu, Quintilio,
[illegible]n as musas favorecem, honrão
Entre os que a Apollo seguem,
E as lições lhe ouvem no fendido monte,
Olha um Bocage, gloria do aureo Tejo,
N'esta éra alto prodigio,
Brazão d'este orbe. Ascosos vermes pasce
(Ultrage inevitavel!) no jazigo.
Nada lhe aproveitárão

Raios de Phebo, mimos das Piérides,
Bem que, por lhe assistir, deixado houvessem
O vocal genio cume :
Quando elle, á lusa terra, todo o côro
Harmonico attrahio, porque entoasse
Da Elysia o engenho, a fama,
Proezas de seus reis, de amor proezas,
Como póde esse Deos, que infante o amára
Não o arrancar á morte,
Deos que as canções lhe amou salvar divinas.
Vir-te-ha, Quintilio, assim, tambem; o applauso,
Que te esclarece no orbe,
Cahirá, comtigo, no jazigo, mudo;
Grandezas, honras não terão mais polpa
Que a pobreza do vulgo.
Teus sacros versos, que silencio e pejo
Plantão nas linguas, plantão nos semblantes
Dos mestres do aureo plectro;
Que as dextras lhe entorpecem; que, de inveja
Lhes deslisão das mãos papel e pluma,
Perderão a toada,
Que lhes vinha do peito altivo e forte,
Onde as musas os sons lhes afinavão,
Co'o delphico alaúde.
Tu, não menos verás estofas ondas,
Que todo o humano avista : ao nauta avaro
Tens de pagar teu obolo,
Afim que á adversa margem te navegue.
Porquê aos eternifluos, vagos rios,
Que o leito nunca mudão,
Não semelhamos nós? Nem aos balanços
Do oceano coévo aos céos? aos céos sem terra?
Não cabe lastimarmo-nos,
Que, em despeito de Eólo, e de Neptuno,
De Jove iroso, e dos fendentes raios,
Entone audaz a cima
Ponteagudo penhasco, e eterno jaza,
E se ufane seguro, altivo seixo!
Que ás sévas mãos das Parcas,
Morrão engenhos grandes, quaes Bocage!
E o ferro não tremeu na mão de Clotho,

Quando cortou tal vida?
Lamentavel destino! O varão, que altos
De engenho ademos logra, nos furtão!
E deixão de éra em éra
O parvo blazonar co' a calva fronte!
Quem, desd'ora entoará, como compete,
Com sons marciaes, na tuba,
Do luso braço a gloria, já que é extincta
A musa que a cantava altisonante?
Quem dirá seus combates?
O destemido arrojo de Pacheco?
A intrepidez de Nuno? o forte Castro?
O rigido Albuquerque?
Quem o ousará, Quintilio? A tua musa
Lhe aceitaria a tuba, se (fugindo
Todo o terreno assumpto)
Não tomasse por alvo o céo, e os hymnos.
Quem nosso Homero, quem Virgilio nosso
Heróes cantará lusos?
Senão Erminia, que o seu nome espalha
Na amplidão do orbe; como quando Phebo,
Sentado sobre o Pindo,
Toma a lyra nas mãos, modula os versos
Com que, a saudarem Jove, ensina as musas.
A voz, que em cheio solta,
Vai desdobrando o som de longe em longe,
E estendendo-o — as folhas estremecem,
Nas madeixas dos troncos.
Erminia, Erminia, as musas te convidão,
Clio o seu alaúde te offerece,
E para ti o afina;
Junto de si te quer. Oh! que alli pódes
Dar louvores dignos de Bocage,
Com voz igual á sua.
Onde estás, Sapho? Aonde estás, Corina?
Sapho e Corina, ó Erminia, em ti concorrem:
Concorrem melhoradas.
Erminia, successora tu só restas
Da lyra de Bocage. Tu consola-nos
Da perda do grão vate.
Clio não queira; oh! não consinta Apollo,

Que (dado á fouce da impia Libitina
Bocage) um vate falte,
Que nos cante a virtude! Oh! minha Erminia
Enternecer as penhas, prados, selvas,
Com saudosas endechas,
Em memoria de Elmano, aos Lusos caro!

ERMINIA.

« Elmano; oh! *vale!* A abelha, em teu moimento
« Sempre o seu mel componha!
« Manná dos céos, e balsamos da Arabia,
« Alli distillem; louros enverdeção,
« Heras, nevados lyrios!
« Basto rosal, com mil botões o abrace!
« Mangerona, tomilho, e a dôr vermelha,
« Que annuncia em queixumes
« De Ajax a dôr, n'um ai tinto em seu seio!
« Do Sado as nymphas, nymphas do aureo Tejo,
« E as indicas Nerêas,
« Com lagrimas a campa lhe humedeção!
« Clotho, com fria mão, cortou-te o fio
« Á vida — desbotado
« Pelo infortunio, pelas manchas lividas
« Da doença importuna, precursora
« Do angustioso gume.
« Ouve, ó Bocage, as queixas lastimadas,
« Que entre as graças, que Elysia manda ao Olympo
« Pelos dons com que a exalça,
« Mescla arrojados intimos suspiros :
« *Ai! falta-me um Bocage! um igual canto!*
« E a voz alli desmaia e :
« Que ao romper das entranhas magoadas
« Lh'a entala a perda do cantor sublime,
« E a fronte inclina e geme. »

Solta, ó Quintilio, o nó que te ata os hymnos
Na melica garganta do teu Bocage
Desfructa a luz do Elysio, —
Feliz Elmano, *Salve!* As negras roupas
Da amargura as rasgou a mesma fouce
Que te ceifou a vida.

Já arraiada de luz tua alma illustre,
Á sombra dos fadiferos loureiros,
Aspirando os aromas
Dos hesperides pomos, na alcatifa
De esmeralda que, a fio, dá de rosto
Ao bocherno, á geada,
Heróes te vêm saudar, heróes, que o nectar
Comtigo bebem, festivaes convivas.
Vêm-te saudar os vates,
O tão famoso Eumolpo, o Orphêo divino,
Lino, Amphião, Musêo, e o que, aquecendo
A tuba, abrasou Troya;
Vem de Mantua o Cantor, e Horacio, e Pindaro;
Com mil applausos, ledos apregoão:
Não cede á Italia, á Grecia
A lusitana musa. — Tecei corôas
De hera e louro a Bocage. Nós, saudosos,
Dizemos: « *Vale*, Elmano! »

Essa poesia, e vibrada de tal lyra, é já uma apotheose; mas a posteridade a quem Bocage instituíra testamenteira de sua gloria, tem-se ido, por todas as fórmas, desempenhando do encargo.

A seiva nova que as modernas instituições fizerão circular no grande tronco social, toda rebenta em fructos e flôres de benção. Nossos dias estão satisfazendo muitos debitos de nossos avós. A Camões, além de outros monumentos litterarios, estamos levantando uma estatua condigna. A quem tanto se lhe assemelhou, a Bocage, outro tanto succederá n'este seculo, para o que já um tentame brilhante se anticipou.

No dia 10 de Abril de 1864, ás cinco horas da tarde, os Setubalenses, unidos todos no mesmo sentimento, prestavão já um primeiro tributo de homenagem ao grande poeta, assentando uma lapida commemorativa na frente da casa onde o berço de Bocage fôra embalado. Bandas

de musica, hymnos, girandolas, repiques, poesias, flôres, enthusiasticos applausos de multidões attrahidas de longe, tudo abrilhantou uma festa nacional, que sem duvida será seguida por outra, quando no meio da praça de Setubal se erguer o vulto em bronze de Elmano.

CAPITULO X

Bocage considerado physicamente. — Retrato do poeta por elle mesmo. — Outro do mesmo autor. — Quinão em Montaigne. — Outro retrato do poeta feito por um seu inimigo. — O verdadeiro e authentico retrato de Bocage. — Quem o descobrio. — Historia d'essa preciosidade; sua descripção. — Elenco dos retratos que do nosso poeta se têm publicado.

Como se desconfiasse da pericia dos pintores, teve cuidado o proprio poeta de nos deixar o seu fidelissimo transumpto, pela propria mão debuxado com estranha firmeza de linhas, e felicidade na semelhança; eil-o:

Magro; de olhos azues; carão moreno;
Bem servido de pés; meão na altura;
Triste de facha; o mesmo de figura;
Nariz, alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de existir n'um ser terreno;
Mais propenso ao furor do que á ternura;
Bebendo, em niveas mãos, por taça escura,
De zelos infernaes lethal veneno;

Devoto incensador de mil deidades...
(Digo, de moças mil) n'um só momento;
Inimigo de hypocritas e frades;

Eis Bocage, em quem luz algum talento.
Sahirão d'elle mesmo estas verdades,
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

Por temor da censura, imprimio-se o 11° verso:

E sómente no altar amando os frades;

e por decencia deixou o autor de publicar o ultimo verso como o compôz:

N'um dia em que se achou c... ao vento.

A, hoje finada, amavel e espirituosa poetiza Sra. D. Anna Marecos, que presenciou muitas vezes os improvisos de Bocage, nos recitou este soneto (*inedito*), que, estando n'uma sociedade, em Santarem, ella lhe vio fulminar:

De ceruleo gabão, não bem coberto,
Passeia em Santarem chuchado moço,
Mantido ás vezes de succinto almoço,
De cêa casual, jantar incerto.

Dos esbrugados peitos quasi aberto,
Versos imprinje por miudo e grosso;
E do que, em phrase vil, chamão *caroço*,
Se o quer, é *vox clamantis in deserto*.

Pede ás moças ternura... e dão-lhe motes!
Que, tendo um coração como estalage,
Vão n'elle accommodando a mil peixotes.

Sabes, leitor, quem soffre tanto ultrage,
Cercado de um tropel de franchinotes?
É o autor do soneto: é o Bocage.

Dizião todos os que forão seus intimos, que raro despontava sorriso na placidenta face do poeta; só os olhos azues, vivos e grandes, lampejavão intelligencia; erão elles por si sós a admiravel expressão de todo o rosto, suave e energica expressão, que para logo sabia alliciar-lhe os animos. Os cabellos, longos e soltos, andavão sempre

desgrenhados, e as mãos sempre a augmentar-lhes a desordem. Bocage caminhava curvo e inclinado, com apparencia e porte de rachitico. Pendia-lhe o tronco ao mover-se, como se as extremidades inferiores lhe não pudessem com o peso do corpo.

Com a estiolada e misera saude que já mencionámos, pôde Bocage desmentir sem custo as doutrinas do bom Montaigne (*Essais*, liv. III, cap. 5), que para tudo quanto se refere á intelligencia e imaginação requer alegria e muita saude:

« Errão os mestres, diz elle, quando attribuem os rasgos sublimes do espirito ao enthusiasmo, ao amor, ás rudezas da guerra, á poesia, ao vinho, esquecendo a saude: oh lá cousa como saude forte, cheia, descansada, com quem sem interrupção a logrei eu no verdor dos annos! É esse fogo de alegria, que em meio dos mais arrebatados, se é que não dos mais extravagantes transportes, excita na alma lampejos vivos como natural espirito não tivera força para creal-os. »

Todos temos nossas fraquezas; havia uma no nosso poeta sobre que elle não admittia chufas; era a enormidade dos pés, ainda mais conspicuos por monstruosos calcanhares. Um dia, por desgraça, vendo-o D. Gastão, de calção novo, de sarja, á porta de uma loja, comprimentou-o: « Ó Bocage! estás magnifico, mas lembra-te do pavão, não olhes para os pés; » gracejo que o poeta muito tempo não perdoou.

Um dos antagonistas de Bocage escreveu por baixo de um retrato d'elle estes versos:

Esqueleto animal, cara de fome,
De timão, e chapéo á Lollandeza,

Olhos espantadiços, boca acesa,
D'onde o fumo, que sahe, a todos some,

Milagre do Parnaso em fama e nome,
Em corpo estuporado alma franceza,
Com voz medonha, lingua portugueza,
Que aos bocados a honra e brio come.

. . . . . .

N'este esboço o retrato tenho feito:
Eis o grande, o fatal Manoel Maria,
Que até pintado perde o bom conceito.

Era de uma lividez sepulcral, e (salva a exageração do *crime*) com razão dizia de si mesmo:

. . . . . se trago escripto
No rosto côr da morte o meu delicto...

O homem não se andava sempre a namorar, cumpre confessal-o, e a cada passo reconhecia a sua fealdade, como se vê na *Satyra* a José Agostinho. Os seus dotes physicos certamente os não tinha na conta em que avaliava os moraes:

Não devo á natureza um grato aspecto;
É verdade. O meu merito consiste
N'um claro entendimento e puro affecto[1].

E todavia, ao estudarmos attentamente os traços physionomicos no seu retrato, sentimo-nos abalados a suppôr que pelo seu aspecto se adivinharia o caracter das suas obras, como pelo caracter das suas obras se lhe adivinharia o aspecto.

De todos os retratos que d'elle existem, affirmava os

[1] *A Nereida*, idyllio.

que o havião tratado, que só um era de véras semelhante; esse porém desapparecêra. Referimo-nos ao penultimo que Henrique José da Silva executou, e não ao que desenhou perante o poeta moribundo, e que acima mencionámos.

Tivemos a fortuna de descobrir essa verdadeira preciosidade artistica e litteraria, cuja descripção e historia vamos bosquejar aqui para os curiosos.

Pintado este retrato por Henrino no anno da morte do poeta, pertencia de propriedade a seu autor. Este, vindo ao Rio de Janeiro, onde foi professor da academia das bellas-artes, o trouxe comsigo. Por morte do pintor, passou o retrato, com o mais do espolio, a seu filho, porteiro do musêo, ou cousa assim; e depois, por fallecimento d'este herdeiro, o recebêrão no inventario suas filhas, netas de Henrino, e já nascidas no Brasil.

Não deixa de merecer especial menção a circumstancia de que no inventario foi o retrato avaliado em 10$000 rs., e por suas donas adjudicado, como premio de serviços de advogado no inventario, ao nosso amigo o Sr. Dr. Joaquim José Teixeira, distincto homem de lettras brasileiro, que hoje por caso nenhum consentiria em desapossar-se de um tal ornamento, sem preço, da sua já avultada galeria artistica.

Eis agora a descripção minuciosa do quadro.

É a oleo, e mede 00 centimetros de altura, sobre 00 de largo. Mesmo para quem não visse o poeta, se afigura dever ser este o seu authentico retrato, porquanto como obra de arte não seja um primor, transverbera-lhe no rosto uma não sei que vaga expressão de verdade e vida, que a todos, até aos profanos, incutirá convencimento.

Em fundo de côr terrena se destaca a figura do poeta, enchendo todo o campo, menos na parte superior obra de pollegada e meia. Figura elle sentado n'uma cadeira; a cabeça encostada á mão esquerda; o cotovelo descansado na mesa, da qual se divisa pendente uma folha de papel, onde se lêm estes tres versos[1]:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos vates dous, aos dous pintores
Correr na eternidade igual destino.
BOCAGE.

Segura no papel pela parte superior um livro encadernado, em cuja lombada se vê: *Rimas de Bocage*. Em cima do livro um d'aquelles antigos tinteiros redondos de metal amarello, com uma penna de ganso.

A attitude do braço direito do poeta está apontando para os versos.

Descobre-se-lhe todo o corpo até ao joelho, pois, estando o poeta sentado, a côxa, em posição horizontal, serve de base ao quadro.

[1] São o segundo terceto do soneto de Bocage:

Altas filhas do genio, irmãs formosas,
Ó poesia! Ó pintura! Ó par sagrado!
Que nos jardins de amor colheis mil rosas,
Arcanos mil, nos penetraes do fado!

Em vós absorto, em vós extasiado,
Da sorte não me acurvo ás leis penosas!
Jove! Por ambas o mortal é dado
Que alegrem homens, o que em germen gozas.

Forçando ao pasmo as almas superiores,
Transluz um ar, um estro, um ser divino
Do plectro e do pincel nos sons, nas côres:

Honra Elmano o pincel, e o plectro Henrino:
Compete aos vates dous, aos dous pintores
Correr na eternidade igual destino.

O cabello é castanho escuro, muito corredio, desalinhado, e cahido pela testa, que é alta e estreita. Olhos grandes, e muito azues; sobrancelhas não bastas, curvas, assaz intervalladas, e o intervallo entre ambas algum tanto enrugado. Nariz enorme, e de longo cavallete ao meio. Boca muito pequena, e labios bem vermelhos. Vê-se pelo azulado da face que a barba é espessa. A face está de todo rapada, e apenas mostra uma pequenissima suiça junto á orelha. O olhar é penetrante e perspicaz; a tez entre morena e pallida; avultão porém nas maçãs do rosto as côres tão frequentes nos achacados de aneurisma.

Bocage veste casaca azul á moda do tempo, collete côr de canna, do feitio que hoje se chama á Napoleão, mas desabotoado em cima; calças côr de canella. Ao pescoço traz enrolada em duas voltas uma como manta de lã vermelha; o collarinho não apparece.

Entre os pés da mesa se lê o seguinte: « *Henrique Jose da Silva pintou.* 1805. »

Não tardará que o pincel, a lithographia, a gravura e a photographia vulgarisem este retrato. Poderáõ então os curiosos, comparando entre si as diversas estampas que com o nome de Manoel Maria têm sahido a lume, julgar se o preciosissimo quadro de Henrino merece ou não a palma sobre elles todos.

O nosso respeitavel confrade e amigo o Sr. Innocencio da Silva, recopilando as noticias que até então existião ácerca de retratos do poeta, disse o seguinte no seu monumental *Diccionario bibliographico*:

« Cumpre dizer duas palavras com respeito aos retratos que existem do poeta. O mais fiel e aprimorado de todos, e até superior na grandeza do formato, é o de gravura

em cobre, delineado por Henrique José da Silva, e aberto por Bartholozzi, logo após a morte de Bocage. Os exemplares são raros. Por este se fez o de lithographia que acompanha a nova edição das *Poesias* de 1853, e que sahio mais que soffrivel no seu genero. Já alludi acima aos que se achão no *Panorama* e *Archivo pittoresco*, e que pouco ou nada valem. Além d'esses possuo mais tres, de gravura em cobre, todos de pequenos formatos, e a qual d'elles menos exacto e de menor merito artistico. Ha ainda outro lithographado (cópia tambem do de Bartholozzi) que sahio com o artigo do Sr. Mendes Leal acima citado. »

José Maria da Costa e Silva (*Passeio*, c. I), fallando do retrato feito á hora da morte, diz:

> . . . . . Henrique,
> Que de Elmano as feições roubaste á Morte,
> Para que sempre os posteros tivessem
> Seu rosto em teu pincel, a alma em seus versos.

Tambem (no c. II), descrevendo os pensamentos que lhe tumultuavão, ao vagar n'um cemiterio, exclama:

> Olho rasteira campa, envolta em musgo.
> Digo comigo: — Aqui talvez repouse
> Algum novo Camões, novo Bocage!
> Um, que levasse heróes a estranho mundo
> *Por mares nunca d'antes navegados;*
> Outro, que extemporaneo aos céos voasse
> Sobre vergas de fogo! Abandonou-os
> A sciencia, a fortuna; em flôr murchárão.

Ha tambem um retrato de Bocage, superposto ao quadro da sua morte, á frente das *Poesias Selectas*, impressas no Porto, em 1864, precedidas de um esboço biographico pelo Sr. J. V. Pinto de Carvalho.

CAPITULO XI

Qualidades moraes de Bocage. — Alma contradictoria. — Seus sentimentos em materia de religião. — Devoção a Nossa Senhora. — Amor de patria. — Politica. — Suas idéas sobre a liberdade. — Poesia por occasião da morte da rainha de França.

Perscrutemos agora as qualidades moraes do poeta; penetremos com o escalpello até ás ultimas fibras, desnudando-lhe os intimos arcanos, e não poupando censura, nem louvor; contemplemos esse caracter multiplice, vario, tauxiado (por que assim o digamos) de elementos tão diversos!

Foi a vida de Bocage a um tempo ardente e fria, descansada e irrequieta, humilde e sobranceira; subjugavão-o as paixões; enlouquecião-o os applausos; admirava os heróes, e os rasgos sublimes; dera o sangue pela patria; as mulheres e Deos erão os dous grandes cultos do seu coração.

Não nos circumscrevamos porém a estas vagas reflexões, visto como a opinião prevenida injustamente estigmatisou um vulto que tem direito de ser encarado á sua verdadeira luz. Nem sempre a justiça dos contemporaneos tem collocado os homens no lugar que lhes é devido: Corneille foi condemnado; Racine apateado; Molière chamado impio; Lafontaine immoral; Shakspeare selvagem; Victor Hugo barbaro; Alfredo de Musset libertino; Bocage infame! Dar-se-ha caso que semelhantes adjectivos sejão titulos ás poltronas academicas?

Examinemos pois os fundamentos em que o julgamento de Bocage deva assentar.

Religião. — Era Manoel Maria, por natureza, crente, devoto, beato... supersticioso. Mil factos seus o demonstrárão, porém até nas suas obras nos legou muita prova da piedosa disposição do seu animo. Para assumpto quantas vezes escolhia a religião, sua grandeza e seus mysterios! palpita em quasi todas as poesias religiosas que escreveu profundo recolhimento, meditação immensa; dir-se-hia de muitas, que são verdadeiras orações, escriptas de joelhos, para serem cantadas de joelhos. Ouví esta por exemplo:

Ó rei dos reis, ó arbitro do mundo,
Cuja mão sacrosanta os máos fulmina,
E a cuja voz terrifica e divina
Lucifer treme no seu cháos profundo!

Lava-me as nodoas do peccado immundo,
Que as almas cega, as almas contamina!
O rosto para mim piedoso inclina
Do eterno imperio teu, do céo rotundo.

Estende o braço, a lagrima propicio,
Solta-me os ferros em que choro e gemo
Na escuridade já do precipicio!

De mim proprio me livra, ó Deos supremo,
Porque o meu coração, propenso ao vicio,
É, Senhor, o contrario que mais temo.

Demos na collecção diversos outros analogos e bellissimos sonetos, por exemplo os que se lêm no tomo I, a pag. 5, 25 e 5[illegible] começão:

Qual novo Orestes, entre as furias brada.....

Os milhões de aureos lustres coruscantes.....

Senhor, que estás no [illegible] que vês na terra.....

É para notar o cuidado que Bocage emprega em acudir

com certas notas, ás vezes pueris, quando as circumstancias o constrangem a pôr na boca de terceiro qualquer apparente impiedade.

Assim, na versão de *Progne, Therêo e Philomela* (das *Metamorphoses*) ao verso :

E um Deos, se acaso um Deos no céo reside.....

apressou-se em observar : « Linguagem propria da desesperação, e vertida litteralmente. »

Era Bocage particularmente devoto de Nossa Senhora. Aquella Mãi Sagrada, cuja pureza é o symbolo da perfeição, cujas glorias sobrelevão a todas as glorias, cujas dôres pungem céos e terra, cujo reinado é sem termo, a cuja prece tanta vez se mitigão as iras do Supremo Autor, cuja protecção é a esperança mais fagueira; ella, a formosa pomba de Sião, que adeja sobre os cumes da Palestina, não podia deixar de inspirar delicias ao vate christão, e ser alvo de immenso affecto em peito naturalmente propenso a amor.

Por isso, muitas de suas producções, as mais sentidas, as mais espontaneas, erão dedicadas á Torre Eburnea. Tal é, por exemplo, a ode a Nossa Senhora da Encarnação, que principia :

Acatamento em si e audacia unindo.....

e este soneto :

Tu, por Deos entre todas escolhida;
Virgem das virgens; tu que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagaste a cabeça entorpecida;

Doce abrigo, santissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado;

Corrente, com que as nodoas do peccado
Lava uma alma que geme arrependida;

Virgem, de estrellas nitidas c'roada;
I'o Espirito, do Pai, do Filho eterno,
Mãi, filha, esposa, e mais que tudo amada;

Valha-me o teu poder e amor materno!
Guia este cego! Arranca-me da estrada
Que vai parar ao tenebroso inferno.

É Nossa Senhora da Conceição a padroeira do reino, da universidade de Coimbra, e de varias corporações sabias. A *Velha Arcadia* igualmente a tomára por protectora; e nos dias das suas assentadas no monte Menalo, trazião os arcades por divisa um lirio, no qual a Virgem Maria era mysticamente figurada. D'aqui veio o culto á Celestial Senhora. A *Nova Arcadia* o renovou, e o dia 8 de Dezembro era por essa assembléa consagrado a uma sessão especial, em que de nada mais se tratava que de encomios á Virgem Immaculada.

Por isso existe, no tomo II do *Almanak das Musas*, pag. xxv, uma cançoneta de Semmedo á Divina Senhora, lida n'um d'aquelles anniversarios, principiando:

Que fraudes, que enredos,
Que horrivel estrago,
Famelico drago
Semeia entre nós,
O collo escamoso
[illegible]do feroz?

Por terra alongado
Um'hora serpenta,
E a cauda cruenta
Enrosca em anneis,
Outr'hora corisca
Dos olhos crueis.

e conclue:

Celebrem-te sempre
Do Olympo os cantores;
Perennes louvores
Te dêm os mortaes;
Teus cultos se vejão
Crescer mais e mais.

Da torva discordia,
Da inveja sedenta,
Benefica isenta
O nosso Athenêo!
Mil graças lhe alcança,
Mil bençãos do céo.

Não olvidado d'este piedoso culto, ainda em 8 de Dezembro de 1847, Bingre, o derradeiro supervivente do Menalo, consagrou este soneto ao mesmo augusto assumpto:

Era n'este celeste augusto dia
Por dever social, Virgem Sagrada,
Que a vossa conceição immaculada
Cantava a minha antiga academia.

Eu, alumno tambem, a voz erguia
Para troar na olympica morada;
E co' a mente em fervor incendiada
Tres vezes pura vos louvei, Maria.

D'aquella vossa Arcadia eu o primeiro
Que, voando nas azas do meu canto,
Era da vossa gloria o pregoeiro.

Mas hoje que do chão me não levanto,
Recebei d'esse alumno derradeiro
A lyra, sem cantor, banhada em pranto.

Não podia Bocage deixar de ser dos mais assiduos ser-

vidores da Virgem Santa, em cujos louvores se inspirou para taes solemnidades, lendo a 8 de Dezembro de 1790 o seu primeiro canto á purissima conceição de Nossa Senhora, — de 1791, o segundo canto, — de 1792, a cantata ao mesmo objecto.

Teve entretanto momentos (mui raros) de espantosa aberração, apezar de ser, de todos seus sentimentos, mais duradouro e vivaz o da religião.

Com que humildade não reconhece elle e deplora aquellas propensões da parte material do seu ser, não para um atheismo dogmatico, mas para o atheismo pratico; não para desprezo de Deos fructo de convicções, mas podre fructo de vicios!

Contra esta disposição terrena se lhe insurgia a intelligencia pura, que sempre lhe promettia emenda :

> Mas ah! mandando ao céo meus ais contritos,
> Espero que, primeiro que o teu córte,
> Me acabe viva dôr dos meus delictos.

A fluctuação de um espirito superior, a contradicção que elle mesmo deplorava entre o *eu* moral e o *eu* physico, collocava-o, segundo parece, na posição horrivel que o orthodoxo Racine revelou de si proprio n'aquelle admiravel cantico :

> Mon Dieu, quelle guerre cruelle!
> Je trouve deux hommes en moi :
> L'un veut que, plein d'amour pour toi,
> Mon cœur te soit toujours fidèle;
> L'autre, à tes volontés rebelle,
> Me révolte contre ta loi.
>
> Hélas! En guerre avec moi-même,
> Où pourrai-je trouver la paix?

Je veux, et n'accomplis jamais;
Je veux! mais (ô misère extrême!)
Je ne fais pas le bien que j'aime,
Et je fais le mal que je hais.

O grâce, ô rayon salutaire!
Viens me mettre avec moi d'accord;
Et, domptant par un doux effort
Cet homme qui t'est si contraire,
Fais ton esclave volontaire
De cet esclave de la mort.

L'un, tout esprit et tout céleste,
Veut qu'au ciel sans cesse attaché,
Et des biens éternels touché,
Je compte pour rien tout le reste;
Et l'autre, par son poids funeste,
Me tient vers la terre penché.

Amor da patria. — Parece que era este um logar um sentimento real e intenso, a julgarmos por muitas de suas producções. Já ponderámos haverem sido as glorias de Portugal na Asia o que mais vivamente o impressionava. A figura dos Albuquerques terriveis e Castros fortes se lhe antolhava gigante á imaginação. Ouçamos como elle se exprime ácerca de Affonso de Albuquerque vingando-se dos Agarenos traidores aos Portuguezes, e tomando Malaca:

Em bando espesso, em numero infinito,
Defende a ponte o barbaro Malaio.
Eis que, entre horrores, emulo do raio,
Albuquerque immortal vôa ao conflicto.

Assim que assoma o claro chefe invicto,
Terror da prole do feroz Sabaio,
Gela os netos de Agar frio desmaio,
Os Lusos soltam á victoria o grito.

Victimas são do portuguez Mavorte
Inda aquelles que mal na fuga alcança;
Leva no ferro transmigrada a morte.

Mas já sobre trophéos o heróe descansa;
Havendo, por seu braço illustre e forte,
A patria, a natureza, os céos vingança.

Ao salvador de Diu, D. João de Castro, dedicou o seguinte soneto:

Blasphema Rumecão, jura vingança
Aos manes infernaes, ao pai maldito,
E contra Diu em pertinaz conflicto
As industrias esgota, as forças cansa.

Munido de magnanima esperança
O portentoso chefe, o Luso invicto,
Dos veneraveis muros infinito
O barbaro tropel mil vezes lança.

Feminina caterva as armas mede;
Encurtando ás do Rhodope a memoria
Sobre hostil multidão raios despede;

E quando finalmente a lysia gloria
Vê o extremo fatal e inda não cede,
Eis Castro! eis a virtude! eis a victoria!

Sempre com o pensamento n'aquelles dous heróes, lamenta a decadencia do dominio portuguez na India, com o soneto que demos no tomo I, pag. 16, e começa:

Por terra jaz o emporio do Oriente.....

Como idéa associada dos males que Portugal padeceu, a troco das glorias colhidas por suas navegações longinquas, e pelo dobrar do Cabo Tormentoso, compôz este valente soneto:

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado!
Oh! m[illegible]ro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que, entregue a vis traidores,
Estou vendo Sepulveda afamado,
Co'a esposa e co'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores.

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!
Pelos nossos desastres és famoso:
Maldito Adamastor! maldita fama!

A restauração de Portugal dedicou o soneto que se lê á pag. 16 do tomo I d'esta collecção, e começa:

Cesarões, Viriatos, Apimanos.....

Á patria, em geral, agradecendo as sympathicas provas de affecto que recebêra, dirigio est'outro, por occasião da enfermidade que o arrebatou:

De Elmano a musa, que entre imagens vela,
Emquanto, ó natureza, estás calada,
Carpia do aureo Pluto abandonada,
E Pluto era de bronze aos prantos d'ella:

De Elmano a musa, que a memoria anhela,
Conforma o plectro em dôr co'a voz magoada;
E dos piedosos sons tu apiedada,
Gemes, ó Lysia, ó mãi suave e bella.

Qual arde avara sêde ante um thesouro,
Patria, amor ante o metro me flammeja,
E o que em verso me extrahe, me volve em ouro.

D'alma em torno a sorrir-se a gloria adeja;
E (mercê de alta Lysia) immune o louro
Entre as sombras lethaes inda verdeja.

Em muitos elogios dramaticos, odes, elegias, etc., se ostentão iguaes sentimentos de enthusiasmo para com a terra do seu berço, expressos em palavras analogas a estas:

. . . . . Lysia!
Ó plaga superior ás plagas todas,
Que déste ao mundo antigo um novo mundo,
Que, immensa no valor, no espaço curta,
Transcendeste os confins da humanidade,
Lavaste execução lá onde apenas
Ousára abalançar-se o pensamento!

Era tal emfim a exageração, que parecia sahir-lhe da alma aquelle verso:

Se Lysia baquear, baquêa o mundo.

Note-se mais que os assumptos epicos ou tragicos, de que a sua musa se enamorára, todos os extrahio dos fastos nacionaes; facil é pois reconhecer quão vivo ardia no peito de Bocage o amor da sua patria.

Politica. — Esta palavra, na moderna accepção, ainda não existia em tempos de Bocage. Já o volcão francez tinha feito a sua erupção tremenda, mas ainda a corrente da lava não tinha invadido os campos do Douro e Tejo. As suas tendencias porém erão todas liberaes, como já tivemos occasião de observar; e se houvesse fallecido dezeseis annos depois, sem duvida nos teria legado hymnos e canticos á liberdade. N'esta materia, bem para si mesmo compuzera o verso:

Em seculo de infamias, sou Romano.

Comquanto o seguinte soneto se nos afigure pouco bocagiano, aqui o transcrevemos, visto havêl-o o Sr. Innocencio da Silva admittido como authentico:

Sanhudo, inexoravel despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue, a furia cevas,
Que em mil quadros horrificos te *enlevas*,
Obra da iniquidade e do atheismo:

Assanhas o damnado fanatismo
Por que te escore o throno onde te *elevas*;
Por que o sol da verdade envolva em trevas
E sepulte a razão n'um denso abysmo.

Da sagrada virtude o collo pisas,
E aos satellites vis da prepotencia
De crimes infernaes o plano gizas;

Mas, apezar da barbara insolencia,
Reinas só no exterior; não tyrannisas
Do livre coração a independencia.

Mas a liberdade do culto, das aspirações de Bocage, era a que une a sua imagem á fraternidade do Evangelho, ou ainda a que engrandece um povo até eleval-o ás alturas de uma Roma; não a que, gerada em sangue, só de sangue se alimenta; não a que vive de derrubar, sem erigir monumentos sobre as ruinas dos abatidos; não a que converte o homem em féra, e que o denomina *irmão*, para tornar mais negro ainda o crime de prostral-o; não a que proclama igualdades, á moda dos Tarquinios, decepando cabeças de papoulas; não a que serve de degráo a ambiciosos, ou de manto a tyrannos; não a que proscreve todos os grandes e eternos principios da religião, da verdadeira liberdade, ou antes dignidade do homem, da familia, da propriedade, dos mil respeitos humanos;

não a que substitue a existencia pausada e nobre das sociedades por uma dansa macabra, em que todas as hierarchias, sexos, idades, posições, se vão processionalmente despenhando no fundo do mesmo golphão.

Não podião portanto as scenas da revolução franceza, que as contemporaneas, deixar de encher de indignação e terror a alma suave de Elmano.

Que ardente de impeto, que lategó de Nemesis, que formosa de linguagem, que delicada de sentimento, não é a curta elegia, escripta ao chegar a Lisboa a nova tragica da morte da rainha de França!

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das artes, das sciencias os thesouros:

Seculo enorme, seculo nefando,
Em que das fauces do espantoso Averno
Dragões sobre dragões vêm rebentando:

Marcado foste pela mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade, amavel, terno.

Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue, ou lagrimas enxutos!

Que horrores, pelas furias propagados,
Mais e mais esses ares ennevoão,
Da gloria longo tempo illuminados!

Crimes soltos do inferno a terra atroão,
E em torno aos cadafalsos lutuosos
De sedenta Viganga os gritos soão.

Turba feroz de monstros pavorosos
O ferro de impias leis brandindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante nação, que blasonava
De exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava;

Por mais que o sangue em ondas se desate,
Nada, nada lhe acorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende, ou rebate;

Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento:

Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade,
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Barbaro templo! Abominosa idade,
Ás outras éras pelos fados presa
Para labéo e horror da humanidade!

Flagellos da virtude e da grandeza,
Réos do infame e sacrilego attentado
De que treme a razão e a natureza!

Não bastava esse crime? Inda o damnado
Espirito, que em vós está fervendo,
A novos parricidios corre, ousado!

Justos céos! Que espectaculo tremendo,
Que imagens de terror, que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo!

Que victima gentil, muda e serena,
Brilha entre espesso detestavel bando,
Nas sombras da calumnia, que a condemna!

Orna a luz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantárão,
Se volvem para o céo de quando em quando;

As mãos, aquellas mãos, que semeárão
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincárão,

Ludibrio do furor e da arrogancia,
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza e da constancia.

Ó justiça dos céos! Ó mundo! Ó gente!
Vinde, acudí, correi, salvai da morte
A malfadada victima innocente!...

Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis assassinos;
Soou da tyrannia o duro córte.

Já cerrados estais, olhos divinos;
Já voando caminheis, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.

Do [illegible]os reis na côrte luminosa
Revês o pio heróe, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os lauros goza.

Na mente vos observo: eil-o a teu lado
Implorando ao Senhor [illegible] os máos flagella,
Perdão para seu povo hallucinado.

Despido o véo corporeo, ó alma bella,
No seio de immortal felicidade,
[illegible]ntes não voar mais cedo a ella.

Emquanto aos monstros de horrida maldade
Murmura a seu pezar no peito iroso
A voz da vingadora eternidade,

Desfructa summa gloria, ó par ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado é respeitoso,

Te aprompta as aras, te dispõe incenso.

Eis-ahi quaes os nobres sentimentos de Bocage: a sua arvore de liberdade precisava alastrar as raizes por terra pura: os sentimentos odientos definhavão-lh'a; o sangue afogava-lh'a.

CAPITULO XII

Continuação das qualidades moraes. — Caridade, sensibilidade. — Anecdotas. — Gratidão. — Melancolia. — Independencia. — Mendicidade litteraria. — Analogos exemplos, portuguezes. — Excessos bacchicos. — Bocage e Ovidio. — Effeito dos vapores alcoolicos no espirito dos poetas.

CARIDADE, SENSIBILIDADE. — Estes dotes em sublime gráo esmaltavão aquella alma formosissima. Os proprios defeitos de Manoel Maria podem considerar-se como resultantes do excesso d'aquellas virtudes.

Pato Moniz, que o tratou de perto, exprime-se d'est'arte: « Ah! eu não achei n'elle o homem que muitos accusão. Sim achei o homem demasiadamente sensivel, e por isso muitas vezes fraco; porém quantas virtudes rutilavão entre esse defeito! Eu nunca me arrependi de ser seu amigo! »

Accrescenta Costa e Silva que n'este homem tinha a natureza depositado o germen das virtudes moraes; que elle mil vezes chorou sobre a sorte do infeliz; que mil vezes se privou do necessario, para soccorrêl-o.

Quantos o conhecêrão exaltavão com effeito o gráo de bondade d'aquelle coração de pomba, que não podia presenciar dôr, ou privação, sem desejar allivial-a.

O seguinte facto fôi-nos contado pelo finado Francisco Bonça, official da junta do credito publico:

« Um cavalheiro, cuja casa eu frequentava muito, convidou-o para ir com elle passar a noite; recusou. Averiguando o motivo, soube elle que faltavão a Bocage fato e sapatos decentes, e mandou-lhe logo o preciso vestua-

rio, rogando-lhe o não privasse do prazer da sua companhia. Prometteu o poeta, mas faltou. Ao outro dia, um mendigo explicava a omissão do poeta, de um modo que, natural da parte de Bocage, deu brado por toda Lisboa. Contava elle o que se segue. Entrára o mendigo pela sua porta, implorando caridade. Respondeu-lhe Bocage: « Meu amigo, estamos companheiros, que eu tambem « não tenho ceitil. » Já se voltava o mendigo, lançando-lhe a benção, e fitubiando: « Morrerei pois de fome e frio... » Não o deixou Bocage proseguir, pois observando-lhe os andrajos que, na estação inclemente, lhe deixavão o corpo nú, lhe exclamou: « De frio, não queira « Deos! Ahi tem você o fato e estes sapatos. » E deu-lhe quanto acabava de receber, ficando mais pobre que o pedinte, e impossibilitado de comparecer na festa para que fôra convidado! »

Disse-nos D. Gastão que muitas vezes jantavão juntos; porém quando o fidalgo o convidava, sendo dia em que o poeta não tivesse na sua casa muita farta, com remorsos de ir banquetear-se, deixando a irmã com fome, respondia ao convite: « Iria... mas o cruzado novo para o jantar da minha irmã? » Recebia-o, e logo partia satisfeito.

O poeta Bingre, na carta a que alludímos, narrou-nos um caso, de que foi testemunha presencial, e que bastaria para conquistar as sympathias de todo o coração bem formado. Eil-o aqui, litteralmente copiado:

« Andando nós ambos a passear, em uma manhã [illegible] no Passeio Publico de Lisboa, fomos dar com um homem asseiado a chorar, sentado em um banco de pedra. E perguntando-lhe Bocage o que tinha, respondeu: « Tenho « fome... porém não é a minha que eu pranteio; é a da « minha desgraçada familia, que me ficou em casa des-

« fallecida! » Bocage de repente, dando um grito, mette a mão na algibeira, e tira quanto dinheiro n'ella tinha, que, segundo minha lembrança, erão quatro cruzados novos em miudos, e lh'os deita no chapéo, bradando :

« — Oh! que não tenha eu agora umas poucas de peças!

« E, todo enthusiasmado, virou os bolsos do avesso, dizendo para o homem :

« — Vê que não tenho mais? Se os [illegible]sse cheios, todos lh'os vasava no chapéo... Mas venha [illegible]! venha cá!

« E mettendo-me a mão no bolso, me tirou dous unicos cruzados novos que eu tinha, e lh'os deu; e entrou em altas vozes a invectivar com raiva e furor contra os ricos egoistas e avaros. »

Que vos parece isto? Um sorriso e uma lagrima, no semblante de um colosso, é uma originalidade quasi divina. Foi para Bocage que Mme Valmore compuzera aquelle nobre verso :

Tant que l'on [illegible]ner, on ne peut pas mourir.

Aos assumptos que [illegible]mente lhe impressionavão o coração, dedicava por instincto os mais primorosos productos de estro inspirado. Escolheremos um, entre muitos exemplos.

No dia 11 de Julho de 1797, um mez antes de Manoel Maria ser preso, conduzia-se ao patibulo um réo, devidamente condemnado, mas cuja sorte enlutava n'esse dia a cidade de Lisboa. O vate, sobr'excitado pela idéa do pavoroso quadro, improvisou o afamado soneto que se lê a pag. 156 do 1° tomo d'esta collecção :

Ao crebro som do lugubre instrumento.....

Ainda dedicou ao infeliz est'outro, menos citado, mas cuja chave é tambem de ouro :

Sobre o degrão terrivel assomava
O réo, cingido de funereo manto.
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,
Da intrepidez a morte se assombrava.

No firme coração não palpitava
O precurso[illegible] parca, o mudo espanto;
E, ufana de[illegible]bir no esforço a tanto,
Um ai a humanidade apenas dava.

Mortal, que foste heróe no extremo dia,
De idéas carrancudas e oppressoras
Não soffreste o pavor na fantasia.

Co'as vozes divinaes, consoladoras,
Só a religião te embrandecia...
Fôras de ferro, se christão não fôras.

Gratidão. — Ahi se dava uma das terriveis contraposições [illegible] seu caracter. Conserva[illegible] muitos amigos até á mo[illegible]mas com a mór parte [illegible]to padeceu eclipses. Beneficios e provas de cordi[illegible] arrancavão-lhe exaltados testemunhos de reconhecimento; mas tal impulso era fugaz; a um bom dito sacrificava um amigo, e, salvas poucas excepções, o intimo de hontem era o indifferente, quando não alvo dos epigrammas de hoje. Era da opinião d'aquelle Inglez que dizia que a gratidão é a virtude dos cães.

Melancolia. — Este homem, que vivia sempre em prazeres e orgias, entre amantes da bonachira [illegible] facil viver anacreontico, era pelo contrario naturalmente melancolico. Podia dizer, com Alfredo de Musset :

Le seul bien qui me reste au monde
Est d'avoir quelquefois pleuré.

Logo no primeiro soneto, que o poeta nunca publicou (e que se lê no tomo I, pag. 1 d'esta collecção), manifesta elle o genio triste, accrescentando que os seus versos alegres erão fingidos, e provenientes de dependencia.

É porém certo que a volcanica imaginação lhe converte em crueis pezares os mais singelos acontecimentos da vida humana; é certo que n'aquella alma constantemente:

Post equidem sedet atra cura;

pois já em producções da sua quasi infancia se lamenta da sua *baça tristeza*, e denuncia o estado do seu *peito, de gemer cansado e rouco.*

Este nosso philosopho porém era um meio entre Heraclito e Democrito; a sua musa ora chorava do fundo da sua alegria, ora sorria do fundo da sua tristeza.

Elle sourit pourtant du fond de sa tristesse.

(diz algures Polonius, isto é, Labenski.)

Se porém raiavão frequentes as horas da musa desenvolta, mais e melhores despontavão outras em que o visitava a sempre amiga musa de Lamartine, a quem inspirou as *Harmonias*, e especialmente os sublimes *Novissima Verba.*

Independencia. — Genio impaciente de freio, não tolerando *sujeição* ao minimo encargo, antes queria a indigencia com todos seus horrores do que opulencia com quebra de liberdade. Esse o motivo por que se não conservou na carreira de serviço que escolhêra, e rejeitou quantos offerecimentos lhe fizerão de pingues empregos.

Na já citada carta de 5 de Julho de 1847, que Bingre,

o constante amigo de Bocage, nos dirigio, depois de nos repetir quanto José de Seabra era apaixonado do nosso poeta, e seu protector, continuou assim, fazendo-nos conhecer uma anecdota caracteristica d'aquella singular impaciencia de jugo:

« Ia Bocage muitas vezes jantar com José de Seabra, o qual sempre, no fim, o presenteava com algumas peças, a titulo de obras que lhe dava para traduzir.

« Um dia, jantando ambos, em companhia de D. Francisco de Almeida, tambem intimo amigo de Bocage, disse aquelle para José de Seabra:

« — Admira-me que, sendo V. Ex. tão amigo do Sr. Bocage, não achasse ainda um emprego decente em que o occupar!

« — Pois diga V. Ex., em que? respondeu Seabra. O Sr. Bocage não quer sujeição.

« — Uma cousa sei eu, que elle ha de aceitar de certo...

« — Então o que é?

« — Bibliothecario na Livraria Publica, que V. Ex. vai crear...

« — É muito e muito bem lembrado, disse José de Seabra, lançando mão do copo para brindar á saude do futuro bibliothecario; ao que logo acudio Bocage:

« — Obrigado, Sr. José de Seabra! Mas, que encargos tem o tal emprego?

« — Oh! muito leves e sem cansaço. Lidar com homens sabios e estudiosos, tres horas de manhã e tres de tarde.....

« — Safa! Seis horas! e então com os taes homens sabios! e por obrigação! livra, que escravidão! Não aceito; não aceito. Obrigado, Sr. José de Seabra, não captivo a minha liberdade por quanto ouro tinha Creso.

« — Então, Sr. D. Francisco, que lhe disse eu? Ao Sr. Bocage não ha nada que dar, senão remunerações pelas composições talentosas.

« E entrárão todos a rir... »

Já se vê que Bocage, em taes casos, antepondo a independencia a todas as vantagens, respondia como João Lafontaine :

Prenez le titre et laissez-moi la rente.

Mendicidade litteraria. — Aquella independencia, aquelle impulso nascido de impaciencia, ou de volubilidade, ou de preguiça, trazia comsigo o inevitavel resultado, penuria; e a penuria, ao contrario, outra vez a dependencia, de que elle em versos recem-citados não menos se queixava.

Com as nossas idéas de hoje, com o senso intimo da dignidade humana, e principalmente da do homem de genio, que sente em si o mais opulento dos patrimonios, invade-nos certa indignação contra a sinecura da mendicidade litteraria, que tanto esteve em moda nos tempos de Bocage. Parece um luxo dos poetas da quadra a ostentação do seu sestro mendicante: serião uns terriveis concurrentes aos pobres dos Asylos, se já existissem, e certamente o erão dos frades franciscanos.

Que ha mais repugnante que as paginas pedinchonas de Nicoláo Tolentino?

Malhão escrevia, entre cousas semelhantes, ao principal Camara :

N'ellas te explica o Malhão,
Na phrase mais natural,
Que se acha sobre um colchão,
Côxo, e sem ter um real.

Bingre, tambem victima de Apollo, e chorão até á morte, não menos escreveu este soneto:

Morreu pobre o Camões, pobre o Garção,
Quita e Mattos vivêrão na pobreza,
Bocage teve lances de escasseza,
Muitos dias soffreu falta de pão!

Santos e Silva tinha uma ração
Do hospital na botica por fineza.
Parece que capricha a natureza
Em fechar á poesia a dextra mão.

Aquelles forão vates de alto espanto
Que deixárão no mundo eterno nome
Muitas vezes comendo o proprio pranto.

Tal o Bingre mirrado se consome.
Se os não póde imitar no doce canto,
Elle os imita victima da fome.

Bocage, portanto, igualmente padeceu d'aquella molestia endemica ou epidemica, d'aquelle cholera-morbus intellectual; pedia esmola em prosa e verso, com a mesma facilidade com que daria quanto possuisse.

Excessos bacchicos. — Forão unanimes quantos contemporaneos de Bocage consultámos, em asseverar que elle usava em demasia de bebidas espirituosas (particularmente ponche e genebra), mas tambem em repellir a accusação de que fosse, uma só vez, encontrado em estado de embriaguez.

Em contrario, apenas se nos deparava um documento, uma propria vergonhosa confissão de Bocage, n'um soneto que lhe attribue o tomo IV das *Posthumas*, edição Desiderio, onde o autor se confessa frequentador de immundas tabernas, dizendo embriagar-se então em tal excesso que *com a trabuzana*, sahia de lá *a remos e á ba-*

lina! O soneto não está mal feito; foi sem duvida intencionalmente destinado para correr como producção de Bocage, o magro, de olho azul, de cor morena; mas afigura-se-nos ser isso uma estrategia do inimigo, que, abusando da immensa influencia que exercêra no espirito do gibboso Desiderio Marques de Leão, lhe iria successivamente entregando para archivar, e depois publicar como de Bocage, versos não d'elle, e só destinados a empanar-lhe a reputação. Como declararia Bocage de si mesmo semelhantes torpezas, elle que timbrou sempre, como se vê na *Satyra* e em outras producções, em não ser tido por homem de máos costumes? elle que em nenhuma outra poesia se accusou do vicio torpe? elle que, no prazo em que se diz isso composto, á beira da sepultura, só estava absorvido pelo culto da religião e da amizade? elle que, se ainda então algum dia pôde sorrir, seria em gracejos innocentes, e não em declarações cynicas? elle que, com os olhos fitos no céo, não podia revelar ao mesmo tempo aspirações terrestres e enlameadas?

Até, na versificação, suppomos reconhecer meias provas de que o soneto não é de Bocage. Aquelle desdobrar do 1º para o 2º verso; aquelle *a tal cigana;* aquelle *mar rôxo* (*arroxo*, e consonancia de rr); aquelle *andar a flaino* (será o anti-bocagiano gallicismo *flâner?*); aquella chave não de ouro, mas de chumbo, indigna na intenção, sem graça na fórma..... avaliem os entendidos se isto póde ser Bocage; e se o condemnarem como apocrypho, terá desapparecido o unico documento que n'este sentido o desabonasse. Ouçamos o referido soneto, ao qual (porque?) puzerão o titulo de *Furta-côres*, quando o mais apropriado seria o de *Furta-estylos :*

Se eu pudera ir de tralha, ir á surdina,
Por ahi! Forte sêde, e forte gana
De zurrapa, de atum, de ti, chanfana,
De ti que dos pingões és gulosina!

Que tempo em que eu, com sucia, ou grossa ou fina,
Para a tia Anastacia (a tal cigana)
Ia e vinha depois co'a trabuzana
A remos, no mar rôxo, ou á bolina!

Quando has de consentir, cruel fortuna,
Ao magro, de olho azul, de côr morena,
O bem de andar a flaino, e de ir á tuna?

Mas, ai... maldito som que me condemna!
Dize, ó fado, ao bizouro que não zuna...
Ahi me chama algum: *Alma pequena!*

Se este soneto fosse realmente de Bocage, e ainda assim não um simples brinco, mas uma confissão cynica, poderia dizer-se do Sadino o que de Molière dizia Chapelle: que elle

. . . . . buvait assez
Pour, vers le soir, être en goguette;

mas, ou muito nos enganamos, ou esta producção não é de Bocage. Quando ás portas da eternidade, alongasse olhos por sua accidentada existencia, elle o crente, elle o supersticioso, elle o compassivo, elle o enamorado, elle o orgulhoso, certamente que o seu *oh ubi campi* não seria a casa da tia Anastacia, nem o seu *dulces moriens reminiscitur Argos* a taberna de zurrapa e chanfana. Perdoem-nos os manes de José Agostinho, se os calumniamos entrevendo aqui o dedo do seu odio.

Ainda n'este assumpto houve pois paridade entre elle e Ovidio, o qual, sem jámais embriagar-se, pedia entre-

tanto ao succo da vinha mais delicias para o amor, mais inspirações para a poesia. Como já de Ovidio dissemos, diremos do Portuguez: das sensualidades da mesa foi, sim, Bocage devoto; não raro lhe era o estomago um vestibulo do templo de amor, e as vezes chegava a ser o templo mesmo, e o *sancta sanctorum*.

Com razão diz Th. Gautier haver estros que, para exaltar-se, ganhão com um excitante physico. N'essas naturezas obra o vinho como um philtro maravilhoso; o generoso sangue da videira mistura-se com o sangue das veias, accelera-o, brota na mente a inspiração. Surge no *eu* outro *eu* que lá jazia; estremece, vibra, derrama eloquencia! sahe de um jacto a nobre estrophe, revestindo a idéa, formosa e esplendida; cahem sem custo as rimas; a palavra flammeja; compõe-se o grande todo; e o sommambulo dedilha as harmonias magicas, que ao acordar hão de a elle proprio maravilhal-o.

Não basta porém o beber para que taes maravilhas surjão á luz. Nem sempre os Ganymedes trazem estro e immortalidade nas taças do festim; a certas organisações nunca o saber lhes dará versos.

É fatal a inspiração alcoolica; são os espiritos umas como cantharidas da intelligencia. Bocage, como Hoffmann, como Edgard Poë, como tantos outros, apressou a morte.

CAPITULO XIII

Continuação das qualidades moraes de Bocage. — Amor. Inconstancia. — Tropas de namoradas. — O sentimento nos dous sexos. — Brutalidade da paixão em Bocage. — O seu amor considerado geographicamente. — Delirios a que elle o arrastava. — Imprudencias. — Amor notarial, em publico e raso. — Ciume. — Anecdotas. — Zelos tambem na amizade.

Amor. Inconstancia. — É curioso que estas duas palavras antipodas nos cahissem instinctivamente da penna como inseparaveis, ao fallarmos de Bocage; mariposa que recorda o velho poeta Tabourot, o qual, por esquecer o nome das namoradas, as designava pelo seu numero ordinal, como se faz aos condemnados na casa de correcção do Rio : « A minha 7ª, a minha 26ª. » Compôz um soneto a um rival, que andava atrás da sua 30ª conquista, ácerca da qual diz elle : « Que dó não tenho eu do pobre homem, que ficou *in albis*, assim como eu! mas quanto a mim, foi caso de parabens, porque se eu tivesse de possuir quantas sujeitas namorei, onde as alojaria eu? »

Bocage não lhe ficou atrás. Ao pintar-se *Incensador de mil deidades* peccou por modesto. Se n'esse ponto não fôra a chronica fecundissima, bastaria abrir o 1° volume das suas *Rimas*, escriptas antes da idade de vinte e quatro annos, e onde, postas de parte innumeraveis jaculatorias sem nome, ou sobrescripto, se ostentão carmes, replectos do mais intenso ardor, e dedicados a Marilias, Gertrurias, Elmiras, Thirsalias, Philis, Marfidas, Floras, Nises, Inalias, Marcias, Enceras, Natercias, Philenas, Ulinas, Armanias, Lemnorias, Anardas, Armias, Lilias, Claurias,

Felizas, Crinauras, Isbellas e Ritalias! copiosissima folhinha, cujas santas não erão fabulosas, e que ficára interminavel se a enriquecessem ainda os nomes de infinitas outras incognitas, que o inspirárão, muitas vezes (digamol-o ao ouvido) sem saberem sequer que erão as Helenas d'aquelle endiabrado Páris de Setubal.

Pommier, na sua epopéa burlesca *O Inferno*, apresentando cada vicio punido por um supplicio principalmente tirado dos instrumentos do respectivo prazer, castiga as relações culpaveis d'esta fórma :

Comparez leur destin au vôtre
Époux enchaînés pour un jour!
Ils sont là, rivés l'un à l'autre,
Éternels forçats de l'amour!
Quelle souffrance et quel calice!
Le commerce intime, où se glisse
Un froid, qui se change en supplice,
Ne date souvent que d'hier;
On maudit tout bas sa conquête,
On la trouve ennuyeuse et bête.
[illegible]nité du tête-à-tête
Ne pouvait manquer à l'enfer.

Parece que ao espirito de Bocage estava a todo o instante presente aquella infernal perpetuidade do dia immediato ao de um prazer equivoco.

E de passagem, antes de mais nos determos sobre esta prostituição de coração, não nos é possivel resistir ao incitamento de exprimir uma idéa, assaz desairosa para o nosso sexo : quão longe não vai este sentimento superficial do homem, comparado com o delicado e sincero da mulher! Ha umas poucas de linhas, que só ellas saberião escrever, em que Mme Valmore alumia n'um relampago mundos de sentimento :

Quand il pâlit le soir, et que sa voix tremblante
S'éteignit tout-à-coup dans un mot commencé;
Quand ses yeux, soulevant leur paupière brûlante,
Me blessèrent d'un mal dont je le crus blessé;
Quand ses traits plus touchants, éclairés d'une flamme
Qui ne s'éteint jamais,
S'imprimèrent vivants dans le fond de mon âme,
Il n'aimait pas : j'aimais!

Vejamos em que consistia o *j'aimais* de Bocage :

Este amor, segundo os tempos e as pessoas, era puro, casto e platonico, ou impuro, brutal e pervertido. Eis um exemplo do primeiro, no idyllio a Flerida :

. . . . . Vis amantes,
Corações inconstantes,
De sordidas paixões envenenados,
Vós, a cujos ardores,
A cujos desbocados
Infames appetites,
A virtude, a razão não põe limites,
Suspirai por illicitos favores,
Cevai-vos em torpissimos desejos,
Tratai, tratai de louco um amor casto,
Que eu, nos grilhões que arrasto,
Tão limpos como o sol, darei mil bejos.
Peçonhenta alliança,
Vergonhoso prazer, de vós não curo.
De ti, sim, porque és puro,
Amor sem fructo, amor sem esperança.

Quereis agora viajar até os antipodas? É facil, lendo o soneto que estampámos no 1° tomo, pag. 157 :

Nos torpes laços de belleza impura...

Em todo o caso, menos parece alheio que proprio o pensamento d'aquelle madrigal :

Eu tinha promettido á minha amada
Constancia até morrer; e esta promessa
Foi na folha de um alamo gravada;
Mas quebrou-se depressa:
Ergueu-se um pé de vento...
Adeos folha, e com ella o juramento.

E como podia deixar de ser, se o homem andava semeando affectos pelas quatro partidas do mundo? Já lhe vimos cincoenta namoradas em *Lisboa*, outras em *Setubal*, outras em *Santarem*, outras em *Gôa*, outras em *Macáo*. Ha mais uma Arselina

Lá onde em fofa espuma se despenha
O garrulo Alviela transparente
De alcantilada ruidosa penha.

Tambem em *Obidos*,

Ás margens do Regaça crystallino
Nos olhos de Tirséa ardeu contente.

Item em *Sacavem* :

Praias de Sacavem, que Lemnoria
Orna ao pés nevados e mimosos
. . . . . .
Mas inda lá de longe os meus gemidos,
Guiados por amor, cortando o vento,
Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

Item em *Pedroiços* :

De Pedroiços na praia extensa e fria
Perdêra a liberdade o terno Elmano.

Item em *Colares* :

A amena, salutifera Colares...
E ante a falsa quietude, alli pousando..

Já se vê que o amor, em Bocage, era uma lança de Telepho, sarando a ferida que fazia, ou antes, em linguagem vulgar, curava-se esta com o cabello do mesmo cão. Dil-o-hieis uma teia de Penelope, a fazer-se e desmanchar-se; um pendulo, oscillando em extremos, sem nunca parar a prumo. Elle singelamente nol-o confessa n'estes lindos versos:

Quantas vezes, amor, me tens ferido?
Quantas vezes, razão, me tens curado?
Quão facil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em gráo venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do fado,
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado,
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Travão-se gosto e dôr; socego e lida;
É lei da natureza, é lei da sorte,
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

Entre os numerosos factos reveladores da exaltação a que o arrebatavão as suas epilepsias amatorias, transcreveremos o seguinte da já citada carta de Bingre:

« Em uma noite, n'uma sociedade brilhante, em que estava a sua Analia, deu-lhe uma senhora este mote:

A minha Analia adorada!

a que elle fez sem interrupção trinta e quatro decimas; e no arrebatamento do estro, tendo subido acima de uma cadeira, com os braços abertos em attitude de voar, em

meio de estrondosos vivas e palmas, levantou-se Anália, e correu para elle, dizendo-lhe :

« — Quer voar? quer fugir-me?

« — Não! respondeu Bocage. Voa comigo ás estrellas!

« ... E notando que era isto um verso, começou de glosal-o, com tanto affecto, *endeosado*, que assombrou toda a assembléa. »

E cumpre confessar que o amor era em Bocage um fogo... mas de palha. O instante em que, por abundancia deôco alimento, levantava ás nuvens chammas ennovelladas, mentirosas, era precursor do outro instante em que do incendio só restava fumo, cinza, nada.

Entre exemplos numerosos d'esta versatilidade, apontaremos o idyllio *Armia*, onde o poeta sem ceremonia nos conta como e quando conheceu esta sua namorada; que a sua morada era em Lisboa, no recosto de um valle, para lá do sitio de Arroios; que tinha uma irmã (Delisa) tão diversa d'ella como Abril do Agosto; que sua mãi era grande admiradora do poeta; que quem o apresentou em casa da moça forão os amigos Montano e Pacheco; que ainda lá havia uns irmãos, muito seus amigos; que um d'elles era Anselmo; que houve outro poetastro, a quem chama Domicio, o qual, voltando após ausencia, convenceu a mãi de que Bocage seduzia a filha; que n'estes termos até o Montano e o Pacheco se virárão contra elle; que o deitárão para fóra a páo; que havia tanto ou tão pouco fundamento para esta *injustiça*, que ainda continuárão as relações dos amantes; que a menina lhe pedia que tivesse paciencia :

A furto não deixava de animar-me,
Dizendo-me : « Tolera a mãi raivosa
« Até que o tempo as furias lhe desarme. »

mas que elle achou preferivel ir fazer idyllios para Santarem, onde sabia que ia encontrar um amigo, fôrma do mesmo pé, que lhe havia de dar taes conselhos e consolações, como isto :

De amor o activo incendio se modera
Co' os auxilios do tempo e da distancia,

e que conseguintemente ficava aquelle idyllio sendo epitaphio d'aquelles amores.

D'elle não menos se conclue que não era a circumspecção dote de Manoel Maria. Um passaporte não dá os signaes do portador com mais miudeza do que o idyllio descobre a moça, a familia, a casa, os amigos; era um namoro notarial, *arcana cordis*, por instrumento, em publico e raso.

Ciume. — Prende bem este objecto com o precedente, visto que o ciume em Bocage (e adiante veremos que nem só no amor) antes merecia nome de paixão, phrenesi, delirio. Foi o sentimento a que deveu mais brilhantes paginas. E com tanta mestria o descreveu, debuxou e colorio, que a não ser o autor do moderno poema *Os ciumes do Bardo*, nenhum outro poeta portuguez soube ainda elevar-se a tamanha altura.

Nem precisavão seus zelos de alimento exterior, que dentro do proprio peito erão elles um fogo de Vesta (perdôe-nos a deosa!) inextinguivel. Tornava infelizes ás namoradas e a si mesmo, não porque lhe dessem motivos, mas por obra e graça da sua propria imaginação:

E pelo ardente excesso com que adoro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o fantasma da traição que ignoro!

Vio-se jámais uma *lei de suspeitos* tão braya, como a d'este Peyronnet do amor?

Contou-nos um amigo de Bocage, que tendo elle adquirido, em certa occasião, provas plenas do infundado de uma sua brutal accusação contra uma de suas conquistadas, e persistindo não obstante em seus ciumes, lhe dissera :

— Que justiça é essa! Pois vês que não tens motivo, e insistes?

— Não sei (redarguio o energumeno); mas podia ter. Tenho ciumes, até de um candeeiro, por ser masculino!

Actos de insania, provenientes de amor e de ciume, contavão-se aos cardumes. Uma noite, em casa do Sr. Benevides, em Santarem, não podendo resistir ao accesso dos seus zelos, fugio da sala sem chapéo, correu até o cáes, fretou assim mesmo um barco, e não parou senão em Lisboa, vindo todo o caminho a contar aos barqueiros a sua desgraça.

Todos os impetos contra as namoradas de quem sentia zelos o convertião n'um porco espinho, e as pobres moças tornavão-se mais alvo de verrinas que de explosões de affecto. Nunca achareis ahi Orphêo perdendo a sua Eurydice, mas um Erostrato incendiando o idolo e o altar.

Encher-se-hia um alentado volume das composições que elle nos legou inspiradas pelo ciume; e todavia só diminuta parte d'ellas lhe sobreviveu, pois era o mais usual assumpto dos seus perdidos e instantaneos improvisos.

Na carta de anecdotas que Bingre nos dirigio, e á qual por vezes temos alludido, lê-se esta :

« N'uma noite, em casa das filhas do marechal Werne (que morreu no Rossilhão), foi tão aguilhoado, pelo ciume

que teve da *ferrea* Ullina, que sobre um mote que lhe deu uma das ditas senhoras:

A negra furia, Ciume,

fez tantas glosas estrondosas e sublimes, que foi preciso ir eu agarral-o, dizendo-lhe: « Basta, basta! Não te leve « a furia desesperada para o Orco. »

E todavia nos intervallos lucidos ninguem melhor que Bocage sabia raciocinar contra a malfadada propensão do seu peito, como o mostrou n'este irrespondivel soneto:

Que idéa horrenda te possue, Elmano!
Que ardente phrenesi teu peito inflamma!
A razão te alumie, apaga a chamma,
Reprime a raiva do ciume insano!

Esperanças consome, ou vive ufano!
Ah! foge; ou cinge da victoria a rama.
Ama-te a bella Armia, ou te não ama?
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de que estás enfeitiçado,
Do puro céo de amor benignos lumes.

Se outro na alma de Armia anda gravado,
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
Ser odioso, além de desgraçado.

Bocage, apezar d'estas emphases, aceitava o amor a beneficio de inventario; ao passo que assim punia todas suas namoradas com latego de Nemesis, ao mesmo tempo, por pensamentos, palavras e obras, dogmatisava a inconstancia e prégava a infidelidade.

Outras vezes, batia nos peitos, entoava o *mea maxima*

culpa, e beijando os grilhões que espedaçára, supplicava ás bellas a graça de com elles lhe roxearem de novo os pulsos.

Esse abrasador ciume não só no amor o inflammava; era zeloso na reputação; zeloso até na amizade. Quantos o conhecião e o amavão (não ha n'isto um pleonasmo?) tiverão alguma hora occasião de lamentar injustiças do genio de Bocage, muitas das quaes forão objecto para elle de arrependimento e remorsos.

CAPITULO XIV

Conclusão das qualidades moraes. — Orgulho. Sêde de applausos. — Estas chanças de poetas nem são raras, nem modernas. — Tristes consequencias de tal orgulho. — Bocage e Ducis. — Quiz applausos por todo o preço e infelicitou-se. — Cantos de anjo e de sereia. — Tendencias actuaes da mocidade em Portugal. — Deve o fructo amadurecer antes de ser colhido.

Orgulho. Sêde de applausos. — Mas a aura popular, a opinião, a fama, a gloria, esse foi o primeiro dos seus ardores, esse foi paixão, delirio. Applausos de entendidos... que dizemos? exaltação de nescias turbas; tanto bastava para fascinal-o, embriagal-o. Por uma d'essas ovações sacrificaria o seu melhor amigo, os seus mais caros sentimentos, e fortuna, e vida, e salvação: fóra, por um triumpho litterario, capaz de praticar o maior crime, a maior virtude, ou a maior baixeza. E entretanto, a opinião, essa buzina que engrossa os sons, esse écho d'onde se repercutem, a opinião, geralmente justa com elle ainda em vida, qualificava-o de um modo que o pungia:

Opinião, rainha do universo!

Ante o teu tribunal omnipotente
Socrates impio foi... e eu sou perverso!

Justa emquanto vivo, dizemos, não obstante as queixas do poeta, que em si mesmo fitava os olhos ao pôr estas palavras na boca da sciencia:

'De vigilias mirrado o sabio morre.
Almas corrompe do egoismo a peste.
Camões, Homeros na penuria cantão.
Eil-os co'a gloria temperando a sorte!
Soão prodigios de um, prodigios de outro,
Ferrea caterva os ouve... admira e foge!
Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
Por elles se interessa o mundo ingrato.
Na gloria esteril de epitaphio triste
Solidos bens o barbaro compensa.
Contradictoria humanidade insana!
No insensivel sepulcro os sabios honra,
E os sabios não remio na desventura!
Quaes elles forão diz... não diz *qual fôra*.

Nem *qual elle fôra* precisavão os contemporaneos proclamar; porquanto ninguem, mais do que elle mesmo, fazia justiça ao seu genio.

O talento é frequentemente perfido; segreda-nos ao amor-proprio umas suaves lisonjas, moeda falsa que tomamos por ouro na idade das illusões. Consideramo-nos uns seres privilegiados, com que a Providencia mimoseou a terra, em hora de affavel humor. Nascemos sabiás e rouxinóes, para, sem mestre nem esforço, modularmos as mais sublimes endechas. Aprender! para que? Estudar! para que? Saber! para que? Temos o estro, a natureza, o saber innato; o mais bem se dispensa. Vamos aos gremios, frequentemos os passeios, visitemos os locutorios, botequins, clubs e pasmatorios, e cantemos! A

educação de um poeta da nossa polpa nada mais requer; a nossa sciencia é infusa; sobre esta cabeça baixou o Paraclito em linguas de fogo.

Assim pensava Bocage. Considerava-se rei; entendia que a realeza lhe vinha de si mesmo; nascia d'elle e era elle; e, como Napoleão I ao sagrar-se, collocava por suas proprias mãos sobre a fronte a corôa indisputavel.

As phrases com que elle formula o elogio de si mesmo são por tal arte empoladas, que poucos se atreverião a seguil-o em tão audaciosos vôos. Orgulho insano lhe chamariamos, se não vissemos tão frequente, entre os poetas, esta adoração de si mesmos; pois, a ser verdadeiro o dito de Aristoteles, *de quantos operarios existem, nenhum tanto nas suas obras se revê como o poeta.*

Menos pomposo era porém o (n'esse ponto desigual) Horacio, quando invocava a sua Melpomene:

> ..... sume superbiam
> Quæsitam meritis, et mihi Delphica
> Lauro cinge volens, Melpomene, comam.

Dá vontade de lhe endereçar aquella sextilha com que Mellin de Saint-Gelais respondeu a outro que tal:

> Tu te plains, ami, grandement
> Qu'en mes vers j'ai loué Clément
> Et que je n'ai rien dit de toi!
> Comment veux-tu que je m'amuse
> A louer ni toi ni ta muse?
> Tu le fais cent fois mieux que moi.

Em innumeraveis versos de Bocage transluz essa, quasi diremos, insolente ufania.

Apontemos um ou outro, entre centenares de exemplos. Escreveu n'um idyllio:

..... o meu merito consiste
N'um claro entendimento.....
Se a compasso da lyra o verso triste
Então alguma vez, ao bom canoro,
Ninguem... ninguem resiste.

N'um soneto:

Contra os annos, que morrem, que renascem,
Deu-me Phebo, em seu dom, penhor seguro,
Com que do esquecimento o pego escuro
Meus versos e meu nome afoutos passem.
Não temas ser do nada infausta presa;
Além dos tempos viverás comigo!

N'outro:

Eu, que obtive das musas farta herança,
Pago-te em verso o que te devo em ouro.

N'outro:

Ave da morte, que em teus ais a escuto,
Meus dias murcharás, mas não meus louros;
Doou-me Phebo aos seculos vindouros;
Deponho a flôr da vida e guardo o fructo.

Escreveu, no prologo das *Plantas*:

..... Me fortalece o pé na estrada immensa,
Que vai da natureza á eternidade.
Soltas de umbrosas, subterraneas grutas,
O meu dia invadindo, aves sinistras
Em vão de agouros e de peste o manchão.
Em vão corvos da inveja á gloria grasnão.
Elles malignos são! Tu, patria, és justa!
Vedas que defraudado o genio seja

De seus haveres — o louvor, a estima, —
Haveres por que engeita os da ventura.
Aos versos meus posteridade abonas,
Ouço a voz do futuro, ouvindo a tua...
Ouço-a! lá me prantêa e lá me applaude!
Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,
As musas, meu thesouro, amor, meu fado,
Hão de com myrtho e louro ornar-me a campa.

. . . . . .

Inveja nunca sobe e quer que baixem.
Emquanto que ella ruge, o sabio canta,
E juiz não peitado o escuta, o c'rôa.
Se em podre lodaçal negrejão zoilos...
Entre essa escuridão reluz meu nome!
Se ás musas não pertenço...
Eu, que, cem vezes, concebendo o Olympo,
Ou de olhos divinaes divinisado,
Sinto no coração, na voz, na mente,
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E *eis o Deos! eis o Deos!* exclamo... e vôo
De repente, onde mil nem vão de espaço, etc.

N'uma epistola a Sebastião Xavier Botelho :

Contra a nobre altivez que em mim resurge,
Uive o zoilo mordaz, injurias ladre!
De rôjo pela terra, a vil serpente,
D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos!
Sejão, no tribunal do vulgo inerte,
Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania...
Que eu, tu, e alguns (quão raros já!) vingando
Cumes e cumes de interpostas serras,
Trilhamos fadigosa estrada immensa,
Que vai da natureza á eternidade.
Dignamente de nós fallar podemos :
Não se ata o desar nosso ao nosso alarde.
Quem de celestes dotes se gloria
Honra menos a si do que honra aos numes.
E se a turba sem nome, avessa aos vates,
Este firmado orgulho em mim condemna,
Bem da minha altivez meus ais a vingão.

Proximo a expirar, fallando de si mesmo a Pato Moniz, brada:

Outr'ora experto, aceso
De santa agitação, de ardor sagrado,
No cerebro em tumulto,
(Estancia então de um Deos!) me borbulhava
Respiração divina,
Enthusiasmo augusto, alma do vate.
Que rapidos portentos,
Portentos em tropel, não déste á fama,
Não déste á natureza,
Á patria, ao mundo, a amor, na voz de Elmano!
. . . . . .
Oh! extase! oh! relampagos de gloria!
Faustos momentos de ouro,
Com que meu gráo comprei na eternidade!
Phebo, após mim, te augura
Vasto renome, que sobeje aos evos.

Estas chanças de poetas, augurando eternidade ás suas obras, não são monopolio do nosso; manuseava elle tanto os grandes classicos, que até só talvez tivesse em vista imital-os n'estas audacias.

Hoje não se perdoarião; mas os antigos não deixavão seus creditos por mãos alheias.

Lucano, no canto IX da *Pharsalia*, exprime-se assim:

Taes sagrações da fama escusas, Cesar,
De as invejar a alguem; porque, se é dado
Ás lacias musas assellar promessas,
Emquanto houver seu preço o vate smyrneo,
Hão de ler-me, e hão de ler-te os porvindouros.
Cabe á nossa Pharsalia eterna vida;
Não n'a póde evo algum sumir nas trevas.

Veja-se igualmente Ovidio, no fim das *Metamorphoses*,

e n'outras partes! Veja-se Horacio, em trinta lugares! Veja-se o fecho da *Thebaida*, de Stacio, e um sem numero de casos semelhantes.

O certo é que estes acertárão, e nós cá estamos com effeito a lêl-os e a traduzil-os, depois de tantos seculos; mas quantos outros, com merecimento igual, e talvez superior, se não afundarião na corrente dos tempos?

Voltando porém a Bocage, diremos que facil é comprehender como alma tão valentemente formada, e tão entranhadamente conscia de sua immensa superioridade, exigia approvação, enthusiasmo, culto; e como a trateava a recusa de um tributo de vassallagem ao genio. Dizem que Nero, como comico e cantor, levou a vaidade e sêde dos applausos a ponto de organisar a mais espantosa cabala para o victoriarem, e de condemnar á morte um senador, que teve a desdita de adormecer, não obstante o estrepito da turba dos arregimentados para acclamar... Pois em Bocage, com menor intensidade se não formulava o furor dos applausos, declarando mortal guerra ao que se contentasse com o testemunho de muda admiração.

E por fim, que lucrou? Um viver sempre attribulado, pobre, perseguido, preso, dependente, pouco digno; prazeres fallazes e sempre envenenados; saude sempre pessima; aspirações sempre frustradas; o assombroso talento, pelo qual vive na posteridade, originando-lhe tormentos; fama grandemente maculada; vida de tribulações, e morte prematura!

A contraposição a quadro tão melancolico, faz lembrar a sorte patriarchal do seu contemporaneo Ducis, que, fechando os olhos, aos oitenta e tres annos de idade, querendo, poucos dias antes, examinar qual o producto

liquido de sua philosophica e ordenada vida, fazia d'ella este balanço:

Grand philosophe économiste,
Du produit net admirateur,
Tu me dis: « Montre-moi la liste
« Des choses qui font ton bonheur.
« Tes plaisirs? — Des amis du cœur.
« Ta santé? — C'est la tempérance.
« Tes travaux? — J'écris et je pense.
« Tes désirs? — Ne faire aucuns vœux.
« Ton trésor? — Mon indépendance.
« Ton produit net? — Je vis heureux. »

E d'onde provinha, em Bocage, a disposição tyrannica para decretar ao mundo que o exaltasse? Em grande parte, da tempera d'aquella alma eminentemente poetica. Ebrio do seu trabalho intellectual, exigia que os ouvintes se remontassem á sua esphera, espreitassem como elle os movimentos da maravilhosa machina do seu espirito, compenetrassem as almas na sua alma, fundissem as admirações na propria consciencia da elevação. Ninguem mais do que Bocage gozou nunca a suavissima sensação do que se lhe afigurava, quando compunha, um pedaço perfeito, uma obra inspirada: o *qui me mihi reddat amicum*, de Horacio, fôra traçado para elle.

Não cabe pois ao compasso prosaico da critica terrena condemnar impulsos inherentes á poesia de tão poetica organisação; mas cabe apontar á mocidade inexperta para os escolhos em que tem de uso naufragar orgulho insano e vão. Bocage era Bocage! e todavia áquelle arrebatamento deveu seus erros, seus padecimentos, e as paginas onde a historia litteraria tem de ser severa para com a sua memoria.

Sedento de louvores, por todo o preço os comprava.

Quiz applausos! e para isso o mais sincero dos crentes, cahindo como Lucifer das regiões supremas, renegou Deos e combateu-o!

Quiz applausos! e a musa que, por sublime e candida, devêra ser casta, atascou-se no lodo e prostituio-se!

Quiz applausos! e a nobre penna, defraudando a fama de outros benemeritos das lettras, molhou-se vergonhosamente em fel!

Quiz applausos! e a alma justa, caridosa e grata polluio-se ridiculisando seus bemfeitores!

Quiz applausos, e de que modo? Não como animação, mas como tributo; não como honrado salario do genio, mas como fim, sanctificador de todos os meios, por mais baixos e ignobeis.

Mal se satisfarião pois estas despoticas exigencias do orgulho com o mero apreço dos homens de instrucção e gosto, sempre em minoria, e sempre adversos ás ostentações e ao estrepito com que se decreta uma opinião. Mais grato e saboroso lhe era promover o irracional enthusiasmo das turbas, — das turbas tão faceis em deixar-se arrastar para o mal, ou em victoriar a expressão eloquente e subjugadora dos vicios que as deleitão: enthusiasmo contagioso é esse, que, ainda quando ficticio, se propaga electricamente e se converte em delirio. Deslembra-se o vaidoso, n'esses extases de fraudulenta victoria, de que ha applausos que nobilitão, e applausos que desdourão; — cantos de anjo ou sereia, que ora guião pelo caminho da gloria, ora desvairão pelo da infamia; — jardins derramando os mais inebriantes perfumes, ou charco exhalando os mais deleterios miasmas; — raptos que exaltão aos céos, ou turbilhões que arrastão aos abysmos.

Se jámais houve periodo em que se devesse invocar a attenção da mocidade para os perigos d'esta gloria fallaz, é o que hoje pesa sobre as lettras em Portugal. Um quarto de seculo esperdiçado em theorias politicas, e a suppressão de muitas fontes de instrucção, têm retardado para longos annos os progressos da intelligencia. Oh! na geração que se eleva achareis a indole, o fogo, o genio de nossos pais e avós... que sangue e céo não se havião de desmentir. Mas, por estrella fatal, inda nas faixas da infancia envolvido o genio, luta por hombrear já com o saber custoso e a experiencia longa. Já os lustros se não revolvem sobre os lustros antes de ousar-se esclarecer os outros. A penna com que se aprendêrão os primeiros traços, audaz se espraia pelos mais reconditos mysterios da humana comprehensão: prostra as millanarias sociedades, para lhes alçar sobre as ruinas utopias de escandescida imaginação; ou se entranha pelo coração do homem para explorar direitos novos; ou se remonta além dos astros para averiguar a existencia do Eterno! E (o que mais e peior é) todas essas temerarias e pueris tentativas achão logo, para acoroçoal-as, o enxame de vorazes admiradores, outorgando, ao pobre Icaro, os fóros de immortal: que muito que o amor-proprio se deleite com estes triumphinhos? que muito que o perfido persuada ser ouro o ouropel? Só resta lastimar os corollarios: quem enceta por onde os outros acabão, quem de tão comesinho modo ascendeu a immortal, para logo menospreza sendas *só trilhadas pela mediocridade*, posterga estudo, crê-se perfeito... e taes vemos com frequencia e dôr estioladas e perdidas plantas que a natureza houvera creado giganteas e viçosas, fadado a altos não realisados destinos.

Creia-nos a juventude! Resguarde-se de intempestivas, traiçoeiras acclamações: accorde-se de que a natureza a cada fructo deu sua estação de madurez; de que, antes de instruir, é mister instruir-se; de que *scribendi recte sapere est et principium et fons;* de que a experiencia é mestra que importa consultar; de que as aspirações á gloria, faltando base, são miragens da imaginação, Junos dos Ixions; de que emfim a modestia centuplica o verdadeiro merito; e de que os bravos de má roda são a mais acerba das condemnações.

CAPITULO XV

Bocagiana. — Se a gravidade tolera narração de anecdotas. — Blair e as biographias. — Cabe a estas descrever successos familiares e da vida privada. — A quadra de Bocage é de transição. — Viver engrinaldado de rosas. — Escolhêmos algumas de entre muitas anecdotas de Bocage. — Idéas d'elle sobre os frades. — O padre-mestre e o leigo, ou os copos de vinho e agua. — Improvisos de Bocage e de outros, contra frades. — A procissão de Terceiros, ou o frade á pancada com a tocha. — A declaração e o bofetão, consoantes. — O mote sem rima. — O drama roubado. — O pregão do cego. — O habito do Serra. — Motes tolos. — O duque de Lafões. — Frei João de Pousafolles. — Bocage e a patrulha. — O poeta esfaimado e pedinte. — A estanqueira do Loreto. — O nariz de Antão Broega. — Epitaphios a si mesmo. — O homem florete. — A offerta do baptisado. — Sinos e porcas. — O boléo da Panasqueira. — A vespera do corpo de Deos. — Formosa, bella e honrada. — O mulato da viola. — Operação obstetricia feita a um improviso difficil. — A Zarguelda. — João Soyé. — A historia de Malta. — Aborto forçado. — Bocage e Maynard, ou a memoria milagrosa. — Bocage e a camponeza; impossibilidade vencida.

Ao emprehender esta Memoria, hesitámos se a gravidade de uma collecção, tendo por titulo *Livraria classica*, toleraria descer-se á narração de anecdotas, e a porme-

nores de genero mais leve, mas julgámos ser isso n'este caso, não só um direito, mas um dever.

Diz Blair, um dos mestres da arte de escrever, que as biographias são composições mui uteis; menos formaes que a historia, mas para a maioria dos leitores talvez não menos instructivas, por isso que lhes proporcionão occasião de verem caracteres e genios, virtudes e defeitos dos homens eminentes; e mais que a historia admittem os leitores a um commercio mais intimo e completo com taes personagens. Diz elle ser licito a um biographo descer, sem impropriedade, a circumstancias miudas, e a incidentes familiares. Espera o leitor que se lhe reproduza tanto a vida privada como publica do seu heróe; sendo até certo que da vida privada, familiar, domestica, das occurrencias em apparencia triviaes, é que muitas vezes recebemos mais luz sobre o real caracter do individuo. A Plutarcho devemos o principal conhecimento de muitos personagens antigos, sendo a materia d'aquelle escriptor melhor que a sua maneira, visto não haver em seus escriptos peculiar belleza ou elegancia.

Se pois estas Memorias, além da sua parte critica, devem igualmente applicar-se a uma secção biographica, entendemos que não é rebaixar o assumpto revelar uma porção de *anas*, isto é, de repentes e bons ditos do nosso poeta, que denuncião a direcção do seu espirito, a vivacidade do seu exprimir, e mais intimamente muitos dos seus pensamentos e sentimentos. Xenophonte, nos seus *Memoraveis*, Diogenes de Laercio, nas *Vidas dos philosophos*, Aulo Gellio, nas *Noites Atticas*, não julgárão exautorar-se abundando em ditos chistosos, em narrações graciosas, em successos notaveis de diversos homens illustres.

E pois que entre os nossos principaes intuitos figura o de n'esta collecção dispôrmos uma anthologia litteraria, aproveitemos os muitos subsidios que nos forão proporcionados, assim como os que nol-o são pelas proprias poesias de Bocage, o qual tinha por manha fallar muito de si; e nem negamos que a tal manha de litteratura pessoal e egoista torna ácerca de muitos autores facil a biographia, de que são elles os mais valiosos, comquanto nem sempre os mais fidedignos, collaboradores.

Foi a quadra em que Bocage veio ao mundo éra de singular movimento e desenvoltura; periodo de agitação, controversia, transição. N'esses dias distinguia-se geralmente a sociedade litteraria por gostos leves; parece que só se occupavão de fazer resvalar sobre as ondas do viver as suas barquinhas engrinaldadas de rosas; mundo era esse, onde só imperavão os prazeres de dia, e os amores nocturnos, como diz Dryden:

> The world was then so light!....,
> Joy ruled the day, and love the night.

Volumes encheria a parte anecdotica da vida do nosso espirituosissimo poeta: Bocage era uma dobadoura de bons ditos, girandola de epigrammas, azenha de graças, machina de repentes. Não descaberá pois esboçarmos aqui algumas scenas, que todas nos forão narradas, já por testemunhas oculares, já por cordiaes amigos de Bocage, e desprezámos ainda centenares de apocryphas historias, que o vulgo lhe attribue. Já quando escrevêmos a primeira edição d'esta Memoria, em 1847, poucos restavão d'aquella brilhante sociedade; os então septuagenarios a nonagenarios, que havião tido com elle trato estreito, hoje, em 1865, todos pagárão já o seu tributo

á humanidade, e apagou-se até á ultima voz que pudesse, por testemunho pessoal, informar-nos ácerca de um genio singular, que não só nas suas obras, senão tambem nos seus actos e ditos, se retratava. Em relação a Bocage, nascido em 1765, é este em que nos achamos o anno do *carmen seculare*.

Grande parte dos versos, que no presente e no seguinte capitulo teremos de divulgar, são ineditos; e aos que correm impressos (geralmente aleijados) importava dar cabimento aqui para restabelecêl-os com dignidade, e sobretudo para se poderem avaliar, pela exposição dos casos a que devêrão origem.

Repetiremos pois singelamente essas anecdotas, deixando-as na desordem em que nol-as contárão amigos de Bocage, anciãos venerandos que tanto se comprazião na reminiscencia de bons tempos, tão outros da lugubre sociedade de hoje; e vereis não ser sem razão que Bocage exclamava:

> Chalaça minha, que chibavas tanto
> Na sucia dos tafues!

Era Santarem a mais cara residencia de Bocage, e provinha essa particular attracção de varios amores que alli cultivava; tivemos a satisfação de conhecer a dama que n'aquella terra mais justamente lh'os inspirou, em realidade distinctissima por talento, e mostrando ainda ter sido mui formosa; mas além d'essa, outras lhe ferírão o coração; tal foi a *Feliza* do respectivo idyllio:

> Como que o pobre Elmano ainda escuto,
> Que ao céo volvia o rosto amargurado
> Nunca de acerbas lagrimas enxuto.

Como que ainda observo o desgraçado
Lá nos campos de Scalabis antiga, etc.

Comquanto Bocage levasse as suas idéas religiosas a ponto de superstição, e cultivasse relações com frades, taes como frei José Mariano, D. Antonio da Purificação, frei José Torrezão, Joaquim de Foyos, etc., não podia levar á paciencia a instituição monastica; encarava-a, não pelo prisma religioso, mas pelo abuso real ou possivel dos meios que os monges tinhão á sua disposição. Considerava-os parasitas, enliçadores, confessores nomadas, visitantes de moribundos ricos, medianeiros de negocios mysteriosos, corretores de transacções clandestinas, manobradores impudentes, velhacos e viciosos; disposição de animo esta que importa ter em vista, para apreciar o que se segue. Eil-o pois em Santarem.

Tratado como irmão em casa de Salinas de Benevides, lá se esquecia durante mezes. Era chegado o tempo da feira, em que, segundo o uso, grande multidão concorria a Santarem.

Á hospitaleira porta de Salinas vão batendo, sabedores do benevolo agasalho, amigos e estranhos : são onze horas da manhã, quando pela centesima vez se tange a campainha ! Dous Varatojanos, moídos e suados, mas o padre-mestre herculeo e nedio, e o leigo moço e mirrado, entrão para a sala commum. Trazendo-se-lhes dous copos, um de vinho, outro de agua, o velho, sem dar satisfações, precipitou-se sobre o rubro liquido, que o leigo vio com olhos de inveja emborcar até meio, resolvendo-se então humildemente a pegar no copo de agua. Mal não arriscára o movimento, quando, irado o padre-mestre, por ver a audacia com que o seu subalterno, faltando ás regras da santa obediencia, bebia a agua de motu-proprio,

empertiga-se, ainda em cima, para o estafado moço, berrando-lhe : « O irmão já me pedio licença para beber isso? »

Bocage, que, de toda a scena, nem um meneio perdêra, alevanta-se furibundo, vai dentro, e apodera-se de um cajado, com que sahe para a rua, *a desancar frades*. Esteve divino : vociferações, epigrammas borbutavão em cachão.

Quiz a fortuna que, a um canto da feira, lobrigasse densa mó de gente, ralhando, ameaçando, rindo, gritando. Encaminhou-se para a multidão, que rodeava uma loja ambulante de bonecos de barro. E ahi lhe contárão como a mais rica peça da loja era um *frade de louça, de Estremoz*, atacando uma freira; que passára aquelle *frade de carne*, que ainda lá se avistava ao longe, o qual, encolerisado, arrebatára o escandaloso grupo, o esmigalhára e conculcára aos pés, impavido continuando em seu caminho.

Imagine-se como Bocage ficaria! Entra a correr, clamando como possesso :

— Cerquem-me o frade! agarrem-me o frade, que ahi vai uma saraivada de sonetos!

E com effeito, á queima-roupa lhe desfechou uma duzia de sonetos, de que se segue amostra :

Esquentado frisão, brutal masmarro,
Vagava Santarem na pobre feira.....
Eis que divisa ao longe, em côva ceira,
Seus bons irmãos, seraphicos de barro.

O bruto, que arremeda um boi de carro
Na carranca feroz, parte á carreira;
Os sagrados bonecos escaqueira,
E arranca de ufania um longo escarro.

Na alma o santo furor lhe arqueja e berra.....
Mas vós, enchei-vos de intimo alvoroço,
Povos, que do burel soffreis a guerra!

Que dos bonzos de barro o vil destroço
É presagio talvez de irem á terra
Membrudos fradalhões de carne e de osso.

N'aquelle soneto foi Bocage propheta; e muitos outros improvisou, como o seguinte :

N'esta cuja memoria esquece á fama,
Feira, que a Santarem vem de anno em anno,
Atacava a uma freira um franciscano.....
Erão de barro os dous, de barro a cama.

Com mão, que á v..... injurias trama,
Pretendia o c..... f..... o panno :
Eis que um negro barrasco, um frei Tutano,
O espectaculo vê, que os r..... lhe inflamma.

« Irra, vens-me atiçar, gente damnada!
« Não basta a felpa dos bureis opacos,
« Com que a carne rebelde anda ralada?

« Fóra, vis tentações, fóra velhacos..... »
Diz! E ao rispido som de atroz patada,
O escandaloso par converte em cacos.

Continuou, além d'este e identicos sonetos, a disparar aos frades epigrammas como este, que nós demos primeiros ao publico :

Entre um frade e entre um burro
Ha tanta conformidade,
Que ou o fradé é pai do burro,
Ou o burro é pai do frade!

Leramos nós, sempre com espanto, attribuido a Bocage, outro soneto que os editores das suas *Posthumas*

davão como seu, e que por ser sobre objecto analogo, aqui transcrevemos :

Encontrei certo leigo franciscano
Com os olhos no chão, pedindo esmola,
Dos hombros lhe pendia alva saccola,
Celleiro que dá pão p'ra todo o anno.

Queria o leigo armar-me o tal engano,
Prégando-me p'ra isso a corriola;
Mas eu, que sigo esta moderna escola,
Só vergalho daria ao tal magano.

Como é possivel que a nação contente,
Em paz mantenha, e liberal soccorra
A tão inutil e ociosa gente!

Tem que comer o frade á tripa forra,
E eu, por mais que trabalhe, ando indigente.....
Se o encontro outra vez, faço-o em borra!

Nada d'isso é o dizer de Bocage! Emittiamos esta opinião a Costa e Silva, o qual nos declarou que tinhamos razão, pois elle sabia com certeza ser este soneto de José Caetano de Figueiredo, no que não ha motivo para deixar de crer, pois que, propondo-se elle a escrever a biographia do traductor da *Alzira*, devia ter conhecimento de um facto que affirmava como certo.

Não levantaremos d'aqui a mão sem delatarmos tambem, segundo nos foi asseverado, ser de Antonio Lobo de Carvalho (de quem se publicárão varias composições no *Jornal Poetico* de 1812, e em 1852 uma collecção de poesias satyricas e obscenas, em Lisboa, pondo-se-lhe a localidade em Cadix) outro famoso soneto contra frades, que indevidamente se costuma imputar a Bocage, e é do teor seguinte :

Christo morreu ha mil e tantos annos :
Foi descido da cruz, logo enterrado :
Mas de pedir-lhe aqui não têm cessado
Para o santo sepulcro os franciscanos.

Surgio Christo outra vez entre os humanos :
Subio da terra ao reino afortunado.....
E á saude de Christo sepultado
Bebem, á tripa forra, estes maganos!

E cuidão quantos dão a sua esmola
Que elles a gastão em acção mui pia?
Quanto vos enganais, ó gente tôla!

O altar com dous cotos se alumia;
E o fradinho, co'a m... que o consola,
Gasta de noite o que tirou de dia.

Acerca d'este soneto, dissemos nós, na primeira edição d'esta Memoria (*Liv. Cl.*, XXV, pag. 162), o seguinte :

« Vem no tomo IV das obras de Filinto Elysio, sem que alli se declare quem seu autor seja. N'uma nota, lê-se : « Este soneto é a relação historica do que succedeu a certo frade, com quem eu, e outro estudantinho, meu camarada, andámos pedindo para o sepulcro. Nem tudo o que os poetas dizem se deve tomar ao pé da lettra; e muito menos o que elles zombeteando escrevem. A relação que vai no soneto é em partes verdadeira, em partes não. » Segundo esta amphibologica nota, e pela circumstancia de se esquecer Filinto (como lhe acontecia com frequencia) de declarar que o soneto não era seu, muitos lh'o attribuirão indevidamente : boa resalva lhe é a declaração que algures fez de que elle proprio a vezes se esquecêra se varias obras que publicava erão suas ou alheias. O nosso exemplar está muito superior ao de que se servio Francisco Manoel, como é facil de ver, confrontando-os. »

Os quatro seguintes sonetos anti-monasticos forão-nos de Setubal enviados, em manuscripto, pelo Sr. Theotonio Banha, que nos affirmou serem de seu preclaro primo; e ácerca de cada um d'elles accrescentaremos algumas palavras :

1.

Ao sacrosanto templo fui um dia,
De pia inspiração reconduzido;
Aos pés do confessor, arrependido,
Minhas culpas enormes repetia.

Entre soluços e ais : « Padre! dizia,
« Padre! com Marcia a Deos tenho offendido;
« E adoro Marcia, tanto que o sentido
« Nunca d'ella (ai de mim!) se me desvia! »

Range um vestido... olhei. É ella! é ella!
Mal n'ella os olhos deslumbrados puz,
« A causa do meu mal, disse, é aquella! »

No olhar do padre o pasmo lhe reluz,
Prorompendo a final : « Céos, como é bella!
« Ama-a, meu filho, e vai-te com Jesus! »

Quanto ao soneto que precede, sabemos haver quem o attribua a Alvarenga. Um critico, a quem muito respeitamos, diz que esse estylo o não autorisa a tomal-o por de Bocage; todavia sendo certo que ha muitas poesias d'elle inferiores a esta, não ousamos desmentir um respeitavel parente do poeta, que os conservava ineditos, e nol-os confiou.

2.

Não deves consentir, principe augusto,
Que este bicho infernal, chamado frade,
Gyre na côrte, gyre na cidade,
Enchendo a todos de terror e susto.

Qual leão tragador, forte e robusto,
Nas moças quer cevar sua maldade,
Audaz atropellando a caridade,
Que lhe dicta o preceito santo e justo.

Não é odio, não é, que assim me obriga
A maldizer a corja viciosa,
Que vive de vileza, infamia, intriga.

Se a tal vida do claustro é virtuosa,
Vivão no claustro, atulhem a barriga,
Que, sem trabalho!... é cousa preciosa.

Foi sobre este feita observação igual á anterior, a que respeitosamente redarguímos da mesma fórma.

2.

Se quereis, bom monarcha, ter soldados,
Para compôr lustrosos regimentos,
Mandai desentulhar esses conventos,
Em favor da preguiça edificados.

Nos Bernardos, lambões e asselvajados,
Achareis mil guerreiros corpulentos.
Nos Vicentes, nos Nerys e nos Bentos,
Outros tereis, não menos esforçados.

Tudo extinguí, Senhor! Fiquem sómente
Os Franciscanos, Lóios e Torneiros,
Do Centimano asperrima semente;

Existão esses lobos carniceiros,
P'ra não arruinar inteiramente
P..., p..., c..., e a....

Este suppõe-se andar impresso n'uma collecção de poesias analogas, publicada em Paris por um sujeito do Maranhão. O cavalheiro de quem acima fallámos acha n'este *seus visos de semelhança*, mas expunge-o; o col-

lector porém do denominado tomo VII transcreveu-o, á pag. 136.

Do throno excelso nos degráos sagrados
O patriarcha Assiz ajoelhava;
E consta que dest'arte se queixava
Ao Deos, que rege o céo, que move os fados.

« Grande Deos! com que pejo relaxados
« Vejo os filhos que outr'ora abençoava!
« Já entre elles o vicio se descava,
« Já de Christo não são da fé soldados:

« Eu te imploro, Senhor, que aos loucos brades,
« Que lhes apontes a via ao paraiso! »
Sorrio-se Deos, e disse: « Não te enfades!

« Frades não fiz, de frades não preciso.
« Quando o mundo souber o que são frades,
« Ha de acabal-os, se tiver juizo. »

Diz o estimavel critico supra indicado que o precedente soneto é indubitavelmente de frei José Torrezão. Não ouvindo razões que nos demovão, pedimos venia para não retirar confiança a um illustrado parente de Bocage, tanto mais quanto se nos afigura improvavel que tal verrina contra frades sahisse da penna de um frade!

Um amigo nosso diz que, passeando Bocage e Malhão na praça das Caldas, um sujeito lhes dera o mote :

Um burro, um frade e uma freira,

verso que foi glosado por Malhão :

Sahio um garoto á pressa
A buscar uma parteira,
Porque vio estarem juntos,
Um burro, um frade e uma freira.

e por Bocage :

Casou um bonzo da China
Co'uma mulher feiticeira :
Nascêrão tres filhos gemeos,
Um burro, um frade e uma freira.

O seguinte soneto não o achamos publicado senão no nº 57 do *Velho Liberal do Douro*, mas com as seguintes palavras :

« Lembrei-me de um soneto de Bocage, pintando o heroismo de desesperação de um frade, que, com uma vela na mão, deu muitas pancadas em uma procissão de Terceiros Franciscanos que disputavão preferencias : »

Qual tropa regular, a fradaria
Investe a sacra estupida ordenança;
A paz, filha do céo, calada e mansa,
Dos couces, das patadas se desvia.

Preside alto furor á lide impia,
De serpes infernaes toucada a trança;
Pançudo frade Borra a tudo avança,
E furor marcial nos socios cria.

De um cirio desenvolve heroicos feitos;
D'este rompe o nariz, d'aquelle a capa;
Adeos hombros! adeos olhos e peitos!

Do sacro phrenesi ninguem lhe escapa.....
Oh! que bem do Alcorão cumpre os preceitos
O revoltoso exercito do papa!

Devemos esta anecdota ao nosso amigo o Sr. Dr. Antonio Dias de Azevedo.

Em Santarem, havia assembléa em casa de Benevides : uns jogavão, conversavão outros. Ia servir-se o chá,

quando, ao passar uma menina junto da porta a que o poeta estava recostado, ex abrupto lhe pergunta este :

— O meu amor gosta de mim?

A resposta não menos abrupta foi uma estridula bofetada!

Alaridos geraes, espantos, satisfações, recriminações, confusão e desordem na sociedade, estes estranhando o acto da senhora, o maior numero criticando a audacia do insolente, até que um dos circumstantes, desejoso de abafar tamanhas iras, teve a idéa feliz de explicar ambos os acontecimentos por simples e mutuo gracejo. Admittida a interpretação, arvorou-se a companhia em tribunal semelhando as antigas côrtes do Amor. Ouvidos os depoimentos das testemunhas, interrogatorios dos réos, e allegações dos advogados, o tribunal condemnou summariamente á dama a cantar uma modinha; ao poeta, a fazer um soneto sobre o mote que lhe fosse dado pela offendida. Cumprida a sentença pela senhora, deu-lhe por mote :

Das almas grandes a nobreza é esta;

que o offensor glosou do seguinte modo (*inedito*) :

Apertando de Nise a mão nevada,
A furto lhe pergunto : *De mim gosta?*
Cala-se Nise..... e manda-me resposta
Nas azas d'estrondosa bofetada!

« *Que é isso?* » grita a mãi. « *Senhora, é nada.* »
Lhe responde com voz branda e composta.
Ferve susurro aqui; e á parte opposta
Rebenta insultadora pateada.

« *Calai-vos,* lhes gritei, *homens incultos!*

« Achei Nise guardando o lume a Vesta,
« Quando julguei que a Amor rendia cultos.

« Sou *nobre!* sou *heróe!* vamos á festa!
« Amar, e por amor soffrer insultos,
« Das almas grandes a nobreza é esta! »

N'outra assembléa, após os mais extraordinarios improvisos aos mais extravagantes motes, quando já por toda a sala corria não haver impossibilidade que o fosse para semelhante estro, uma menina que tinha toda a noite porfiado em crear os mais exoticos versos, diz ao circulo das amigas :

— Eu é que lh'á vou pregar; havemos de ver como se elle ha de sahir, com uma palavra que não tem consoante.

E alteando a voz, exclama mui ancha :

— Ó Sr. Bocage!

O meu amor foi p'ra a *India!*

O poeta, percebendo a intenção, torna-lhe incontinente :

— Pois, minha senhora, quando elle voltar, vá V. S. bugiar e mais elle!

(A resposta foi ainda mais energica. Força é confessar que, apezar de todas as precauções oratorias, varios dos seus repentes não são para o prelo, pois a sua desbocada liberdade não se tolhia, nem pelo respeito devido ao sexo, nem ás considerações sociaes.)

Foi victima (mórmente depois de morto) não só da imputação de muitas más obras alheias, mas do roubo de muitas proprias.

Tinha Bocage composto o 1° acto, em verso, de um *drama original*, intitulado : *A Restauração de Lisboa*,

quando o arrastárão ao Limoeiro. Um padre, José Manoel de Abreu e Lima, que vivia de escrevinhar para theatro, esperando, como muitos, que o poeta ficasse em ferros para toda a vida, e senhoreando-se do manuscripto, pôl-o em prosa, completou-o como soube, e representou a peça por sua, no theatro do Salitre. Enraivecido Bocage, dardejou-lhe no impeto da sua colera o seguinte soneto :

Em vão, padre José, padre ou sacrista,
De magra cachimonia, esteril penna,
Encaixas do Salitre sobre a scena
D'alta Lisboa a celebre *Conquista*.

Bocage, d'entre grades, pede vista
Contra um roubo mais certo que o de Helena;
E a comica Thalia te condemna
Dos plagiarios vis a andar na lista.

D'Affonso houveste ás mãos acto primeiro,
Fructo do pobre autor encarcerado,
E déste a consciencia por dinheiro.

Roubaste-lo, por vêl-o encafuado.....
Cuidas talvez que é cova o Limoeiro?
Ora treme de o ver resuscitado.

Apezar de ser o ultimo terceto identico em quantas cópias temos visto, jurariamos que Bocage o não compôz assim.

A *Hespanhola Ingleza* é um conto de Boccacio. Estava elle de cama, quando ouvio um cego apregoar com grande emphase : « *A magnifica novella, intitulada Hespanhola Ingleza, producção do insigne Bocage.* » Como o pobre cego cahira em desitalianisar o nome, ergue-se Bocage exasperado, e brada :

— Ainda estou vivo, e já me mercadejão com o nome!

Cheira-me isto a agouro : é a posteridade a passear-me diante da porta! e logo dictou o seguinte soneto :

Mercenario pregão de cego andante,
Quixote de fantastica donzella,
Audaz impinge semsabor novella,
Munida de um Bocage altisonante.

Nos floreos tempos em que fui chibante,
Ai do Inglez e da moça, inda que bella!
Ai do que ousasse, com venal ballela,
Pôr-me em pardo papel, e em vil barbante!

Deploraveis mortaes! não somos nada!
Meu nome que esparziste, honraste, ó fama.....
Meu nome em berraria, em assoada!

A gloria me insta; a colera me inflamma.
Eu..eu brigo... ó Perpetua, dá-me a espada.....
Mas ai! Hercules só brigou na cama!

Em 1804, logo depois da coroação de Napoleão, acabavão de dizer-lhe que um N. Serra, de quem formava frouxo conceito, acabava de ser condecorado com o habito de Christo, e de chofre exclamou (*inedito*) :

Sempre os Lusos iguaes forão
Nos feitos grandes da terra.
Vírão c'rôa em Bonaparte,
Derão o habito ao Serra!

Cousa com que desadorava, quando estava em maré de improvisar, era com o que elle chamava *motes tolos*. Não asseveramos positivamente ser d'elle a seguinte anecdota; mas dizem-nos que tendo elle classificado como tal o mote que lhe acabavão de dar :

Almas, vidas, pensamentos,

respondêra logo com a seguinte décima (*inedita*) :

Calções, pôlainas, sapatos,
Persovejos, pulgas, piolhos,
Azeites, vinagres, molhos,
Tigelas, pires e pratos,
Cadelas, galgos e gatos,
Pauladas, dôres, tormentos,
Burros, cavallos, jumentos,
Náos, navios, caravellas,
Corações, tripas, moellas,
Almas, vidas, pensamentos.

Tanto esta, como algumas das que immediatamente se seguem, forão-nos transmittidas pelo Sr. Banha, de quem já tivemos occasião de fallar.

Em 1801, por occasião da guerra de Hespanha, nomeou o principe-regente general commandante das tropas portuguezas a D. João de Bragança, duque de Lafões, de idade de oitenta e quatro annos, o qual foi em Portalegre assentar o quartel-general. Nos poucos mezes que durou aquella campanha, apparecêrão alguns pasquins pregados nas esquinas de Lisboa, e entre elles este soneto (*inedito*) de Bocage :

Meu principe e senhor! Se Vossa Alteza
Quer o seu reino ter bem governado;
Se anceia ser temido e respeitado
Da nação hespanhola e da franceza;

Mande o duque bailar lá co' a duqueza,
E ponha em seu lugar um bom soldado,
Valente, homem de bem, capaz e honrado,
Inda que seja *povo* e não *nobreza*;

O Seabra p'ra Angola, que é bem quente;
O Pinto passear pela Inglaterra;
E o visconde? deponha-o por demente.

Ministros faça que na lusa terra
Saibão, sem mendigar de estranha gente,
Crear heróes na paz e heróes na guerra.

O erudito critico a quem já por vezes alludimos, referindo-se a este soneto, diz: « *O leitor avisado veja e julgue.* » Só diremos que o soneto é fraco, mas não inferior a alguns outros de Bocage, que, para não dormitar, não tinha mais privilegios do que Homero; e ainda este nos foi dado pelo Sr. Banha, primo de Bocage, precedido da nota que transcrevemos.

Tinha por habito fumar constantemente emquanto poetava. Um dia, estando hospedado, no convento da Boa-Hora, escrevendo na cella de frei João de Pousafolles, com um candeeiro na mesa, para acender o cigarro, apagou-se-lhe; pedio ao amigo que lhe fosse buscar lume, e como este se recusasse, representando quanto lhe era nocivo tão immoderado uso de tabaco, asqueroso vicio de que se devia abster, redarguio Bocage:

Amigo frei João; cuidas que é barro
O famoso tabaco por que berro?
Um nigromante me transforme em perro,
Se ha cousa para mim como o cigarro.

Elle me arranca pegajoso escarro,
Que nas fornalhas d'este peito encerro:
O frio, as afflicções de mim desterro,
Quando lhe boto a mão, quando lhe agarro.

De vicio tal, se é vicio, não me corro;
E só tomo rapé, tabaco, esturro,
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo frei João, não sejas burro!
Traze-me lume já, que se não, morro!
Dize bem do cigarro... ou dou-te um murro!

Recolhendo-se Bocage, uma noite, do botequim do Nicola para casa, foi encontrado por uma patrulha, que, apresentando-lhe ao peito as pistolas engatilhadas, lhe perguntou :

— Quem é Vm.? D'onde vem? Para onde vai?

Respondeu-lhe (*inedito*) :

É o poeta Bocage;
Vem da loja do Nicola;
E vai para o outro mundo.
Se lhe dispara a pistola.

Afigura-se-nos ser variante do que precede a seguinte historia, que lemos n'uma collecção de anecdotas :

Tendo os espiões da intendencia ordem de prender certo sujeito morador no bairro da Mouraria, em Lisboa, andavão rondando a rua dos Cavalleiros, no momento em que Bocage ia chegando á sua porta. Os alguazis mandárão-lhe logo fazer alto com a sua costumada delicadeza; mas o poeta, vindo com a caveira um tanto escandecida, não fez caso da intimação e continuou a approximar-se á casa, onde começou a bater. Os esbirros, zangados, engatilhárão logo as espingardas sobre elle, ordenando-lhe que parasse e dissesse para onde ia, quando não desfecharião immediatamente. « Se assim é, respondeu Bocage, irei para o outro mundo, e se não desfecharem, irei para minha casa, que é no segundo andar : escolhão! — Nada de casa, Vm. é suspeito, ha de ir para o Limoeiro. — Então, replicou o poeta, se sabião para onde eu havia de ir, para que diabo m'o perguntárão? »

Era frequentissimo achar-se exhausto de meios, e até curtir fome. Uma tarde em que elle não jantára, sendo convidado por um amigo para irem comer alguma cousa,

e perguntando-lhe este se tinha vontade, respondeu-lhe:

Se alguma palavra digo,
E o halito á boca puxo,
Sobem-me as tripas e o buxo
A escutar se mastigo.

N'estas repetidas crises, dirigio muitas cartas singelas e versos, cujos autographos algumas pessoas conservão, a amigos que o soccorrião. Uma das producções mais galantes n'este genero é o soneto que elle remetteu ao Dr. Montano, pedindo que o favorecesse com a importancia do semestre das casas da travessa das Mercês, cujo senhorio, um tendeiro gallego, exigia o pagamento, sob pena de despejo, soneto que teve em resposta quatro peças de ouro:

Demanda-me usurario senhorio
Do já findo semestre a somma escassa;
Enjoado de esperas, sei que traça
Pôr-me em Janeiro a passear ao frio.

Elle, em taes casos, para mais tem brio,
Que é homem pé de boi, vilão de raça!
Já creio que o mandado extrahe, e o passa
Á mão ganchosa d'alguazil bravio.

Tu, que detestas esta corja horrenda,
Que deveu a ganancia inutil sua
Primeiro ao chafariz, depois á tenda,

O avaro alegra que um semestre amua!
Acode ao triste amigo, antes que aprenda,
De cães vadios, a dormir na rua!

Tinha a loja pegada com a igreja do Loreto uma mulher que vendia tabaco; hedionda, com uma interminavel cara, e um descompassado nariz, que ficou historico,

e deu mais que fazer aos poetas de anagrammas e epigrammas que o nariz do padre Genest nos ultimos tempos de Luiz XIV.

Esta mulher, de um genio rispido, vendo-se alvo das constantes chufas da populaça, enfurecia-se a ponto de commetter despropositos. Chamou assim a attenção dos travessos da roda de Bocage, os quaes começárão a ir comprar tabaco á estanqueira do Loreto, despedindo-se d'ella com chocarrices novas, ou chistosos epigrammas.

Teve a pobre Helena a imprudencia de tomar a peito estas reiteradas scenas, que por isso mesmo se multiplicárão, de fórma que, já perdida a cabeça, arremessava quanto achava ante si, a todo o homem asseiado que lhe entrava na loja, por se persuadir de que só alli o levava curiosidade ou injuria.

Apenas se estabelecêrão as moedas de cobre de quarenta réis, constando á autoridade que a estanqueira as recusava receber, foi esta levada ao Limoeiro, e assim perdeu o seu estabelecimento. Quando a soltárão, veio, já velha, sentar-se n'um mocho, na praça do Calhariz, onde até á morte appareceu todos os dias, sem que a soberba lhe permittisse mendigar, porém recebendo esmolas de quantos passavão, em lugar dos dictérios dos antigos tempos.

Teve esta mulher portanto a honra de inspirar a musa dos poetas da quadra, e entre centenares de epigrammas que juizes mui competentes nos asseverão ser de Bocage, citaremos estes, todos *ineditos*, á excepção de quatro:

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa.....
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua!

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa.....
Que revolução é esta?
Anda pela terra a lua?

« Salvo-te, » diz Deos ao demo,
« Das masmorras infernaes,
« Se metteres esta cara
« Onde accommodas as mais. »

« Salve-se! » diz o diabo
Nas masmorras infernaes.
« Se eu hospedasse essa cara,
« Onde ia hospedar as mais? »

Custa a ver qualquer planeta
Com telescopio de cá;
Ver-se-hia a cara da Helena
Sem telescopio de lá.

Quando Bocage improvisou este epigramma, ia com Santos e Silva, que lhe redargüio:

Não se observa o tal planeta,
Porque de lá não vem cá;
Vê-se a nariz da estanqueira,
Porque de cá chega lá.

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprára;
Se fosse cara de assucar,
Um milhão, não era cara.

Domingo, dous do corrente,
Se faz, pela vez primeira,

O brinco dos cavallinhos
Sobre a testa da estanqueira.

A estanqueira tem marido
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama,
Dorme dentro de uma venta.

Dizem os da Encarnação:
« Que em morrendo a estanqueira,
« Faz-se a obra è o cemiterio
« Tudo dentro da caveira. »

São nadegas ou bochechas!!
Arrenego do diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r.....!

Deu a estanqueira um espirro;
Gritão os vizinhos seus,
Julgando ser terremoto:
« Misericordia, meu Deos! »

Disse-lhe certo estrangeiro,
Que ajunta papeis com mas:
« Quero pôr a sua cara
« N'esta loja de caraças. »

Disse-lhe um serio taful,
Que tabaco lhe comprára:
« A sua loja é pequena;
« Porque não vende mais cara? »

Quer vinhos? Não tenha que errar.
Trepe por esses focinhos;

Bata nas ventas, que dentro
Tem dous armazens de vinhos.

Nariz, nariz e nariz;
Nariz que nunca se acaba;
Nariz que, se elle desaba,
Fará o mundo infeliz;
Nariz que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclipse total!

Esta implicancia com os narizes descommunaes era em Bocage mania. N'umas quadras chulas, de entrudo, *dedicadas a Antão Broega, memoravel narigudo*, ha muitas parecidas com os versos á estanqueira:

É a oitava maravilha
Que appareceu no universo;
É credor de eterna fama
Tanto em prosa como em verso.

Tal era o fatal bisarma,
Tal era o nariz maldito,
Que nasceu para vergonha
Das pyramides do Egypto,

Ou antes para servir
De inteira e completa somma
A quantos narizes cruzão
Desde Judéa até Roma.

Sahio á luz, deu-se ao prelo
A penca do tal Jagodes,
Para ser pasmo de Anaz,
Para ser terror de Herodes.

. . . . . .

« Nariz aquillo?! É mentira,
« É mentira; não ha tal, »
Clama o outro, e n'esta teima
Foi parar ao hospital.

Por mais que sôe o chicote
Nas palhas, aos socios diz
Que tinha visto o diabo
Transformado n'um nariz, etc.

Para si mesmo preparou varios epitaphios, uns serios, outros jocosos; por exemplo este (que ainda era um tanto diverso, no ultimo terceto):

Lá quando em mim perder a humanidade
Mais um d'aquelles que não fazem falta,
Verbi gratia, o theologo, o peralta,
Algum duque, marquez, ou conde, ou frade;

Não quero funeral communidade
Que engrole os subvenites em voz alta;
Pingados gatarrões, gente da malta,
Eu tambem vos dispenso a caridade.

Mas quando ferrugenta enxada idosa
Sepulcro me cavar, em ermo outeiro,
Lavre-me este epitaphio mão piedosa:

« Aqui dorme Bocage, um bom bregeiro!
Que passou vida alegre e milagrosa;
Comeu, bebeu, pimpou, sem ter d[illegible]o. »

Tambem os fez serios, como são estes dous:

E[illegible] com quem se ufana a pedra erguida,
Ah! se encantou com sonorosas côres.....
Já Bocage não é! não sois, amores!.....
Chorai-lhe a morte e celebrai-lhe a vida!

De Elmano eis sobre o marmore sagrado
A lyra em que chorava ou [illegible] amores.....

Ser d'elles, ser das musas foi seu fado!
Honrem-lhe a lyra vates e amadores!

Dous dias antes de morrer, entrando no quarto o Sr. José Pedro da Silva, a tempo em que sahia um sujeito altissimo e delgadissimo, diz-lhe Bocage: « Você foi um anjo que me appareceu, homem! Morrer por morrer, antes de aneurisma, que espetado na ponta de um florete. »

A seguinte damol-a por nos haver sido, por tres vias, attribuida a Bocage; mas suppomol-a mais antiga, e provavelmente de Camões:

Era noite fechada, quando, n'uma rua deserta, acommettido de uma dôr urgente, se demorou em sitio escuro. Uma criada do predio a que estava encostado, chegando com o seu toucado á janella, divisou um homem em feia attitude, e para fazer pagar a audacia, emborcou uma tigela da casa sobre o vulto, que saltando em pé e perfilando-se com a janella, exclama:

Ó menina do toucado,
Já que tem a mão tão certa,
Venha buscar a offerta
Que ficou do baptisado.

N'um outeiro de abbadessado, em que estavão muitas freiras tocando os sinos na torre, Bocage, aborrecido já de improvisar, respondeu a um que o instava:

— Nada! Agora não faço mais versos: quando muito, darei motes.

Pedirão-lhe pois um mote, e Bocage, olhando para os badalos e porcas dos sinos, deu o seguinte:

Que sinos! com tantas porcas!

De um tio nosso, o Sr. Joaquim Barreto de Castilho, amigo de Bocage, recebêmos um soneto, que elle mesmo lhe vio improvisar, e que, apezar de não ser dos melhores, daremos aqui, por não andar impresso em collecção alguma, de que tenhamos noticia.

Em uma casa, á Fundição, se achavão ambos, quando pela rua passou, a trote, um picador da casa real, por nome João Dias Talaia, a quem Bocage havia visto, na semana antecedente, ser despejado da sella, n'uma corrida de touros, no lugar da Panasqueira. Bateu as palmas, e exclamou instantaneamente:

Esgalgado bucephalo montava
O picador ou peccador João Dias;
E, a duros golpes das esporas frias,
As ôcas tripas do animal furava.

Largo capote o cabeção lhe ornava
Ouro infiel, que tu, Brasil, não crias;
E um moço das reaes estrebarias
Em bruto fouda peior o acompanhava.

Empertigado o corpo, ia de trote;
E ao vêl-o campear d'esta maneira,
Lhe diz um tal gaiato de bom lote:

« Ui! montado outra vez! famosa cara!
« Já se não lembra o nosso D. Quixote
« Do estrondoso boléo da Panasqueira! »

O nobre critico a quem nos temos referido diz a respeito d'este soneto o seguinte: « Pertence a Antonio Lobo de Carvalho, acerrimo antagonista do Talaia, e já foi incluido como tal em uma collecção que das obras d'este poeta sahiô ha pouco impressa (*Cadix*, 1852). »

N'este lugar, não podemos, em que nos peze, deixar

de discordar de tão competente autoridade. Nós dissemos haver recebido este soneto de um tio nosso, *que o viu improvisar*; e após tal asserção admira-nos a negativa. E em que razões se estriba ella?

Em ter havido um editor, que, em 1852, isto é, setenta annos depois da morte de Lobo, se decidio a attribuir a este um volume de poesias obscenas, e muitas talvez com tanto fundamento como aquelle com que se affirma que todas as *bernardices* sahião de labios dos Bernardos.

Se é prova de ser de Lobo o ter aquelle editor dado como de Lobo o soneto, em 1852, muito anterior e maior é a prova de ser elle de Bocage, visto que nós, desde 1847, lh'o attribuímos.

Se é razão de ser de Lobo o ter sido este antagonista de Talaia, tambem Bocage não mostrou a esse Talaia grande respeito quando n'um soneto escreveu:

Fervem correios ao loquaz Talaia,

(sé é d'elle, o que não affirmamos, o soneto publicado na ultima collecção: *Oh! triste, malfadada Academia!*)

Finalmente veremos que a discussão é impossivel, quando, como nós o fizemos, se cita uma origem que não deve ser posta em duvida.

A vespera de Corpo de Deos, n'aquelles mui poeticos tempos da folgazã Lisboa, era uma noite deliciosa. As ruas da Baixa, por onde, ao outro dia, tinha de passar a procissão, estavão armadas, illuminadas, arêadas, floridas, cheias de povo, com as janellas todas enramalhetadas de flôres e damas, no ultimo extremo da gala e da riqueza. Os bons engenhos para trovas, desde o cerrar da noite até á madrugada, gyravão, de rua em rua, pe-

dindo motes, glosando-os, recebendo applausos, que pagavão com rasgos novos de enthusiasmo, ou chascos e epigrammas, a que tinhão por ponto de honra retribuir com cem por um. A tradição, que nos conservou a physionomia geral d'estas bellas scenas, não caracteristicas, tem ido deixando cahir, como é seu costume, muitos dos mais brilhantes esmaltes de que ellas se viño ornadas.

Que Bocage era o rei d'aquelle povo de poetas, rei sem rebeldes e ás vezes tyrannico, por si mesmo se entenderia, se tantas presenciaes testemunhas nol-o não attestassem. N'essas noites era elle mais que admiravel: a immensidade do auditorio; o estampido das palmas, desde o apertado pavimento das ruas até aos quartos andares; as luzes; os aromas; e o espirito infuso, exaltando-lhe ainda o natural, davão-lhe uma promptidão, uma felicidade de pensamento, de fórmas e de rimas; uma subtileza para vencer difficuldades; ou uma destreza para as saltar, quando invenciveis, ficando ainda mais airoso; que muito é para sentir que, de taes e tantos portentos, só uns échos mal distinctos nos ficassem! Que pena que a tachygraphia, que tinha de voltar em nossos dias para rechear de chamados discursos politicos centenares de in-folios, que a posteridade só ha de acceitar como lastro de livrarias, não madrugasse um pouco mais!

Só podemos rabuscar hoje, d'aquellas ceifas opimas, uma ou outra espiga, imperfeita e rara: as paveias, gradas e formosas, levou-as o tempo, e já lá as atirou sem ruido para o golfão que tudo engole!

— Venha mote! exclamou Manoel Maria, debaixo da janella de um primeiro andar, onde, entre duas formosas, se pavoneava um cavalheiro, já seu concurrente em torneios *amorosos*, e que então mesmo parecia cortejar

a uma d'ellas... que mais era necessario para que o poeta se irritasse?

— Lá vai mote, exclamou o seu rival feliz:

Formosa, bella, engraçada!

Bocage, para quem a vingança, em casos taes, valia mais até que a melodia metrica, substitue ao verso dado, e muito de industria, est'outro, a todos os respeitos inferior:

Formosa, bella e honrada!

— Formosa, bella, engraçada! insiste o outro.

— Formosa, bella e honrada! insiste tambem o poeta, com dobrada intimativa.

— Engraçada! engraçada! Não é, honrada!

— Ah! bem me parecia a mim. Pois então, se não é honrada, eu a... não faço versos!

E foi ávante, pedindo motes, e improvisando.

Narra o Sr. Innocencio F. da Silva que achando-se Bocage em uma assembléa, e recitando a sua traducção da *Metamorphose de Myrrha*, aconteceu que, estando tambem presente um celebre mulato Joaquim Manoel, grande tocador de viola, e improvisador de modinhas, as senhoras preferissem escutar o mulato a ouvir Bocage; que este, não podendo supportar o que julgava mais que injurioso desar para o seu amor-proprio, rompeu de repente com o seguinte soneto:

Esse cabra ou cabrão, que anda na berra,
Que mamou no Brasil surra e mais surra,
O vil estafador da vil bandurra,
O perro, que nas cordas nunca emperra;

O monstro vil, que produziste, ó terra
Onde narizes natureza esmurra,
Que os seus nadas harmonicos empurra
Com parda voz, das paciencias guerra;

O que sahe no focinho á mãi cachorra,
O que nescios applaudem mais que a *Myrrha*,
O que nem veio de pr[illegible] forra;

O que afina inda mais quando se esgurra
Merece á philosophica pachorra
Um c..., um passa-fóra, um arre, um irra.

Tyranno da intelligencia, exigia, nos outros, milagres de rapidez, iguaes aos do seu estro. N'uma d'essas noites famosas, em que Bocage tinha já improvisado bastante, entrou a passear, seguido da turba dos satellites, do *claro auditorio seu*: de espaço a espaço parava, interrompendo a conversação, para escutar os improvisos dos trovistas, que o procuravão imitar.

Deu-se de uma janella este mote:

Bateu as azas; fugio;
Não me ha de mais apanhar.

Um dos vates, impondo silencio immediatamente com o brado: « Lá vai glosa! » Começou logo com a maior emphase:

Quando de Athenas sahio
O Argonauta valente.....

e estacou, por lhe não acudir a musa com a necessaria presteza. Repetio pois, já em tom mais vagaroso:

Quando de Athenas sahio
O Argonauta valente.....

Nova pausa, que já fazia suar de impaciencia Bocage, o qual apenas ouvio, pela terceira vez, a sentença:

Quando de Athenas sahio
O Argonauta valente,

grita:

Ficou muito descontente
A grã.... que o....

Entra João Soyé no quarto de Bocage, depois de uma crise do aneurisma, que lhe havia feito curtir horriveis dôres, e sentando-se, diz-lhe:

— Não sabes, meu rico Manoel? Vamos ter um poema epico.

Senta-se o doente na cama, escancára os olhos, e exclama:

— Um poema epico!

— É como t'o digo. Já Antonio Ribeiro dos Santos o mandou copiar para imprimir-se.

— Então de quem? é d'elle!

— Não: é do Medina...

A este annuncio da *Zargueida*, torna-se a deitar mui socegado, dizendo:

— Conheço, conheço; erraste-lhe o nome; isso é *poema ethico!*

E havia n'isto ingratidão, pois foi ao proprio Bocage que Medina dedicou o seu poema (composto, diz o autor, em quatro mezes! e publicado em 1806), precedendo-o do seguinte soneto:

A ti, vate sem par, cujo estro inflamma
Do numen Patareo o sol fulgente,
A ti, grande Bocage, cuja frente
De sacros louros delphica se enrama,

Cumpre o levar o meu poema á chamma
Da tua sabia critica prudente:
Ninguem mais do que tu independente
Lhe póde grangear perpetua fama.

Segue tu pois da sã justiça o trilho;
Castiga os cantos meus; dá-lhes belleza;
Á tua correcção é que os humilho.

Sejamos immortaes na redondeza:
Tu, dando ao meu poema eterno brilho;
E eu só porque tentei tão grande empreeza.

Tendo-lhe Medina lido, durante a molestia, varios fragmentos, Bocage passou a formar d'esta obra idéa diametralmente opposta, a ponto de a equiparar aos *Lusiadas*, como o prova este soneto:

De Zargo o heroico ardor que luz na fama
Cantas em metro altisono e fervente.
Nautica, lusa gloria em sã oriente
Por ti, qual no zenith, esparze a flamma.

Do misero Machim, da triste dama
Chora o infausto amor tão docemente
Que o tronco o sabe, que o rochedo o sente,
Que a terra geme... e que fará quem ama?

A que, de Homero a par, no Elysio avulta,
Sombra do grão Camões, alta e divina,
Crê que vella em teus ares; attende, exulta:

A face para ti sorrindo inclina,
E ao teu canto vivaz, que o tempo insulta,
Gráo hão longe do seu já lhe destina.

Quando Bocage enfermou gravemente, este João Soyé dirigio-lhe esta poesia:

De Elmano aura vital ameaçada
D'Atropos féra está; mas vacillante

Dê a tesoura fatal fechar, o instante
A seu pezar suspende, sossobrada.

De egregios vates turba desolada
Ao supremo dos numes imperante
Mil ais e mil suspiros incessante
Exhala, de terror sobresaltada.

Da existencia co'o peso, esfallecido
E de pungentes dôres trabalhado,
O triste Jonio exclama espavorido:

« Flammifero, potente Jove irado!
« Se és bom, se tens poder, compadecido
« Dá que Jonio são veja Elmano amado!

Era José Anastacio de Figueiredo mui presumpçoso. Quando sahio o primeiro volume da sua *Nova Historia da Ordem de Malta*, deu um exemplar a Bocage, e encontrando-o passados dias, travou-se entre elles o seguinte dialogo:

— Então, Sr. Bocage, leu?

— Li um pedaço.

— Gostou? que tal?

— Sim senhor, pareceu-me bem.

— Ora muito estimo. Até onde leu?

— Li as duas primeiras paginas.

— Ora essa! Pois Vm. julga a obra, não tendo lido senão duas paginas?

— É que dou a Vm. a certeza de que ninguem lê mais!

Nunca Figueiredo lhe tornou a fallar.

Bem admira esta impressão profunda em Figueiredo, o qual tendo fallecido no mesmo anno que Bocage, diz o Sr. I. F. da Silva haver succumbido ao desgosto, e

apaixonado pelo frio acolhimento que a sua *Historia de Malta* obtivera do publico.

Posto que o seguinte soneto seja attribuido a Bocage, ha quem julgue ser da viscondessa de Balsamão. Em todo o caso, comquanto mui bello, e com toda a apparencia de original, não o é, mas sim imitação de um de Hénault, que vem em *Les bijoux des neuf sœurs*, pag. 95, e no *Diccionario dos homens illustres*. É feito a um aborto forçado (*inedito*):

Tu que, antes de nascer, morres forçado,
Triste aborto, imperfeita creatura;
Do ser e do não ser porção impura,
Do ser desprezo e do não ser cuidado;

Tu és de amor o fructo malfadado,
Fructo que a honra aniquilar procura;
D'amor obra funesta e sem ventura,
Da honra triste victima e do fado.

Perdôa, ó anjo, a culpa commettida!
Contempla a mãi, a esposa sem conforte,
Não a culpes de ingrata e de homicida.

Dous tyrannos decidem tua sorte.
Contra a honra o amor fez dar-te a vida;
E a honra contra amor fez dar-te a morte.

Ao Exmo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, um dos primeiros ornamentos da litteratura brasileira, ouvímos uma anecdota, que com poucas variantes nos tem sido repetida por varias pessoas do Rio de Janeiro, onde ella é mui conhecida.

João Pedro Maynard, homem que occupou elevada posição, sendo até, durante a minoridade, indigitado para regente, tinha a mais estupenda memoria natural, e

mesmo sem meios artificiaes fazia os mais admiraveis exercicios mnemonicos.

Quando Bocage se demorou no Rio, em sua escala para Goa, sendo apresentado a Maynard como rei de improvisadores, este desejou ouvil-o. Com effeito, n'uma reunião, foi dado um mote, ao qual Bocage redarguio sem demora com um excellente soneto. Findo elle, disse-lhe Maynard:

— O que eu desejára, era ouvir obra nova, pois isso que Vm. recitou é conhecido.

— Como assim, se eu agora o improvisei?

— Queira desculpar: é velho, e tanto que eu o sei de cór.

Desafiado por Bocage, Maynard repetio a poesia litteralmente, já com murmurio do auditorio, e confusão do poeta, que, indignado, bradou:

— Não sei como é isto, senhores; foi um improviso; e se o duvidão, venha outro mote.

Sendo dado outro, ainda com maior rapidez o glosou, seguindo-se a mesma scena, e repetindo-o igualmente Maynard. Então Bocage abraçou-o, dizendo:

— O que o senhor é, é um grande maganão, e a mais portentosa memoria que eu tenho encontrado.

E assim era.

O Sr. conselheiro Junqueira, cultor das musas, nos escreve, da Bahia, em 10 de Junho de 1865, o que passamos a transcrever, e que lhe foi narrado por um amigo que se deu muito com o poeta:

Bocage, que pretendia ser amado por todas as moças, entre outras damejou a uma saloiazinha que lhe não correspondeu. Elle despeitou-se, e algum travesso, com in-

tuito de o enfezar, mandou á saloia o mote seguinte, para ella dar ao seu arrastado :

« Para amar não tenho tempo.

« Bocage comprehendeu o estratagema, visto dar-se-lhe uma palavra que quasi não tem rima; e não obstante, improvisou logo umas poucas de decimas, que eu soube, porém a memoria não me conservou senão a seguinte (*inedita*) :

« Eu por mulheres do campo
Nem um par de solas rompo.
Bem basta quanto me estrompo
Á caça co'o meu Melampo.
Ás vezes os toneis tampo
Do succo das uvas que empo;
E outras, por passatempo,
As ruas dos bosques limpo;
Depois a dormir me chimpo.
Para amar não tenho tempo. »

Retrahimos a penna, para não darmos a este capitulo exageradas dimensões, quaes alcançaria se houvessemos de descrever todos os felizes repentes de Bocage e as curiosas anecdotas que lhe são attribuidas. Baste porém o que deixamos dito para, conjunctamente com os dous que se seguem, darmos por completo o retrato moral do poeta.

CAPITULO XVI

Relações de Bocage com varios dos seus contemporaneos avulsamente. — Thomé Barbosa. — Os irmãos Bersanes. — O canapé do preguinho. — O guarda-mór Virgo. — Galina. — Nicoláo Tolentino. — Antonio Ribeiro dos Santos.

Será este capitulo verdadeira continuação do antecedente. Scenas privadas, da intelligencia do homem superior, dão-nos d'elle mais cabal idéa que todas suas producções; e accresce que as anecdotas de Bocage se revestem sempre de multiforme interesse.

Se nunca houve mais jovial e aprazivel trato que o seu, tambem jámais a terra vio tão ingrata e voluvel amizade: o mesmo homem, á mercê de suppostas offensas, ou antes das vagas do animo do poeta, era em seus labios sapientissimo ou imbecil, desmoralisado ou virtuosissimo, admiravel ou reprobo. Taes singularidades são n'este sentido as relações de Bocage com José Agostinho de Macedo, que, suppondo dever dar-lhes maior desenvolvimento, as reservamos para um capitulo especial, assim como consagraremos outro ás relações do nosso poeta com a *Nova Arcadia* e os arcades, por considerarmos esse assumpto a um tempo de interesse litterario e social. Passemos pois agora a relatar desordenadamente alguns successos occorridos entre Bocage e outros homens conhecidos d'aquelle fecundo periodo, em que o estro, tão raro hoje, borbotava de todas as intelligencias, sem que seja materia para que devamos buscar methodo ou classificação. Estudemos, em suas relações com *outros, o homem* inquieto, que, figurando sempre na van-

guarda, nunca soube deixar descanso nem a seus admiradores, nem a seus inimigos.

THOMÉ BARBOSA DE FIGUEIREDO ALMEIDA CARDOSO

O polyglotto official de linguas da secretaria dos negocios estrangeiros, que, a ser certa a affirmativa de Balbi, na *Tentativa Estatistica*, sabia perfeitamente as linguas grega, latina, franceza, italiana, hespanhola, ingleza, dinamarqueza, sueca, allemã, hollandeza, turca, arabe e russa, e não menos a litteratura da mór parte d'estes idiomas, era um dos mais illustrados admiradores de Bocage. Assim devia ser, que possuia, além de mui vastos conhecimentos em todo o genero e grande cabedal de juizo, muito particular noticia dos poetas antigos que o nosso mais conversava, e alguns dos quaes não só interpretou, mas por vezes excedeu. Convidou-o pois, com todos os delicados melindres de um coração verdadeiramente benefico, para lhe honrar alguns dias a casa, como hospede. Era conjunctura em que Bocage andava de todo destituido de recursos: pousada, boa mesa, excellente livraria, trato cordial e franco, com amigo illustradissimo; e, por cima de tudo isto, completa liberdade, até nas minimas circumstancias do viver, não erão paraiso que ao menos se deixasse de experimentar.

Durou semanas, com mutuo contentamento, a convivencia... De repente, um dia de madrugada, entra o hospedado no aposento do hospedeiro, e acorda-o, agradecendo-lhe o bom trato e despedindo-se.

Thomé Barbosa, que esperára ter para annos, senão para a vida, aquelle commercio, tão do seu gosto, e de parte a parte tão vantajoso, sobresalta-se com a novi-

dade, e pede, quasi assustado, a razão de tão subita mudança: o poeta não responde: o amigo insiste, aperta, supplica... até que finalmente constrange o oraculo a descerrar-se:

— Não é possivel ser mais bem tratado do que eu, n'esta casa, o tenho sido. Tudo quanto por boca se póde pedir, aqui o tenho... Mas uma cousa me falta, que me desassocega, me tira o somno, cuja privação me não deixa ser feliz, e que entretanto me seria defesa emquanto aqui me conservasse. Não posso passar um dia mais sem dizer mal de V. S., ou arrebento!

Debalde o generoso bemfeitor lhe respondeu, rindo e com o coração nas mãos, que permanecesse e o epigrammasse quanto quizesse; que gosto da sua companhia assaz o desforrava do pungir das suas satyras. Mas tal partido é que não podia convir ao pundonor *sui generis* d'aquelle espirito em tudo excentrico. Abraçou-o; sahio; e como primeira amostra da longa teia de sonetos com que o regalou, escreveu com lapis n'um sobrescripto, logo ao sahir da porta, este, que para dentro lhe remetteu por um criado. Reproduzimo-lo, cabendo advertir que a substituição, que os editores fizerão, do verso:

O guapo charlatão Thomé Barbosa,

por:

O guapo charlatão, novo Spinosa,

foi provavelmente devida a uma excessiva delicadeza; arreceiando-se de que a declaração do nome proprio damnasse á merecida reputação do satyrisado; receio tão injurioso pelo menos como o soneto, pois não leva por desculpa o enthusiasmo do poeta (se é que a causa da

mudança não foi, como se nos affirmou, exigencia da censura).

Dos torridos sertões, pejados de ouro,
Veio um tal sabichão de honrada fama,
Que os livros preza, os cartapacios ama,
Que reparte das linguas o thesouro.

Arranha o persiano, arranha o mouro,
Sabe que Deos em turco Alá se chama,
Que no grego alphabeto o G é gama,
Que taurus em latim quer dizer touro.

Para papagaiar sahio do matto;
Abocanha tantos que não goza;
É mono, e prega unhadas como gato.

É nada em verso, quasi nada em prosa,
Não conheces, leitor, n'este retrato,
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

(Nas notas á *Collecção de Bocage*, pelo benemerito Sr. I. F. da Silva, achamos esta variante aos motivos que induzirão Bocage a romper com o seu amigo: que, tendo Manoel Maria escripto ou traduzido alguns artigos, com destino de serem insertos no *Mercurio*, forão estes, no todo ou em parte, rejeitados por Thomé Barbosa, que era um dos redactores, ou revisor do dito periodico.)

Igual desfecho tiverão outras semelhantes hospedagens, todas cordiaes e frequentissimas, por casas abastadas e titulares.

ANTONIO E JOSÉ MERSANE LEITE

Erão estes irmãos (Tionio e Josino) de singulares dotes, e poetavão com harmonia, naturalidade, singeleza e graça, sendo Bocage constante e intimo amigo de ambos.

Por occasião da morte de seu pai, João dos Santos Bersane, dirigio-lhes Bocage a formosa elegia que reproduzimos no tom. I, pag. 181, e principia :

O sabio não vai todo á sepultura.....

A José Bersane dedicou Bocage uma ode, na qual se conhece quão suaves erão as relações entre ambos. É a que se lê no tomo 1°, pag. 7, d'esta collecção, e começa :

Euro, batendo as azas procellosas.....

Tambem de Gôa escreveu ao mesmo a epistola que começa :

Josino, meu Josino, a cujo lado.....

A Antonio Bersane, de quem alhures disse Bocage :

Do meu Tionio a lyra milagrosa.....

dirigio a seguinte epistola :

Os amores ha muito, ha muito as graças,
E a deosa d'elles mãi, mãi dos teus versos,
Instão que á patria os dês, que os dês á fama.
Tarde cedeu Tionio á voz divina :
Tarde, que vezes cento a Paphia turba
(Nas horas brandas, em que aos ais me acode)
Carpindo-se de ti, me disse, ó vate :
« O ingrato, que inda amamos, foge á gloria
« Ao publico louvor se esquiva e furta.
« Grinaldas de amaranto, e myrtho, e rosas,
« Dos maternos jardins por nós colhidas,
« Soffre que as murche, que as defolhe o tempo,
« Na fronte, onde borbulhão, ferventes, incão
« Gentis idéas, e expressões mimosas.
« Aos numes do prazer, de Cypria aos filhos,

« Que para eternisal-o os sons lh[illegible]erão,
« Remisso e deleixado assim respondo:
« Os deo[illegible] nos mortaes que mais animão
« Ás vezes corações de ferro encontrão!
« Cantor do Teios, os teus [illegible]s vivem;
« Vivão c[illegible] elles de Tionio os versos;
« E o [illegible]m fallador, que gyra o globo,
« N'e[illegible]esparzindo-os, amacie as vozes,
« Colha brandura do amoravel canto. »

Assim, queixosos da tenaz modestia
Com que teu nome a teu louvor negavas,
A rosea, tenra face, os doses nossos
De aljofar[illegible]oso humedecião.

Emfim, ced[illegible]ionio á voz divina:
Já vê com [illegible] o litterario mundo
Que brilha um genio mais no céo das artes.
Versos formosos, adejai sem susto,
Meigos amores, escoltai-lhe o vôo.
Embora ladre o zoilo, embora os morda
Dente canino d'Aristarcho inerte.
Os fins se frustrem da escumante inveja,
Que no seu nada quer sumir o engenho,
Roer-lhe, apodrentar-lhe a flôr e o fructo.

Prole dos numes, quasi nume, o vate
Vive no tempo, na memoria vive,
E vai do tempo e da memoria [illegible] astros
Converter-se em porção da eternidade.

Oh! se[illegible]o ferrenho, a teu mão grado,
Ha quem preze a razão, quem preze as artes,
Ha mão que avive e galardôe o genio!

F[illegible]em de Phebo espiri[illegible] mimosos,
Folga, Tionio, seu que[illegible]nno!
D'entre as furnas da in[illegible] ou tarde, ou cedo,
Surge a gloria em triumpho, e nunca morre.

Por occasião de enviuvar Antonio Bersane, Bocage lhe mandou este soneto:

Tributo em ais no coração gerados,
Não dês á caravinza, [illegible] esposo:
Roção da vida o circulo [illegible]noso
Caminhos florescentes e estrellados.

Espiritos gentis por Jove amados,
Volvendo a seu principio luminoso,
Olhão sol não creatante, e mais formoso,
Vagueão sem temor por entre os fados.

Com alta fantasia, e [illegible]sto enxuto,
Vê nos Elysios a immortal consorte,
Vê da virtude a flor tornar-se em fructo.

Doce, augusta verdade, amor conforte:
Em vós, ó impios, a existencia é luto,
É nos eleitos um sorriso a morte.

O idyllio *Armia*, que se figura escripto em Santarem, e em que o poeta declara ter querido imitar o estylo de Fernão Alvares do Oriente, tem por interlocutores Elmano e este seu Josino.

Era José Bersane mui feliz em chistosos epigrammas. Como o irmão levasse o requinte da cortezia a ponto de exageração, sendo conhecido pela antonomasia do *Bersane comprimenteiro*, fez-lhe José muitos epigrammas, por exemplo:

Antonio o meu caro irmão,
Da politica é portento;
Quando não encontra alguem
Faz cortezias ao vento.

Não! ninguem em ser cortez
Venceu Antonio até'qui:
Quando se vê ao espelho,
Faz cortezias a si.

Lá na loja do Nicola
A Antonio um dedo deu.
Entra um; diz: «Boas-noites!»
Torna a si... tira o chapéo.

Na collecção de *Satyricas*, feita por A. M. do Couto, apparece, á pag. 59, attribuido a Bocage, segundo a opinião vulgar, um famoso soneto, que o compilador julga ser d'elle, *pelo estylo e por estar bem feito*. Enganou-se porém, pois é de Antonio Bersane, que o compôz, por occasião de representar-se a *Eldire* de Miguel A. de Barros, tragedia em que um rei da Thracia apparecia com os dedos ensanguentados de os haver enterrado pelos olhos que arrancára á filha. Aqui o reproduziremos, por estar n'aquelle folheto coalhado de erros, ao ponto de ter versos inteiros substituidos aos do autor:

Gritava mestre Braz: «Filha traidora!
«Hei de arrancar-te os olhos, vil cadella!
«Vou pôr trancas de ferro na janella,
«Só por não ver o biltre que a namora!»

N'isto a moça infeliz suspira e chora.....
Suspirão graças, chora amor com ella:
Ah! tão meiga não é, não é tão bella,
Quando perolas verte, a linda aurora!

«Ser sapateiro ou grande o fado o
«Sou um pai, que da honra a estrada trilha.....
«Tragedias nunca vio quem me condemna!

«O fechar-lhe as janellas não me humilha,
«Que ha pouco o grão Miguel mostrou na scena
«Que um rei da Thracia fez o mesmo á filha.»

Do modo que precede nos exprimiramos na edição de 1847. N'uma nota da Collecção de 1853, alludindo-se

áquella declaração, é dito : « Como todavia se não declara qual o testemunho ou fundamento da affirmativa, e o soneto ande em nome de Bocage desde 1814, julgámos dever conserval-o na posse em que o achámos. »

Se a questão era de *uti possidetis*, parece que a ultima posse pertencia a Bersane.

Não é razão bastante o andar no tomo V das *Rimas de Bocage*, sahido á luz treze annos depois que este era pasto de vermes.

Tambem Coûto, nas *Satyricas*, diz que o julga de Bocage, *pelo estylo e por estar bem feito!* e assim mesmo só noticia ser elle *attribuido* ao nosso autor, unica poesia da collecção a que pôz semelhante nota. Se taes razões procedessem, teria a *Livraria Classica* dado mais dezenas de ineditos, que recebeu com visos de bocagianos.

A nossa asserção *positiva* proveio de ser a copia que se nos exprimia algum fidedigno amigo do poeta, cujo nome já não é possivel rememorar. Permitta-se-nos pois repetir que o soneto é de Bersane.

Indo um dia Bocage visitar José Bersane, com os seus calções novos de seda preta, atirou-se para um canapé, que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traiçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento, de alto a baixo lhe rompeu os calções. Levantou-se Bocage desesperado, e perfilando-se com o decrepito canapé, começou a dar-lhe uma grande descomposura.

— Não tens vergonha, interrompeu Bersane, de insultar aquelle velhusco em prosa vil! Ha quanto tempo cuidas tu que eu tenho aquillo?

Fugio do incendio de Troya,
Lá d'esse incendio voraz,

Enéas co'o pai ás costas,
E o moço co'aquillo atrás.

— Impostura! redargue Bocage, quer fazer este diabo só da idade de Troya!

Lá que Deos formou o mundo
Em seis dias, é de fé;
E ao setimo descansou
Aqui n'este canapé.

— O mundo! o mundo! pois isto é lá do principio do mundo! interrompeu Bersane:

Inda antes de existir mundo,
E inda antes de haver Adões,
Já eu tinha este preguinho
Com que rompia calções.

— Por consequencia, desenganemo-nos, torna Bocage:

Quando a velha eternidade
Por esta casa passou,
Disse a este canapé:
« Sua benção, meu avô? »

Ainda continuárão neste riquissimo tiroteio, mas não se conserva mais; e só d'estes epigrammas conhecemos impresso um[1].

Tendo Antonio Bersane vindo para o Brasil em 1808, transportou-se para Minas, onde falleceu, deixando descendencia e parentes em varios lugares do imperio, e particularmente em S. Gonçalo da Campanha.

[1] Narrão outros estes improvisos como feitos em Gôa, e dirigidos ao celebre canapé historico, que hoje conservado em poder de um curioso, e que figurou tanto na exposição de Lisboa em 1850, antes de brunido, envernizado, empalhado, profanado. Quem quizer conhecêl-o veja o desenho que delle apresenta o nº 2 do tomo II do *Archivo pittoresco*.

O Sr. Francisco de Paula Bersane, seu neto, residente no Rio de Janeiro, disse-nos ser tradição na sua familia que o conhecimento entre Tionio e Elmano se verificára com singulares circumstancias. Já Bocage tinha ouvido elogiar o estro de Antonio Bersane, quando casualmente se encontrárão n'uma reunião. Alli, passando-se á distracção do improviso, então tanto em moda, pedio Bersane que lhe dessem mote; Bocage para o experimentar lhe deu o seguinte :

Aquella pedra que lá.

Tionio glosou-o logo por este modo :

Quiz erguer soberbo altar
A minha Nise. Eis amor :
« Presta-me, diz, teu favor :
«Benigno vem me ajudar. »
Ouvindo-me recusar,
Irado ás furias me dá;
E eu lhe grito: « Amor, vem cá
« Mais máo genio nunca vi.
« Dize, que mais faz aqui
« Aquella pedra, que lá? »

O mesmo Sr. Francisco de Paula Bersane nos asseverára que ainda existia na Campanha uma sua tia, filha de Antonio Bersane, a Sra. D. Maria Vicencia Bersane Leite, a qual fôra namorada de Bocage, com quem até estivera para casar. Presuppondo que em poder d'esta senhora existissem ainda por acaso alguns ineditos de Elmano, dirigímo-nos a pessoa de plena confiança, o Sr. Francisco Antonio de Lemos, de S. Gonçalo da Campanha, provincia de Minas, o qual teve a bondade de informar-nos do seguinte: os noventa invernos que pesão

sobre a Sra. D. Maria Vicencia (ainda contraparenta do Sr. Lemos) a prostrárão por modo, que nem póde ligar conversação alguma, nem lembrar-se de particularidades que tanto interessarião hoje. O que porém é certo, pois nol-o affirma o nosso obsequioso informador, é que Bocage frequentava muito a casa de Antonio Bersane, chegando até a estabelecer ahi por varias vezes o seu quartel-general; d'onde provierão sem duvida as relações estreitas entre o poeta e a sua Marcia, hoje nonagenaria.

JOSÉ DA CRUZ VARONA

O pobre José da Cruz Varona, guarda-mór do tabaco, foi tambem alvo de um tirotejo epigrammatico da phalange bocagiana.

Se acreditarmos no que elles dizião (e não é caso de juramento) o velho Varona não passava de um gebo mal trapilho, cuja casa se achava miseravelmente mobiliada, e estupido a ponto de dizer que tinha uma *egua femea*, e que, á força de magro, era chato como um capacho. Uma filha hedionda, chamada Rita, batia no pai, sem respeito á idade, ao sexo, á paternidade, ás perninhas, nem á cabelleira. Havia mais em casa tres criadas, e um garoto, que alcunhavão de Cupidinho. Comquanto este homem fosse condecorado com a ordem de Christo, não fazia senão queixar-se das injustiças de que era victima, e da escassa contemplação em que tinhão os seus serviços. Diz o Sr. Innocencio ter-lhe asseverado o Sr. conego Freire que o homem não possuia um só dente, sendo essa a allusão do *vira bolachas* de um dos sonetos. Agora, facil será já comprehender a intenção dos seguintes:

O guarda-mór da calva para *baxo*
É mais insupportavel que um *capucho*,
Não tem bofe, nem figado, nem *bucho*,
Mais chato me parece que um *capacho*.

As costas são cavernas d'um *pataco*,
Os queixos são as guelras d'um *cachucho*,
Tem figura de magico, ou de *bruxo*,
Na cabeça miolos lhe não *acho*.

Affecta no exterior santo de *nicho*,
Por dentro é mais sinistro do que um *mocho*,
E aloja mais peçonha do que um *bicho*.

O que os outros têm cheio, elle tem *chocho*,
O que é nos mais vassoura, n'elle é *lixo*...
E anda isto entre nós? ah! bom *arrocho!*

Com habito de fóra, e de capote,
O Varona, tratante sem limite,
Deixando as frescas margens de Amphitrite,
Em pratica foi pôr subtil calote:

A rua Augusta caminhou de trote,
(Passo que a velha idade não permitte)
E vendo um mercador, teve appetite
De encontrar n'elle credulo pichote:

Entra, curvando o tremulo gasnate,
Requer de baetão covados sete,
Que o mercador lhe fia, annoso orate!

Pega do fardo, amigos acommette,
Em rifa o põe, augmenta-lhe o quilate,
Pilha o dinheiro, e falta ao que promette.

Com rosto o guarda-mór mes[illegible]onho
Vendo á porta um credor, que [illegible]inho,
« Negue-me sempre (disse ao Cupidinho)
« Senão, sem ha pagar, na rua o ponho.

« Nunca fui de illusões: não me envergonho,
« Nem se me faz vermelho este focinho.
« Chamem-me cafre, chamem-me mesquinho,
« Que eu fico muito lepido e risonho.

« Com as [illegible]as astucias cá me avenho;
« E se é preciso um falso testemunho,
« Da calumnia o caracter desempenho.

« Não me pilhão vintem Dezembro e Junho,
« E a favor d'estas cans e cruz que tenho,
« Todo, todo em calotes me desunho. »

Ha outro soneto, que, sendo *inedito*, nós publicámos na primeira edição d'esta memoria, principiando:

Já resolvi! Em agarral-o embirro...

mas cumpre confessar que esse estylo não é do nosso grande versificador. Comquanto fosse reproduzido na *Collecção* de 1853, com muitas variantes, que lhe não dão mais merito, preferimos repudial-o, por espurio. Vejamos outro, de mais merito:

Cantemos todos lugubres endechas
Que [illegible]a, capa das femeas chochas,
Ao descarnado pai, de gambias frouxas,
As sacrilegas mãos pôz nas bochechas.

Redobre o écho lutuosas queixas.
Piem té rebentar mochos e mochas.
E, ao ver do amo affrontado as faces rôxas
Cupidinho leal corte as madeixas.

De raiva o guarda-mór môa bolachas,
As tres cria[illegible] mettão-se capuchas,
E as paredes [illegible]ror abrão mil rachas.

E tu, que [illegible] cans paternas puxa[illegible],
Vai no centro voraz de acesas ach[illegible],
Ter o tragico fim que têm as bruxas.

Uma noite, tendo Bocage e José Bersane estado de camaradagem n'um mesquinho sarau em casa do pobre epigrammado guarda-mór, voltárão para a morada de Bersane, e como a cêa não estivesse prompta, desafiou este a Bocage com um quarteto, que logo foi completado em soneto por Bocage, do seguinte modo (*inedito*):

BERSANE.

Já que grita a hu[illegible] e a cêa tarda,
Aqui, em verso [illegible] humilde e humano,
Vamos todos fazer, amigo Elmano,
Leilão dos trastes que possue o guarda.

BOCAGE.

Casaca velha, rôta, suja, parda,
Feia, ruim, de amarellado panno;
Sapatos, que solou ha mais de um anno,
De que inda o remendão o importe aguarda.

Rouxinol, codorniz e dous cochichos,
Seis panellas, tres trempes e dou[illegible]
Dez perrucas viuvas de rabichos,

Quatro cadellas femeas, dous cães machos,
Uma filha mais feia que tres bichos,
Eis aqui seus serviços e despachos.

GALINA

Este militar compôz varias obras, especialmente uma carta sobre o suicidio, e uma traducção de *Heineccio*, que os contemporaneos apreciavão. Indo navio onde voltava da India, tropeçou, cahio ao [illegible] e morreu afogado, perdendo-se-lhe as obras.

Foi elle, em 1798, nomeado ajudante do caduco Ma-

rinho, que, de oitenta annos, acabava de ser despachado governador de Solor e Timor. Dizia então Bocage:

— Encontrei hoje o Marinho, que me deu parte do despacho, dizendo-me: « Sr. Bocage, cá vou, farto de rapazias, ganhar pão para a velhice! »

Quando Galina deu no theatro uma sua peça origi[nal] não fallava Bocage de outra cousa a quantos encontrava:

— Ora o Galina! o Galina! Vm. já vio a *Idene*? pois eu lh'a conto. Convoca-se o divan para decidir do casamento. Ha um Catão desde o princípio da peça. O Solimão II faz uma falla para capear os [illegible] eitos, a ver se o deixão casar com a Grega, e quem se segura a votar era o Catão. Nisto exclama todo pasmado: « Uma grega mulher no solio turco! » E vai-se e acaba-se a peça! — Ora o Galina! o Galina!

Foi a Galina que Bocage endereçou o seguinte soneto:

Quem é este boneco empertigado,
De laçarrão ao peito, e farda ruça?
— É [illegible] um solo inglez escaramuça,
E [illegible] andurra o seu bocado.

— [illegible]bre? — O seu solar e o seu morgado
Tem no gasto capote em que se embuça.
— De que vive? que faz? — Geme e solu[illegible]
E de amantes paixões anda mirrado.

— E ha moça que o affecte? — Olé! quarenta!
E uma (de aspecto mão) tanto o cobiça,
Que cedo a mão na igreja lhe apresenta;

E para a brin[illegible]a, em que é noviça,
Dá-lhe lição[illegible] bolorenta,
A carunch[illegible] e a mãi sediça.

Apezar de todos estes epigrammas, Bocage lhe fazia

entanto justiça, em momentos lucidos, segundo o costume.

NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA

Entre estes dous homens parecia dever ser grande a attracção, pela multidão de semelhanças de seus genios e destinos, se é que esta circumstancia ao contrario não devia motivar antipathia.

Tolentino, nascido vinte e quatro annos antes de Bocage, comtudo ainda lhe sobreviveu seis; comtanto forão contemporaneos, e a residencia do official de secretaria foi sempre em Lisboa, onde tambem Bocage quasi sempre assistio.

Forão ambos póetas estimadissimos como taes.

De nenhum ficou obra original de grandes dimensões.

Ambos tratárão de preferencia o genero satyrico, epigrammatico, elegias e poesias lyricas.

Se Bocage cansa, pela indelicadeza com que põe sua musa a mendigar, mais intoleravel é esse quasi vicio em Tolentino.

Se aquelle pedia inspirações á genebra e ao ponche, este brada:

Das escumas do Madeira
Vejo nascer a alegria.
Com as azas afugenta
A minha melancolia.

Já se perturba a cabeça
Já tenho emprestadas côres,
Já começo a esquecer-me
As molestias e os credores.

Ambos elles se ostentão frecheiros, inconstantes e cantadores de mil deidades.

Ambos sujárão as pennas em assumptos de natureza demasiadamente livre.

E um descompõe o ouro, pelo qual faz baixezas, definindo-o assim:

Faço a paz, sustento a guerra;
Agrado a doutos e a rudes;
Gero vicios e virtudes;
Torço as leis, domino a terra;

o outro faz-lhe côro, respondendo:

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo:
Tens o direito da força;
És o tyranno do mundo;

e portanto, n'este sentido, o que não podião haver, davão pelo amor de Deos.

Ambos ficárão até á morte solteiros, apezar de tão multiplicadas paixões.

Ambos sustentárão suas irmãs e familias... e d'isso fizerão titulo para, em proveito de sua torpe mendicidade, excitarem compaixões.

A final, Bocage morreu nos braços da irmã Maria Francisca; Tolentino nos da irmã Joaquina. Aquella era reconhecida por Manoel Maria como a sua predilecta; a esta tinha Nicoláo em tal conceito que respondia, a quem lh'o perguntava, não querer casar por ser prohibido casar com irmã.

Ambos protegidos por José de Seabra.

Ambos caridosos; ambos de espantosa memoria; am-

fundos latinistas: ambos cultores da nossa mais pura poesia classica.

Ambos finalmente, e com pequeno intervallo, sepultados no cemiterio das Mercês, perto um do outro; ambos fallecidos hontem, sem que já seja possivel achar-lhes os restos.

Homens que tantos titulos approximavão, parecião todavia estranhos um ao outro; nem Bocage falla uma só vez, nas suas obras, de Tolentino, nem Tolentino de Bocage!

Consultando sobre esta singularidade alguns amigos do poeta, foi-nos dito por Assentiz e D. Gastão (os quaes muito conversárão ambos os autores) que não só tinhão feito a mesma observação, quanto ás obras, mas notado que, nas suas conversações, nem Tolentino nem Bocage fallavão nunca um do outro, em bem nem em mal, levando este cuidado a ponto de affectação, pois quando de tal objecto se tratava, calavão-se elles!

A Sra. D. Anna Marecos porém, dama de altissima intelligencia, que a ambos os poetas conheceu, asseverou-nos que elles tiverão relações estreitas, contando-nos, por essa occasião, esta anecdota.

Estava Bocage encostado ao umbral da porta de uma loja do Rocio, apparentemente pensativo e absorto, quando Tolentino, chegando-se-lhe ao ouvido, pergunta:

Elmano, a lyra divina
Por que razão emmudece?

ao que logo Bocage respondeu:

Porque mais cala no mundo
Quem mais o mundo conhece.

Tornou Tolentino:

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?

Bocage sem hesitar:

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça

Dentro em poucos minutos, estavão os improvisadores rodeados de centenares de ouvintes; e, influidos pela emulação, continuárão longo tempo, sem ceder ou fraquejar, n'este formoso *écho*, em que já vimos tambem Bersane sido eminente.

O Sr. Banha, parente de Bocage, deu-nos conta de outro *écho* entre ambos. Tanto um como outro tinhão pés monstruosos, que mutuamente epigrammárão. Só se conservão porém os seguintes versos de Bocage:

Se o padre santo tivesse
Um pé tão longo e tão máo,
Pudera mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macáo.

Tolentino fez-lhe este (*inedito*):

Erão tres juntas de bois,
E d'aquelles mais selectos,
A puxar pelos sapatos.....
E os sapatos quietos!

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

PINO DURIENSE —

O eruditissimo philosopho era mui respeitado por Bocage; porém, nas suas obras, apenas uma vez o

menciona. É no tomo III, pag. 17, na carta a Ricardo Raymundo Nogueira, sobre a *Brevidade da vida humana*:

> Onde o ardente hormonico Bocage?
> Pergunta a essas lousas pavorosas
> Que já cobrirão seus mortaes despojos,
> Que foi de tantos genios soberanos,
> Que nem as cinzas nos sepulcros restão.

Tomemos aqui um respiro. No seguinte capitulo fallaremos das relações de Bocage com outros contempora-

CAPITULO XVII

Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Morgado d'Assentiz. — Auxilio que esta obra lhe deve. — O segredo de Bocage. — Theatrinho da rua de S. José. — Ericia. — Epistola d'Assentiz. — O Morgado e o Sr. Castilho (Antonio). — D. Gastão. — Sua coadjuvação a esta obra. — Os sete sonetos de D. Gastão. — O soneto: Ah! meu Gastão, o [illegible]enhoreia. — Padre Joaquim de Foyos. — Condessa d'Oyenhausen. — Filinto.

MORGADO D'ASSENTIZ

Francisco de Paula Cardoso de Almeida, um dos mais caros amigos de Bocage, hoje é morto, e jaz sepultado ao lado da marqueza d'Alorna. Este homem, de vasta capacidade, nunca foi lembrado por governo algum para nenhuma occupação! Pouco antes de fallecer, subindo a escada de D. Gastão, bate, lembrando-se do epitaphio de Piron, e diz ao amigo: «Meu Gastão, já me custa a cá deitar: isto está por um fio, e encarrego-te o meu epitaphio, que vim fazendo pela escada:

O Assentiz aqui jaz,
Que nunca foi deputado,
Nem sequer juiz de paz.

Ainda em Outubro de 1845 gozavamos, com elle, uma d'as formosas manhãs que legão inextinguiveis impressões. Convidaramos para praticarem de Bocage (em proveito d'esta Memoria) os dous poetas, os dous joviaes e doutos anciãos que tiverão com elle trato quotidiano, Assentiz e D. Gastão, sendo presentes a este delicioso almoço litterario nossos irmãos Antonio e Adriano, e o Sr. conselheiro Viale. Com o sal attico, a vivacidade de imaginação e memoria, que os annos não havião esfriado, a mais exemplar cortezia e benevola paciencia, singulares dotes d'aquelles venerandos representantes da geração que lá vai, porfiavão ambos em invocar tão gratas recordações, e do choque de suas reminiscencias resurtio grande parte dos feitos e anecdotas que narramos, devendo nós a Assentiz dous autographos de Bocage, um quinto volume, por elle corrigido de muitos erros que o deturpavão, e a emenda da satyra, de que foi amanuense, bem como a approvação, e em parte collaboração na escolha dos excerptos preferidos.

Sempre que o Morgado e Bocage se encontravão, repetia este:

— Ó Cardoso, por amor da *politica* é que nós nos conhecemos!

Alludia esta referencia ao modo singular como havião travado amizade. Estavão ao pé um do outro, esperando missa, na igreja de S. Domingos. Voltou-se Bocage para um com quem viera, e disse-lhe:

— *Medoro torce il naso*,

o que ouvindo Assentiz, redarguio, continuando o texto italiano:

— *Politica! politica!*

Derão uma gargalhada, começárão em agradavel conversação, e nunca mais se deixárão. Eis-ahi porque elles se conhecião *por causa da politica.*

Foi Assentiz amanuense de Bocage, com muita frequencia, e n'uma loja de bebidas, ao Rocio, como no seguinte capitulo veremos, lhe escreveu a famosa satyra intitulada *Pena de Talião.*

Contou-nos este cavalheiro, que, liberalisando-lhe Bocage a maior predilecção, e fazendo-o sabedor de todos os seus segredos, teve entretanto um singular capricho em lhe excitar n'um ponto, sem jámais lhe satisfazer, a curiosidade. Parecia muitas vezes absorto, quasi extatico: perguntava-lhe Assentiz a causa, e elle respondia:

— Peza-me, amigo, peza-me! Ha uma asneira grandissima nas minhas obras!

— Que asneira?

— Deos me livre de denuncial-a, nem a ti. Vê lá se a achas; o que te eu sei dizer, é que me envergonho sempre que lhe passo por cima.

Este mesmo dialogo se repetio amiudadamente: dizia Assentiz ter lido, mais de uma vez, as obras todas do seu amigo, só com intuito de descobrir ao que elle se referisse, mas frustrou sempre as suas meditações.

Com Assentiz ia Bocage, por Entre-muros, quando ao passarem defronte do palacio dos Guiões, que se acabára de edificar, interrompeu a conversação, bradando:

Vendeu vinagre o pai! fez isto o filho!
O neto, que fará, seguindo o trilho?

Foi o Morgado maniaco por theatro, que lhe levou para cima de cem mil cruzados. O celebre theatrinho da rua de S. José (erecto na esquina da travessa Larga), vasta sala, de dimensões iguaes ás da rua dos Condes, e onde scenario, vestuario e mais pertenças, ostentavão asiatica magnificencia, tudo isso pendia sómente do poderoso braço e intelligente gosto do Morgado d'Assentiz. Varias peças de Bocage forão compostas para esse palco.

A versão de *Attilio Regulo* foi encetada pelo Mo[illegible] de quem, com leves alterações, é o 1º acto, pu[illegible] pela primeira vez no tomo IV de 1813. Ha n'esta versão (ou mais propriamente imitação) muitos versos cujo pensamento é de Bocage. O drama foi depois apresentado no theatro da rua dos Condes, onde actores e espectadores observárão que descahia de vez em quando, e exigírão em varios sitios *bombas* (linguagem technica do tempo). Fez-lhes o docil traductor a vontade, nem sempre sem sacrificio da razão e do gosto.

A traducção da tragedia *Vestal* tambem foi feita para o theatrinho da rua de S. José. Uma edição que d'ella se publicou (tomo V de 1822, 3ª parte), apezar de feita com o original de Assentiz, vem deturpadissima: a que demos porém na *Livraria Classica* foi composta sobre um exemplar onde aquelle amigo fez as convenientes alterações.

Tem este exemplar uma nota curiosa, do punho do Morgado, ao ultimo verso da scena 7ª do 1º acto:

No altar morrendo, revelou meu crime,

e é esta que litteralmente transcrevemos:

« No original francez, cujo autor se ignorava, terminava o primeiro acto no verso acima, e com esta divisão

de acto a offereceu o traductor a seu amigo Francisco de Paula, Morgado d'Assentiz, para a levar á scena em seu theatro, na rua de S. José. Porém depois accordárão ambos que produziria melhor effeito o continuar a peça, para se aproveitar o *golpe de theatro* da scena de Veturia e das outras sacerdotizas; sendo mais natural que o rebate que *Emilia* produzio, participando á Summa Sacerdotiza o desastrado acontecimento de se haver apagado a luz sagrada, e da presença de um homem em tão sacrosanto lugar, fosse seguido immediatamente da concurrencia de Veturia e das mais sacerdotizas ao templo, onde se perpetrára tão horroroso crime. — *Assentiz.* »

Quando appareceu esta peça, como ninguem tinha visto o original francez, correu ser ella original de Bocage, que escolhêra o assumpto para hostilisar os mosteiros; mas é traducção do francez, e asseverou-nos Assentiz ser de Danchet, até em geral traduzida ao pé da lettra, como nos provou por estes versos:

> Detesto os deoses máos, que adora o medo,
> Filhos do engano, pela morte honrados,

correspondentes a:

> Je déteste les dieux par la crainte adorés,
> Enfantés par l'erreur, par la mort honorés.

A censura modificou muitos versos, e para se conceber o espirito que a regulava, apontaremos um d'esses casos. O verso:

> Summo bem dos mortaes é serem livres,

teve de ser trocado por est'outro:

> O humano coração tende á ventura.

Tudo isto nos foi asseverado por Assentiz, porém o certo é que, tendo nós examinado a collecção das obras de Danchet, em quatro volumes, e as biographias d'este poeta, não achamos cousa que se assemelhe á tragedia *Ericia!* Estudando os titulos de todas as peças francezas que se sabe haverem sido representadas em Paris, desde o seculo decimo-quinto, só uma se nos deparou, que provavelmente será a procurada, isto é, a tragedia *Cornélie, Vestale*, representada em 1713, que passa, com duvidas, por ser de Fusilier.

Baldámos esforços por achal-a no Rio de Janeiro, e por isso nada podemos affirmar; mas eis-aqui a nossa suspeita.

Bocage, com o seu apurado gosto, e escrúpulo summo no uso dos termos, já ao traduzir um drama de Arnaud, a *Eufemia*, trocou em Sophia o nome de uma freira, chamada *Melania*, dando como razão *a necessidade de evitar um equivoco bem palpavel.* Do mesmo modo terá sido impressionado pelo nome de *Cornelia*, a que terá attribuido um radical muito duro, chrismando assim em *Ericia* a protogonista e a tragedia.

Voltando porém ao assumpto de Francisco de Paula Cardoso, diremos que este dedicou a Bocage a seguinte epistola:

Tu, que á lusa nação, que á patria nossa,
Dás gloria, dás brazão, dás ufania;
Tu, que fazes marchar com pompa ovante,
A par da lacia e franca, a lingua lusa;
Tu, cantor da razão, cantor das graças,
Que umas vezes, ruindo impetuoso,
Transpões, absorto em estro, antigas margens,
E dando essencia nova a sons humanos,
Pensando como um Deos, como um Deos fallas:

Ora brincando co'os loução[illegible]
Risos, prazeres de teus labios[illegible]
Foge a raiva, a fereza ao canto [illegible],
E languida se ri a natureza :
Outra vez, legislando imperioso,
Amaveis tornas leis, moral e culto;
Ó tu, vate de Lysia, Europa, mundo,
Salve, Elmano, uma vez, mil vezes salve!
Lá d'esse immenso, radiante estadio,
Aonde Olivo roja, Elmano vôa,
Lá do alca[illegible] gloria, a tantos invio,
Presta me[illegible]riso aos ternos votos,
Que mil vezes formei, que hoje te envio :
São de ardente amizade estréas tenues,
De v[illegible]ude provêm, são de ti dignos.

Ah! Se dado me fôra á honrosa c'rôa,
Que tecendo te estão de Lysia os genios,
Juntar mais um raminho a tantos ramos,
Minh'alma, acesa em fogo desusado,
Excedendo-se a si, cantar-te ousára.

Afigura-se á mente extasiada
Ver Lysia com seus filhos afanosa
Exultar, dando pressa ao teu triumpho :
Lá diviso na frente, Antesignano,
O velho honrado, o vate, o grão Filinto,
Co'a c'rôa triumphal as mãos pejadas,
Magestoso avançar, e os sons augustos
Soltar assim da boca veneranda :
« Eis a c'rôa, que Lysia te decreta :
« Quando Lysia t'a dá, Elmano, aceita-a.
« Se o futuro avistar é dado aos vates,
« Duração de Nestor te augura e fado :
« Tens-lhe a lingua de mel, terás seus dias.
« Nunca a vida é mór bem que quando a cantas :
« Ella escude o cantor, que tanto a exalta.
« Ah! Feliz o mortal, feliz tres vezes,
« Que essa c'rôa te herdar, correndo os evos :
« Quando fôr morte e cinza o que hoje é fogo,
« Saudade, fama e gloria a essencia tua! »

A esta poesia retribuio Bocage com estes versos, que tanto exprimem de consideração como de affecto:

Mimo das graças te florece o canto,
De ternas sensações inda orvalhoso;
De alma, que em nectar inundei saudoso,
Foge a dôr, foge o mal, foge o quebranto.

São melodia os ais, delicia o pranto,
Que excita o verso teu, gentil, mimoso:
Por elle jura amor ser mais piedoso,
E sente a natureza um novo encanto.

Estro do coração! Teus sons, teus lumes,
Dos montes de perenne amenidade
Tentem no longo adejo os floreos cumes:

Versos, não vos merece a ferrea idade;
Gozai no Olympo, ó musica dos numes,
Vosso ouvinte immortal: a eternidade.

Na epistola (vide *Excavações poeticas*) em que o Sr. Castilho (Antonio) persuade o Morgado d'Assentiz a escrever ácerca da brilhante roda dos seus finados amigos, exprime-se assim a respeito d'este:

E o que brilhou qual sol, brilhou qual raio,
O igneo Bocage, o principe de todos,
Ufano em Lysia, a não tolhêl-o as Parcas.

Acerca da vida do Morgado merecem ser consultados os dous curiosos artigos que no tomo I, pag. 300 e 307, do *Archivo pittoresco*, inserio o Sr. Innocencio F. da Silva.

D. GASTÃO FAUSTO DA CAMARA COUTINHO

— ANFRISO TAGITANO —

Em 1847 escreviamos nós :

«Quem ha ahi que não conheça o sabio e amavel velho, quasi derradeira reliquia de tão florente quadra! Quem melhor do que elle podia, no genio, na jovialidade, no estro, na instrucção, na urbanidade, personificar a geração passada? Mal haja a impertinente modestia de tão delicada penna, que tem privado o publico de numerosas producções de optima escola, as quaes ajuntarião uma joia preciosa á corôa poetica de que se orna a fronte d'esta nação. As suas cantatas, [illegible] sonetos, idyllios, elogios, epigrammas, farião a gloria de um illustre poeta; mas sobretudo as suas paraphrases de Horacio, do seu autor querido, que tem estudado com um affinco, um amor, uma superioridade tal, que ha feito desenterrar centenares de bellezas novas, n'aquelle opulento veio da intelligencia humana, d'onde já parecia que a alluvião de habeis mineiros de todos os tempos e de todas as nações tornava baldadas explorações novas. »

Então promettiamos incorporar n'esta collecção a *inedita* versão da *Arte poetica*, de Horacio, feita pelo mesmo fidalgo, e seguida dos seus abundantes commentarios.

Hoje, tudo está mudado. D. Gastão já não pertence á terra. Por iniciativa nossa, tivemos a satisfação de ver sahir do prelo a sua *Paraphrase da epistola aos Pisões*, todavia sem os commentarios, que constituião a sua mais valiosa parte; e suppomos que os seus restantes manuscriptos não verão mais a luz.

Ora pois; fallemos d'este nosso finado amigo.

O interprete de Horacio era digno da amizade do interprete de Ovidio; o poeta, o satyrico, da do satyrico e poeta. As intimas relações entre ambos nunca arrefecêrão, apezar das apparencias em contrario, de que abaixo fallaremos.

Por occasião da molestia de Bocage, dirigio-lhe D. Gastão sete sonetos, a alguns dos quaes o poeta respondeu pelos mesmos consoantes. Eis-aqui um dos *ineditos :*

Dos estragos crueis que o tempo faz
Ninguem té agora zombaria fez:
Nada lhe importão fugitivos pés,
Saia de malha, rigido carcaz.

Aferrado ao porvir, não torna atrás,
Por mais e mais rodeios que lhe dês:
Estas nevadas cans, estas que vês,
Mostrão signaes de que já fui rapaz.

Em ferreo throno impavido juiz
Lança por terra, sem valor, sem luz,
Nymphas mimosas, campeões subtis.

Tudo a cinzas o barbaro reduz...
E só tu [illegible]e, por um triz,
Cysne dos [illegible]es, grão cantor do truz!

Perdeu-se um graciosissimo soneto com que Bocage pagou este. Eis-aqui outro, cujo autographo possuimos :

Formosa Analia! e mais formosa e pura
No expressivo pincel do vate amante,
Quando nos céos de amor, no teu semblante,
Graças espreita, e perfeições mistura.

Salve, nympha, que lá da immensa altura
Vês o mundo rolar, solto e distante;
Por milagres do metro altisonante
Que dar-te eterno sol promette e jura.

Se, forçando os umbraes da eternidade,
Aos posteros te dás em lettras de ouro,
Passando o nome teu de idade a idade;

Do amante, que te dá phebêo thesouro,
Com lagrimas de dôr e de saudade
Engalha a fronte que enramára o louro.

Vendo o Grande, o que os orbes senhoreia
(O Ente que os orbes extrahio do nada)
Que sobre a terra, a prantos avezada,
Cysne dos numes, os mortaes recreia:

Cala; e co'a mente, de prodigios cheia,
Manda que volva aos céos, propria morada.
Eis negreja entre nós furia infernal,
Furia, que esp'ranças lucidas sopéia.

O suave cantor, em verso amigo,
Dá novo brilho aos céos, dá ser ás plantas,
De cá das margens do arido jazigo.

Sorprende a morte por maneiras tantas...
Dizem que menos fez no tempo antigo
Thracio amador ao cão de tres gargantas.

Genio mordaz, que o merito golpeia,
Nadando em ondas de sulfurea flamma,
Leva de rôjo a musa que do Gama
Cantou prodigios mil, de gloria cheia.

Sem luz o triste, e sofrego da alheia,
Razões fallazes imagina e trama;
Porém risonha não succumbe a fama,
Que entre os luzeiros immortaes vagueia.

Não eu assim, que attonito e curvado,
Teus sons adoro, magestoso Elmano,
Pelos salões phebeos extasiado;

Vate, credôr do seculo romano,
Digno d'aquelle, a cuja sombra e lado
Cantava outr'ora o cysne mantuano!

A este respondeu Bocage, pelos mesmos consoantes, com o seguinte :

Dôr, que afiada o coração golpeia,
Se não toldasse o brilho á Delia flamma,
E o tom do vate, que endeosa o Gama,
Inda a voz me alongasse, altiva e cheia :

Com alma solta, e do vil globo alheia,
(Onde inveja o desar ao genio trama)
Nos trilhos esmaltados de aurea fama
Tentára os orbes, que immortal vagueia.

Aos hombros de Aquilão, por mim curvado,
Subíra céos e céos : já nume Elmano,
Bebêra sóes e sóes, extasiado;

E, revocando á mente o grão Romano,
Pelos climas da luz, comtigo ao lado,
Hymnos te dera em metro mantuano.

Transcrevamos o que em seguida dissemos na edição de 1847 :

« Dous crimes imperdoaveis para José Agostinho commettêra pois D. Gastão : ser amigo de Bocage, e hostilisal-o a elle, como n'estes sonetos se vê. Protestou pois vingar-se; e fêl-o de uma sordida fórma, que nos obriga a entrar em desagradaveis pormenores.

« Qual fosse o verdadeiro impulso de Macedo, tão figadal inimigo de Bocage, apresentando-se em casa d'este logo que a sua molestia se tornou mortal, foi para muitos problema; e quasi todos os que o rodeavão asseverárão que o fim do padre fôra captar-lhe a confiança, e apoderar-se

dos seus manuscriptos, sob pretexto de coordenal-os, e dal-os dignamente ao prelo. Suppõe-se pois que Macedo se apossou de quanto ahi havia de mais valor, apenas [illegible] expirou, convencendo a irmã do poeta de que ia tratar [illegible] publicação dos *ineditos*. Presidio depois Macedo á impressão de dous volumes de obras posthumas, em que introduzio versos proprios, em prova da sua vingança, elle que talvez se apoderasse de versos alheios, em proveito da sua vangloria.

« Quiz portanto punir a [illegible]adia de D. Gastão, e assim tentou (mas em vão) imitar o estylo de Bocage, no soneto :

Ah! meu Gastão, o Pindo senhoreia...

attribuindo Macedo a Bocage uma producção que era d'elle e só d'elle; tendo entretanto a imprudencia de zombar n'esse soneto, do outro do *cão das tres gargantas*, que D. Gastão compuzera, em honra do seu amigo, o que para logo devia *a priori* revelar a falsidade. A idéa que de Gastão formava Bocage, mostra-a este terceto :

Nem tu me esquecerás, Gastão cadente,
Lustroso a par de mim, quando de chofre
Igneas canções brotei, co'um Deos na mente.

Antes de passar avante, transcrevamos o tal soneto de José Agostinho :

Ah! meu Gastão! o Pindo senhoreia;
Riscos não temas, não periga o nada;
Franquêa a mente á musa, que, avisada,
Turbas rasteiras a grasnar recreia :

Narra os altos portentos de que é cheia,
No vulgo, e em botequins dá-lhe morada;

Se é pois d'heróes a critica esfaimada,
Contra asnos charlatães golpes sopeia:

Alhos porros, em vez de louro, amigo,
Nos mornos versos, que imprimiste, plantas,
Que eternos cobrirão o teu jazigo:

Ficarás immortal por formas tantas,
Que o porvir ninará no tempo antigo,
Com medo do tal *cão das tres gargantas*.

O respeitavel Sr. I. F. da Silva, concedendo a autoria d'este soneto a Bocage, a ponto de o inserir na sua collecção, pondera na respectiva nota (I, pag. 401) — não ser exacta a accusação que contra José Agostinho se formulou; que o estylo e maneira metrica d'este se não confundia com o de Bocage; que José Agostinho não foi quem dirigio a publicação dos tomos IV e V das *Posthumas*, e sim Marques Leão e Costa e Silva; que, ao contrario, a esse tempo José Agostinho se não corria com qualquer d'elles; e que considera o sonêto como do nosso autor.

Recordamo-nos perfeitamente de que a nossa asserção foi écho da de D. Gastão, com quem trabalhámos muito, com quem conferenciámos sobre os factos, e que ainda sobreviveu cinco annos á publicação d'esta Memoria. Se nós o consultavamos ácerca de cousas estranhas, como ignoraria elle o passo que a si mesmo se referia? Como deixariamos n'este de exigir o seu concurso?

Se havemos porém de dizer toda a verdade, o soneto para ser de José Agostinho parece-nos excessivamente bocagiano; e para ser de Bocage, extraordinariamente forçado e defeituoso.

PADRE JOAQUIM DE FOYOS

Este Oratoriano, deputado do Santo Officio, official de guarda da secretaria de estado, commissario da Bulla, chronista da casa de Bragança, censor regio do desembargo do paço, socio da academia, etc., que, além d'isto, passava por hellenista, tinha aspirações a poeta, e a quem cumpre confessar que Filpino chama *o sabio athleta Foyos*, não entre os entendidos considerado como documento vivo de que o estudo improbo, *invita Minerva*, assemelha chuva sobre areal.

Quando Bocage esteve detido na casa de Nossa Senhora das Necessidades, da Congregação do Oratorio, foi este padre um dos encarregados de o *converter*. Dizia então Bocage:

— O Foyos! O Foyos! É pena que estudasse, que tolo se perdeu alli!

Parece ainda ser a elle que, á queima-roupa, disparou este epigramma:

Longe estás de ser pateta,
Foyos, tens varias noções:
Entendes bem a selecta,
Lês, estudas e compões...
Por um triz não és poeta.

CONDESSA D'OYENHAUSEN

— ALCIPPE —

D. Leonor de Almeida, condessa d'Oyenhausen e Assumar, marqueza d'Alorna, a elogiada de Manassio, aquella de quem Bocage, Almeno, Filinto e outros elevárão a summa altura o viril talento. Á piedade filial

devemos a formosa collecção, em 6 volumes, de suas variadissimas obras, precedida de uma curta biographia.

O tomo III das *Rimas de Bocage* foi precedido da seguinte dedicatoria a esta illustre dama:

Á cantora immortal, deosa da lyra,
Que exprime em aureos sons, em metro augusto,
O que é digno de Jove, ou digno d'ella;
Á cantora immortal, de Lysia esmalte,
A mente e o coração consagra Elmano.

Mulher deidade, magestosa Alcippe,
Ó grande! ó primogenita de Phebo!
Prospere a gloria minha á sombra tua!
Abriga os versos meus, que vão meus versos
De honrosa eternidade a ti sedentos.

Foi-lhe respondido com a seguinte epistola, que a condessa enviou de Londres, mas que só chegou depois da morte do autor:

Desgostosa de um mundo espedaçado,
Vagando co'o ligeiro pensamento
Nos serros, que o Penêo banha e fecunda,
Fui buscar uma gruta accommodada
Para entregar a Phebo a mente e as penas.

Aqui, disse, amansou o Thracio vate
Com meigos sons as féras e os penedos;
D'aqui partio a demandar a esposa,
E quebrantou do Averno as bronzeas portas.

Alli se elevão dous soberbos montes,
Que avistão Phebo apenas deixa Thetis.
Entre os dous alicerces dos gigantes
(Modelo horrivel dos Antheos d'agora)
Repousa o valle aonde as musas brincão.

Ao norte surge o monte sacrosanto,
D'onde dimana a luz aos genios altos...

Ó chimerica Tempe, a ti me acolho,
Senão com os membros, co'a alma fatigada.
Nos teus bosques frondosos articulão
As folhas, que menêa o vento leve,
Harmonico susurro, o metro nasce
Do compassado som que nos recreia.
Torrente argentea entorna o fresco Eurotas,
Que altivo não mistura d'outras aguas;
Altêa os hombros mesmo o pai de Daphne,
E respeitoso os seus crystaes transporta.
Assim tambem me arrojo na desgraça;
Eu vou sózinha entre a corrente escura
Que a todos leva... aonde? Ah! não sei onde!

Elmano, com teu canto, ouro d'Apollo,
Magico dom das musas, me ergues templo;
Qu'em vão sansoneas mãos arrasar querem.

Vem junto ás fontes da Thessalia illustre
Cantar aonde eu busco algum conforto;
Brinda as cantoras que estes sitios honrão,
Com teus versos de fogo, com teus versos,
Em que renasce Ovidio, e que sossobrão
Nos lares immortaes o Mantuano.

Alcippe, dirás tu, *Alcippe a vate*
Fiz com meus hymnos deosa, e com meus hymnos
Lhe afianço sem susto a eternidade.

Elmano, jura Alcippe, vence o tempo,
Vence as serpes da inveja; e transformado
Em cysne voador, qual outro Flacco,
Tem por Mecenas o seu proprio engenho,
Por juizes os numes e a verdade.

N'uma epistola, dirigida a um amigo chamado Saldanha, diz da condessa, que de Portugal, onde tudo era silencio, se transportára para Paris e Italia, onde tudo era vida :

Ou, como a grande, a magestosa Alcippe

Com pejo do existir cá onde ha morte,
Ousára demandar no afouto adejo
Plagas immensas, onde tudo é vida.

e adiante :

Ó nova irmã de Phebo! Alcippe! Alcippe!
Musa do Tejo, altisona cantora!
Contra o gelo tenaz, que sobre cria alma
A amenidade, o viço ao genio murcha,
Tu manda, tu despede um raio, um raio
Do immenso eterno sol, que em ti reflecte;
Dá-me effluvios subtis da acesa idéa,
Idéa onde em tropel mysterios andão,
Portentos com portentos se encadêão.
Nos céos, na terra, como entorna os dias
E sempre o mesmo, e novo, o grão planeta,
Opulento de si, surge e resurge,
Tal pódes atear-me a sacra flamma,
E, deosa, quasi um deos tornar Elmano.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

— FILINTO ELYSIO —

Gozava Filinto da mais eminente reputação, quando respondeu á remessa que Bocage lhe fez das suas obras, com a epistola que vem no tom. II da edição dos onze volumes, de Paris :

..... Te peritus
Discet Iber, Rhodanique potor !

Lendo os teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim : « Depõe, Filinto, a lyra
Já velha, já cansada,
Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulysséa. »

Rouca hoje, e sem alento, a minha Clio
Não trôa sons altivos, arrojados:
Vai pedestre soltando em frouxo metro
Deleixadas cantigas.

Desceu Apollo e o côro das donzellas
Á morada d'Elmano; e esse, que outr'ora
Canto nos dava nome, o pôz na boca
Do novo amado cysne.

Affirma-se que nunca Bocage dera apreço e consideração igual a outro algum triumpho, não havendo pessoa a quem não repetisse, cheio de satisfação e orgulho, os versos do vate do Sena. A curta peça em que manifestou esta profunda sensação, verdadeiramente inspirada, é

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o grão cantor, prezou meus versos!

Sobre a margem feliz do rio ovante,
D'onde, arrancando omnipotencia aos fados,
Universal terror vibrando em raios,
Impôz tropel de heróes silencio ao globo,
O immortal coryphèo dos cysnes lusos
Na voz da lyra eterna alçou meu nome.

Adejai, versos meus, ao Sena, ufano
De altos, fastosos, marciaes portentos,
E, ganhando amplo vôo após Filinto,
Pousai na eternidade, em torno a Jove.

Eis os templos, a inveja, a morte, o Lethes,
Da monte, que os temeu, desapparecem.
Fadou-me o grão Filinto, um vate, um nume.
Zoilos! tremei. Posteridade! és minha.

(E, de passagem, notaremos que ainda aqui, não obstante os extases de gratidão, patenteou Bocage o seu orgulho. Enfadado de tão curta ser a ode que inspirára

(dezeseis versos) respondeu com outra, sem um hemistychio de mais, como acima se vê.)

Levou desde então a uma especie de culto o nome de Filinto, que lhe servia de ponto de comparação para quanto em intelligencia lhe parecia eminente, bradando, por exemplo:

Caro a Phebo, a Filinto, a Lysia, á Fama!

Tambem Filinto lhe retribuia em consideração, e tanto que sendo n'elle frequentes as allusões satyricas a poetas contemporaneos, nem uma só vez as usou d'esta sorte contra Bocage, antes pelo contrario; como na peça intitulada *Debique*:

Toda a classica phrase, que ignoramos,
Gritemos logo: *Drogas da antigualha*[1]!
Insultemos as obras de Filinto,
As de Bocage, Alfeno, e outros sediços!

Forão aquellas duas producções (a epistola a Bocage e a resposta d'elle) que derão origem á especie de moda, que então grassou, e que durou nos mezes que até a morte do poeta decorrêrão. Quantos alumnos das musas se abalançavão na capital a pulsar a lyra, tantos pagárão o seu tributo de vassallagem ao genio, enviando-lhe poesias em louvor, sobretudo durante o periodo da enfermidade de que succumbio, a muitas das quaes respondeu. A este respeito diz o Morgado d'Assentiz:

[1] Este epigramma é soltado contra o Abbade d'Almoster, que n'uma epistola, que acabava de inserir no tom. III do *Almanak das Musas*, pag. 106, zombava de Filinto, escrevendo a Laurino:

Sabia te chamo, não porque te mostres
Ao mundo, *em vãos escriptos pedantescos*,
Carregados de drogas da antigualha!

« Dos nossos poetas existentes, mais idosos, foi o padre Francisco Manoel o primeiro que elogiou Bocage, enviando-lhe de Paris a bellissima ode que anda nas mãos de todos. Foi o Antesignano do cortejo triumphal, *que agora os genios da Lusitania têm votado a Bocage na sua doença.* »

CAPITULO XVIII

Continuação das relações de Bocage com os contemporaneos. — Gregorio Freire Carneiro. — Ignacio da Costa Quintella. — João Vicente Pimentel Maldonado. — Sebastião Xavier Botelho. — Francisco Freire de Carvalho. — D. Antonio da Visitação. — Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. — Antonio Mendes Bordalo. — Agostinho Gomes da Silveira. — Antonio Xavier Ferreira. — Bento Henriques Soares. — Henrique Pedro da Costa. — José Nicoláo de Massuellos Pinto. — José Rodrigues Pimentel e Maia. — Pedro José Constancio. — Pedro Ignacio Ribeiro Soares. — Thomaz Antonio dos Santos e Silva. — Vicente Pedro Nolasco da Cunha.

GREGORIO FREIRE CARNEIRO

A este homem, que mil vezes salvou o vate do pego da indigencia, dirigio Bocage esta elegia :

A Freire bemfeitor, ao caro amigo,
Áquelle que mil vezes tem salvado
Do pego da indigencia o triste vate,
Versos do coração Bocage envia.
Versos do coração não se guarnecem
Do falso adorno de atiladas vozes :
Filhos da natureza, á mãi semelhão,
Correm serenos, apraziveis, puros,
Por leito igual, por limpidas arêas,
Derivão-se de amor, e amor procurão.
Quaes os affectos meus, taes são meus versos;
A nivea candidez os purifica,

O lustre da amizade os abrilhanta :
Assim de quando em quando os não turvasse
Denegrido vapor, que as almas tolda,
Halito infausto, que dos labios feios
Sobre meus dias a tristeza espalha!
Elle inda ha pouco me turvou na mente
Mimos das graças, mimos dos amores.
Marilia, gloria tua, e gloria d'elles,
E como a d'elles mãi, primor e extremo
De encantos, de attractivos, outra Venus,
Deosa nos olhos, nos sorrisos deosa,
Marilia, doce ardor de teus sentidos,
Seu dia genial, seu aureo dia,
Vio ha pouco outra vez luzir no pólo :
E eu, a cantal-o afeito; eu, que me honrava,
Unindo o claro objecto aos sons da lyra,
Eu tremi, desmaiei, cahi na empreza
Que audaz tentára, que feliz cumprira.

Prestante amigo! Á minha dôr perdôa;
Já de usado a gemer cantar não posso;
Sei versos de tristeza urdir sómente;
Só versos quaes escrevo, e quaes te envio,
Não, como os prometti, serenos, puros :
No começo a desgraça o turvo alento
Sobre elles esparzio, e os fez tão tristes.
Pela voz da indigencia elles te implorão;
Tu, que sempre magnanimo os ouviste,
Dá-lhe a resposta que lhes sempre has dado,
O soccorro efficaz, com que aligeire
Dos agros dias meus o ferreo peso.

Bocage dirigio a este generôso bemfeitor o soneto :

Com ampla mão, benefica largueza.....

que fecha com o verso :

Pago-te em verso o que te devo em ouro.....

analogo ao final do soneto a J. P. Silva :

Pagava em metro o que devia em ouro.....

IGNACIO DA COSTA QUINTELLA

— JACINDO ULYSSIPONENSE —

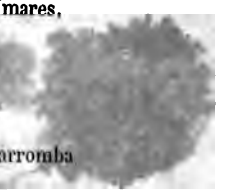
Quintella, que chegou a secretario de estado, e vice-almirante, foi por muitos titulos distincto. Versado em mathematicas; membro da Arcadia sob o pseudonymo de Jacindo, e talvez traductor da *Eneida;* autor dos *Annaes da marinha portugueza*, publicados até a data da exaltação do Sr. D. João IV, e notavel poeta, de quem Bocage disse, no prologo do poema das *Plantas:*

Jacindo aperfeiçôa os sons do plectro.....

Quando a revolução de França estendia a sua propaganda pela Europa, diligenciou Portugal conservar a sua neutralidade; porém a final teve de mandar para o Mediterraneo uma frota commandada pelo marquez de Niza, successor de Vasco da Gama, e tambem um corpo auxiliar á Hespanha, apenas os exercitos francezes atravessárão os Pyrenêos, corpo que admiravelmente se portou nas campanhas do Roussillon. Na divisão naval tinha Quintella um commando, e ahi, como sempre, se portou bravamente. A elle dirigio seu amigo Bocage uma ode, de tão pomposo dizer, que devemos aqui transcrevêl-a:

Impavido outra vez, Quintella egregio,
Vás pôr freio aos tufões, dar leis aos mares,
Do grande genio teu dobrar ao jugo
Carrancudas procellas.

Rúem por terra as emperradas portas
Das eólias, horrisonas masmorras,
Que de um féro encontrão, rugindo, arromba
A caterva dos Euros:



Sôa o duro estridor das azas negras,
Nuvens a nuvens subito se aggregão;
O pego se revolve, o céo gottêa,
Tinto da côr do inferno:

Eis arde, serpeando entre os horrores
Da basta cerração, fulmineo lume,
Eis pesados trovões o pólo atrôão,
Os nautas ensurdecem:

Nos crespos escarcéos lá surge a morte,
Em montanhas de espuma o lenho affronta:
Rasga celestes véos o aereo tope,
Roça no Averno a quilha:

Aos bravos furacões, que não fraquejem,
Grita o deos do tridente, e o deos do raio;
Nos eixos nuta o mundo á voz dos torvos
Irmãos omnipotentes:

Medrosa pallidez destinge as faces,
Sopêa as forças, enregela o sangue:
Já sobre as azas do terror convulso
Foge a murcha esperança:

Em choroso fragor mil preces tentão,
Voando, amollecer de Jove as iras:
Sanhudos turbilhões co'as amplas fauces
Os votos extravião:

Sobranceiro ao pavor, Quintella emtanto,
Contrastando os revoltos elementos,
Depois que exhaure, ó arte, em vãs industrias,
Teus providos thesouros:

Pela undosa braveza ao ver sem fructo
Subtis combinações, subtis segredos,
Recorre á sacra lyra, ao dom divino,
Dom fecundo de assombros.

Rebentão d'entre as ondas marulhosas
Namorados delfins, os ventos dormem,

Desassombra-se o pólo, o mar se encurva
Á potente harmonia :

Ante o novo Arion, como encantados,
Surdem verdes tritões do equoreo seio,
Assoma de Nerêo a ingenua prole
Nos monstros escamosos.

Oh! dadiva dos céos! Oh! lyra augusta!
Para o digno cantor, o eximio vate
Não corre o tempo, não dimana o Lethes,
Não ha segunda morte.

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO

— ISMENO —

Este cavalheiro foi provedor dos residuos, e deputado ás côrtes constituintes. Suavissimo autor de variadas poesias, primou sobretudo nos apologos, madrigaes e anacreonticas. Era elle tido na maior conta por Bocage, que no prologo do poema das *Plantas* diz :

Se em podre lodaçal negrejão zoilos,
Ás margens do Permesso Ismenos brilhão,
D'alma phebea, creadora, acesa,
A verdade em relampagos vibrando.....

Tambem fallou o nosso poeta com apreço da irmã d'este, D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado (*Armania*), senhora de grande talento, e autora de varios opusculos, entre os quaes prima uma ode ao anniversario da morte de Gomes Freire de Andrade. Em casa de um commum amigo, Mendonça, costumavão encontrar-se, e n'uma epistola que Manoel Maria dirigio a este, pedindo-lhe auxilios, se lê :

Caro, amavel Mendonça, o teu Bocage,
O terno amigo teu, que em outros dias

Momentos festivaes gozou comtigo;
O vate que em teus lares, que a teus olhos,
E á face do immortal, canoro Ismeno,
Foi cysne junto a cysne, e deu taes vôos
Que as azas do improviso os céos roçárão,
Por milagre talvez de Armania bella, etc.

SEBASTIÃO XAVIER BOTELHO

— SALICIO —

Da casa dos condes de S. Miguel, e pessoa de elevados dotes intellectuaes; autor de excellentes obras em prosa sobre os dominios portuguezes e outros assumptos de momento, era tambem poeta de subidos quilates, tendo-se sobretudo a sua musa applicado a assumptos eroticos. Botelho e Bocage reciprocamente se apreciavão muito. Este, no prologo das *Plantas*, o enumera entre os poucos a quem dá titulo de bons poetas, chegando a dizer d'elle:

Clario co'a propria mão Salicio enloura.....

Salicio dirigio a Elmano varias poesias; Elmano lh'as retribuio, distinguindo-se, entre outras, as elegias:

Se lugubre existencia amargurada.....
Ao grão vate Salicio o vate Elmano.....

N'esta se reconhece o elevado conceito que Bocage formava de Botelho, como se collige dos seguintes versos:

Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos numes,
A voz que longe vai, que longe sobe,
Que sôa além do mundo, além dos tempos.
Fallo comtigo; a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexhaurivel,

O igneo foco de altivolas idéas
Em que José reluz qual é no Olympo.
Fallo comtigo; a ti, que tens na mente
Poder de eternisar e eternisar-te.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO, E D. ANTONIO DA VISITAÇÃO FREIRE DE CARVALHO

— ONTANIO —

De tres illustrados irmãos era primogenito D. Antonio, conego regrante de S. Agostinho, e professor no mosteiro de S. Vicente de Fóra, onde morreu mui joven. A ser exacto o que affirma Couto, Bocage costumava ir poetar á cella de D. Antonio, o que muito escandalisava o geral dos Cruzios, gorducho, rubicundo, velho, chamado D. Bernardo. Chegando este a ponto de prohibir que Bocage continuasse a ir alli fazer versos, sahio-se-lhe o poeta com um soneto, que todavia ainda contém allusões, hoje indecifraveis:

Corre furioso o episcopal repolho,
No habito branco, nas feições vermelho,
Porém mais corre o portuguez francelho
Com a presa carnal, que trouxe de olho.

Pois deita agora as barbas de remolho,
Hypocrita insolente, hediondo velho;
E se queres tomar o meu conselho,
Para as aves não sejas vil trambolho.

Olha que, se ellas enchem o bandulho,
Vai-me cheirando a haver muito retalho,
E dás co'a prelazia de mergulho.

Evita com prudencia algum trabalho,
Quando não, meu Bernardo, o teu orgulho
Sobre ti acarreta um bom vergalho.

Fallecendo D. Antonio, poucas semanas antes de Bocage, e tendo Francisco Freire dirigido a este a epistola:

Sem vos entre os clarins, etc.

que se lê nos *Improvisos*, a pag. 72, e onde apparecem alguns versos á memoria do finado, Bocage lhe redarguio com o soneto:

De Ontanio choras, e de Ontanio cantas,
Teu doce e claro irmão, meu doce amigo,
Aquelle de quem pousão no jazigo
Tantos ais, tanta dôr, saudades tantas!

Cantando enlevas, e chorando encantas,
E acorda, e vive n'alma o tempo antigo,
Quando a Quintilio, no calado abrigo,
Carpia o vate, cujo som levantas.

As artes, as sciencias magoadas,
(As delicias de Ontanio, os seus amores)
Depois que o virão mudo, estão caladas!...

Ah! com elle eternisem-se os cantores:
Altos genios vos dêm, cinzas sagradas,
Versos, gemidos, lagrimas e dôres.

Francisco Freire (o autor das *Lições elementares da eloquencia nacional*) igualmente dedicou a Bocage a epistola que principia:

É nos revezes que apparece o sabio.....

incorporada a pag. 56 do opusculo *A virtude laureada*, e uma poesia intitulada *Pranto na morte do Bocage*, que veio na *Collecção de poesias* á memoria d'elle, impressa em 1806, e começa:

Meus olhos a chorar de ha muito afeitos.....

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

Este infatigavel autor do poemetto *A apparição*, de varios dramas e elogios dramaticos, de muitas odes e poesias gratulatorias, foi um dos mais queridos socios de Bocage, e por isso mesmo dos mais satyrisados por Macedo, o qual muito padeceu, em sua reputação litteraria, da guerra que Pato lhe moveu, ardente, implacavel, já em periodicos, já em folhetos de refutações avulsos, já nos exames criticos do *Gama* e do *Oriente*, já no poema *Agostinheida*, e em mil settas arremessadas por este Bryarêo centimano, que nem todas aparou no escudo o orgulhoso ex-frade, apezar de ter até creado este um jornal, *O Espectador*, que dous annos se destinou *a desfiar Pato aos bocadinhos*.

Eis como se exprime Nuno, o qual apenas contava vinte e quatro annos de idade, por morte de Bocage:

« Eu fui intimo amigo de Bocage, e me glorio de o haver sido: com elle fiz o ensaio dos meus primeiros vôos poeticos; elle foi quem primeiro castigou os meus versos... »

Outro tanto diz Bocage de Pato Moniz; por exemplo, n'uma nota ao soneto (tomo IV, pag. 49):

Co'a mente juvenil, sublime, alada.....

diz elle: « Quero (se meus dias findarem) deixar uma prova do muito em que tive, do muito que me merecem os talentos de um dos meus mais caros amigos. »

Bocage igualmente o elogia no soneto:

Terno Paz, bom Maneschi.....

Dirigio Nuno a Bocage o soneto que vem no tomo VI, pag. 34:

Se as arduas leis da sã philosophia
Sacra egide não são contra a desgraça,
Então em que desdiz a humana raça
Das outras que razão não alumia?

Seus venenos distille a tyrannia,
Raivoso o fado em raios se desfaça,
Alma que o leme da razão abraça
Sorve tranquilla o nectar d'alegria.

Quando a ventura ao pensamento acode,
E não prova revezes o desejo,
Embates de afflicção qualquer sacode.

Aos males na constancia ser sobejo
A poucos dado foi — Elmano o póde —
Dá, que um novo trophe[illegible] o Tejo!

e os [illegible], que sahírão na collecção dos *Improvisos*, a pag. 32, 33, 50, a saber:

De meigo rosto e de olhos tentadores.....
Por mais que o tempo em [illegible]culos damnosos.....
Pincel, que rivalisa a natureza.....

e não menos a epistola (*Improvisos*, pag. 72):

Em agro serro, de ascensão difficil.....

e recebeu do vate este:

[illegible]das lições de ferreo Zeno
[illegible]e o coração, se enruga o rosto:
[illegible] systema, e de aridez composto,
[illegible]s fecundas paixões secca o terreno!

Por timbre em metro de ouro o doura Oleno,

E á doce natureza o nunca opposto
(Rindo entre flôres, vicejando em gosto)
Genio deslisa em Epicuro ameno.

Elle (bem que o diffame o vulgo rude)
De almos prazeres pela mão nevada
D'espinhos despe o trilho á sã virtude;

Veste de rosas a macia estrada,
A moral formosêa, e não me illude
Querendo que de um Deos ostente um nada.

Já nos ultimos tempos da vida, Bocage dirigio a Pato Moniz a seguinte ode, notavel por mais de um motivo:

Já meu estro, Moniz, apenas solta
Desmaiadas faiscas,
Em que as frouxas idéas mal se aquecem;
Elmano do que há sido
Qual no gesto desdiz, [illegible] na mente:
Diastole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante,
Que é rosa entre jasmins de virgem face;
Que outr'ora esperto, aceso
De santa agitação, de ardor sagrado,
No cerebro em tumulto
(Estancia então de um deos!) me borbulhava
Respiração divina,
Enthusiasmo augusto, alma do vate!
Que rapidos portentos,
Portentos em tropel, não déste á fama,
Não déste á natureza,
Á patria, ao mundo, a amor, na voz d'Elmano!
Ora aplanando os sulcos
Com que a saturnia mão semblantes lavra,
A razão pensadora
Erguia aos graves sons o grave aspecto;
Ora ao ver-se anteposto
Por deleitosa insania, a ella, a tudo,
O grato, cyprio numen

Fadava docemente o doce canto
No coração de Analia.
Oh! extase! oh! relampagos da gloria!
Faustos momentos de ouro,
Com que meu ceo comprei na eternidade!
Do tempo meu voando,
Do tempo, que annuvião negros males,
Brilhais inda em minh' alma
Entre sombrias, aridas idéas,
Qual entre aves escuras
(Orgãos do agouro, interpretes da morte)
Requebros arrulando
Das aves de Cythera o côro alveja!.....
Mas, ah! saudosos dias,
Vós sois memoria só, não sois influxo!
Não me reluz comvosco
O espirito, abysmado em fundas trevas,
Com gasto debil fio
Preso á materia vil, que [illegible] dôres!
Ante meus olhos
(Que já d'amiga luz se despedirão)
Sahe da eterna voragem
Vapor funereo, que exhalais, ó fados!
Eis meu termo negreja,
Eis no marco fatal meu fim terreno!.....
Mas surgirei nos astros
Para nunca morrer; como [illegible] impune
Lá zombarei da sorte.
Moniz, ó puro amigo! Ó socio, ó parte
Do já ditoso Elmano!
Ás musas, como a mim, suave e caro!
De lagrimas e flôres
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
Não só longa amizade,
Novo, sacro dever te exige extremos:
Da lyra minha herdeiro
Imume Phebo, e teu, te constitue;
Phebo após mim te augura
O renome, que sobeje aos evos:
(E dos annos vantagem,
Não vantagem do engenho a precedencia).

Teu metro magestoso
Que, já todo fulgor, zoilos deslumbra,
Teu metro scintillante
Das virtudes mimoso, aceito ás Graças,
Turvem saudades: canta
Alguma vez d'Elmano, e chora-o sempre,
E Amor e Analia o chorem:
Amor e Analia, meus piedosos numes,
Sem mim, por mim suspirem.

Pato Moniz, depois da morte do seu amigo, continuou a tributar-lhe provas de inalteravel affecto. Na sua encarniçada polemica com José Agostinho, muitas vezes exaltou a memoria de Elmano. Assim, na epistola a José Maria da Costa e Silva, por occasião da publicação do *Passeio*, depois de fallar de Camões, Torres, Garção, Diniz, Ribeiro dos Santos e Filinto, accrescenta:

E o mais que todos sonoroso Elmano,
Imprimirão nas folhas da Memoria
Seus nomes que immortaes o imperio abrangem
Da lauri-cinta litteraria fama.

ANTONIO MENDES BORDALO

Este homem dirigio-lhe, proximo á morte, o seguinte soneto:

Cedei, profanos, da razão ao brado,
Que sublimes verdades annuncia.
De Bocage em triumpho a poesia
Prende a seu carro a inveja, e prende o fado.

O rico, o grande, o mesmo potentado,
Homenagem lhe dá, votos lhe envia.
Nem sempre a estupidez, a tyrannia,
Affronta o sabio, humilha o desgraçado.

Em vão do nume que os mortaes iguala,
Unindo o Louvre á misera cabana,
Sobre a tua cabeça o raio estala.

Não pertences, Elmano, á sorte humana.
Não morre quem os tempos avassalla.
Tua vida é dos fados soberana.

Sem duvida o primeiro terceto alludia á ode de Malherbe:

Le pauvre en sa cabane où le chaume le couvre,

ou a est' outros versos:

Et la garde qui veille à la porte du Louvre
N'en défend point nos rois.

Aquella poesia retribuiu Bocage com outo (*Improviso*, pag. 20):

Ancias inda teu metro e raivas custa.....

AGOSTINHO GOMES DA SILVEIRA

Advogava em Obidos: bom homem, mas poeta mediocre; recebia perfeitamente em sua casa, o que lhe grangeava lisonjeiros. N'um seu anniversario, Bocage lhe improvisou este soneto:

Mil poetas emphaticos e ufanos,
Pintando em verso natalicio dia,
Fazem voar nas azas da harmonia
[illegible] chusma de hyperboles e enganos.

[illegible]em que, sobrepondo-se aos humanos,
[illegible]jecto que o furor lhes desafia
Ha de ver entre os risos da alegria
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos.

Desça a mentira ao ultimo terceto
Nos outros, que eu desejo-te saude,
Mas seres immortal não te prometto.

Só rogo a Deos que, em premio da virtude,
Cada verso que vai n'este soneto
A teu favor n'um seculo se mude.

ANTONIO XAVIER FERREIRA

O autor do *Manoel Mendes*, e fecundissimo dramaturgo, tinha apenas vinte e um annos de idade, no da morte de Bocage, a quem dirigio este soneto:

Qual volatil implume, á terra junto,
Que mal sabe gemer por orgão rouco,
De um leito de afflicção, Elmano invoco
E á somma de seus ais um ai ajunto.

Mór offerta exigia o nobre assumpto,
Mas de puro sacrario, onde o provoco,
Se aos olhos do mortal um ai é pouco,
No coração de Elmano é grande, é muito.

O que o mundo, louco, Elmano sente,
Elmano, que entre a dôr em que fluctua
Inda amor, inda o céo lhe aquece a mente.

Mas Elmano esvaece, a dôr gradua.....
Fica o mundo sem elle, e o céo contente
Goza então de mais perto a imagem sua.

Bocage lhe retorquio com o seguinte:

Se Elmano, a quem no plectro, ente sagrado,
Esmaltas o porvir, e a dôr temperas,
Transcender inda ousasse em metro alado,
Rodantes turbilhões de azues espheras:

Se entrando o bronzeo alvergue, onde abre o fado
Um codigo immortal de leis severas,

Attentar, como tu, lhe fosse dado
Em promiscuo tropel fervendo as éras:

O teu, do ethereo ser não mui distante,
De olympia abrilhantado amenidade,
Víra sorrir-se em flôr sazão fragrante:

E lá comtigo, pela extrema idade,
Firmado em muitos mil, degrão brilhante,
Ir desapparecer na eternidade.

BENTO HENRIQUES SOARES

— BERMUINO —

O amigo de João Baptista Gomes, recebendo no Porto a nova de ser falso o boato da morte de Bocage, escreveu este soneto:

Nymphas do Douro, ao vosso uní meu pranto,
E ao cysne que Melpomene amimára
Eu lagrimas votei, mais que chorára,
Mais que vos fez chorar co'o triste canto.

Do Tejo ás margens corro: [illegible] levanto
Os olhos que a saudade macerára,
Tristes vejo da dôr que lá deixára,
Ouço gritos iguaes, cheios de espanto.

Elmano! Elmano! em vez de Jonio clamão
As Tagides formosas, ladeadas
De Alfeno, Elmiro, Olano, que tanto amão.

Forão-lhes suas preces escutadas:
Elmano vive; as graças lhe derramão
Da vida o nectar nas canções douradas.

Respondeu Bocage:

Jonio meu, indo meu (porque o jazigo
Titulos immortaes, não os devora),

Que encantador, e que encantado outr'ora
Luz eras d'elle, e tua luz o amigo!

D'Elmano é grato á dôr vagar comtigo
Plagas fataes, onde o silencio mora;
É doce á minha dôr, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perdêrão-te os amores,
Que em ti gozavão duplicado encanto,
Flôres no metro, e no caracter flôres!

Sopro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os cantores
Sagre aos dous genios, que se amárão tanto.

HENRIQUE PEDRO DA COSTA

A este bemfeitor pagou Bocage a dadiva de ouro com o seguinte soneto:

Phebo no ethereo plaustro omni-fulgente
(Aureas as rodas, o eixo [illegible]mantino)
Clamou do campo immenso e crystallino:
« Honrou-me, ó natureza, ornar um ente!

No Olympo [illegible] jus) me foi patente
O d'alta creação [illegible] divino;
Vi, não perfeito ainda, o ser de Henrino,
Obtive enriquecêl-o, e dei-lhe a mente.

— Eu dei-lhe o coração, melhor thesouro
(Responde natureza ao nume ufano),
E ao teu prefere da virtude o louro:

Transcende na ternura os gráos de humano,
E seu canto não só, tambem seu ouro
Mitiga os males do jacente Elmano. »

Respondeu-lhe mais com est'outro, que lhe [illegible]gio já moribundo (*Improvisos*, pag. 18), e começa:

[illegible]dado o foco á luz da fantasia.....

Acabava de ler-se uma poesia, attribuida a Bocage, mas cuja autoria era por todos os circumstantes rejeitada com indignação, quando, ao recitar-se outra incontestavelmente do poeta, fez Costa este soneto:

Esta, sim, é de Elmano a voz que sôa!
Vê, ganso grasnador, vê quanto ousaste
Quando as plumas sacrilego arrogaste
Do cysne que lá surge e ao Pindo vôa.

Como de luz a esphera azul povôa
Vê cá da terra onde de rojo ficaste;
Das azas o estampido a que espiraste
Ouve, se pódes, ouve como trôa!

Eia, após elle já, no ar librado,
Do Tejo o niveo bando se remonta,
Grato a Phebo, a Sophia, á gloria, ao fado

Ao reclamo exultando, que reponta
Nos labios seus, lá vai o côro alado
Cantar em seu louvor, e em tua affronta.

JOSÉ NICOLÁO DE MASSUELLOS PINTO

Este official-maior da contadoria da marinha era não só um poeta harmoniosissimo, como tambem, na sua velhice, um dos typos d'aquella amavel geração anacreontica. Tinha na Arcadia o nome *Josino*, e Bocage o respeitava, pelo saber, pela probidade, pela benevolencia e pelo estro.

Pouco antes da morte de Bocage, vendo o retrato d'este, compôz o soneto (*Improvisos*, pag. 38, tom. VI, p. 21):

Não desdenhes, Elmano, a limpa offerta.....

recebendo esta retribuição:

Do côro arguto de phebeos cantores
Josino é doce parte, é socio amado;
Vio, commetteu, vingou com genio alado,
Monte, espinhos em baixo, em cima flôres;

Nectar lhe ferve (que libais, amores)
No metro, pelas graças torneado:
E põe na eternidade, e põe no fado
Olhos impunes, do porvir senhores:

Do coração nos dons, ou mais, ou tanto,
A cópia minha olhou, deu-te homenagem,
Ó deosa, irmã d'amor, em verso, em pranto:

Não treme de que os seculos me ultragem;
Lá (mercê do pincel, mercê do canto),
Meu nome viverá, e a minha imagem.

JOSÉ RODRIGUES PIMENTEL E SILVA

— MENALCA —

Este moço que, antes da idade de vinte annos, imprimio suas obras poeticas, com as iniciaes do nome, era tido em grande apreço por Bocage, que d'elle disse:

Menalca, da [illegible] penas solto,
Já conversa [illegible]ores; niveas plumas
Nas costas lhe rebentão; cysne adeja.

Pimentel endereçou ao poeta este soneto:

Além da natureza, além do fado,
Grande nos males, grande na ventura,
Não treme a teus horrores, sepultura,
Entre os sabios o sabio eternisado.

O tempo saturnal, tempo dourado,
Do vate á maga voz renasce e atura,
Que a do barro porém molesta, impura,
Não deixa o grande espirito eclipsado.

O vate, quando pulsa a lyra ufano,
Tem morada onde os numes têm morada,
Da triste humanidade é soberano.

Ah! se a vida dos mais é sonho, é nada,
Vida sem morte conseguiste, Elmano,
Que ás musas e á paixão foi consagrada.

E teve a seguinte resposta de Bocage :

Tu, que tão cedo aventurando as pennas,
Ave gentil d'amor, transpões o cume
Dos montes do universo, e onde um nume
És doce ao côro das irmãs Camenas :

Tu, que dos cysnes as canções amenas
Desatas em dulcisono queixume,
Sem que o lethal, irresistivel gume,
Talhe o fio subtil aos sons que ordenas :

Do vate, oppresso de intimo quebranto,
Colhe, amenisa o tom, que em vão forceja
Por ser, qual era, deleitavel canto :

Já debil, tibio já, meu estro adeja,
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto
A morte, que no peito me rouqueja.

PEDRO JOSÉ CONSTANTINO

Dirigiu a Bocage os dous seguintes sonetos :

Mal forão nados os virentes louros
Com que te ornei a creadora testa,
Eis me trôa o grasnar de gralha infesta,
Dada a crestal-os, rouquejando agouros.

Beber me assusta, sem lograr vindouros,
Tragos do Lethes, que mortaes detesta.
Imploro Elmano contra o mal que empesta
Genios que adejão a immortaes thesouros.

Prestes baixou da região do dia,
Zoilos mordazes aterrando, irado;
Eis me bafeja, me afervora e guia.

Depois, ardendo em estro arrebatado
De novo altêa o vôo á lactea via,
Rival dos numes, vencedor do fado.

Assim como a serêa sonorosa
Canta, aos bramidos da procella ingente,
Tal da aneurisma rapida, tumente,
Desprende Elmano a voz melodiosa.

Não hei de, Hespanha, alardear vaidosa
Co'á intrepidez na moribunda frente
D'esse, que, ao borbulhar do sangue quente,
Se espalha sobre a fronte sanguinosa.

Não se horrorisa co'o favor da morte
Quem no berço, das musas embalado,
Correu á gloria, seu pharol, seu norte.

Olha o padrão que te erigio teu fado!
As obras vivem. Viverás tu forte,
Sorrindo a estragos mil do tempo irado.

Além d'isso, consagrou Constancio ao nosso poeta uma epistola, que anda no folheto intitulado *A virtude laureada*, e, na *Collecção de poesias á morte de Bocage*, uma canção.

E recebeu do nosso poeta estes dous sonetos:

Nos elysios de amor endeosada,
Quadros tua alma esparze encantadores;
Deu-lhe as graças n'um riso, e deu-lhe as côres
De Adonis doce amante, e doce amada:

Sonhando attrahe a idéa embellezada
Nectar dos gostos, halito das flôres;

Perde-se, esvai-se em extases d'amores,
E um céo parece á fantasia o nada!

Por gloria, almo pintor, ou por piedade,
Novos encantos do pincel risonho
Envia á dôr, que geme em soledade!...

Doure-se, ó morte, assim teu véo medonho:
Ah! Quero amaciar tua verdade,
Tua ferrea verdade, em aureo sonho!

Cysne gentil, que modulava inglorme
A furto, a medo, pela ismenia área;
Cysne gentil, que da cerulea vêa
A medo, a furto, só roçava o lume:

Plumoso, os magos sons já não resume,
Os vôos da harmonia espraia, altêa,
D'organgão canoro inspirações gorgêa
(Que no gorgeio se lhe sente um nume!)

Gralhas da inveja! ó vós, que em vão damnosas,
D'intactos nomes extrahis veneno,
Tal como a torpe Arachne extrahe das rosas:

Deixai niveo cantor brilhar no Istmeno;
Deixai, filhas da noite, aves famosas,
Sorrir-se a natureza ao canto ameno.

PEDRO IGNACIO RIBEIRO SOARES.

Fez a Bocage a ode (*Improvisos*, pag. 85):

Cedendo á furia da raivosa idade.....

retribuida com o soneto (*Id.*, pag. 19):

Eu, esse cujos dons medrárão tanto.....

Tambem, na *Collecção de poesias á morte de Bocage*,

á sua memoria dedicou Soares o epicedio que encetá pelo verso :

Phebo, nymphas, amor, ó patria, ó fama.....

THOMAZ ANTONIO SANTOS E SILVA

— THOMINO SADINO —

Este homem, da mesma terra, e pouco mais velho que Bocage, tinha tambem um peregrino engenho. Deixou muitas poesias, entre as quaes, no volume intitulado *Estro*, a *Sepultura de Lesbia;* os poemas *Silveira* e *Brasiliada;* a tragedia *D. Sebastião*, e grande numero de outras producções originaes e traduzidas. Morreu cego, em 1816, no hospital de S. José. Era particular amigo do seu patricio, a quem consagrou os dous seguintes sonetos, já na sua perigosa enfermidade :

Elmano! Elmano! Os que te ouvirão rindo,
Penhas e montes, que teu metro alçava,
Chamar faz hoje a dôr, que em pranto os lava,
E mais que todos o Permesso, o Pindo.

Bosques, paisagens, que teu verso lindo
Em dobro enriqueceu, teu mal aggrava.
Chorão-te graças, nymphas, que elle honrava,
O nivoso rosto com as mãos cobrindo.

Inda, cysne do Tejo, inda teu canto,
Bem que rouco, se escuta; e em desconsolo
Já das musas te chora o côro santo.

Quando não ergas o mellifluo collo,
Quem mais te chorará? Um deos empregado
Se ha de então ver, chorando o mesmo Apollo.

De excelsos, dignos vates cópia ingente
(Que debaixo do delphico estandarte

Raias, do luso engenho alongue a parte)
Marchar-se via, com Bocage á frente.

Ornão-lhe o lado heróes de fogo ardente,
Insignes capitães de peso e arte;
E na bagagem vai, qual velho Marte,
O cego, o estropiado, o já demente.

Eis que de repentina, atroce queixa
Egypta o chefe: asperrimo quebranto
As mãos lhe tolhe, a sacra vor lhe fecha.

Pallece a tropa illustre, opprime o canto
Da tuba portentosa, os louros deixa;
As palmas, os trophêos são dôr, são pranto.

Este ultimo foi retribuido pelos mesmos consoantes:

Indigena immortal do Pindo ingente,
Alçou na dextra o delphico estandarte;
Une-se Elmano (como ao todo a parte)
A ti, para ostentar c'roada frente:

Igneos vôos lhe dá teu estro ardente,
Quando, opulento em genio, e rico em arte,
Pintas glorias de Amor, furias de Marte,
E qual foi Corydon, és só demente:

Nectarisas no metro o gosto, a queixa,
E ouvindo-te, ora em riso, ora em quebranto,
Absorto o pensamento as azas fecha:

Quão varias sensações produz teu canto
N'alma, no coração que effeitos deixa?
Ou jubilo, ou terror, ou pasmo, ou pranto!

Na satyra a José Agostinho, diz Bocage:

Nas trevas para mim reluz Thomino...

Quando Santos e Silva subitamente cegou, esta desgraça inspirou a Bocage o soneto (tom. IV, pag. 50).